



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARCELO SILVEIRA SIQUEIRA

**ENTRE REZAS E SABERES:  
HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA FUNDAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO  
DO COLÉGIO PAROQUIAL NOSSA SENHORA DO CARMO  
(PARANAÍ, 1952-1971)**

CURITIBA

2016

MARCELO SILVEIRA SIQUEIRA

**ENTRE REZAS E SABERES:  
HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA FUNDAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO  
DO COLÉGIO PAROQUIAL NOSSA SENHORA DO CARMO  
(PARANAÍ, 1952-1971)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, linha de pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Jr.

CURITIBA

2016

Catálogo na Publicação  
Cristiane Rodrigues da Silva – CRB 9/1746  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – UFPR

Siqueira, Marcelo Silveira

Entre Rezas e Saberes: histórias e memórias da fundação e consolidação do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo (Paranavaí, 1952-1971). / Marcelo Silveira Siqueira. – Curitiba, 2016.

216 f.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Jr. .

Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

1. História da Educação. 2. Memória Escolar. I.Título.

CDD 370.981

## TERMO DE APROVAÇÃO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Educação  
Programa de Pós-graduação em Educação



### PARECER

Defesa de Dissertação de Marcelo Silveira Siqueira para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO. Os abaixo assinados, Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Evelyn de Almeida Orlando, Prof. Dr. Marcus Levy Albino Bencostta, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nádia Gaiofatto Gonçalves, arguiram, nesta data, o candidato acima citado, o qual apresentou a seguinte Dissertação: "ENTRE REZAS E SABERES: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA FUNDAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO COLÉGIO PAROQUIAL NOSSA SENHORA DO CARMO (PARANAÍ, 1952-1971)".

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que o candidato está Apto ao Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior		APROVADO
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Evelyn de Almeida Orlando		Aprovado
Prof. Dr. Marcus Levy Albino Bencostta		Aprovado
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Nádia Gaiofatto Gonçalves		Aprovado

Curitiba, 12 de agosto de 2016.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Rita de Assis César

Coordenadora do PPGE

Prof.<sup>a</sup> Dra Maria Rita de Assis César

Matrícula: 159085

Coordenadora do Programa de  
Pós-Graduação em Educação

Dedico este trabalho aos religiosos Carmelitas que inovam a cada dia o seu jeito de se colocar a serviço de Jesus Cristo, bem como aos meus familiares, meu pai Dorival, minha mãe e heroína Lourdes, minha irmã, meu cunhado e a meu companheiro de vida e de luta Cleiton.

## AGRADECIMENTOS

Nestas poucas linhas, e com grande receio de esquecer alguém, inicio meu pequeno gesto de gratidão a todos aqueles que diretamente ou indiretamente contribuíram para que chegasse até este momento.

Primeiramente minha gratidão vai ao Senhor da vida, aquele que desde o início projetou minha caminhada e acompanhou meus passos, me auxiliando a vencer as dificuldades para alcançar em vários momentos o êxito devido. Em seguida, agradeço àqueles a quem Deus me confiou e que souberam me conduzir com grande esmero desde minha gênese até aqui: meu pai Dorival, que com sua garra, persistência e vontade de vencer na vida, me ensinou além de como ser um homem a nunca desistir de lutar. Minha mãe Lourdes, minha heroína e inspiração, com toda sua ternura e sabedoria, soube-me conduzir em vários momentos de dificuldade, me ensinando a valorizar as pequenas coisas da vida e a principalmente a ter paciência e fé nos grandes momentos de crise.

Nesta caminhada não posso olvidar de meu companheiro de vida Cleiton Germiniano, carinhosamente chamado de Tom, que buscou como podia e muitas vezes não entendendo, mas aceitando, os longos momentos de estudo e de vários momentos em que foram necessários me “enclausurar” para produzir esta dissertação.

Aqui dedico meu muito obrigado a uma colega de trabalho, mas que ao longo deste processo se tornou uma amiga, Prof.<sup>a</sup> Me. Viviane Ongaro, que graças a sua insistência e auxílio decidi concorrer a uma vaga no mestrado desta universidade e hoje estou concluindo esta etapa em minha formação. Quanto aos meus colegas de trabalho, todos tem sua devida importância na contribuição deste projeto. À minha gestora Gillys Vieira da Silva, que está neste mesmo processo na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, com certeza neste período dividimos alegrias, bem como sofrimentos de todo mestrando. Não posso me esquecer de meu companheiro de profissão Júlio Cesar Gomes dos Santos que me incentivava e torceu por mim, me auxiliando com alguns conceitos que para mim eram estranhos. Enfim, a todos da família Ecológica, o meu muito obrigado.

Agradeço imensamente a meu orientador Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Jr., que “loucamente” aceitou lapidar meu conhecimento acadêmico, me auxiliando principalmente na parte teórico-metodológica a qual tive dificuldade, mas principalmente ao seu carinho e paciência ao longo de todo mestrado. Aqui não poderia deixar de mencionar aqueles e aquelas que adentaram comigo em 2014 na linha de História e Historiografia da Educação.

Especialmente a hoje meu grande amigo Eduard Henry Lui, que juntos e com propostas muito próximas construímos nossas pesquisas auxiliando-nos, dividindo ideias, conceitos dificuldades, mas também, alegrias principalmente na descoberta de trabalhar com a metodologia da História Oral.

Agradeço também a todos os professores da linha História e Historiografia da UFPR, que com suas aulas, textos e impecável organização, demonstraram um verdadeiro compromisso com nossa formação, principalmente com uma educação de qualidade e excelência. Entre estes professores não posso deixar de mencionar um que me acompanhou desde a entrevista para seleção: Prof. Dr. Marcus Levy Bencostta, que esteve desde o início envolvido em todas as etapas da produção desta dissertação e graças a sua célebre frase em minha entrevista, “você fala melhor que escreve”, me auxiliou a buscar desenvolver esta deficiência.

Na pessoa de Frei Ivani, Pinheiro O. Carm., agradeço a todos os frades carmelitas, que contribuíram desde minha adolescência com minha formação espiritual e se colocaram prontamente abertos quando lhes solicitei a permissão para escrever sobre sua história no Paraná. Aqui a minha gratidão à Dom Frei Wilmar Santin O. Carm., que como grande apaixonado pela história da Ordem, bem como do Comissariado Geral do Paraná, contribuiu com informações, bem como textos que produziu sobre as mesmas.

Aos membros do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, na pessoa de seu diretor Emerson, bem como de sua secretária Silvana, que prontamente se colocaram à disposição e, com paciência, por vezes me auxiliaram a entender alguns momentos e documentos.

A todos os ex-alunos e ex-professores que direta ou indiretamente contribuíram com o desenvolvimento desta pesquisa através da cedência de suas memórias. Em especial, quatro deles: Pedra Bucci, Rogério Viana, José Wille e Didio Marchesini, que dispuseram parte de seu tempo e de sua confiança para partilhar bons momentos, e outros nem tão bons assim, de sua passagem pela instituição escolar.

Finalmente, a minha querida e amada avó Maria, em sua memória e orgulho que esta sempre teve em ver seu neto estudando.

## RESUMO

A presente dissertação, intitulada “Entre rezas e saberes: histórias e memórias da fundação e consolidação do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo (Paranavaí, 1952-1971)”, apresenta uma narrativa histórica sobre a referida instituição escolar, de caráter confessional católico e carmelita, situada na cidade de Paranavaí, região noroeste do Estado do Paraná, sul do Brasil. O recorte temporal delimitou-se entre os anos de 1952, momento fundacional, e 1971, considerando a promulgação da LDB 5.692, e o período em que a instituição ofertou também o ensino de 2.º grau. Caracteriza-se como uma problemática-chave que norteou a presente pesquisa a seguinte questão: quais acervos foram preservados pela instituição e o que se pode verificar sobre a memória daqueles que a frequentaram? Como desdobramento, surgiram algumas perguntas secundárias, mas não de menor importância: quais estratégias e táticas envolveram a implantação do colégio na região? O que levou a Ordem religiosa, que não possui a educação em seu carisma fundante, a fundar a supracitada instituição escolar? Como se deu o processo de formação e consolidação do colégio na cidade de Paranavaí, coincidindo ambas as trajetórias? Sobre referencial teórico, optou-se pelas ponderações de Michel de Certeau sobre os conceitos de lugar, espaço, estratégia e tática, para a compreensão das ações de implantação e desenvolvimento da instituição. Por sua vez, o conceito de apropriação de Roger Chartier também serviu de base para esta pesquisa. Por fim, o conceito de memória proposto por Jacques Le Goff e Jöel Candau auxiliaram para a compreensão da constituição de uma memória institucional. Utilizou-se a História Oral como metodologia de trabalho para registro das narrativas de memórias daqueles que frequentaram a instituição escolar. Nestes termos é que a presente pesquisa busca compreender, em documentos e nas memórias, vestígios da história do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, que desempenhou significativo papel no processo educacional carmelita e, particularmente, paranavaense.

Palavras-chave: História da Educação; Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo; Carmelitas, Paranavaí; Memória escolar; Instituição escolar.



## ABSTRACT

This dissertation, entitled "Between prayers and knowledge: stories and memories of the founding and consolidation of the Parish College of Our Lady of Caramel (Paranavaí, 1952-1971)", presents a historical narrative about the aforementioned Catholic school institution, -co and Carmelite, located in the city of Paranavaí, northwest region of the State of Paraná, southern Brazil. The time cut was limited between the years 1952, the founding moment, and 1971, considering the enactment of LDB 5,692, and the period in which the institution also offered secondary education. It is characterized as a key problem that guided the present research the following question: what collections were preserved by the institution and what can be verified about the memory of those who attended it? As a result, some secondary questions arose, but not of minor importance: what strategies and tactics involved the establishment of the college in the region? What led the religious Order, which does not have the education in its founding charism, to found the aforementioned school institution? How did the process of formation and consolidation of the college take place in the city of Paranavaí, coinciding both trajectories? On theoretical reference, Michel de Certeau's considerations on the concepts of place, space, strategy and tactics were chosen to understand the institution's implementation and development actions. On the other hand, the concept of appropriation of Roger Chartier also served as the basis for this research. Finally, the concept of memory proposed by Jacques Le Goff and Jöel Candau helped to understand the constitution of an institutional memory. Oral History was used as a work methodology to record the memory narratives of those who attended the school institution. In these terms, the present research seeks to understand, in documents and in the memoirs, vestiges of the history of the Parish College of Our Lady of Carmel, which played a significant role in the Carmelite educational process, and particularly in Paraná.

Palavras-chave: History of Education; Our Lady of Carmo Parish School; Carmelitas, Paranavaí; School memory; School institution.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - MAPA DAS MISSÕES JESUÍTICAS NO GUAIRÁ.....	38
FIGURA 2 - MAPA DO PARANÁ DE 1938 .....	41
FIGURA 3 - AMPLIAÇÃO DA REGIÃO NOROESTE NO MAPA DO PARANÁ DE 1938 .....	41
FIGURA 4 - BRASÃO DA ORDEM DOS IRMÃOS DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA DO MONTE CARMELO .....	48
FIGURA 5 - MAPA DAS FUNDAÇÕES CARMELITAS ATÉ 1300 .....	50
FIGURA 6 - TABELA DAS REFORMAS OCORRIDAS NA ORDEM CARMELITANA, SÉC. XV ATÉ SÉC XVIII .....	52
FIGURA 7 - VISTA AÉREA DA PRIMEIRA IGREJA E DA PRIMEIRA ESCOLA .....	78
FIGURA 8 - FOTO DA ESCOLA PAROQUIAL COM SUAS PRIMEIRAS TURMAS ..	83
FIGURA 9 - VISITA DO PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHECK A PARANAÍ.....	85
FIGURA 10 - ESCOLA PAROQUIAL NOSSA SENHORA DO CARMO .....	86
FIGURA 11 - QUERMESSE PARA ANGARIAR FUNDOS .....	90
FIGURA 12 - COMEMORAÇÃO CIVICA DOS ALUNOS DO PRIMÁRIO .....	109
FIGURA 13 - COMEMORAÇÃO CÍVICA DO PRIMÁRIO .....	110
FIGURA 14 - FESTA JUNINA .....	112
FIGURA 15 - FORMATURA DAS PRIMEIRAS TURMAS DO PRIMÁRIO .....	113
FIGURA 16 - FORMATURA PRIMÁRIO .....	114
FIGURA 17 - PRIMEIRAS TURMAS DA ESCOLA PAROQUIAL N. S. DO CARMO .....	115
FIGURA 18 - TURMA DO PRIMÁRIO .....	116
FIGURA 19 - PRÉDIO DO JARDIM DE INFÂNCIA NOSSA SENHORA DO CARMO .....	119
FIGURA 20 - FOTOGRAFIA QUE REPRESENTA A CHEGADA DAS RELIGIOSAS CARMELITAS MISSIONÁRIAS DE SANTA TERESINHA .....	121
FIGURA 21- FOTOGRAFIA POSADA NA INTENÇÃO DE REPRESENTAR O COTIDIANO DO JARDIM DE INFÂNCIA .....	123
FIGURA 22 - FOTOGRAFIA POSADA COM ALUNOS DO JARDIM DE INFÂNCIA .....	124
FIGURA 23 - REGISTRO DA SAÍDA DOS ALUNOS DO JARDIM DA INFÂNCIA	

DE UMA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA .....	125
FIGURA 24 - REGISTRO FOTOGRÁFICO DE DESFILE CÍVICO JARDIM DA INFÂNCIA .....	127
FIGURA 25 - FOTOGRAFIA DE ALUNOS DO JARDIM DE INFÂNCIA .....	128
FIGURA 26 - FOTOGRAFIA DE ALUNAS DO JARDIM DE INFÂNCIA .....	129
FIGURA 27 - GINÁSIO NOSSA SENHORA DO CARMO .....	130
FIGURA 28 - FOTOGRAFIA DE FESTA JUNINA NO GINÁSIO N. S. DO CARMO ..	149
FIGURA 29 - FOTOGRAFIA DE COMEMORAÇÃO DA SEMANA DA PÁTRIA ....	150
FIGURA 30: FOTOGRAFIA COM PORTA-BANDEIRAS EM DESFILE CÍVICO. ....	151

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - FONTES HISTÓRICAS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DO CARMO .....	24
QUADRO 2 - INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS CARMELITAS ESPALHADAS PELO MUNDO .....	74
QUADRO 3 - ALUNOS, TURMAS E PROFESSORES DE 1954 .....	81
QUADRO 4 - ALUNOS, TURMAS E PROFESSORES DE 1956 .....	87
QUADRO 5 - QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS ENTRE 1954-1959 ...	96
QUADRO 6 - ALUNOS E TURMAS DE 1960 DO PRIMÁRIO .....	99
QUADRO 7 - ALUNOS E TURMAS DE 1961 DO PRIMÁRIO .....	100
QUADRO 8 - ALUNOS E TURMAS DE 1964 DO PRIMÁRIO .....	102
QUADRO 9 - ALUNOS E TURMAS DE 1965 DO PRIMÁRIO .....	103
QUADRO 10 - ALUNOS E TURMAS DE 1966 DO PRIMÁRIO .....	105
QUADRO 11 - ALUNOS E TURMAS DE 1967 DO PRIMÁRIO .....	106
QUADRO 12 - TURMAS DO GINÁSIO DE 1963 .....	135
QUADRO 13 - TURMAS DO GINÁSIO DE 1966 .....	142

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - ÍNDICE DE REPROVAÇÃO DE 1954 .....	82
GRÁFICO 2 - REPROVAÇÕES DO ANO DE 1956 .....	88
GRÁFICO 3 - EVOLUÇÃO DAS MATRÍCULAS ENTRE 1954-1959 .....	97
GRÁFICO 4 - ÍNDICE DE REPROVAÇÕES ENTRE 1954-1959 .....	97
GRÁFICO 5 - MATRÍCULAS QUINQUÊNIO 1960-1965 .....	104
GRÁFICO 6 - MATRÍCULAS NO QUINQUÊNIO 1966-1970 .....	108
GRÁFICO 7 - MATRÍCULAS NO QUINQUÊNIO 1960-1965 .....	140
GRÁFICO 8 - ÍNDICES DE REPROVAÇÃO DOS ALUNOS DO GINÁSIO NO QUINQUÊNIO 1960-1965 .....	141
GRÁFICO 9 - ÍNDICE DE REPROVAÇÕES NO CICLO GINASIAL (1966-1970) .....	146

## LISTA DE SIGLAS

APCB: Br (K)	- Arquivo da Província Carmelitana em Bamberg, seção, Brasil, caixa K
BNDES	- Banco Nacional de Desenvolvimento
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDC	- Código de Direito Canônico
CNPq	- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Cr\$	- Cruzeiros (Nomenclatura da moeda brasileira até 1966)
Dieese	- Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
F.C.	- Filhas da Caridade
FUNDEPAR	- Fundação Educacional do Paraná
LDBEN	- Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NC\$	- Cruzeiros Novos (nomenclatura da moeda brasileira a partir de 1967)
O. Carm.	- Ordem do Carmo
SVD	- Sociedade do Verbo Divino
UCS	- Universidade de Caxias do Sul

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>2 COLÉGIO PAROQUIAL NOSSA SENHORA DO CARMO E A CIDADE DE PARANAÍ: O ENCONTRO DOS CARMELITAS COM A EDUCAÇÃO</b> .....	<b>36</b>
2.1 PARANAÍ: DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS À FUNDAÇÃO DO MUNICÍPIO ..	37
2.2 CARMELITAS: HISTÓRIA DOS HOMENS QUE DECIDIRAM VIVER IN OBSÉQUIO JESU CRISTHI .....	45
2.2.1 Comissariado do Paraná em sua gênese: a frente missionária em Paranaí .....	55
2.3 A IGREJA E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA: CAMINHOS E DESCAMINHOS AO LONGO DO PROCESSO .....	58
2.4 ASPECTOS DO CONTEXTO HISTÓRICO E EDUCACIONAL DA DÉCADA DE 1950 A 1970 .....	65
2.4.1 A educação getulista em seu segundo mandato .....	65
2.4.2 O governo Kubitschek: a contradição entre a modernização e a educação .....	67
2.4.3 Os governos militares: doutrinação, disciplina e a burocratização do ensino público .....	68
2.4.4 O Paraná e sua organização educacional - de 1950 a 1970 .....	70
<b>3 COLÉGIO NOSSA SENHORA DO CARMO VISTO POR DENTRO</b> .....	<b>73</b>
3.1 O INÍCIO - NASCE A ESCOLA PAROQUIAL .....	77
3.2 O SURGIMENTO DO JARDIM DE INFÂNCIA .....	117
3.3 A AMPLIAÇÃO: GINÁSIO NOSSA SENHORA DO CARMO .....	129
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>153</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>160</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>166</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Pensar em escolas confessionais católicas, no Brasil e no mundo, é, de certo modo, lembrar de congregações como maristas, salesianos, jesuítas, franciscanos, entre outras. As pesquisas acadêmicas mais recentes no campo da História da Educação, e mais precisamente as que têm como objeto as instituições escolares, geralmente voltam seus olhares às instituições confessionais mais conhecidas, de uma forma mais ampla, buscando problematizar suas práticas, bem como seus processos educativos. Mas há trabalhos que abarcam também outras instituições, seja de um determinado grupo religioso, católico ou protestante, denominadas de confessionais, sejam escolas laicas privadas e/ou públicas.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, na linha de pesquisa em História e Historiografia da Educação, tive como proposta inicial para a elaboração desta pesquisa de dissertação problematizar os principais contributos do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, bem como de sua instituição mantenedora, ao processo educacional de Paranaíba, no noroeste paranaense. Porém, após o levantamento das fontes, bem como aprofundamento das leituras e em vários momentos de conversa com aquele que me auxiliou na construção desta, percebi que se tratava de um tema muito amplo. Não conseguiria abordá-lo em uma dissertação de mestrado devido ao tempo limitado, e pelas dificuldades em comprovar esses contributos, muito subjetivos, em uma sociedade com mais de 100 mil habitantes.

Por fim, minha decisão foi direcionar o estudo para a instituição em si, mas partindo da premissa que, além da utilização das fontes administrativas, utilizaria também aquelas construídas a partir de relatos de memórias. Memórias estas compiladas em um livro elaborado pela própria Ordem religiosa, mas também memória daqueles que por ali tiveram parte de sua formação escolar.

Em um levantamento inicial, percebi que muitas pesquisas buscaram em sua maioria, em fontes escritas, principalmente de cunho administrativo, as respostas que procuravam. Verifiquei que no campo a qual minha pesquisa se incorpora, alguns trabalhos que, além das fontes escritas e iconográficas, utilizaram outras tipologias de fontes dentre elas, a fonte oral para compor o escopo de seu estudo.



Neste movimento vale ressaltar a tese de doutoramento de Roseli Teresinha Boshilia, (2002) em que buscou desenvolver por meio das fontes escritas iconográficas e também por meio da memória utilizando depoimentos para corroborar e enriquecer seu projeto, desenvolveu o estudo sobre a educação católica em colégios masculinos em Curitiba, tendo como objeto o colégio Marista Santa Maria e como recorte, o ano de sua fundação (1925) até as mudanças ocorridas nos âmbitos legais com a lei 4024/61 e o termino do Concílio Vaticano II (1965) que trouxe uma série de mudanças no pensar da Igreja.

A autora tem como objetivo central a análise do “modo como determinadas práticas culturais foram estabelecidas nos espaços educacionais católicos entre 1925 e 1965 e, a partir de representações [...] como deram significado à realidade e pautaram valores e conduta” (BOSHILIA, 2002, p. 8). Boshilia, buscou, por meio dos relatos orais e da memória dos que passaram pela instituição, perceber como se estabeleceram as redes de sociabilidade durante as atividades oferecidas pelo colégio Santa Maria e também a ideia de como os que pela instituição passaram, constroem uma memória de si e do grupo formado no ambiente escolar.

Outro trabalho, intitulado: *São José, o Colégio de Castro*, tese produzida no Programa de Pós-graduação na linha de História e Historiografia da Educação da UFPR, por Ronie Cardoso Filho (2009), buscou desenvolver as práticas escolares, bem como a cultura escolar estabelecida em uma instituição que se estabeleceu na cidade a qual o título faz menção, dentre os anos de 1904-1994. Neste trabalho o autor consolidou sua escrita utilizando fontes administrativas, notícias vinculadas nos meios de comunicação da cidade, registros memoriais dos estudantes e professores e de relatos orais “como forma de diálogo com as fontes documentais, mais raras quanto aos anos iniciais, tanto como contraponto à rigidez das conclusões a que se pode chegar a partir da impessoalidade dos documentos e da formalidade dos relatos jornalísticos” (FILHO, 2009, p. 21).

Diferentemente do primeiro trabalho apresentado, que buscou tecer um capítulo específico sobre as memórias orais daqueles que frequentaram a instituição, Marista, e com isto demonstrar um processo identitário por meio das memórias e relatos orais, o autor do segundo, utilizou-se da fonte oral, em vários momentos da tese, no objetivo de estas corroborarem, ou contrastarem outras fontes produzidas muitas vezes de forma “oficial”, não levando em consideração o “não dito”. Por fim, Ronie, Cardoso Filho busca apresentar e compreender à luz do conceito de civilização proposto por Norbert Elias, como as religiosas, fundadoras de seu objeto de pesquisa, influenciaram na construção deste processo na cidade de Castro.

Carla Ariane dos Santos, mestre pela mesma universidade, desenvolveu uma

pesquisa cujo objeto central de seu estudo foi o colégio Regina Mundi, também localizado no município Maringaense. Apesar da pesquisa ter como recorte temporal contemporâneo proposto a esta dissertação, podemos olhar para o trabalho de Santos como aquele que buscou preservar a memória da instituição apoiando-se além dos registros escritos, também aqueles que estavam guardados nas memórias dos que pelo colégio passaram. Segundo a autora estes depoimentos “foram fundamentais para desvelar um cotidiano que não poderia ser desvelado sem a contribuição das pessoas que fizeram parte deste espaço em outro momento histórico” (SANTOS, 2012, p. 12). A autora utiliza-se de alguns conceitos pensados por CERTEAU, que serão muito caros ao nosso empreendimento. Pensar o cotidiano escolar, a transformação de lugares em espaços com significados e a utilização de táticas/estratégias, permearam o trabalho de Carla e também auxiliarão a costurar as tessituras e a narrativa histórica proposta.

Ao longo de sua dissertação a autora vem costurando, como uma colcha de retalhos, as estratégias muitas vezes propostas pelas religiosas, responsáveis pela instituição e como aqueles que por ali passaram se apropriaram deste saber intelectual/religioso e até mesmo utilizaram-se de táticas para confrontar as ideias postas pela instituição, entendendo assim as relações que se estabeleceram no cotidiano, dando voz e vez àqueles que fizeram parte da história.

Por sua vez, Julia Poletto, que defendeu sua dissertação no ano de 2014, na UCS, desenvolveu uma narrativa histórica tendo como objeto o Colégio Sagrado Coração de Jesus em Bento Gonçalves (RS). Em seu trabalho a autora buscou responder a seguinte problemática: “Como Gonçalves/RS, no período de 1956 a 1972” (POLETTTO, 2014, p. 12), analisando os objetivos da criação, o processo identitário e a cultura escolar construída dentro deste ambiente escolar. A tônica conceitual utilizada pela autora, para o desenvolvimento de seu projeto se dá principalmente dentro da história cultural abordando temas como processos identitários, cultura escolar e representação. Para isto, a mesma utilizou-se de fontes escritas, imagéticas e relatos orais, no intuito de que estas “complementaram o acervo de informações a respeito do colégio em questão.

Contudo, no caso da realização das entrevistas, identifico um “salto qualitativo” no estudo visto que por meio da voz dos sujeitos, pude revelar ausências e silenciar presenças” (POLETTTO, 2014, p. 16) [grifo do autor]. Percebe-se que a autora se utilizou dos relatos orais para complementarem informações junto ao seu texto criando assim a(s) identidade(s) da instituição, não como um capítulo à parte, mas em contributo de forma geral ao seu texto. Em suas conclusões a mesma trouxe com ênfase a formação do processo identitário da instituição, que atendia de certa forma as expectativas da população local: uma escola confessional e que

tinha suas raízes no território que a maioria acreditava ser a origem dos que formavam este núcleo populacional: a Itália.

Desenvolver uma pesquisa que também utiliza fontes memoriais, principalmente aquelas apreendidas por relatos orais, exige tanto comprometimento e esforço do pesquisador quanto o trabalho com outros tipos de fontes. Não que as fontes orais tenham maior ou menor relevância perante às demais, mas pelo fato de que, registrar memórias e lembranças dos depoentes, exigem do historiador também extrema sensibilidade e atenção, a fim de levar em conta que as situações narradas são versões interpretadas muitas vezes distantes temporalmente falando, e não o fato ocorrido.

Estas interpretações são dadas a partir da formação e personalidade atual daqueles que os narram. O que interessa neste tipo de fonte, não é o fato narrado em si, mas sim como este foi apreendido ao longo do tempo. Ou seja, o historiador que se envereda nestas fontes deve estar atento às nuances sensíveis pela pessoa que as vivenciou e em determinado momento, as rememora. Quando se amplia o leque de trabalhos que envolvem escolas confessionais católicas, mas sem a utilização da fonte oral, a gama de contribuições se torna maior, podendo aqui citar alguns trabalhos como, Maria Madalena Sorato Gulla (2009) e Aldivina Américo de Lima, (2011)

Maria Madalena Gulla, em sua dissertação, defendida no ano de 2009, no programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM), desenvolveu o estudo de uma instituição escolar confessional dirigida pela congregação das Irmãs Carmelitas da Caridade de Vendruna, a qual pertence ao que chamamos de 3º ramo da ordem carmelita (que será explicado no capítulo 2). A autora buscou “analisar o processo de criação e de implementação deste colégio (GULLA, 2009, p. 8), e como este contribuiu na formação da sociedade católica maringaense. Para o desenvolvimento da dissertação, a autora apoiou-se basicamente nos registros escritos mais antigos desenvolvidos pela própria instituição, priorizando assim no constructo da obra, as fontes escritas, principalmente as produzidas de forma oficial pela instituição.

Aldivina Américo de Lima desenvolveu um estudo de uma escola confessional católica na cidade de Maringá, noroeste paranaense, que foi fundada no mesmo período do nosso objeto de pesquisa. Analisando a implementação de uma instituição escolar, intitulou sua dissertação também apresentada na UEM, no ano de 2011, de *Ginásio Maringá (1952-1963): História da Implantação de uma instituição escolar*. A autora discorre ao longo de suas páginas a formação de uma instituição confessional, que diferente das outras apresentadas, inicia-se sob a responsabilidade direta da diocese e de seu bispo, que em seu

início era Dom Geraldo de Proença Sigaud SVD, bispo da então diocese de Jacarezinho e 6 anos após sua criação, entregue aos Irmãos Maristas para que conduzam o desenvolvimento da instituição. Em seu trabalho a autora buscou priorizar as fontes escritas, utilizando-se de alguns depoimentos não como base para construção de seu estudo, contudo, com objetivo de completar algumas lacunas deixadas pelas fontes escritas, o que de certa forma desconsidera a importância da fonte oral como qualquer outro tipo de fonte.

Ainda há que se acrescentar duas pesquisas sobre escolas confessionais, porém não católica. A primeira delas foi defendida, no ano de 2010 por Francielly Giachini Barbosa neste programa de pós-graduação. Em sua dissertação, Barbosa abordou as práticas sócio educativas da escola, bem como da comunidade menonita. A autora aborda de forma paralela as atividades da instituição escolar, junto com as atividades da instituição religiosa, pois segundo a mesma, grande foi a dificuldade na busca de fontes, pois a instituição não salvaguardou os documentos da época, seja por falta de uma cultura de arquivamento destes dados, seja por sua origem germânica, que no período vivido da Segunda Guerra Mundial, com a política nacionalista imposta por Getúlio Vargas, a instituição foi obrigada a se desfazer dos materiais escritos em alemão. Neste sentido, para o desenvolvimento de seu trabalho, Barbosa apoiou-se no “material que sobreviveu para além dos “muros” da instituição” (BARBOSA, 2010, p. 14) [grifo do autor]. Com isto a autora redirecionou a sua pesquisa para abordar não somente as práticas educacionais escolares do grupo, mas também as “não formais que permearam a tentativa da preservação e reconstrução da identidade menonita e que se traduziram em uma verdadeira educação cotidiana” (Ibidem, p. 15).

Outra pesquisa que aborda uma instituição confessional protestante, foi defendida no ano de 2016, por Eduard Henry Lui, também neste programa. Intitulada *Memória, oralidade e escolarização: Os discursos produzidos sobre práticas escolares e relações de afetividade na escola confessional Batista Graciosa (1981-2003)*. O autor desenvolve sua dissertação tendo como parte fundante de sua pesquisa, o conceito de memória e a utilização da História Oral como metodologia. Eduard buscou ao longo de suas páginas, demonstrar como a memória corrobora no processo de construção do discurso histórico das vivências da instituição, que deram por assim dizer, uma identidade a mesma.

A escolha pela sistematização, ainda que de forma singela, de parte da história do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo se deu por três motivos. Primeiro, Paranavaí foi a cidade que me acolheu em minha adolescência e juventude, e que tive boa parte da minha formação escolar e acadêmica. Foi nesta cidade que aprendi um pouco sobre participação democrática, bem como processo político. Isto porque tenho familiares que têm participação

expressiva neste campo. Atualmente tenho uma tia materna está em seu segundo mandato à frente da Secretaria Municipal de Educação, e que, para as próximas eleições, disputará o cargo executivo do município. O mesmo com o seu esposo, no primeiro mandato à frente da Secretaria de Esportes, que por diversas vezes pleiteou uma cadeira dentro da Câmara Legislativa do mesmo.

Parte da minha formação cidadã também ocorreu junto aos Freis Carmelitas e à Paróquia de São Sebastião. Nesta paróquia tive boa parte de minha formação religiosa, que, na prática, deveria ser aplicada às demandas e injustiças enfrentadas na sociedade. Foi com estes religiosos, também, que aprofundei minhas crenças. A paróquia<sup>1</sup> a qual eu participava foi entregue aos Freis Carmelitas, os quais falarei a posteriori, em 1950, para conduzir e instruir os cristãos da nova comunidade que surgira. Praticamente 50 anos depois, pude ser “conduzido” por estes, quando participei e fui responsável da Pastoral da Juventude na paróquia, bem como participante da Pastoral da Liturgia e do Canto.

Meu contato com a escola, objeto de estudo desta dissertação, sempre foi à distância. Por ser de família humilde, realizei todos os meus estudos em escola pública. No ano 2000, quando estava no último ano do Ensino Médio, os professores da Rede Estadual de Ensino do Paraná, realizaram uma greve, e como estava cursando o último ano, com medo de ficar prejudicado e não conseguir realizar o vestibular, meus pais fizeram um esforço e conseguiram pagar um cursinho preparatório na referida instituição. Vale ressaltar que algumas destas dificuldades permanecem até os dias atuais, e isto se refletiu, de certa forma, em minha formação no mestrado, bem como no desenvolvimento da pesquisa. Por não conseguir me dedicar exclusivamente a este projeto, tendo que compartilhar o tempo de pesquisa com a atuação docente, não consegui desenvolver esta dissertação como imaginava, dentro do prazo de pouco mais de dois anos.

Ainda sobre minha formação, como participante ativo das ações religiosas, e por sua vez conhecendo o carisma – ou seja, do jeito de ser dentro da Igreja e dos Freis Carmelitas –, percebi que este perpassava os muros do templo e se estendia para vários lugares, dentre eles, a instituição educacional. Nestes termos, minha escolha se deu por ter em minha vida uma experiência profunda da Ordem. Dediquei-me por aproximadamente três anos e meio a esse discernimento vocacional. Neste período, aprofundei minha experiência com o Sagrado, tornando-me frade no final do ano de 2008. Depois de um ano como religioso, surgiram

---

<sup>1</sup> Segundo o CDC (Cân. 515 § 1º), paróquia é uma determinada comunidade de fiéis constituída estavelmente na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo Diocesano.

dúvidas neste discernimento, e, então, deixei a vida religiosa, voltando para o laicato.

Sobre as fontes, no contato inicial com vistas à elaboração desta proposta de pesquisa, percebi que, além de um vasto acervo documental de cunho administrativo, encontrou-se junto ao colégio um grande acervo de fotografias. Estas fotografias registraram vários momentos da instituição, do cotidiano escolar e principalmente de comemorações escolares. Já sobre a documentação escrita, percebi uma lacuna sobre a fundação da instituição. As documentações encontradas no acervo escolar datam o ano de 1954. Vale ressaltar que, segundo informações obtidas na pesquisa, a instituição iniciou suas atividades em 1952. Ao questionar sobre o que aconteceu com a documentação anterior, a informação que obtive foi que este material se perdeu há algum tempo, devido às antigas acomodações destes, e devido a uma chuva que destruiu boa parte do arquivo.

Quando entrei em contato com um dos religiosos, que tem profundo apreço pela história da Ordem religiosa, bem como da fundação e desenvolvimento da frente missionária em Paranavaí, contando de minhas intenções, o mesmo me informou sobre a existência de um grupo formado na rede social Facebook, composta por ex-alunos, bem como ex-professores do Colégio Paroquial. O grupo foi carinhosamente chamado de “Memória do Colégio Paroquial de Paranavaí”. A partir disto, busquei dentro entre os inscritos aqueles que poderiam potencialmente contribuir com a pesquisa, narrando memórias de sua experiência de escolarização.

O primeiro contato se deu com um dos administradores do grupo, o jornalista José Wille, que estudou na referida escola entre os anos 1963 e 1970, perfazendo o ensino primário e ginásial, o que corresponde, atualmente, ao Ensino Fundamental. A partir de então, comecei a definir qual seria o recorte temporal que utilizaria em minha dissertação. A intenção foi de sistematizar a história da instituição, focando principalmente a ideia de memória escolar, utilizando-se das fontes institucionais e dos relatos orais, desde sua gênese até o início a oferta do antigo 2.º grau, atualmente Ensino Médio, que se deu em 1971.

Outros depoentes foram contatados, conforme a disponibilidade e interesse de cada um, totalizando quatro pessoas. Destas, uma realizou seus estudos no jardim de infância e no primário, e outro estudou somente o ciclo primário. Um terceiro estudou somente o ciclo ginásial, e o último cursou o ensino primário e o ginásio na instituição. Quanto àqueles que trabalharam na instituição, consegui localizar alguns professores do primário e outros do ginásio. Porém, não foi possível registrar seus depoimentos, devido a dificuldades de conciliação de agendas, bem como dificuldades enfrentadas por eles em relação a sua saúde. Não localizei possíveis depoentes que tenham trabalhado em outros setores não pedagógicos

da instituição.

Antes de apresentar as especificidades do conteúdo desta dissertação, faz-se necessário uma breve explanação sobre os pressupostos teórico-metodológicos escolhidos para embasar esta pesquisa. Quando se fala em História Cultural, bem como em História da Educação, várias são as opções que se abrem para fundamentar este tema. No entanto, por proximidade maior com alguns autores, especialmente de tendência francesa, optei por me embasar mais estritamente no que menciono a seguir.

Antes de pensar em pressupostos teórico-metodológicos, devemos primeiramente entender quais são as fontes que respondem à pergunta feita ao objeto. Isto se faz muito relevante, pois devemos ter em mente que “as fontes não falam *per se*” (RAGAZZINI, 2001, p. 13) [grifo da autora]. Estas são vestígios de acontecimentos, as quais são construídas pelo pesquisador para que possam ser lhes atribuída um sentido. Neste sentido é que se faz muito presente a ideia de Marc Bloch (2001, p. 54), quando compara o historiador a um ogro com fome<sup>2</sup>, buscando com empenho o seu “fazer profissional”, ou seja, estudar os feitos humanos ao longo do tempo, desvelando suas ações por de traz de instituições, ou de qualquer outro objeto que tenha por detrás o seu fazer.

Devemos entender como fontes também as ações humanas que no decorrer dos tempos deixam marcas. Estas marcas nos anunciam a forma como viveram os homens ao longo do tempo e por isto servem como fontes para os estudos históricos. Sobre as fontes Maria Madalena Gulla (2009, p. 16) afirma:

Documentos, livros, depoimentos orais, fotografias, desenhos, filmes, objetos sem fim, vestimentas, poeira das pirâmides, por assim dizer, e inúmeras outras evidências da vida de um povo e de uma época tem sido capaz de lançar luzes sobre os processos históricos que enfrentam. Porém os documentos não falam por si mesmos que só falam quando são interrogados. Interrogar os documentos significa decompô-los, aviar a sua credibilidade e a sua competência, identificar suas possíveis intenções e compará-los com outros testemunhos.

O interessante é que tanto o pensamento de Ragazzini, quanto o de Gulla vão ao encontro de uma grande problemática que se dá muitas vezes em uma pesquisa. Quais são as perguntas que devemos fazer às fontes? Que tipo de repostas esperamos obter? Como os vestígios encontrados sobre o objeto estudado podem, realmente, auxiliar-nos na construção historiográfica sobre o mesmo? Lembrando que cada vestígio humano, registrado ao longo da história, tem a marca da intencionalidade daquele que o produziu.

Para analisar as fontes históricas de forma profícua, o historiador deve retirar as

---

<sup>2</sup> “Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça.”

informações, identificando suas intenções e muitas vezes comparando com outras informações. Segundo Gulla (2009, p. 17), as fontes podem ser definidas em “primárias, ou seja, contemporâneas da época em que debate, ou secundárias, produzidas por pesquisadores, jornalistas, poetas e outros profissionais”. Neste sentido, o cuidado que devemos ter ao categorizar as fontes é de não afirmar que existe um tipo de fonte mais importante do que outra. Depende, sim, de qual tipo de respostas o pesquisador espera para suas perguntas. Quando caímos no erro, podemos afirmar que a fonte escrita é mais importante para a produção de uma pesquisa acadêmica do que a fonte oral, categorizando-a como secundária. Por mais que a fonte oral seja de certa forma produzida posteriormente, muitas vezes bem distante, temporalmente falando do objeto estudado, esta fonte é produzida por aqueles que vivenciaram a situação e registraram em sua memória situações que hoje podem ser reproduzidas, também com intencionalidade.

Ao tentar descrever o processo de memorização, muitas vezes recorre-se a explicações ligadas à Biologia, à Psicologia ou mesmo à Psiquiatria. Deve-se, no entanto, entender memória como um processo de construção social que contribuiu indiscutivelmente, para a formação da identidade de muitos segmentos sociais.

Pensar a história muitas vezes decorre da ideia de que se deve sempre explicar os acontecimentos. No entanto, não se deve desconsiderar a ideia de história também como narração (LE GOFF, 1990), retomando a importância da construção do discurso e ampliando as possibilidades de fontes para esta fundamentação.

Com a abertura de “novas possibilidades” para estudo e de “novos objetos” da historiografia, percebeu-se que, muito além da mera aceitação da narrativa presente em “documentos oficiais”, deve-se buscar a compreensão das tensões e dos conflitos internos e externos da sociedade que os produziu. Privilegiando muitas vezes as reminiscências que fazem sentido à existência humana, corroboram para a permanência de uma ordem social pré-estabelecida (CERTEAU, 1982).

Na maioria das vezes, esta ordem social cerceia e esconde os eventos que são relevantes para a construção das identidades de uma determinada sociedade, obscurecendo outras versões, guardadas nas memórias daqueles que vivenciaram, e que se não forem expressadas e registradas poderão até mesmo ser esquecidas. As tendências historiográficas desenvolvidas ao longo do século XX permitiram a análise de contextos que estão postos à sociedade. Dentre eles, destacam-se os registros memoriais de determinadas experiências, buscando acrescentar à história o diálogo ao que “não foi dito” ou registrado nos “documentos oficiais”. Pode-se, então, produzir-se novas narrativas históricas com versões sobre antigos



eventos.

Ao visitar as fontes do Colégio Nossa Senhora do Carmo, como dito anteriormente, consegui perceber uma gama enorme das mais variadas categorias de fontes que se dispunham para a elaboração da pesquisa. As fontes encontradas foram tabuladas (QUADRO 1) para auxiliar na escrita do texto.

QUADRO 1 - FONTES HISTÓRICAS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DO CARMO

Fontes Escritas	Livro “História e memórias de Paranavaí”
	Autorizações de Funcionamento do Primário e do Ginásio
	Atas de Reuniões Pedagógicas
	Registros de Classe
	Atas de Exames Finais do Primário
	Relatórios Anuais do Ginásio
	Registros de memórias em rede social
	Documentos diversos produzidos no cotidiano escolar
Fontes Iconográficas	Fotografias do cotidiano escolar
	Fotografias de eventos e comemorações escolares
	Fotografias de práticas pedagógicas
Fontes Oraís	Depoimento da 1ª Diretora da Instituição
	Depoimentos de ex-alunos

FONTE: ORGANIZADA PELO AUTOR A PARTIR DO ACERVO ENCONTRADO NA INSTITUIÇÃO E COM EX-ALUNOS.

Parte deste trabalho - embasado em fundamentos teórico-metodológicos - permeia a concepção de memória, seja esta registrada na forma escrita, ou repassada ao pesquisador por meio de relatos orais. Mas o que se entende por memória? A discussão é ampla, assim como a bibliografia. Segundo Jaques Le Goff (1990, p. 423), podemos definir a memória como “a propriedade de conservar certas informações, [que] remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. São estas informações que permitem a construção de uma personalidade, quando nos referimos a uma determinada pessoa ou uma identidade social, que pode ser transmitida ao longo do tempo e por muitas vezes são reinterpretados ao longo do tempo baseados em sua experiência de vida e o momento atual.

Em estudo específico, Dóris Bittencourt Almeida (2009 p. 215) afirma que a

memória “é uma teia de subjetividades e por mais que haja imersão, por mais que se provoque o/a narrador/a, por mais que se evite a superficialidade durante a entrevista, não há como atingir a totalidade daquilo que foi vivido no passado”. É neste contexto que se entende que a memória é marcada pela relatividade e pela descontinuidade e, com isto, impossibilitando de se atingir à plenitude do ocorrido. No entanto, esta memória traz fragmentos do passado que “se encontram inatingíveis em outras formas de documentação, além de dar visibilidade aos sujeitos na construção da história” (Ibidem, p. 216).

Apesar de compreender que atualmente existem outras categorizações sobre a memória, a divisão apresentada por Leroy-Gourhan (1990) ainda se caracteriza como muito coerente. Le Goff discorre em seus escritos a divisão proposta Gourhan. O conceito de história e de memória pode ser identificado em cinco momentos: “o da transmissão oral, o da transmissão com tábuas ou índices, o das fichas simples, o da mecanografia e o da seriação eletrônica” (LE GOFF, 1990, p. 427). Para parte desta pesquisa de mestrado, a transmissão oral se desenvolveu por entrevistas, realizadas pelo pesquisador desta dissertação, buscando registrar as memórias sobre experiências escolares. Valoriza-se como transmissão também os relatos escritos memoriais de um religioso alemão a um periódico de sua terra natal, que será apresentado no decorrer da dissertação.

Dentro das sociedades que possuíam, e possuem, a transmissão de seus saberes através da oralidade, as pessoas mais velhas adquirem grande importância. São consideradas muitas vezes as detentoras do saber, e somente elas poderiam transmitir as tradições e os ensinamentos responsáveis pela formação da identidade daquele grupo social. Quando falamos da experiência escolar, muitas vezes o que há são registros em documentos, específicos do cotidiano de trabalho, como atas e outros objetos administrativo. A busca pela memória daqueles que por ali passaram, no entanto, possibilitam o trilhar de um novo caminho, dando visibilidade à memória do efêmero, do que não seria de interesse do cotidiano burocrático escolar.

Mas sempre há “perigos” para o historiador que decide trilhar estes caminhos. Uma narrativa sempre pode vir carregada de uma fabulação por parte de quem a relata. Quando alguém relata um fato ocorrido, uma experiência guardada em sua memória, da mesma forma como se olha os documentos escritos, não se pode ter como algo absoluto, e estático, mas sim, levar em consideração vários fatores colaboram para esta formulação: “quem narra, o que narra, por que narra, como narra, para quem narra, quando narra” (AMADO 1992, p. 133).

Seguindo esta linha de pensamento, se torna dificultoso sustentar a ideia de uma memória puramente individual. Myriam Santos (1993) afirma que não se pode esquecer que

quando o depoente narra um acontecimento do passado leva consigo seu contexto atual, refletindo, assim, o que viveu. Por sempre ter como pilar seu presente, o depoente escolhe, de forma consciente ou inconsciente, o que pretende “selecionar” em sua memória. Muitas vezes, por supor que ao desvelar determinada informação, esta pode vir a compromê-lo, ou a outros que dela fazem parte. Assim, “a lembrança é constantemente reformulada pelo que acontece no presente, e essa relação passado presente caracteriza-se por ser um processo contínuo de reconstrução e de transformação das experiências relembradas” (ALMEIDA, 2009, p. 217).

As memórias humanas são compostas e recompostas como na imagem formada em um caleidoscópio, para que esta faça sentido e que seja importante às nossas vidas presentes e passadas, trazendo consigo, um “sentimento de serenidade” (THOMSON, 2001, p. 86). Esta seleção, feita pelo presente, permite a construção de uma história que seja agradável à nossa consciência e, com isso, podemos “proporcionar uma afirmação positiva de identidade para o narrador, para os membros de uma comunidade particular e para o mundo lá fora” (THOMSON, 2002, p. 351). Assim, todos os elementos que constituem as narrativas revelam as experiências vividas na coletividade, tanto no que é trazido pela memória quanto no que fica silenciado dentro dela.

Não podemos negligenciar que memórias, em sua grande maioria, não foram registradas e muitas vezes acabaram se perdendo junto com aqueles que vivenciaram os acontecimentos, e não tiveram a oportunidade de repassar estas lembranças para gerações posteriores. Neste sentido, a fonte oral origina-se destes registros, e para os estudos históricos tem sido de grande importância. A utilização da fonte oral tem assumido o mesmo estatuto de fonte dentro das ciências humanas.

A História Oral, proposta metodológica para se trabalhar com fontes orais, vem sendo apropriada na produção de pesquisas históricas desde meados da década de 1940, quando esta metodologia foi utilizada por um jornalista norte-americano que colheu depoimentos sobre a formação das elites. Na segunda metade da década de 1960, alguns pesquisadores registraram vários relatos de acontecimentos como “a guerra do Vietnã e as lutas pelos direitos civis, travadas pela minoria de negros mulheres, imigrantes” (FERREIRA, 1994, p. 4), dando voz a aqueles que participaram ativamente dos acontecimentos, porém não eram considerados para a construção historiográfica dos mesmos.

Neste sentido é que se torna relevante registrar as narrativas de memória de ex-alunos e ex-professores da instituição escolar em questão na presente pesquisa, tratando sobre o cotidiano, bem como suas memórias sobre as atividades escolares que vivenciaram. Neste

momento, percebi que, apesar das instituições escolares serem consideradas lugares que deveriam privilegiar os debates democráticos, os documentos encontrados nas escolas, muitas vezes, foram produzidos sem levar em conta aqueles para qual a escola é organizada. Isto posto, algumas informações acabam sendo registradas somente na mente e se não registradas por escrito, podem dificultar a construção de novas versões só mesmo acontecimento.

Alice Lang (1998, p. 10) defende que a História Oral deve ser considerada uma “metodologia qualitativa”, sendo de grande relevância no desenvolvimento e compreensão de conflitos e contextos ocorridos dentro de um grupo social. Esta metodologia vai muito além de “coletar o dado, construir o documento e arquivá-lo para preservar a memória de um tempo”. Por meio de análise cuidadosa, relaciona-se esta a outras fontes, construindo assim, uma história que apresente também a versão daqueles silenciados ao longo do tempo. Esta definição descrita pela autora é coerente quando aplicada na História da Educação, pois as nuances do cotidiano escolar muitas vezes não fazem parte dos registros administrativos realizados pelas escolas.

A organização proposta pela História Oral permite a sistematização das memórias daqueles que estiveram envolvidos e guardaram estas ao longo de suas vidas influenciando assim, a constituição de sua personalidade e/ou entendimento sobre a sociedade. Os historiadores discutem sobre a subjetividade contida em um depoimento, o que levaria, ainda à certa resistência em relação a utilização da História Oral na produção acadêmica. Alberti (2013) afirma que a entrevista, ao ser transcrita, adquire *status* de documento, mas não nos moldes do ideal positivista. Ou seja, na representação do acontecimento em si, mas sim, a representação das formas como este passado foi aprendido e interpretado.

Seguindo nesta mesma linha de pensamento, Thompson (1998, p. 44-45) afirma que “ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação [...] traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade”. Oliveira (2005), por sua vez, afirma que esta metodologia recupera a particularidade de cada indivíduo e, concomitantemente, ativa uma memória coletiva. Quando cada pessoa relata sua experiência, percebe-se que esta não é isolada, mas sim envolta em um contexto social que não pode ser desprezado. Com isto, por mais que a metodologia enfoque o sujeito, não se deve desconsiderar as questões sociais que se fazem presente.

Nesta relação entre a individualidade do narrador, o contexto social em que sua memória foi guardada e o contexto social em que se relata, interferem muitas vezes na própria busca destas experiências, que se implica em uma percepção do que é dito e o não dito (SANTOS; ARAUJO, 2007). Cabe ao pesquisador, portanto, ter a percepção se este silêncio

se trata de uma inibição do entrevistado ou realmente a seleção do que contar. Por mais que o silêncio não tenha som “o silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é [...] ele passa pelas palavras. Não dura. Só é possível vislumbrá-lo de modo fugaz. Ele escorre por entre as tramas das falas” (ORLANDI, 1993, p. 33-34).

O resultado final de uma entrevista, como todas outras categorias de fontes, não pode ser considerado produto somente de quem relatou, mas também possui características de quem pesquisa. Sobre esta relação na produção de documentos oriundos de depoimentos, Portelli (1998, p. 9-10) afirma que:

Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos interagindo, não podem agir juntos a menos que alguma espécie de mutualidade seja estabelecida. O pesquisador de campo, tem um objetivo amparado em igualdade, como uma condição para uma comunicação menos distorcida e um conjunto de informações menos tendenciosas[...] a entrevista de campo, por conseguinte, não pode criar uma igualdade que não existe, mas ela pede por isto.

Acompanhando o raciocínio de Portelli (1998, p. 38), compreende-se que os papéis desempenhados do pesquisador/entrevistador e do narrador/entrevistado são mais maleáveis do que se pode pensar. Toda parte da narrativa se faz história “pois o narrador é empurrado para dentro da narrativa e se torna parte da história”.

Diana Vidal (1998, p. 12), em pesquisa voltada para a fonte oral e a história da educação, constata a dificuldade do pesquisador em ser fiel no momento da transcrição das entrevistas. Para a autora, “há que se considerar que esta transposição da oralidade à escrita constitui, sob certo aspecto, uma reelaboração da entrevista, uma vez que o silêncio, olhares, entonações e diferentes ritmos na fala são particularmente difíceis de se captar na hora de transcrever”. Uma das complexidades encontradas no tratamento deste tipo de fonte se dá principalmente no recorte temporal. Quando pesquisas utilizam de relatos memoriais o pesquisador deve ter em mente que dificilmente os entrevistados consigam estabelecer em seus registros, uma cronologia fidedigna à ordem dos acontecimentos.

Já as fontes escritas foram consideradas durante algum tempo como uma das únicas fontes possíveis para a escrita da História da Educação sendo estas preferencialmente as fontes oficiais perpassando por legislações, atas, relatórios anuais enviados aos órgãos competentes, relatórios escritos por autoridades, entre outros. Visitar estas fontes se faz importante porque além de conterem informações sobre o objeto estudado, muitas vezes documentos tidos como oficiais e suas representações podem ir além daqueles que estão envolvidos diretamente em sua formulação, trazendo consigo discursos que podem corroborar

ou não com as discussões existentes no momento de sua feitura (GONÇALVES NETO, 2009). Neste sentido pode-se entender o documento também como um espaço marcado por visões valores, objetivos e principalmente como lugares de embates, debates e conflitos de sua função estipuladora de um padrão. Contribuindo para este pensamento, Faria Filho (1998, p. 98), afirma que o trabalho com as fontes oficiais, traz consigo um triplo movimento que

[...] inicialmente, uma crítica as concepções mecanicistas da legislação, que, grosso modo, entende como campo de expressão e imposição única e exclusivamente dos interesses das classes dominantes; em seguida creio que permitiria surpreender a legislação naquilo que, me parece, ela tem de mais fascinante: a sua dinamicidade; e, finalmente, abriria uma possibilidade de inter-relacionar, no campo educativo, várias dimensões do fazer pedagógico, às quais, atravessadas pela legislação, vão desde a política educacional até as práticas da sala de aula.

Biserra e Santos (2015) apresentam a discussão que para uma boa compreensão e trabalho com os documentos legislativos segundo o mesmo autor, passa pelo pensamento em suas várias dimensões de forma interligada: como ordenamento jurídico, a linguagem aplicada e como esta ordena as relações sociais. Analisar os documentos conhecidos como oficiais como cabedal na construção de uma narrativa histórica de um determinado objeto é entender que devemos partir de uma pesquisa feita em arquivos. Estes por sua vez são organizados segundo uma normativa estatal, e com isto pode se deduzir que o critério que estabeleceu para quais destes documentos fossem guardados e quais fossem descartados são baseados no interesse da administração estatal. Muitas vezes, segundo Faria Filho (2009) é a própria máquina estatal o grande entrave para as pesquisas historiográficas, uma vez que sua máquina burocrática pode permitir, delimitar ou impedir o acesso àqueles documentos temporariamente, mas sem previsão de retorno.

Por fim as fotografias guardadas por ex-alunos bem como do acervo institucional, também foram utilizadas como arcabouço desta dissertação. A fonte fotográfica permite a observação das mudanças e continuidades nos mais variados ambientes e costumes, compreendendo com isto a compreensão fornecida por estes materiais. Neste sentido a fonte imagética além de despertar sentimentos naqueles que a veem podem dar ao pesquisador informações, descrição de paisagens, objetos, comportamentos e pessoas de forma não textual, porém sempre levando em conta de que esta pode não expressar os episódios em sua totalidade ou intenção, afinal a fotografia é “[...] um registro que cristaliza uma ínfima porção de espaço do mundo exterior” (KOSSOY, 2012, p. 156).

As fotografias encontradas no acervo da escola se apresentam como importante “instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística” (KOSSOY, 2012, p. 27), permitindo uma nova percepção específica sobre

o campo da cultura visual da época, marcado pelos registros fotográficos e servindo, às narrativas orais, como verdadeiros dispositivos de memórias. Sobre algumas questões da imagem e do fotográfico na cultura social, Boris Kossoy (2012, p. 32) afirma que:

A primeira, é de ordem cultural: apesar de sermos personagens de uma “civilização da imagem” – e neste sentido alvos voluntários e involuntários do bombardeio contínuo de informações visuais de diferentes categorias emitidas pelo meio de comunicação, existe um aprisionamento multissecular à tradição escrita como forma da transmissão do saber [...]. A segunda razão decorre da anterior e diz respeito à expressão. A informação registrada visualmente configura-se num sério obstáculo tanto para o pesquisador que trabalha [...]. O problema reside justamente as suas resistências em aceitar, analisar e interpretar a informação quando esta não é transmitida segundo um sistema codificado de signos em conformidade com os cânones tradicionais da comunicação escrita.

Seguindo o pensamento do autor, fica claro que não somente uma suposta confiabilidade de uma fonte fotográfica - dadas suas questões de representação e criação de uma segunda realidade - a colocaria diante de uma ausência de questionamentos. No entanto, diante do paradoxo fotográfico, é possível verificar que as imagens trazem em si alguns registros do cotidiano escolar, e com ele atividades externas relacionadas aos segmentos sociais escolares, bem como a participação, ou mesmo realização, em comemorações cívicas ou religiosas.

Outros conceitos que se fazem presentes nesta pesquisa, são o de Apropriação abordado por Chartier e o cotidiano de Michel de Certeau, incluindo dentro deste as ideias lugar e espaço e de estratégias e táticas. Entender o processo de apropriação faz-se necessário recorrer ao entendimento que Chartier (1998, p. 27) fez em relação ao assunto: “a apropriação, tal como a entendemos tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que se reproduzem”.

Partindo deste entendimento, foi possível perceber, por meio do depoimento dos ex-alunos da instituição, as peculiaridades das características de uma escola confessional, católica e carmelita. Embora se percebam algumas características são análogas a uma instituição educacional católica do século XX, como disciplina, rigidez e forte apelo a religiosidade dos alunos, o Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo<sup>3</sup>, apropriou-se de forma peculiar estes traços “comum” as escolas católicas, aplicando em seu cotidiano de forma a conseguir aplicar estratégias voltadas ao ensino tradicional, mas também a religiosidade católica e especialmente a particularidades carmelita. Com isto a afirmação de Chartier (1998, p. 63) se

---

<sup>3</sup> Por mais que a instituição tenha modificado seu nome por três vezes ao longo de sua trajetória, quando não se estiver retratando um período específico, para maior entendimento do leitor, será padronizado a utilização do atual nome da instituição Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo.

faz muito presente ao processo vivido: “o real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é (ou não apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita”.

Grande é a dificuldade de se pensar em um processo de apropriação, sem este se revelar em um cotidiano específico, em que as pessoas que ali vivenciam utilizam-se de Estratégias e táticas dando novo sentido a um determinado espaço. Michel de Certeau, aborda com grande propriedade estes conceitos em seu livro intitulado a *Invenção do Cotidiano*. O autor explicita que o cotidiano é aquilo que nos é dado em cada dia, nos pressionando com o passar destes, pois existe uma opressão hodierno. Este cotidiano é “uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada” (DURAN, 2007, p. 120).

Com isto não podemos pensar em situações da vida ordinária desvinculada da vida e da rotina das pessoas ou de uma instituição. Neste sentido que se faz presente o cotidiano que permeia a sociedade. Neste sentido de pensar o cotidiano não como estático, mas dinâmico, este consegue definir que os lugares definitivamente se tornem espaços ocupados pela sociedade. A ideia de lugar e espaço descrito pelo autor tem como possibilidade definir um campo específico, entendendo cotidiano com esse espaço praticado pelos sujeitos.

Um lugar é a ordem (seja qual for), segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do ‘próprio’ e distinto que define. Um lugar de, portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. Existe espaço sempre que se tomam em conta os vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é o cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais, ou de proximidades contratuais (CERTEAU, 2005, p. 201-203)

As ideias de Certeau (2005) sobre este tema se dá no sentido de que o espaço é algo dinâmico e significado pelas pessoas que o ocupam no seu dia a dia. É o espaço que realmente dá sentido e significado ao lugar. “Dessa forma, espaço é o lugar praticado. A rua, o aeroporto, uma praça ou uma escola são transformadas em espaço pelas pessoas: pedestres, viajantes, alunos que nele circulam e dão vida àquele lugar” (SILVA; LYRIO; MARTINS, 2011, p. 67).

Corroborando com o pensamento das autoras acima, os espaços são as pessoas que estão ali que o dão significado, pois o lugar é estático, sem movimento e digamos que até sem “vida”. No caso de uma escola, e voltando o olhar para o objeto deste estudo. Os prédios utilizados para o processo educacional carmelita em Paranavaí são lugares estáticos e sem



uma função definida. O que determina sua função escolar e com peculiaridades católica e carmelita, ou seja, criando o espaço, são os religiosos coadunados com professores e alunos dentro do cotidiano escolar. Dentro deste pensamento de cotidiano, para que as pessoas possam organizar-se em sociedade, e dar significado aos lugares, tornando-os espaços significativos, os mesmos utilizam-se de estratégias e táticas que dão dinamismo a vida de todos em um determinado espaço. Neste sentido o autor define estratégia:

As estratégias são, portanto, ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram, lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. Eles combinam esses três tipos de lugar e visam dominá-los uns pelos outros. (CERTEAU, 1994, p. 102).

As instituições escolares, imbuídas do poder delegado pela sociedade e pelo Estado, utilizam-se destas estratégias como forma de aplicarem sua metodologia de ensino, bem como a doutrina que permeia todo processo educativo de uma instituição. Quando se tem estratégias postas dentro de um grupo social, estas produzem certamente táticas correspondentes. Michel de Certeau vai definir este termo como:

[...] a ação circulada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, a distância, numa posição recuada de previsão e de convocação própria: estática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, [...] e no espaço por ele controlado”. (CERTEAU, 1994, p. 100).

Assim as manifestações das táticas podem aparecer como formas de resistência, tanto da instituição perante algumas regras impostas pela organização burocrática do Estado, quanto dos próprios alunos perante algumas estratégias impostas pelo próprio colégio. Neste sentido pode-se afirmar que as estratégias e as táticas mudam constantemente de lugar, pois ao mesmo tempo que uma instituição escolar aplica estratégias sobre aqueles que como o autor define de fracos, a mesma pode utilizar-se de táticas para conseguir consolidar sua doutrina e seu carisma ou até mesmo aquilo que a mesma apreendeu das questões burocráticas, o que vai ao encontro das alegações do autor:

[...] ela (a tática) opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (CERTEAU, 1994, p. 100). [grifo meu]

Esta dissertação de mestrado se justifica por possuir, ainda que de forma singela, um caráter contributivo para a História da Educação, colaborando com as pesquisas já realizadas no âmbito das instituições escolares, utilizando para esta, além dos documentos administrativos encontrados na instituição, depoimentos das memórias dos que por ali passaram. Esta pesquisa também se ressignifica à história da própria cidade de Paranavaí, visto que a referida instituição se fez presente desde o início da formação do município. Ainda em atividade, a escola continua participando ativamente no processo educativo dos paranavaenses, ou daqueles que adotaram a cidade como lugar de moradia.

A relação da história da cidade e da instituição escolar confundem-se, fazendo parte da experiência escolar daqueles segmentos sociais. No âmbito paranaense podemos aglutinar a história da instituição junto a outras instituições escolares católicas no estado. Por fim pelo fato da Ordem do Carmo não possuir ao longo de sua história a educação como carisma fundante. Pensando neste sentido, Pinheiro (2004, p. 119) afirma que:

[...] preservar a memória social é uma das formas de se conservar a história da cidade, que não através de seus monumentos e do que é belo. Portanto, preservar a memória de uma sociedade é recuperar e manter viva as várias manifestações culturais nos seus diferenciados segmentos sociais, econômicos, étnicos, religiosos e práticas de trabalho

Em outro estudo, Werle (2004) afirma a importância da pesquisa memorialística das instituições para as cidades. Para a autora, as escolas são itens pertencentes às cidades. Diante disto, a preservação memorialística do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo se faz diretamente ligada ao ambiente em que se localiza, seu entorno e à própria cidade. Pretendo contextualizar o surgimento da cidade, como cenário também do surgimento da escola. Como a maioria dos novos municípios Paranavaí enfrentou à época dificuldades em sua criação, adversidades também enfrentadas pelo grupo religioso que a fundou.

Uma das motivações para o desenvolvimento desta pesquisa se deu no fato que, desde sua gênese, não se encontrou estudos, em âmbito acadêmico, sobre a história do Colégio, assim como suas possíveis relações com a cultura escolar presente no município de Paranavaí. Neste sentido é que surgiu o questionamento que me levou ao problema deste trabalho: por que e como uma ordem religiosa, que não tem em seu carisma fundante a educação, fundou uma escola?

Quanto aos estudos sobre os Carmelitas<sup>4</sup>, por não possuírem tradição no campo

---

<sup>4</sup> Carmelitas, ou Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, é o nome dado a um grupo de pessoas que surgiram no final do século XII na Palestina com o Objetivo de Servir a Deus e a Maria no

escolar, foram realizados estudos mais voltados ao campo da história abordando sua ação em processos específicos, como na evangelização de caráter civilizador, bem como de suas formas devocionais, como o caso da tese de doutoramento realizada por Anderson José M. de Oliveira, no ano de 2002 que buscou estudar a devoção dos santos carmelitas pelos negros no Brasil Colonial. Por sua vez, Beatriz Junqueira Pedras elaborou uma dissertação de mestrado em 2009 que buscou compreender a contribuição histórica da referida Ordem na Bahia Colonial. Livros e artigos produzidos pelos próprios carmelitas, seja do Comissariado do Paraná ou da Província Germanis Superioris<sup>5</sup> para relatar a história desta frente missionária são algumas das fontes utilizadas e que fundamentam o jeito de ser da instituição escolar estudada. São exemplares que foram publicados inicialmente em alemão, e posteriormente traduzidos para a língua portuguesa (GOEVERT, 1992). O material adota um cunho narrativo e descritivo do início da missão empreendida pelos religiosos e guarda importantes dados que outros documentos não possuem, servindo inclusive como fonte para a construção da história local.

Como apresentado anteriormente, os depoimentos daqueles que passaram pela escola relatando suas experiências sobre o cotidiano, bem como festividades dentro da mesma e do novo município, servirão como fontes para o desenvolvimento desta pesquisa. Problematizar estes depoimentos auxiliaram na compreensão que se faz sobre as memórias. Neste sentido, Nunes (2003, p. 41) afirma que:

As memórias dos alunos e professores, dos poetas e dos cronistas da cidade se compõem de maneira anamórfica, isto é, formas sempre em mudança, o que chamaríamos de “realidade” da escola e os sentimentos e as opiniões que sobre ela se forjaram. É nessa imbricação que chegam até nós múltiplas percepções do espaço escolar, percepções que se reenviam incessantemente umas às outras e que enlaçam também imagens do espaço urbano, constituindo um estoque de informações criticamente trabalháveis.

No que diz respeito a organização escolar no projeto desenvolvimentista aplicado na década de 1950, foi consultada ainda a legislação da época, bem como estudos relacionados às instituições escolares deste período. Coletar, transcrever, analisar e interpretar estes documentos foi de grande importância para o desenvolvimento desta dissertação, auxiliando a compreender também o processo de escolarização brasileira e mais especificamente,

---

modelo de Elias. No segundo capítulo da dissertação será retomado de forma mais detalhada esta instituição religiosa

<sup>5</sup> A província Germanis Superioris remonta aos primórdios da fundação da Ordem Religiosa. Após a saída da Palestina no século XIII, os religiosos se espalharam pela Europa. Na Alemanha os religiosos se organizaram em duas províncias, uma ao norte que era conhecida como Germânia Superior e outra ao sul que recebeu o nome de Província Germanis Inferioris. Atualmente as duas províncias se fundiram sobrevivendo somente a Província Germanis Superioris. A frente missionária de Paranavaí foi idealizada por esta provincial

paranaense.

Finalmente, sobre a sua estrutura desta pesquisa, a dissertação de mestrado foi organizada em três capítulos. O primeiro, buscou apresentar as justificativas, metodologias e referenciais teóricos a serem utilizados na construção desta dissertação. O segundo capítulo denominado *Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo e a cidade de Paranavaí: o encontro dos Carmelitas com a educação*, buscou “tecer os fios da teia” que proporcionaram o surgimento da instituição, ao menos em seus vestígios. Esta teia foi formada primeiramente pela historiografia existente sobre o próprio município, desde o processo de catequização dos povos indígenas na região, passando pelo povoamento a partir da cultura cafeeira, até a constituição oficial do município. Em seguida, buscou-se alguns aspectos importantes do surgimento e consolidação da Ordem Religiosa, bem como com a sua frente missionária. O esforço consistiu em compreender alguns aspectos do surgimento desta ordem, perpassando por seu modo de ser dentro da Igreja, sua disseminação pela Europa e por fim, a vinda destes para o sul brasileiro. Buscou-se também problematizar, sem pretensão de esgotar o assunto, a relação entre a Igreja e o processo educacional brasileiro, como se deu esta relação no governo imperial e os conflitos que permearam a formação de uma legislação e organização escolar durante a República. Dando continuidade apresentou-se a forma de organização do processo educacional, bem como as políticas para este tanto em nível nacional quanto paranaense especialmente no recorte temporal selecionado. Ainda se apresenta a fundação da instituição, suas dificuldades bem como sua organização. Vale ressaltar que, tanto na historiografia da frente missionária quanto na da instituição, buscaram-se as narrativas realizadas a partir dos relatos memoriais deixados pelo Frei Ulrico aos seus patrícios.

O terceiro capítulo, denominado *Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo visto de dentro*, contribui com uma narrativa histórica a partir dos registros encontrados dentro da própria instituição, bem como pelos registros de depoimentos orais. Para corroborar na construção deste capítulo, utilizei o depoimento de alguns que por ali passaram, buscando, assim, preencher algumas lacunas deixadas pelas fontes da instituição, comparando, também, as informações em suas diferentes origens. Considera-se ainda o processo fundacional, bem como as dificuldades encontradas em sua gênese, passando pelo desenvolvimento do ciclo primário e do jardim de infância. Posteriormente, foram organizados dados referentes ao desenvolvimento do ciclo ginásial, com índice de matrículas, bem como de reprovações.

## 2 COLÉGIO PAROQUIAL NOSSA SENHORA DO CARMO E A CIDADE DE PARANAÍ: O ENCONTRO DOS CARMELITAS COM A EDUCAÇÃO

O Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, obteve autorização episcopal para funcionamento em 1952. O então bispo da diocese<sup>6</sup> de Jacarezinho, Dom Geraldo de Proença Sigaud<sup>7</sup> o qual será abordado posteriormente, autoriza a abertura de uma escola para atender crianças do 1º ao 4º ano do primário, e com isto, a escola inicia seu processo educacional com quatro turmas: duas para meninos e outras duas para meninas.

Mesmo a educação não fazendo parte de seu carisma fundante, os religiosos carmelitas percebem a necessidade de erigir uma escola, haja visto a dificuldade das crianças em aprender a doutrina católica. Esta dificuldade, segundo relatos do próprio religioso, se dava não “pelo fato delas serem preguiçosas para estudar, mas por não haver escolas” (GOEVERT, 1992, p. 16). A esta informação relatada pelo religioso deve-se ressaltar, que Paranaí, neste momento, já contava com um grupo escolar, porém o que se percebe, é que devido a quantidade de pessoas que moravam no novo município, este grupo escolar, provavelmente, não conseguia atender todas as crianças do município, ou que este esquecimento, por parte do padre alemão foi proposital, para conseguir angariar mais fundos para sua nova missão junto aos seus compatriotas. Com certa frequência via-se a solicitação das autoridades da ampliação de instituições escolares primárias para suprir a demanda apresentada. Como esta demanda muitas vezes não foi suprida pelo Estado, e também por interesse em combater a laicidade da educação imposta pela Reforma Capanema, é que a Igreja Católica buscou fundar escolas confessionais no final da década de 1940. Ao buscar nos registros do Comissariado e nos relatos memorialísticos do Frei alemão, foi averiguado que além da demanda educacional, Frei Ulrico atende um pedido de seu provincial alemão, bem como de seu bispo diocesano ao abrir uma escola. Ao tomar conhecimento início do

---

<sup>6</sup> Segundo o código do direito canônico, no nº 369, afirma que a diocese é a “porção do povo de Deus confiada a um bispo”. Complementando o dicionário Aurélio afirma que diocese é uma unidade territorial administrada por um bispo, sendo a unidade geográfica mais importante da organização territorial da Igreja.

<sup>7</sup> Terceiro bispo da diocese de Jacarezinho, Dom Geraldo de Proença Sigaud nasceu na cidade de Belo Horizonte em 26 de setembro de 1909. Entrou para a congregação dos missionários do Verbo Divino, também conhecidos como verbitas recebendo a ordem sacerdotal no dia 12 de março de 1932 em Roma e sagrado Bispo no dia 1º de Maio de 1947 em São Paulo, sendo designado para a diocese de Jacarezinho no mesmo ano onde exerceu seu episcopado até 1961 depois sendo transferido como arcebispo para a arquidiocese de Diamantina. Autor de uma carta pastoral conhecida como “Catecismo anticomunista” que foi bastante difundida pelo Brasil. D. Geraldo foi professor catedrático da Universidade Católica de São Paulo e da Faculdade de Filosofia em Jacarezinho. Considerado de linha conservadora dentro da Igreja, D. Geraldo foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade. Renunciando ao seu múnus episcopal em setembro de 1980 se tornou bispo emérito de Diamantina. Faleceu em setembro de 1999 na cidade de Belo Horizonte. (VERBUM DOMINI, 2009).

processo educacional paranavaense de forma empírica constata-se que o argumento de Gulla, (2009) cai por terra. Em Paranavaí, a demanda das escolas primárias se deu pelo crescimento populacional e não como afirma a autora quando sugere que, o surgimento das escolas primárias no Paraná, acompanhou o processo de desenvolvimento do ensino público secundário. O Ensino secundário em Paranavaí vem surgir a partir da segunda metade da década de 1950 de forma não tão expressiva, o que leva a Escola Paroquial em 1960 iniciar seu ciclo ginásial alterando sua nomenclatura para Ginásio Nossa Senhora do Carmo.

Apresentar um estudo sobre o Colégio Nossa Senhora do Carmo é perceber a importância de se preservar parte relevante da memória de sua fundação, bem como do processo de escolarização da vida sociocultural e religiosa do município de Paranavaí, incluindo, também nesta perspectiva, a região noroeste do Paraná, haja visto que, a paróquia de São Sebastião em seu início não abrangia somente o município de Paranavaí, mas toda a região noroeste do estado. Isto se dá devido ao entendimento de que uma parte considerável do município obteve sua formação educacional e social em torno do colégio e da Igreja gerida pelos frades e que várias pessoas que moravam em locais da região noroeste paranaense, mudaram para a cidade de Paranavaí, em busca de uma melhor formação educacional para seus filhos.

Buscando ampliar a interpretação sobre o surgimento, além do desenvolvimento, do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, salientando mais uma vez que a educação não faz parte do elemento fundante do carisma da ordem Carmelita, como citado no capítulo anterior, buscará apresentar como cenário desta escola, o povoamento, os impasses e a criação da cidade de Paranavaí, no noroeste paranaense, sem pretender estender-se à compreensão e seu processo civilizador.

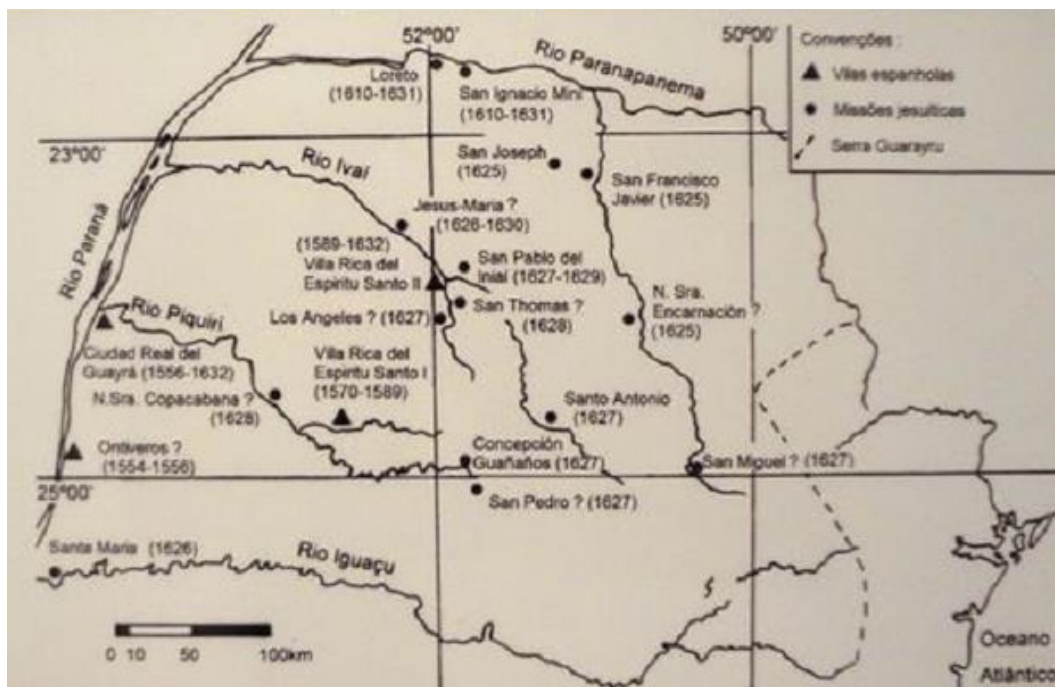
É pertinente considerar também, os aspectos fundacionais da Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, também conhecida como Ordem dos Freis Carmelitas, apresentando as principais características de seu propósito de existência, também chamado de carisma, e de seu modo de vida, para assim buscar compreender e também perceber estas características no cotidiano da instituição escolar.

## 2.1 PARANAVAÍ: DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS À FUNDAÇÃO DO MUNICÍPIO

O município de Paranavaí está, localizado na região noroeste do estado do Paraná e

conta com aproximadamente 86.700 habitantes<sup>8</sup>. Fundado em 14 de dezembro de 1951, desmembrando-se do município de Mandaguari, a colonização do município passou por várias etapas até estabelecer-se definitivamente como uma cidade paranaense. É interessante levar em conta, que o processo de colonização da região, aconteceu no início do século passado, ou seja, por volta de 1910, contudo, esta região foi palco de um grande marco no processo de colonização brasileira: as missões jesuíticas. Segundo Paulo Marcelo Soares da Silva, dois missionários jesuítas iniciaram o trabalho de catequização na região do Pirapó<sup>9</sup>, fundando várias missões, das quais “a capital ficava em Nossa Senhora de Loreto” (2015, p. 25).

FIGURA 1 - MAPA DAS MISSÕES JESUÍTICAS NO GUAIRÁ



FONTE: MUSEU HISTÓRICO PARANAENSE, S.D.

A imagem do mapa (FIGURA 1) demonstra as províncias fundadas pelos jesuítas no atual território paranaense. Segundo Silva (2015), os padres José Cataldino e Simão Maceta chegaram a região do Guairá por volta de 1610 e por ali fundaram as missões de Santo Inácio, São Pedro, Jesus Maria São Tomé e Santo Antônio, todas como se pode observar na região norte e noroeste do estado. As missões mais próximas do atual limite do município são as

<sup>8</sup> Estimativa do 1º semestre de 2015 segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Fonte: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\_de\_Populacao/Estimativas\_2015/estimativa\_2015\_TCU\_20160211.pdf>. Acesso em 28 mar. 2016.

<sup>9</sup> Atual região norte/noroeste do estado do Paraná.

missões de Loreto e a de Jesus Maria. Além das citadas pelo autor, percebe-se pelo mapa que os jesuítas percorreram toda a região em busca de indígenas para atingirem seu objetivo: o de catequização dos nativos brasileiros.

Avançando na história de colonização da região, Paranaíba retoma seu processo de ocupação por volta de 1920, quando “a região do Vale do Ivaí e do Paranapanema era completamente despovoada, coberta de matas virgens, constituída de terras devolutas<sup>10</sup> de propriedade do Estado” (SILVA, 2015, p. 33). A colonização desta região, que pertencia a comarca de Tibagi, ficou a cargo da Companhia Brasileira de Viação e Comércio - BRAVIACO -, “de propriedade do jornalista e empresário baiano Geraldo Rocha, começou a desbravar o Noroeste do Paraná, nominando Paranaíba e região como Gleba Pirapó” (ARIOCH, 2014, p. 3).

A concessão para colonização desta região foi cedida ao engenheiro João Teixeira Soares, pelo Decreto imperial nº 10.432 de 9 de novembro de 1889<sup>11</sup>, tendo como base o decreto nº 816, de 10 de julho de 1855. Nesta lei, percebe-se uma prática usual de colonização brasileira, como o governo muitas vezes não possuía verba para o desenvolvimento do país, concedia àqueles que contratava para auxiliar nesse desenvolvimento, terras. Neste caso foram concedidas terras de cada lado da linha férrea, como forma de pagamento para a construção da ferrovia. No caso das terras devolutas, “os concessionários tinham a obrigação de colonizá-las num prazo de 50 anos, sob pena de perderem a concessão” (SILVA, 2015, p. 33).

O governo de Deodoro da Fonseca baixou o decreto nº 305, de 7 de abril de 1890, ratificando a concessão feita pelo decreto imperial. O direito de concessão ao engenheiro João Teixeira Soares foi sendo repassado várias vezes, com autorização do governo federal, até que pelo decreto nº 1386, de 6 de maio de 1893, a transferência acontece para a Companhia Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, subsidiária da Brazil, Railway Company (SILVA, 2015). Após vários enteveros entre o governo federal e o governo estadual sobre a legislação das terras devolutas, em 1917, por meio do decreto nº 613, de 04 de setembro de 1917, o Estado do Paraná estabelece um acordo com a Companhia Estrada de Ferro São Paulo – Rio

---

<sup>10</sup> Terras devolutas são terras públicas sem destinação pelo poder público e que em nenhum momento integram o patrimônio particular, ainda que estejam irregularmente sob posse.

<sup>11</sup> É concedido à companhia que o engenheiro João Teixeira Soares organizar, o privilégio por 90 anos para construção, uso e gozo de uma estrada de ferro que, partindo de Itararé, na Província de São Paulo, vai terminar em Santa Maria da Bocca do Monte, na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, em entroncamento com a linha principal em Ibituva e, passando por Guarapuava, descerá o Piquiry até sua confluência no rio Paraná, fornecendo dous subramãs, em destinado às secções navegáveis deste último rio, outro destacando-se em Guarapuava e seguindo o Iguassu até sua foz; o segundo ramal divergindo da linha principal nas imediações da cidade de Cruz Alta, acompanhará o Ijuhy e irá terminar nas margens do Uruguay.



Grande regularizando a concessão das terras. Neste acordo a empresa passa a ser responsável também por terras que situam o território paranavaense na atualidade.

No ano de 1920, o governo paranaense prorroga por dois anos a demarcação das terras pertencentes a empresa. Neste mesmo ano, a Companhia São Paulo Rio Grande, delega a Braviaco, a concessão das terras. A Companhia Brasileira de Viação e Comércio recebe no Rio de Janeiro na data de 5 de outubro de 1920, a concessão das terras paranaenses, assumindo as terras pertencentes a EFSPRG, contendo as seguintes áreas “ Santa Maria, com 11,327 He e 6.500 m<sup>2</sup>; Silva Jardim, com 76.746 He; Riosinho com 551 He e 5.189 m<sup>2</sup>; e Missões, com 425,731 He, num total de 514,355 He e 11.689 m<sup>2</sup>” (SILVA, 2015, p. 35)

O autor destaca ainda que a empresa responsável pela demarcação das terras do Noroeste do Paraná, arrosta com os interesses da empresa responsável pela colonização de parte da região norte do Estado, a Companhia Marcondes de Colonização, Indústria e Comércio, sendo celebrado um acordo em 1925 que definia os limites territoriais pertencente a cada empresa. (SILVA, 2015) e com isto, no ano seguinte a Braviaco, instala a Fazenda Ivaí na região. Em 1926, o senhor Joaquim da Rocha Medeiros, funcionário então da BRAVIACO, iniciou a construção de uma estrada com 110 quilômetros partindo de próximo ao Rio Pirapó, na atual região de Londrina, até a região em que seria fundada a fazenda que deu origem a cidade paranavaense.

No local em que seria instalada a fazenda, foi implantada uma serraria com o objetivo de aproveitar a madeira derrubada para o plantio de 1.200.000 pés de café. A partir deste ponto em que seria instaurada a fazenda Ivaí, foi aberta uma estrada com aproximadamente 100 quilômetros, ligando a sede da fazenda ao Porto São José, dando dessa forma a ligação da fazenda com Guaira, Porto Mendes, e São Paulo por onde a Braviaco, pretendia transportar seu café (SILVA, 2015).

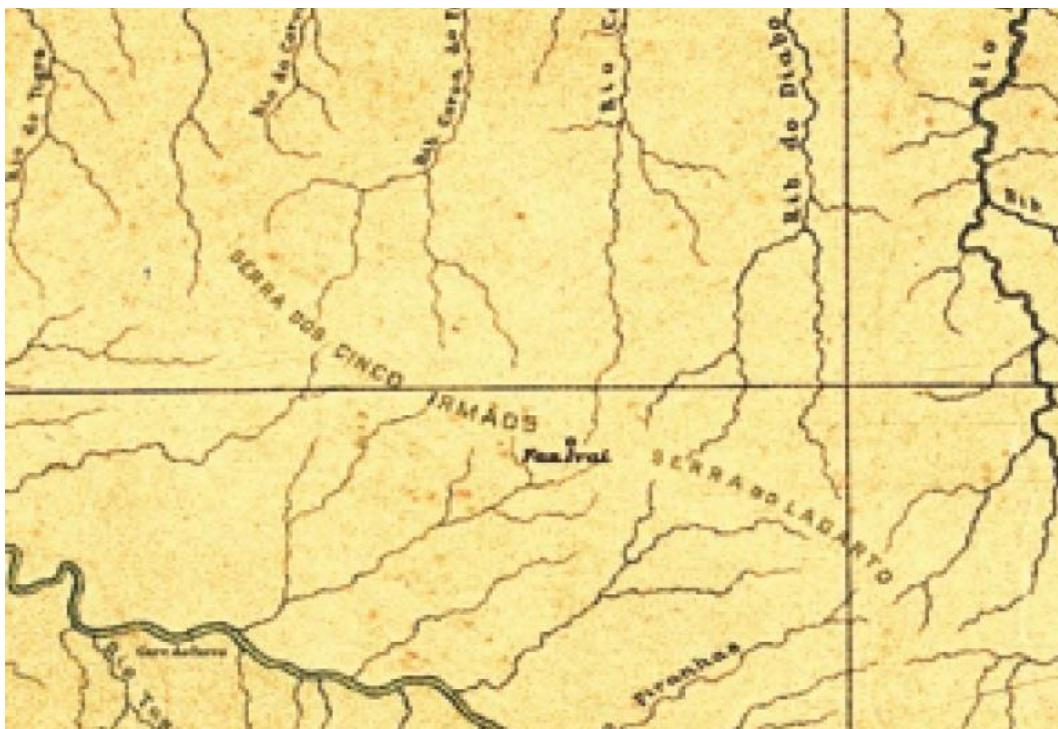
O mapa do estado do Paraná datado de 1938 (FIGURA 2) comprova a informação da existência da fazenda Ivaí na região do atual município de Paranavaí. Apesar da má qualidade do mapa, devido a diminuição da resolução do mesmo para ser colocado nesta dissertação, consegue-se perceber em realidade aumentada (FIGURA 3) a região em que se situava a fazenda Ivaí (centro da imagem): próxima a um entre os rios Ivaí, Pirapó e Paranapanema. Outro fato interessante apreciado neste mapa, é que no ano de 1938, o governo estadual ainda reconhecia a região com o nome de Fazenda Ivaí, isto porque como se verá posteriormente, neste período esta fazenda não existia mais.

FIGURA 2 - MAPA DO PARANÁ DE 1938



FONTE: ITCG-PR (2015).

FIGURA 3 - AMPLIAÇÃO DA REGIÃO NOROESTE NO MAPA DO PARANÁ DE 1938



FONTE: ITCG-PR (2015).

No ano de 1929 foi fundado na região o distrito de Montoya, por meio da lei 2.665 de 25 de abril. Tudo indica que o novo distrito recebeu esse nome em homenagem ao padre jesuíta espanhol que percorreu a região traçando o caminho conhecido como Caminho de

Peabiru<sup>12</sup>. Segundo o funcionário da Braviaco, o distrito caminhava em boas condições, possuindo um juiz de paz, designado pelo poder público, um destacamento policial e uma farmácia com atendimento de um farmacêutico, um médico e esporadicamente a população do distrito recebia atendimento espiritual de um sacerdote (SILVA, 2015).

Neste ponto é importante ressaltar a importância do café para a colonização da região norte e noroeste do Paraná. O café no início do século XX era o produto que movimentava a economia brasileira. Os produtores paulistas visando obter mais lucros e aproveitando-se da qualidade do solo desta região no Estado do Paraná para o cultivo da planta, aproveitaram-se da necessidade de colonização desta região, para expandirem sua produção e com isto aumentar seu poder econômico. Em publicação de comemoração do cinquentenário aniversário do município, o jornal local em uma reportagem intitulada: “Café foi a bússola da colonização” afirma que:

A formação geológica do Caiuá, constituída pelo solo denominado Arenito Caiuá, favorece a exploração cafeeira. Foi a descoberta de que a Região de Paranaíba é dotada deste tipo de solo que provocou a confluência, para cá, de grande contingente populacional, voltado à exploração da cultura, o que levou à rápida colonização da região nas décadas de 1940 e 1950. Por longos anos o cafezal enfeitou a paisagem do Noroeste do Paraná, destacando-se como sua mais importante atividade agrícola. (DIÁRIO DO NOROESTE, 2002, p. 30)

O distrito de Montoya e por sua vez a futura cidade de Paranaíba veem seu processo de colonização decair no início dos anos 1930. Com o golpe em que Getúlio Vargas assume o poder do país e coloca fim a política oligárquica de paulistas e mineiros, aqueles que apoiavam o antigo grupo no poder sofreram as consequências. Ao assumir, Getúlio Vargas destituiu os governadores dos estados e instaura os interventores federais. No caso do Paraná, foi nomeado o General Mário Tourinho<sup>13</sup> como interventor provisório. Uma das primeiras ações do então interventor em 1930, por meio do decreto nº 300 de 3 de novembro daquele ano, revoga os contratos com a Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, e por consequência da empresa Braviaco responsável pela fazenda Ivaí e por sua vez pelo distrito de Montoya. (SILVA, 2015). Isto se deu porque a Braviaco foi uma das grandes apoiadoras da campanha do opositor de Vargas, Júlio Prestes, à presidência da República.

Este ato do governo federal trouxe sérias consequências para a Fazenda Ivaí que perdeu todo seu cafezal na primeira floração. Segundo o periódico *Noroeste em Revista*,

<sup>12</sup> “Peabiru era chamado o caminho de S. Tomé [...] um caminho histórico pré-colombiano, que se estendia por mais de 200 léguas, da costa de S. Vicente até o Rio Paraná, atravessando os rios Tibagi, Piquiri e Ivaí, por onde os povos indígenas se comunicavam com o mar” (SILVA, 2015, p. 24).

<sup>13</sup> Mario Alves Monteiro Tourinho, foi um militar, indicado pelo grupo de Vargas em 1930 a ser interventor federal no Estado do Paraná. Como sempre esteve ligado ao ideal militar e não a política, tomou atitudes que desagradaram os varguistas, renunciando ao cargo em 1931.

publicado em dezembro de 1981, em comemoração ao 40º aniversário de emancipação de Paranavaí, com base em relatos dos pioneiros que viviam na região na época, relatou o caos instaurado na região após o decreto que revoga o contrato com a EFSPRS no distrito de Montoya

Se algum aventureiro deliberava deixar o trabalho não era impedido, pelo contrário, recebia seus haveres com justiça e era permitida sua retirada, que era feita pelo único caminho possível: A estrada para Presidente Prudente. Todavia, o trabalhador não passava o rio Paranapanema. Na travessia era abatido a tiros, despojado de tudo e jogado para repasto das piranhas (SILVA, 2015, p. 46)

Esta situação só se acalmou quando em 08 de abril de 1931, o general Tourinho assinou o decreto nº 800 retomando as terras para o Estado e autorizou a venda destas, determinando com isto, o fim da fazenda Ivaí. O decreto estabelecia como regra a “concessão de grandes áreas e limitando a 200 hectares a área que cada pessoa ou cada família poderá ser pelo Estado concedida a título de venda e fixou em 18\$000 por hectare” (SILVA, 2015, p. 44).

Segundo David Ariocho, quando Manoel Ribas<sup>14</sup> foi nomeado interventor do Estado pelo então presidente Getúlio Vargas, esse assinou um decreto que retomava as terras do noroeste paranaense e autorizava o processo de recolonização do território agora denominado de Fazenda Brasileira. Esta recolonização seria organizada agora pelo próprio governo estadual, “A morosidade para se conseguir um lote fez muitos moradores irem embora para outros povoados, locais onde o acesso era mais fácil e menos burocrático” (ARIOCH, 2011, p.6). Widson Schwartz (apud SILVA, 2015, p. 289) escreveu na *Folha de Londrina* um bom relato sobre este período.

Com o interventor Manoel Ribas, em 1933, o governo paranaense planejou a colonização da Fazenda Brasileira, que começou efetivamente em 1944 sob a denominação de Colônia Paranavaí. A decisão de Ribas contrariava os interesses da Companhia de Terras Norte do Paraná, na medida em que a colonização dos ingleses se estendia a Maringá e prometia alcançar as áreas de Cianorte e Umuarama, a preços superiores aos da Colônia Paranavaí que relativamente eram simbólicos, por tratar-se de empreendimento oficial em terras devolutas.

Em uma visita a localidade, e percebendo a grande influência dos paulistas sobre esta, o interventor Manoel Ribas tentando diminuir esta influência, autoriza a abertura de uma estrada que ligaria a região ao município de Arapongas, que por sua vez se ligava a antiga

---

<sup>14</sup> Nascido em Ponta Grossa, no ano de 1873, foi interventor do estado do Paraná, no ano de 1932 a pedido do então presidente, Getúlio Vargas, permanecendo no cargo por 13 anos: Ora como interventor do estado (1932-1934; 1937-1945), ora como governador do mesmo (1935-1937).

estrada boiadeira<sup>15</sup>, levando até a capital do estado. A abertura dessa estrada foi iniciada sob o comando de Natel Camargo, e posteriormente, em 1939, o Capitão Telmo Ribeiro<sup>16</sup> dando continuidade, inaugurou a estrada que ligou definitivamente a região da Fazenda Brasileira ao município de Rolândia.

No ano de 1941, Manoel Ribas, por meio do ofício 105, autoriza que seja iniciada a demarcação da 1ª Gleba Ivaí. O início da venda de lotes desta gleba, com o objetivo de colonização, se deu por meio do ofício 292 do mesmo ano. O funcionário da Inspeção de Terras do Estado, Ulisses Faria Bandeira, com o intuito de demarcar a primeira via da colônia<sup>17</sup>, iniciou o traçado da futura cidade. Com isto, a colonização retoma seu curso. “A estratégia deu certo, e em setembro de 1943 um grande número de pessoas chegou à Fazenda Velha, onde compraram muitos lotes de terras” (ARIOCH, 2011. p. 8). Foi nomeado pelo governo estadual, para administração da colônia Hugo Doubeck que chega no vilarejo no final do mesmo ano (SILVA, 2015).

A partir de 1944, Fazenda Velha Brasileira passou a receber muitos migrantes oriundos principalmente de São Paulo, Minas Gerais e da região nordeste do país, (especialmente cearenses e pernambucanos. Em 1944 ainda, foi inaugurado o primeiro grupo escolar da colônia, sendo oficializado 4 anos depois. No final de 1947 e início de 1948, a região passou a ser denominada de Paranaíba. A alteração do nome do vilarejo se deu por sugestão do engenheiro Francisco de Almeida Faria, que se utilizou dos nomes de dois rios que circundavam o vilarejo: o Rio Paraná e o Rio Ivaí, formando o nome Paranaíba. A troca do nome também foi motivada para retirar a carga de violência vivida nos anos anteriores época da “Velha Brasileira”. David destaca que:

---

<sup>15</sup> A estrada boiadeira ligava os campos gerais, mais especificamente a cidade de Ponta Grossa até a região de Arapongas/ Campo Mourão. Esta estrada era utilizada para transporte de gado e produtos da capital para o interior e também no sentido contrário.

<sup>16</sup> Pouco se sabe sobre o capitão Telmo Ribeiro. Sabe – se que saiu do Rio Grande do Sul em 1932 quando ainda era tenente em direção ao atual Mato Grosso do Sul para lutar na Revolução Constitucionalista. Ao final do conflito, recebeu a incumbência de policiar a fronteira brasileira em Ponta Porã, comandando a cavalaria de um regimento militar. Após um tempo, a brigada foi extinta e Telmo Ribeiro fechou contrato com a companhia Mate-Laranja para transportar erva mate através do rio em um barco a Vapor. Numa dessas viagens Telmo Ribeiro conheceu o engenheiro Francisco Natel de Camargo que atuava como boiadeiro levando gado do Mato Grosso do Sul para o povoado em que se transformaria na cidade de Paranaíba. Telmo Ribeiro em 1936, encontrou se com o representante do governo em Londrina, O delegado Achilles Pimpão era intermediário do interventor Manoel Ribas o qual contratou Telmo Ribeiro para abrir uma estrada que ligasse o povoado conhecido como Fazenda Velha Brasileira (atual Paranaíba) até a Gleba Rouland (atual Rolândia). Com isto, a partir de 1936 Telmo Ribeiro fixou residência em Paranaíba na localidade onde hoje é denominada bairro São Jorge. Telmo Ribeiro recebeu o título de capitão pelos serviços prestados ao Paraná. Em 1964 a beira da falência, Telmo Ribeiro se mudou para a cidade de Maringá. Em 1967 viajou a cidade de Cornélio Procopio, no norte pioneiro a fim de cobrar uma dívida, onde foi assassinado com um tiro no peito. (ARIOCH, 2010)

<sup>17</sup>Atual Avenida Paraná.

Naquele ano, o povoado tinha cerca de 500 habitantes, distribuídos por 80 casas feitas de tabuinhas velhas. Os pontos de referência da colônia eram o Hotel da Imigração, que ficava ao lado do Fórum Dr. Sinval Reis, a Inspetoria de Terras, o Hospital Professor João Cândido Ferreira, conhecido como Hospital do Estado, onde se situa a atual Praça da Xícara, e também o primeiro Grupo Escolar (ARIOCH, 2011, p. 10).

A região passou a ser vista como um lugar de prosperidade, atraindo vários investidores. Segundo o autor, até mesmo o engenheiro Francisco Beltrão, através da Sociedade Técnica Engenheiro Beltrão, passou a comercializar lotes no vilarejo a partir de 1946. Paranavaí ganhou status de município a partir da Lei Estadual n. 790, de 14 de dezembro de 1951, desmembrando a região do município de Mandaguari.

## 2.2 CARMELITAS: HISTÓRIA DOS HOMENS QUE DECIDIRAM VIVER IN OBSÉQUIO JESU CRISTHI

Analisando a história do cristianismo, bem como da sociedade medieval, percebe-se o surgimento de um grande paradigma no século XII: “o surgimento de uma profunda crise; crise de transformação devido à passagem para outra fase cultural, estrutural, etc. do caminho histórico da humanidade” (BOAGA, 1989, p. 21). Dentre várias facetas que permearam esta crise pode ser citado, o grande crescimento demográfico causado principalmente pela maior produção de alimentos com as inovações técnicas surgidas na agricultura ao longo do século XI. Outro fator importante se dá na forma da visão de riqueza que no sistema feudal era visto muito a partir da propriedade da terra e seu sistema fechado de mercadorias. A partir deste momento surge a ideia de um comércio “aberto”, ou seja, livre de barreiras impostas pela estrutura feudal, e com isto transfere-se a ideia de riqueza baseada no comércio, e nos transportes marítimos.

Boaga, interpreta que esta nova fase que surgiu atingiu o sistema feudal que vigorava na época. O ressurgimento do sistema comercial, e com ele as cidades abalaram toda estrutura e modo de produção que vigorava desde o século V. A Igreja neste período de crise do sistema feudal, era cercada por dois movimentos: de um lado a decadência “através do enfeudamento da hierarquia eclesiástica, a simonia [...] a difusa e lamentável concubinação do clero, a vida luxuosa dos monges e cônegos” (Ibidem, p. 22), e de outro lado, a busca por mudanças e por uma reforma eclesial. Estas mudanças vieram tanto de dentro dos mosteiros, por Bernardo de Claraval e Romualdo como do povo tendo seu ápice na reforma gregoriana, que não conseguiu eliminar a “ampla e difundida decadência moral” (Ibidem, p. 25)

Buscando respostas para contestar o panorama vigente dentro da Igreja, alguns membros da sociedade laica bem como membros da sociedade clerical, buscaram um novo jeito de vivenciar os valores cristãos dos primórdios da religião, perpetuado ao longo dos séculos pelos escritos dos discípulos de Jesus. Surge então um movimento que buscou realizar um trabalho mais próximo à população, optando pela pregação itinerante. Paralelo a este movimento, grupos da sociedade europeia partiam em direção à Palestina para lutar contra os turcos otomanos de religião muçumana que dominaram a região e impediam os cristãos de peregrinarem rumo a Terra Santa<sup>18</sup>.

Objetivando vivenciar a pobreza pregada nos evangelhos, surge ao longo do século XII, grupos que decidem viver juntos de forma mais radical a ideia de pobreza cristã, surgindo as ordens mendicantes. A tradição da peregrinação aos lugares sagrados para os cristãos, e o contexto religioso e social da época, levou a alguns homens partirem junto aqueles que tinham por objetivo libertar a terra santa dos turco-otomanos. Junto com a Terceira Cruzada, em peregrinação à Terra Santa, no final do século XII, estes homens decidiram estabelecer morada no monte Carmelo, perto da cidade de Haifa na Palestina, adotando um estilo de vida conhecido como Eremítico.<sup>19</sup> O monte Carmelo é formado por uma longa cadeia de montanhas, possuindo grande quantidade de grutas e cavernas que permitiram a estes peregrinos, por volta do ano de 1192, viverem de forma mais radical aos valores evangélicos, e que pudessem fazer morada.

O Monte Carmelo, se tornou este lugar propício para este estilo de vida pois foi ali que Saladino organizou sua base militar para o futuro ataque aos turco-otomanos na Terra Santa. Após a conquista da cidade de Acre pelos cruzados, o local se torna seguro para os cristãos, pois pertencia ao Reino Latino. Segundo a tradição judaico-cristã, este monte está intimamente ligado aos personagens bíblicos Elias<sup>20</sup> e Eliseu<sup>21</sup>. Estavam próximos a uma fonte, que segundo esta mesma tradição, Elias teria feito brotar da rocha quando enfrentava os profetas de Baal<sup>22</sup>.

---

<sup>18</sup> Este movimento ficou conhecido na História como parte do que foi denominado Cruzadas.

<sup>19</sup> Estilo de vida em que se busca a vivência solitária e silenciosa, vivendo de forma simples e austera, podendo-se viver individualmente ou em grupos tendo como princípios básicos: a solidão, o jejum e a mortificação corporal, o trabalho manual para o sustento, a oração e a itinerância com objetivo de venda de seu trabalho e de pregação popular (BOAGA, 1989).

<sup>20</sup> Elias foi um profeta que viveu no reino de Israel, durante o século IX a.C. Seus feitos estão registrados no livro bíblico denominado: *Livro dos Reis*. Elias defendeu o culto de Javé contra a veneração do deus caanita Baal

<sup>21</sup> Discípulo do profeta Elias, Eliseu o sucedeu no Reino do Norte em Israel. Pertencia a uma abastada família e serviu a Elias durante um tempo, e o sucedeu após sua ascensão aos céus. Foi o um dos profetas que mais tem milagres registrados na Bíblia. Seus feitos estão registrados no *Segundo Livro dos Reis*.

<sup>22</sup> Cfr. 1Rs, 18, 19-40: Agora, pois, manda reunir-se a mim todo o Israel no monte Carmelo; como também os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal, e os quatrocentos profetas de Aserá, que comem da mesa de Jezabel.

Este grupo de homens que viviam no Monte Carmelo adotaram um estilo de vida baseado na oração, com enfoque central na leitura bíblica, vivendo a “espiritualidade da peregrinação aos lugares santos” (BOAGA, 1989, p. 29). Com isto cumpriam o voto, ou seja, a vontade de “permanecer para o resto da vida a fim de *‘vivere in obsequio Christi’* (=prestar serviço à Cristo)” (Ibidem). Para cumprir este propósito, os homens que passaram a habitar o monte Carmelo viviam em um ambiente de simplicidade, favorecendo a oração, a contemplação e a solidão. Visavam auxiliar aqueles que buscavam visitar a cidade de Jerusalém, pois o local era também o caminho principal dos peregrinos entre Accon<sup>23</sup> e Cesaréia<sup>24</sup>. A vida destes homens tinha como ponto central a figura do próprio Jesus Cristo, assumindo suas ideias de serviço em favor do próximo, no silêncio e na oração, também tomando como exemplo a figura de Elias relatado no primeiro livro dos Reis<sup>25</sup>.

Empenhando-se em terem reconhecidos seu estilo de vida e como um grupo

---

Então. Acabe convocou todos os filhos de Israel; e reuniu os profetas no monte Carmelo. Então Elias se chegou a todo o povo, e disse: Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o, e se Baal, segui-o. Porém o povo nada lhe respondeu. Então disse Elias ao povo: Só eu fiquei por profeta do Senhor, e os profetas de Baal são quatrocentos e cinquenta homens. Deem-se nos, pois, dois bezerros, e eles escolham para si um dos bezerros, e o dividam em pedaços, e o ponham sobre a lenha, porém não lhe coloquem fogo, e eu prepararei o outro bezerro, e o porei sobre a lenha, e não lhe colocarei fogo. Então invocai o nome do vosso deus, e eu invocarei o nome do Senhor; e há de ser que o deus que responder por meio de fogo esse será Deus. E todo o povo respondeu, dizendo: É boa esta palavra. E disse Elias aos profetas de Baal: Escolhei para vós um dos bezerros, e preparai-o primeiro, porque sois muitos, e invocai o nome do vosso deus, e não lhe ponhais fogo. E tomaram o bezerro que lhes dera, e o prepararam; e invocaram o nome de Baal, desde a manhã até ao meio-dia, dizendo: Ah! Baal, responde-nos! Porém nem havia voz, nem quem respondesse; e saltavam sobre o altar que tinham feito. E sucedeu que ao meio-dia Elias zombava deles e dizia: Clamai em altas vozes, porque ele é um deus; pode ser que esteja falando, ou que tenha alguma coisa que fazer, ou que intente alguma viagem; talvez esteja dormindo, e despertará. E eles clamavam em altas vozes, e se retalhavam com facas e com lancetas, conforme ao seu costume, até derramarem sangue sobre si. E sucedeu que, passado o meio-dia, profetizaram eles, até a hora de se oferecer o sacrifício da tarde; porém não houve voz, nem resposta, nem atenção alguma. Então Elias disse a todo o povo: Chegai-vos a mim. E todo o povo se chegou a ele; e restaurou o altar do Senhor, que estava quebrado. E Elias tomou doze pedras, conforme ao número das tribos dos filhos de Jacó, ao qual veio a palavra do Senhor, dizendo: Israel será o teu nome. E com aquelas pedras edificou o altar em nome do Senhor; depois fez um rego em redor do altar, segundo a largura de duas medidas de semente. Então armou a lenha, e dividiu o bezerro em pedaços, e o pôs sobre a lenha. E disse: Enchei de água quatro cântaros, e derramai-a sobre o holocausto e sobre a lenha. E disse: Fazei-o segunda vez; e o fizeram segunda vez. Disse ainda: Fazei-o terceira vez; e o fizeram terceira vez; de maneira que a água corria ao redor do altar; e até o rego ele encheu de água. Sucedeu que, no momento de ser oferecido o sacrifício da tarde, o profeta Elias se aproximou, e disse: Ó Senhor Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, manifeste-se hoje que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo, e que conforme à tua palavra fiz todas estas coisas. Responde-me, Senhor, responde-me, para que este povo conheça que tu és o Senhor Deus, e que tu fizeste voltar o seu coração. Então caiu fogo do Senhor, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e o pó, e ainda lambeu a água que estava no rego. O que vendo todo o povo, caíram sobre os seus rostos, e disseram: Só o Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus! E Elias lhes disse: Lançai mão dos profetas de Baal, que nenhum deles escape. E lançaram mão deles; e Elias os fez descer ao ribeiro de Quisom, e ali os matou.

<sup>23</sup> Também conhecida como Acre, é uma cidade de Israel situada na região da Galileia, a norte da Baía de Haifa, na costa do mar Mediterrâneo, localizada próximo ao Monte Carmelo.

<sup>24</sup> É uma antiga cidade e porto marítimo, construída por Herodes, o Grande cerca de 25 – 13 a.C. Situa-se na costa mediterrânea de Israel, cerca de meio caminho entre Tel Aviv e Haifa.

<sup>25</sup> É um livro Bíblico que conta as histórias dos reis de Israel no Antigo Testamento, começando com a morte do rei Davi no livro de I Reis e vai até a libertação do Rei Joaquim do cativo babilônico no livro de II Reis.



pertencente à Igreja, os peregrinos que viviam no Monte Carmelo, por volta do ano de 1207 buscam Alberto, patriarca de Jerusalém, para que estes Ihes dessem uma norma de vida. Segundo Boaga (1989, p. 32), “o projeto se apresenta, portanto, como itinerário de crescimento de todo o ser humano através de elementos vivenciais: oração continua em contato íntimo com a Bíblia e através de vigília e salmos [...] a revisão comunitária e a corresponsabilidade de todos para o bem comum”.

Outra grande inspiração, para estes viventes do Monte Carmelo, exercerem seu propósito se deu na personagem bíblica de Maria. Os Carmelitas entendiam Jesus Cristo como o Senhor do Lugar<sup>26</sup> e por aceitarem Maria como mãe de Jesus, esta assume a característica da mentalidade feudal, de que a mãe do senhor é a “senhora do lugar” (Ibidem, p. 75) que cuida e ampara suprindo as necessidades dos “servos de seu filho” (Ibidem). Esta ideia vem ao encontro do propósito dos homens que decidiram viver no Monte Carmelo. Além de viver em oração, buscar a vida em comum, a pobreza e o serviço à Jesus Cristo também se projetam nas pessoas, o que fundamenta a ideia de se colocar “inteiramente à disposição”.

FIGURA 4 - BRASÃO DA ORDEM DOS IRMÃOS DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA DO MONTE CARMELO



FONTE: SITE OFICIAL DA ORDEM DO CARMO (2015).

<sup>26</sup> A ideia de senhor do lugar se dá devido ao pensamento da sociedade feudal vigente na época. O dono do feudo era popularmente chamado como senhor do lugar. Deste fato associou-se a figura de Jesus Cristo como propósito de vida e do lugar em que habitavam.

Adotando em seu Brasão referências que remetem ao seu início, os Carmelitas representaram neste, (FIGURA 4) o seu local de origem, no centro do escudo, contendo três estrelas principais: As duas superiores representando os profetas bíblicos inspiradores da Ordem - Elias e Eliseu, e ao centro a estrela que representa o exemplo de Maria. No alto do escudo a coroa representando a posição de Rei dada a Jesus Cristo, sobreposta com uma espada de fogo, em alusão a espada do Profeta Elias e o simbolismo do profetismo no modo de vida dos religiosos. As 12 estrelas representam a unidade dos apóstolos e com isto a busca da vida em comum e em fraternidade. Por fim a frase que fez parte do ideal de vida buscado pelos peregrinos que habitavam o monte Carmelo (BOAGA, 1989).

Em 1238 ao retornarem para a Europa, porém não como um peregrino individual, mas um grupo constituído com um propósito de vida, os religiosos necessitaram realizar a releitura de seu carisma, adaptando seu estilo de vida as existentes no continente até então, adaptando dentre eles o propósito de viver em fraternidade, uma vez que no Monte Carmelo, apesar de serem um grupo, a solidão e o eremitismo era um ponto forte da Ordem, manter-se fiel ao propósito inicial e a primeira norma de vida, escrita por Alberto, em um contexto se assim pode ser chamado de urbano, e pôr fim a tendência de clericalização dentro da Ordem o que poderia criar um grau hierárquico entre os membros. Esta emigração se deu principalmente pela “instabilidade política da Palestina e pelas dificuldades provenientes dos sarracenos que iam ficando donos da situação” (BOAGA, 1989, p. 38).

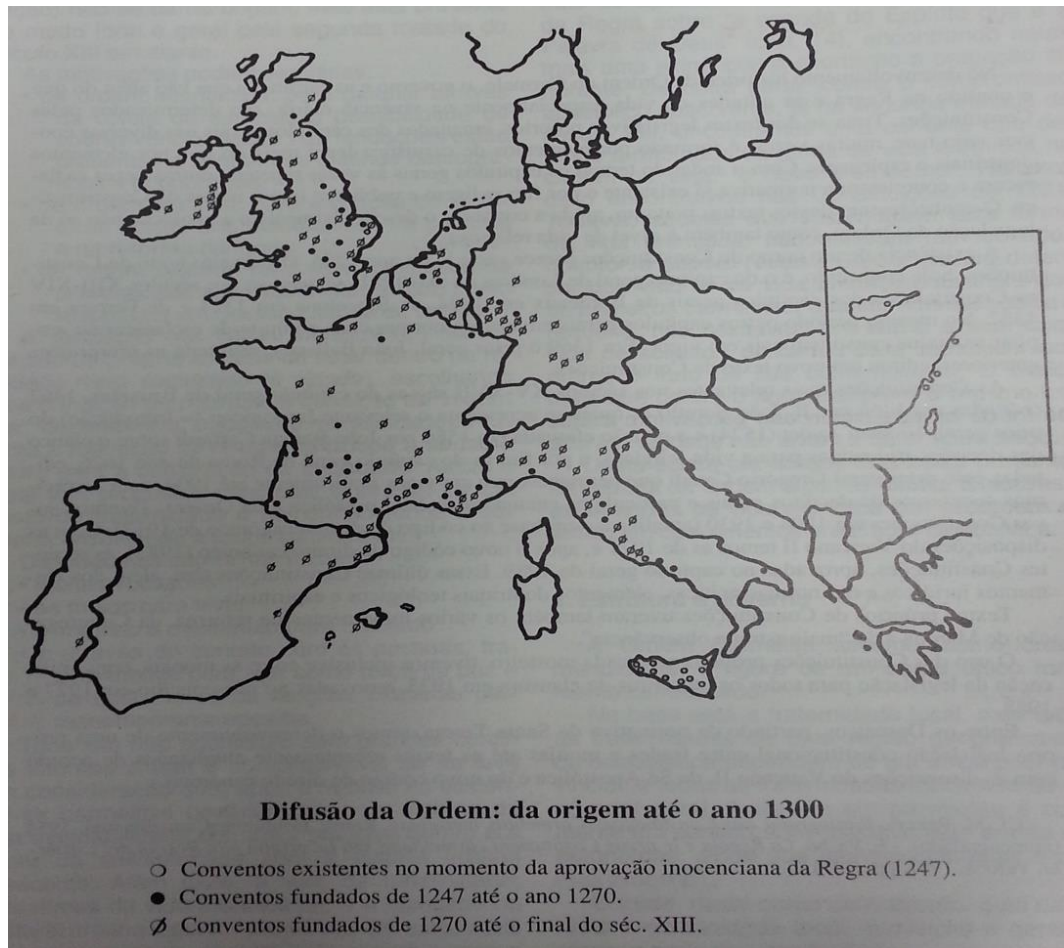
Buscando escapar desta situação, os religiosos fundaram conventos na Itália, Inglaterra, França, territórios da Atual Alemanha, Espanha e Irlanda (FIGURA 5). Percebe-se que o grande movimento fundacional na Europa se deu majoritariamente pós aprovação da regra carmelita por Inocêncio IV. Os primeiros anos pós emigração da Palestina fixaram na região franco germânica e inglesa. Por sua vez após 1270, os religiosos passam a se fixar na Europa Central e Anglo-Saxônica. Os conventos alemães foram fundados provavelmente em 1265 e posteriormente, em 1318 dividindo-se em dois grupos: A província<sup>27</sup> Alemã Inferior e a província Alemã Superior, esta última sendo oficialmente instaurada no Capítulo Geral da Ordem em 1348.

A província Germanis Superioris tem grande importância neste trabalho, pois foi a partir dela, séculos depois de sua fundação, que originou o grupo religioso que se destinou a Paranavaí a partir de 1951.

---

<sup>27</sup> Para melhor administração das ordens religiosas e congregações se dividem em grupos que atuam em determinadas regiões com um determinado número de religiosos o qual se denomina província.

FIGURA 5 - MAPA DAS FUNDAÇÕES CARMELITAS ATÉ 1300



FONTE: BOAGA, 1989, p. 39.

Almejando a aceitação papal de seu modo de vida, bem como para poderem sobreviver no ambiente europeu, que reconhecia somente as Ordens mendicantes, os Freis Carmelitas, submeteram sua norma de vida, redigida por Alberto, Patriarca de Jerusalém para aprovação papal. Após a interferência de vários papas, Inocêncio IV, no ano de 1247, aprova definitivamente, a regra de vida dos Carmelitas com as devidas alterações para que estes pudessem ser reconhecidos como uma Ordem Mendicante. Ao longo dos tempos a Ordem Carmelita passou por várias releituras do carisma bem como, movimentos de reforma que modificaram a vida dos religiosos adequando a necessidade cada tempo. Uma das grandes crises enfrentadas pelas ordens religiosas era chamada de conventualismo. Este movimento

consistia em um sistema peculiar de vida nos conventos, habitualmente situados nos centros das cidades, caracterizando por uma interpretação menos rígida da Regra e dos ideais dos fundadores, e isso com o consentimento da hierarquia e como resposta às exigências de apostolado ao serviço da Igreja e da sociedade (BOAGA, 1989, p. 89).

Os Carmelitas não ficaram livres de perceberem em seus conventos este movimento. No final do século XIII, o conventualismo contribuiu para o esfriamento dos propósitos iniciais, somando-se as crises vivenciadas na Igreja e na sociedade nos 2 séculos posteriores, resultaram em abusos, relaxamentos e inclusive em fechamento de conventos. Alguns papas como Eugênio IV (1432), Pio II (1459) e Xisto IV (1476), contribuíram de certa forma para o aumento da crise, quando permitiram alguns “afrouxamentos” da regra de vida inicial, como “a redução da abstinência e do jejum; permissão para permanecer nas igrejas; claustros e respectivos ambientes em tempos oportunos” (Ibidem).

Neste sentido, buscando voltar às origens, tanto do local de onde saíram e junto com ele sua espiritualidade, tanto da força renovadora das ordens mendicantes, dentro da Igreja, os Carmelitas passaram por várias reformas dentre os séculos XIV-XV. Uma das principais reformas neste momento, foi realizada pelo prior geral João Soreth<sup>28</sup>, que buscou fundamentar o regresso à observância da regra aprovada por Inocêncio IV, buscando evidenciar alguns valores como a separação do mundo, o cristocentrismo, a obediência, humildade, silêncio, introduzindo na Ordem a meditação, que era vista como caminho para realizar o ideal contemplativo (BOAGA, 1989).

A mais importante reforma da Ordem dos Irmãos Carmelitas, se deu pelas mãos, da monja Teresa de Jesus d’ Ávila<sup>29</sup> e pelo frei São João da Cruz<sup>30</sup>, conhecida como reforma teresiana ou dos descalços, em que surge uma ramificação separada da Ordem inicial. Esta reforma surgiu na Espanha e foi inserida dentro o fenômeno religioso de “releitura das origens” (BOAGA, 1989, p. 94), buscando solucionar as problemáticas vividas pela Igreja católica e as reformas protestantes. Esta reforma buscou realizar a releitura do carisma principalmente atendendo à realidade e à necessidade do tempo.

---

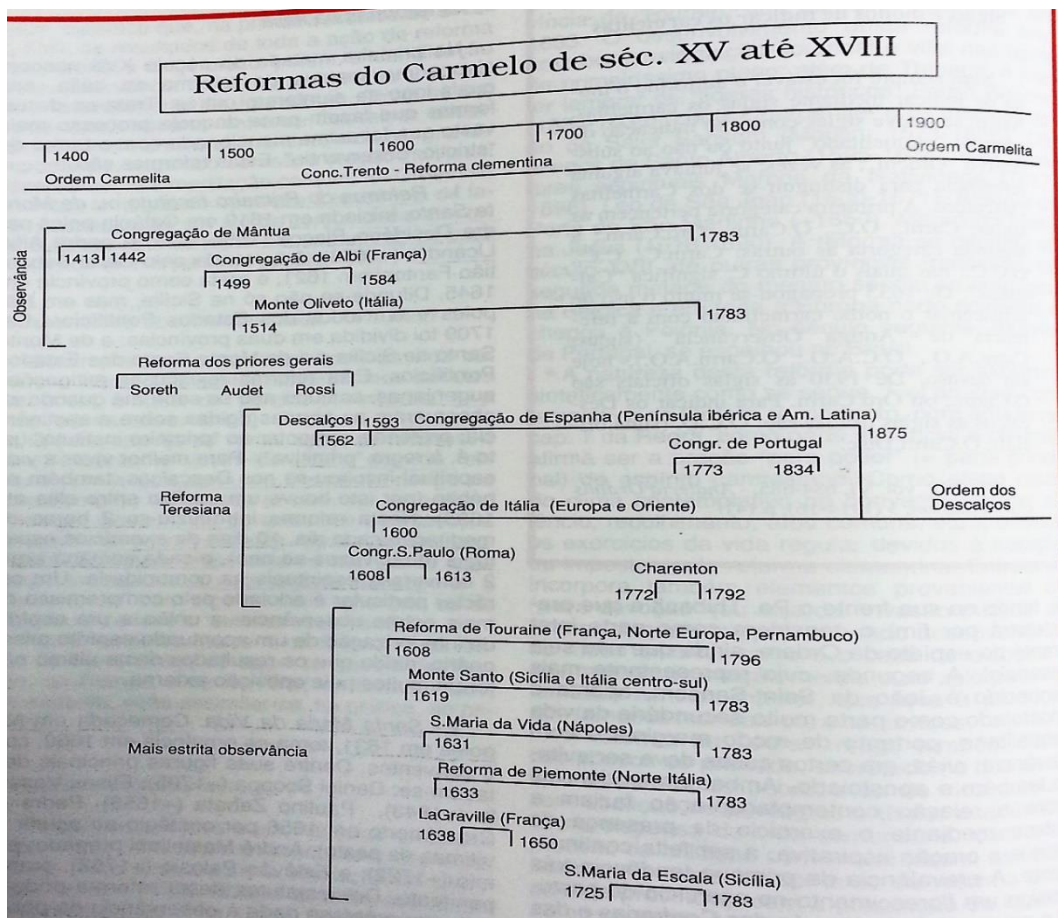
<sup>28</sup> Nasceu vizinho à Caen, na Normandia em 1394 e entrou para o convento dos Carmelitas desta cidade. Por volta de 1417 foi ordenado sacerdote e foi mestre de teologia (Paris, 1438) e depois “refente dos estudos” (responsável pelos estudos). Foi provincial de sua província de França em 1450-51 e prior geral da Ordem a partir de 1451 até sua morte. Dedicou-se inteiramente à reforma, percorrendo a Europa para fazer visitas canônicas e promovendo a “observância” [...] Morreu em Angers no dia 25 de julho de 1471. (BOAGA, 1989, p. 87) [grifo do autor].

<sup>29</sup> Nasceu em Ávila (antiga Castilha, Espanha) em 1515, falecendo em Alba (Salamanca) em outubro de 1582. Entrou no Carmelo da Encarnação de Ávila em novembro de 1535, fugindo de casa. Em 1560 teve a primeira ideia de um novo Carmelo, onde pudesse viver melhor sua regra. Cinco anos mais tarde Teresa obteve do superior geral da Ordem, a permissão de multiplicar seus mosteiros e licença para fundar dois conventos de Carmelitas Contemplativos (chamados de descalços).

<sup>30</sup> Nasceu no ano de 1452 em Fontiveros (Ávila, Espanha). Desde cedo ficou órfão de pai e teve que transferir-se com sua mãe de um lugar para outro, enquanto levava em frente como podia seus estudos e procurava ganhar a vida. Em Medina no ano de 1563 vestiu o hábito dos Carmelitas e após o ano de noviciado, obteve licença de viver segundo a Regra sem atenuações. Ordenado sacerdote em 1567, se encontrou com a monja Teresa de Jesus d’ Ávila, e passou a auxiliar a monja no seu projeto de fundar os conventos dos Carmelitas contemplativos. Desempenhou diversas funções dentro da reforma. De 1572 a 1577 foi também confessor-governador do mosteiro da Encarnação de Avila. Morreu em dezembro de 1591 em Ubeda, aos 49 anos.

A ordem religiosa passou ainda por várias reformas (FIGURA, 6), até o final do século XVIII. O que se observa é que estas reformas sempre tiveram o objetivo de retorno às origens, mas sempre com o objetivo de atender a realidade vivida na época em que esta era feita. Muitas vezes estas reformas tinham como contexto as crises na vivencia tanto da instituição Igreja Católica e seus desdobramentos como as reformas que vieram depois da reforma protestante, quanto das crises vividas dentro da própria Ordem.

FIGURA 6 - TABELA DAS REFORMAS OCORRIDAS NA ORDEM CARMELITANA, SÉC. XV ATÉ SÉC XVIII



FONTE: BOAGA, 1989 p.102

Outro fator a ser considerado foram as reformas que surgiram a partir da Reforma iniciada por Lutero e Calvino no século XVI. Vale salientar que o efeito desta reforma na Ordem em outros países que não a Espanha e Itália foram profundos. A violência marcou o fechamento de vários conventos e a supressão de várias províncias nos países Bálticos, Inglaterra, Escócia, Irlanda e as terras da atual Alemanha.

No início do século XVII a Ordem como um todo contava com aproximadamente 690 conventos e pouco mais de 12.000 religiosos dentro do ramo masculino. Já o ramo feminino que nesta época estava estrito as monjas de clausura, contavam com aproximadamente 1500 monjas. Dos conventos masculinos, a maioria se encontrava na Itália. Na França neste período existiam aproximadamente 122 casas religiosas, além do convento geral de Paris e 1691 religiosos (BOAGA, 1989, p. 109).

A experiência missionária brasileira, se inicia ainda no século XVI. Em 1580, os primeiros carmelitas, chegam em solos brasileiros, fundando um convento na cidade de Olinda (PE). Em 1595, a província de Portugal, responsável pela nova frente missionária, autoriza a fundação de mais 4 casas em território brasileiro: Salvador (1586), Santos (1589), e na Lapa (RJ) (1590). Em 1606 são 6 conventos e 99 religiosos (Ibidem, p. 206). A partir de então várias casas, com religiosos de diversos países da Europa, principalmente Holanda, fundam conventos Carmelitas em Angra dos Reis (1593), São Paulo (1596), São Cristóvão de Sergipe (1600), São Luiz (1616), Belém (1624) e Mogi das Cruzes (1629). Neste momento a releitura do carisma em terras brasileiras deu mais ênfase na instrução e assistência moral e religiosa do povo bem como a propagação da devoção mariana, por meio do escapulário<sup>31</sup>.

Em 1640, o superior Geral da Ordem, atendendo a pedidos dos religiosos que viviam no Brasil, que solicitavam maior independência, instituiu a primeira província brasileira, chamada de Província de Santo Elias, porém sob protestos do governo lusitano, a Ordem volta atrás em sua decisão, mantendo somente a organização de duas vices províncias: A vice província do Brasil e a vice província do Maranhão. No último quarto do século XVII, a vice província do Brasil, contava com aproximadamente 186 religiosos enquanto a vice província do Maranhão, tinha 60 membros (Ibidem).

A vice província do Brasil conseguiu-se organizar de uma forma em que os frades pudessem ter mais liberdade de trabalho e também por serem advindos de várias regiões da Europa. Em 1685 a vice província se subdividiu em 2 vicariatos:<sup>32</sup> O do Rio de Janeiro que abarcou os conventos do Rio de Janeiro, Santos, São Paulo, Espírito Santo (fundado em 1685); e o da Bahia-Pernambuco, com os outros conventos: Olinda, São Cristóvão, Paraíba, Recife (1636), Goiana (1666) e Salvador.

---

<sup>31</sup> O escapulário é um objeto símbolo da reigião cristã católica que consiste em duas imagens: uma do sagrado coração de Jesus Cristo e outra de Nossa Senhora do Carmo. Possui significado de “proteção” física e espiritual. Surgiu como parte da vestimenta dos religiosos das Ordens mendicantes. Além de proteção, o escapulário em sua forma original, servia como um avental para não sujar o hábito dos religiosos quando estivessem trabalhando.

<sup>32</sup> São divisões territoriais e administrativas com o objetivo de organizar e tornar mais eficaz a administração da Igreja católica, equiparando a uma prefeitura.

Após 35 anos desta organização, os vicariatos conseguiram ganhar o status de província, independente de Portugal e Autônomas. Vale ressaltar que o século XVII e XVIII foram de grande crescimento para a Ordem do Carmo no Brasil, tanto na entrada de novos vocacionados, com objetivo de abraçar como forma de vida o estilo Carmelita, quanto geograficamente. No primeiro quesito, ao final do século XVIII o Brasil contava com a presença de aproximadamente 500 religiosos divididos em 3 províncias distintas (Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco). As atividades destes religiosos estavam voltadas principalmente para as atividades pastorais de pregação, de sacramentalização e da devoção Mariana. Neste sentido percebe-se que o Carmelo brasileiro, devido a necessidade local, deu mais ênfase no profetismo e na pregação da palavra, do que o próprio modelo contemplativo inicial, não que este tenha se perdido, mas sim não teve tanta ênfase como nos primórdios de sua fundação no século XII.

Passando pelo mesmo processo que outras ordens religiosas, o Carmelo brasileiro, teve grandes perdas com as leis impostas pelo Marquês de Pombal, com a proibição de abertura de novas casas, bem como o acolhimento de novos integrantes, a Ordem quase viu sua extinção em território brasileiro. O reestabelecimento da Ordem no Brasil veio junto com o advento da República, que pela separação entre a Igreja e o Estado, as ordens religiosas podiam retomar suas atividades dentro do país. Nota-se que no início da República, o Carmelo brasileiro contava com aproximadamente 8 membros em todo território.

A pedido do Responsável Geral da Ordem, em 1894, os Carmelitas espanhóis iniciam a restauração do Carmelo brasileiro, vindo primeiramente para Recife e alguns anos depois em Angra dos Reis e no Rio de Janeiro. Posteriormente, por decisão capitular, os religiosos espanhóis concentram forças em restaurar as casas da região nordeste do país. Para os conventos do Rio de Janeiro, novamente o Carmelo Holandês envia membros para sua reorganização.

Após o reflorescimento das vocações e com isto, o aumento considerável de religiosos, os Carmelitas espanhóis retornam a sua terra, surgindo assim a Província Carmelitana Pernambucana em 1949. No caso dos Holandeses, o processo se deu de forma muito parecida. Constantemente adentravam o Carmelo brasileiro, vocações vindas da Holanda bem como brasileiras, retomando o status de província no ano de 1922. Anos mais tarde os religiosos vindos da Alemanha fundam uma frente missionária no sul do país, que posteriormente dará origem a um comissariado, o qual será abordado de forma mais detalhada no próximo subcapítulo.

### 2.2.1 Comissariado do Paraná em sua gênese: a frente missionária em Paranavaí

Buscando viver seu carisma fundante, de peregrinação e de pregação aos povos e neste sentido pode se entender a ideia de ideologia de Ricoeur (1977, p. 68) quando este afirma que esta se faz como função que retoma um acontecimento distante, perpetuando assim a “energia inicial para além de efervescência” retomando a ideia da mendicância e do se colocar a serviço dos ideais propostos por Cristo e registrado nos Evangelhos, os Carmelitas da Província Germanis Superioris, na Alemanha, decidem em um capítulo provincial, por volta de 1930, fundar uma nova frente missionária no sul do Brasil.

A partir da decisão tomada, os religiosos alemães que passavam por dificuldade financeira e também por não possuírem um lugar certo para sua fundação, enviam em 1936 um religioso, Ulrico Goevert<sup>33</sup>, ao Brasil para que este se ambientasse no país e que procurasse um local para a fundação da nova frente missionária. Frei Ulrico foi transferido provisoriamente para a Província Carmelitana Pernambucana, o qual exerceu a função de mestre de noviços<sup>34</sup> por 15 anos. Sua estadia na província pernambucana foi prolongada devido ao conflito que o mundo enfrentou na primeira metade da década de 1940, o qual seu país de origem, era um dos principais personagens dentro deste conflito, o que impossibilitou sua província natal de levar a cabo, ao menos por enquanto os planos missionários.

Passado o conflito, o religioso alemão recebeu a incumbência de seus superiores, em 1951, a dar prosseguimento ao projeto interrompido pela guerra. Segundo escritos de frei Ulrico, em um relato memorialístico, foi grande a busca por uma frente missionária no sul brasileiro. “Escrevi na época, para vários bispos no sul do país pedindo uma paróquia para eu

---

<sup>33</sup> Ulrico Goevert cujo nome de batismo era Hubert nasceu em 13 de maio de 1902 em Darfléd, Alemanha. Inicialmente pretendia ser engenheiro de mineração, mas entrou para o seminário carmelita em Bamberg onde foi ordenado sacerdote em junho de 1928. Recebendo a incumbência do Superior Geral dos Carmelitas de ser mestre de noviços em Pernambuco em 1936. Em 1951 cumprindo a ordem de seu superior na Alemanha e do Superior Geral dos Carmelitas. Ulrico Goevert parte para a abertura de uma frente missionária na região sul do Brasil, mais especificamente no povoado que se tornara Paranavaí, onde faleceu em outubro de 1983 (SANTIM, 2008).

<sup>34</sup> Termo utilizado na Igreja Católica Romana para fazer referência ao religioso a quem foi encarregado o treinamento de noviços ou noviças e o controle sobre o noviciado de uma instituição religiosa. Sua função é garantir que o período do noviciado seja dedicado à oração, meditação e ao desenvolvimento do caráter pelo estudo da vida de Cristo e dos santos, da história da Igreja, dos votos e da constituição da instituição. Durante o período probatório, cabe a ele reportar sobre o desenvolvimento de cada noviço ou noviça às autoridades superiores. Para realizar a função, o mestre ou a mestre não ocupa nenhum outro cargo e está dispensado de todas as demais funções. Estritamente falando, ele não é um "superior" de acordo com a definição da lei canônica, apesar de ter os mesmos direitos e deveres sobre os noviços que um superior tem sobre seus súditos. A lei canônica prescreve que um mestre deve ter pelo menos 35 anos, pelo menos 10 de vida religiosa e ser eminente em prudência, caridade, piedade e na observância das regras e regulamentos da instituição. Se a sociedade em questão é uma na qual uma grande quantidade de membros poderá, no futuro, ser ordenado ao sacerdócio, o mestre dos noviços precisa ser um padre.



trabalhar. De alguns não recebi qualquer resposta, de outros, só negativas” (GOEVERT, 1952, p. 4).

Após receber várias negativas, o religioso carmelita decide sair a procura de uma paróquia para iniciar o desejo de seus superiores. Ulrico embarca com destino à São Paulo buscando auxílio de seus confrades residentes neste Estado. Após conversar com vários membros de sua ordem, o religioso alemão recebeu a informação de que uma diocese no norte do Paraná necessitava de religiosos para disseminar a fé católica na região.

Ulrico Goevert foi recebido em uma audiência pelo então bispo de Jacarezinho, D. Geraldo de Proença Sigaud SVD<sup>35</sup>. D. Geraldo lhe concede uma paróquia de sua diocese, localizada no noroeste do Paraná, em um povoado chamado Paranavaí. Em seus relatos Frei Ulrico escreve que após uma reflexão, D. Geraldo lhe disse: “eu tenho ainda uma paróquia que é a maior de minha diocese, terra nova onde tudo deve ainda ser organizado. Esta tem uma superfície de 12.000 km<sup>2</sup>. Chama-se Paranavaí” (GOEVERT, 1992 p. 6). Em nota, o religioso ainda afirmou que o bispo lhe havia dito que se tratava de uma paróquia que ninguém queria ir.

Após iniciar os trabalhos em Paranavaí, que inicialmente foram dedicados aos trabalhos pastorais e a administração de sacramentos, Frei Ulrico acostumado e buscando viver um dos fundamentos de sua ordem: a vida em comunidade, solicitou ao provincial pernambucano um “confrade com o qual pudesse conversar e planejar as atividades” (Ibidem, p. 19). Um mês depois, mais precisamente, dia 03 de outubro de 1951, chega a Paranavaí Frei Estanislau<sup>36</sup> que em relato aos fiéis alemães percebe-se um tom discriminatório, que possivelmente fazia parte do pensamento alemão da época. “Este frei Estanislau tinha a cor da

---

<sup>35</sup> Terceiro bispo da diocese de Jacarezinho, D. Geraldo de Proença Sigaud nasceu na cidade de Belo Horizonte em 26 de setembro de 1909. Entrou para a congregação dos missionários do Verbo Divino, também conhecidos como verbitas recebendo a ordem sacerdotal no dia 12 de março de 1932 em Roma, e sagrado Bispo no dia 1º de maio de 1947, em São Paulo. Foi designado para a diocese de Jacarezinho no mesmo ano onde exerceu seu episcopado até 1961, sendo transferido posteriormente como arcebispo para a arquidiocese de Diamantina. Autor de uma carta pastoral conhecida como “Catecismo anticomunista”, que foi bastante difundida pelo Brasil. D. Geraldo foi professor catedrático da Universidade Católica de São Paulo e da Faculdade de Filosofia em Jacarezinho. Considerado de linha conservadora. D. Geraldo foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade. Renunciando ao seu múnus episcopal em setembro de 1980 tornou-se bispo emérito de Diamantina. Faleceu em setembro de 1999 na cidade de Belo Horizonte. (VERBUM DOMINI, 2009).

<sup>36</sup> Frei Estanislau nasceu no dia 28/09/1924 em Gravatá – PE e foi batizado com o nome de Agripino José de Souza. Entrou na Ordem do Carmo em Recife, onde foi noviço de Frei Ulrico. Em Paranavaí, ajudou Frei Ulrico até dezembro de 1955. Após esta data deixou a ordem e trabalhou alguns anos no Rio de Janeiro. Retornando a Paranavaí e a ordem, iniciou os estudos para chegar ao sacerdócio. O ginásio fez na Escola Paroquial e o clássico no Colégio Estadual de Paranavaí. Em 1970 foi para Curitiba, onde fez o noviciado novamente e os estudos de Filosofia e Teologia. Aos 50 anos de idade foi ordenado sacerdote no dia 16/03/1975. Após a conclusão do curso de Teologia no final de 1975, foi transferido para Paranavaí, onde se dedicou especialmente à vila Operária, um bairro da cidade paranavaense. Ali construiu a igreja, o salão de festas e a sala de catequese. Em fevereiro de 1988 foi para Querência do Norte para trabalhar como pároco. Faleceu no dia 17/05/1989.

pele preta, mas tinha uma alma branca e um coração de ouro” (GOEVERT, 1992, p.19)

Frei Estanislau auxiliou em vários momentos, frei Ulrico no desenvolvimento da nova frente missionária, procurando soluções para vários problemas enfrentados, desde pastorais, até o dia a dia do convento. Certa vez, relata o religioso alemão que com a dificuldade de comprar carne, Frei Estanislau lhe solicitou permissão para conseguir o alimento. “ Se o senhor quiser, eu arrumo carne para a semana toda e não custa um centavo. Só que eu deverei sair amanhã bem cedo e voltar bem tarde da noite. Como eu vou conseguir é um segredo que não vou revelar agora” (GOEVERT, 1992, p. 21). Ao retornar, o religioso nordestino trouxe junto consigo vários animais que tinha caçado. Em outra ocasião, Frei Estanislau com objetivo de fabricar velas a serem utilizadas na festa da páscoa, pediu autorização ao padre alemão para buscar na mata cera de abelhas para fabricação das mesmas.

No trabalho pastoral coube a Frei Estanislau iniciar o trabalho de evangelização por meio da catequese com os meninos, enquanto as meninas ficaram a cargo da professora Irene Patriota<sup>37</sup>, a qual posteriormente auxiliou na fundação da escola.

Em seus relatos sobre a frente missionária, o Ulrico registrou parte do cotidiano dentro da frente missionária, as dificuldades financeiras, bem como as dificuldades de uma sociedade em seu momento de fundação. O religioso registrou, por exemplo, a dificuldade das pessoas em conseguirem documentos oficiais, e como, por falta de proventos, os pais encaminhavam seus filhos ao casamento ainda muito jovens.

Por ser difícil encontrar registro de nascimento e certidão de batismo aqui neste país, os bispos decidiram que em um lugar da certidão de batismo é válido o juramento do país ou dos parentes mais próximos. Então chegou até mim uma mocinha com seu namorado. Querem casar e ela afirma ter 16 anos de idade. O pai estava preparado para sob juramento confirmar, porém percebi que o que ele queria mesmo era se livrar da filha. Também a mocinha me pareceu bastante miúda e não desenvolvida o suficiente para essa idade. Por isso expliquei para ele o castigo de Deus para os perjúrios e interroguei aos presentes quem poderia me jurar além do pai, que a noiva tinha 16 anos. Dito isto ergueu-se um homem e disse: “Eu juro que a menina tem 13 anos e 8 meses, eu sei quando e onde ela nasceu”. Dirigi-me então ao pai da menina e dei-lhe uma pesada lição moral que o fez ficar mudo. A “noiva”, porém, tomou o seu todo amado pelo braço, e disse furiosa: “Se o vigário não quer nos casar então nós vamos dormir juntos assim mesmo”. Irritado dei a resposta: “Vocês poderão na verdade esta noite dormir sob o mesmo teto, mas em duas celas separadas, na cadeia! [...]. Isso é claro que o pai também não queria. Assim, levou a sua querida filha de volta para casa. (GOEVERT, 1992, p. 13)

Em outra ocasião o religioso alemão relatou a falta da lei que se tinha nesses novos povoados. Paranavaí em sua gênese, tinha marcada em sua história a experiência manifesta do

---

<sup>37</sup> Irene Gomes Patriota nasceu no dia 25/09/1921, no distrito de Angelin, que na época pertencia a Garanhuns – PE. Chegou em Paranavaí no dia 17/11/1944. Após a morte de seu pai, em 1963, mudou-se para Curitiba. Em 1970 mudou se para Apucarana onde faleceu anos depois.

banditismo<sup>38</sup>

[...] quando as confissões terminaram, chegou um rapaz de mais ou menos 20 anos, e disse bem alto: “Reverendo, eu e meu pai, aquele homem que está ali atrás, queremos de todo jeito contar uma coisa para o senhor. Nós cometemos um crime, mas não estamos arrependidos e o cometeríamos hoje de novo”. Eu lhe pedi para falar mais baixo, mas ele não quis. Continuou: “todo mundo sabe o que eu fiz e eu não me envergonho disso”. Então ele narrou: “Eu tenho uma irmã de 19 anos. Numa festa familiar, ela dançou com todos e depois da festa um velho amigo a acompanhou até em casa. No dia seguinte encontrei a minha irmã chorando na roça, na hora do trabalho. Ela me contou que o meu amigo tinha lhe roubado a inocência na véspera. Eu lhe disse que isso era muito triste, mas que eu, seu irmão, providenciaria tudo para que o casamento em breve acontecesse. Na mesma noite encontrei o meu amigo, que me explicou que casaria com minha irmã[...] Ele não casou com a minha irmã [...]. Por isso nós o matamos na base da pancada, na roça, dia 16, e ali mesmo o enterramos. (GOEVERT, 1992, p. 14)

Apesar das grandes dificuldades, o religioso relata a vontade de cumprir sua missão na evangelização e no trabalho pastoral com os munícipes, através das missas e da catequese das crianças. Neste processo evangelizador o empecilho percebido pelo religioso se dava no fato das crianças não saberem ler. Foi com esta perspectiva que a ordem dos Carmelitas através de seu missionário alemão, iniciou sua nova frente missionária, buscando praticar seu propósito de vida: o serviço a todos através de Jesus Cristo. Com esta justificativa, a frente missionária funda uma escola. (GOEVERT, 1992)

### 2.3 A IGREJA E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA: CAMINHOS E DESCAMINHOS AO LONGO DO PROCESSO

Ao analisar e compreender o processo educacional brasileiro, faz-se necessário perscrutar a ação e a influência da Igreja católica sobre este. Desde o início do processo de colonização brasileira até a atualidade, as denominações religiosas, principalmente a Igreja católica, sempre estiveram presentes no desenvolvimento da educação brasileira, seja à frente com suas instituições de ensino, ou discutindo vários modelos pensados ao longo dos tempos, buscando muitas vezes, principalmente no período republicano da história brasileira, a afirmação e garantia de seu espaço junto a formação educacional dos brasileiros.

Uma das principais características que permeiam uma instituição escolar, é a ideia de que esta, é um espaço de poder, pois a mesma, tem como função principal atuar na transmissão do conhecimento, mas também, integrar os alunos e posteriormente uma

---

<sup>38</sup> Para embasamento do conceito, ver HOBBSAWM, 1976.

sociedade, em um sistema único de percepção, bastante homogêneo. Neste sentido, as instituições escolares são responsáveis pela formação do caráter e da ideologia de uma sociedade.

No caso de uma instituição confessional católica, a Igreja atua como base para a formação de uma sociedade com princípios cristãos especificamente católicos. Ao transpor este pensamento para uma cidade interiorana em sua gênese, em meados da década de 1950, o papel da escola na formação da sociedade é ainda mais evidenciado. Paranavaí foi uma cidade que teve sua formação marcada pela religiosidade popular vivida na época. Um exemplo disso, relatado por Davi Ariocho, um aficionado pela história da cidade, relata que na segunda metade da década de 1940, uma doença que ficou conhecida na localidade como peste suína, dizimou grande parte dos animais do vilarejo. Um dos grandes criadores da cidade, Salatiel relatou ao jornalista seu sofrimento pela peste: “A peste acabou com a minha porcada. Fiquei no zero” (ARIOCH, 2010, p.?) A população local buscou na religiosidade a solução para o problema. Segundo Ariocho, os colonizadores, creditaram a sobrevivência dos porcos à uma promessa realizada a São Sebastião, que segundo a crença católica, é protetor da guerra e da peste. Os moradores da vila, “se juntaram e rezaram. Falaram que se Deus os livrasse da peste suína, eles fariam de São Sebastião o padroeiro da igreja. A peste desapareceu e o povo cumpriu o prometido” (Ibidem)

Outro fator que também favorecia ao desenvolvimento de instituições escolares confessionais no Brasil e no Paraná, se dava também na ocupação do território por imigrantes e também por migrantes, que buscavam melhorar suas condições de vida. Neste sentido quando estes habitavam terras inóspitas, muitas vezes sem estrutura básica fornecida pelo Estado e nem pela Igreja, fomentavam sua fé por meio das orações e reuniões comunitárias, sem a presença clerical da igreja, este foi um dos fatores que também contribuíram para a expansão do processo de romanização vivido pela Igreja Católica, que ficou conhecido como Ultramontano<sup>39</sup>.

Este movimento de reforma, tinha como principal objetivo, a reuropeização do catolicismo, ou seja, a clericalização e a centralidade institucional na figura do sumo pontífice, buscando também, consolidar a autonomia e independência da igreja em relação ao controle estatal. Para dar base ao movimento, Pio XI elabora uma Encíclica chamada *Divini Illius Magistri*, que discutiu especialmente o processo educacional. Nesta Encíclica, o papa

---

<sup>39</sup> O Catolicismo Ultramontano, se deu pela Igreja Católica entre o final do século XIX e meados do século XX. Tinha como principal objetivo investir num programa de recuperação da tradição e da autoridade, adotando como política religiosa um modelo muito próximo àquele imposto pela Igreja no período tridentino, dando contornos definidos ao movimento. (BOSHILIA, 2002, p. 32)

apresenta o papel social da educação, e luta pela garantia do direito natural da família pela educação. O sumo pontífice discute ainda que o processo educacional é de responsabilidade da família, e do Estado, nominando estes de sociedade natural e principalmente a Igreja chamada de sociedade sobrenatural. Nos moldes deste projeto, os colégios católicos assumiram um papel cada vez mais importante dentro da sociedade, pois subsidiavam “a família na educação dos adolescentes e complementar as funções do Estado e da Igreja na formação de cidadãos cristãos” (BOSHILIA, 2002, p. 24).

A Igreja Católica no Brasil, assumiu a partir de 1920, a vertente de oferecer uma educação católica que garantisse os princípios morais e a preservação dos costumes. O que explica, de certa forma, a vinda de várias congregações religiosas neste período que tinham como carisma a educação, para fundar várias instituições escolares.

Vale ressaltar que a educação brasileira foi bastante precária no período que antecedeu ao governo republicano. Neste período a educação era restrita a um grupo privilegiado, por nascimento ou posição social. A título de informação, a média de estudantes que frequentavam a escola no período imperial, seja esta pública ou particular não superava os 24 alunos por cada 1000 habitantes. No caso do Paraná, na segunda metade do século XIX, apenas 3,5% da população paranaense frequentavam as instituições escolares, seja no primário ou secundário (ALMEIDA, 1989). Este fato pode ser comprovado pela postura política do império, na outorga da carta magna de 1824, em que o Estado se exime da responsabilidade de manter um sistema escolar o que permitiu com que a Igreja ocupasse os espaços destinados à educação em boa parte do século XIX.

A partir de 1870, o governo brasileiro começa a encarar o pensamento que a modernização do país só acontecerá quando seu povo for provido de educação. Neste sentido iniciou-se o processo de laicização da educação brasileira, com implantação de várias instituições públicas que garantissem o cientificismo, perante a educação humanista ministrada nas instituições católicas. Apesar de todo esforço para cientificação das instituições as ligações estabelecidas ao longo do tempo entre os políticos e a Igreja, fez com que este processo não ganhasse o impacto desejado, e com isto, a religião ainda continuou a ocupar um espaço de grande destaque, e até mesmo centralidade dentro dos programas escolares, permitindo assim a manutenção do poder da mesma.

A partir de então iniciou-se no Brasil os grandes embates pela disputa de espaços e pelo poder que as instituições escolares têm sobre a sociedade. Um exemplo disto se dá na reforma Leôncio de Carvalho de 1879 que tornou a instrução obrigatória aos menores de 14 anos acrescentando algumas disciplinas ao conhecido primeiro grau. Além disto, os alunos

deveriam receber noções gerais de cidadania, técnicas agrícolas para os rapazes e domésticas às moças (Ibidem). Mas o principal ponto que vinha questionar o poder clerical sobre o ensino se deu na Liberdade religiosa. Isto fica claro quando a reforma prevê “que o ensino religioso deixaria de ser obrigatório e seria ministrado em dias alternados, fora do horário escolar” (BOSHILIA, 2002 p. 37). Este ponto polêmico logo foi questionado pelos responsáveis diretos da educação das crianças e jovens. Estes afirmavam que isto faria com que a disciplina fosse supressa, dos programas escolares e que isto faria com que a imoralidade se implantasse no país.

Já no período republicano, a constituição de 1891 traz em seu corpo a laicização do ensino, o que suprimiu privilégios e espaços de poder ocupados antes pela Instituição católica. “A retirada do ensino religioso do currículo das escolas públicas e a equiparação com as demais escolas, religiosas e privadas, significava a perda de influência no campo educacional, não apenas junto às camadas mais populares, mas também entre as camadas mais elitizadas da sociedade” (Ibidem, p. 41). A partir desta discussão, a Igreja brasileira, por meio de seu episcopado elaborou um projeto educativo religioso que buscava manter os princípios da reforma ultramontana, bem como os princípios católicos dentro da sociedade, por meio do catecismo e da educação cristã, pautando-se no discurso de que a maioria da sociedade brasileira era católica e deveriam ter assegurado esse seu direito.

A laicização escolar promovida pelo advento da república, fez surgir grupos de intelectuais divergentes quanto à defesa do modelo educacional a ser seguido. De um lado o grupo mais progressista e liberal que entendia a escola pública como agente transformador da sociedade, no objetivo da construção da nação brasileira. Divergente a este pensamento, o grupo mais conservador, ligado diretamente à Igreja Católica defendeu junto a sociedade os ideais ultramontanos dentro do cenário educacional: Aquele que tem por objetivo garantir a tradição e os valores familiares.

Para conseguir efetivar seus ideais, a Igreja católica apoiou-se no seu poder micro, intervendo nas legislações estaduais, que tinham autonomia para gerir e legislar sobre a educação primária, e com isto conseguindo minimizar o confronto estabelecido em nível nacional. Com a investida sobre a educação primária e secundária, a Igreja consegue apoio das lideranças locais e dá continuidade com muita força, ao menos neste segmento, a um sistema educacional conservador, e com isto, as lideranças políticas estaduais evitavam colocar em risco seu próprio governo. Além do apoio dos políticos estaduais na época, a Igreja encontrou força para o desenvolvimento de seu projeto, em tempos republicanos, junto aos grupos oligárquicos, principalmente deputados e senadores que buscavam auxiliar as

instituições católicas por meio de proposições e projetos de lei que auxiliassem, inclusive financeiramente as instituições católicas.

Ao longo da década de 1910, vários debates sobre o processo educacional, em âmbito nacional, vieram à tona. Neste momento o catolicismo, consegue sair vitorioso, pois consolidou as suas bases sociais, políticas e morais, sobretudo sobre as elites, e consegue com isto, “aventar que, talvez, pela primeira vez na história da Igreja no Brasil, desenvolveu-se um esforço tão refinado, sistemático e bem sucedido da expansão da catolicidade” (GOMES, 1999, p. 30), tanto que em 1917, liderados por Jackson Figueiredo e Arnaldo Damasceno, um grupo de intelectuais católicos fundam a Revista *Braziléia*, que posteriormente este periódico foi substituído pela revista *Gil Blas*, que defendia o ensino religioso de forma veemente.

Em 1920 foi criada a Associação Brasileira de Educação (ABE) com o intuito de discutir o ensino brasileiro. Um fator importante sobre este grupo, é que não se alinhava com nenhum dos dois grupos postos, ou seja, não pertenciam nem ao grupo do Estado e nem ao da Igreja, apesar de simpatizar com alguns ideais de ambos. A discussão implementada por este grupo foi responsável pelo surgimento de movimentos que incentivaram as reformas educacionais ocorridas no país a partir dos anos 1930. Dentro da ABE, existiam duas linhas de pensamento: aqueles que deram origem ao movimento escolanovista, ou pioneiros da nova escola que defendiam um projeto de modernização e racionalização da área pedagógica contrário a metodologia abordada até então, ou seja, a memorização, propondo um projeto pedagógico inspirado nos princípios da liberdade. O outro grupo, formado por intelectuais católicos, leigos que estavam insatisfeitos com o atraso do país, a ignorância e a má formação intelectual e moral das pessoas. Estes intelectuais viam a laicidade e a coeducação uma afronta aos princípios da educação católica. Acreditavam também que o homem brasileiro seria reconstruído a partir da educação, mas discordavam da ideia da laicidade e da obrigatoriedade escolar, pois a decisão desta educação deve estar sempre nas mãos da família.

Por mais que se percebesse que os pensamentos escolanovistas fossem importantes e necessários ao desenvolvimento educacional brasileiro, a questão da laicidade e da coeducação esbarrava no conservadorismo da sociedade, pois embora boa parte desta não fosse praticante, apoiava-se na no catolicismo para a obtenção de seus valores morais e a educação de seus filhos. A partir da década de 1930, o processo de urbanização desenvolvido no país pela política getulista, fez com que a demanda educacional aumentasse, principalmente no ensino secundário, tanto masculino quanto feminino. O então ministro da educação e Saúde, Francisco Campos, realizou uma reforma no sistema educacional por meio de decretos, que ficou conhecida com seu próprio nome. Campos buscou atingir a estrutura de

ensino em todo país, criando uma estrutura orgânica ao ensino secundário, buscou dar voz, aos apelos do movimento renovador, que questionava a falta da organização deste seguimento de ensino. Francisco Campos, volta a conceder alguns privilégios as Instituições Católicas ao em sua reforma, equiparar as instituições particulares aos estabelecimentos públicos.

Os anos vindouros desta década foram marcados pela grande discussão acerca das propostas de ensino, entre os escolanovistas e conservadores. Em 1932 os escolanovistas lançaram um manifesto que ficou conhecido como Manifesto dos Pioneiros da Educação nova, em que se reafirmava a ideia de um ensino obrigatório, laico e para todos os gêneros. Em resposta os pensadores católicos, organizados em torno de Alceu Amoroso Lima, mantinham sua posição a respeito da educação continuar sob o regimento católico, havendo separação entre os sexos e a manutenção do ensino particular. Este embate foi bastante favorável aos considerados conservadores, pois tinham a aprovação das classes médias da sociedade. Para conseguir sensibilizar esta camada da sociedade, a Igreja utilizou-se das comemorações religiosas, transformando estas em eventos grandiosos, a exemplo a própria Inauguração do Cristo Redentor na cidade do Rio de Janeiro, bem como a consagração de Nossa Senhora Aparecida como padroeira da nação.

Esta estratégia utilizada pela Igreja surtiu grande efeito. Este pode ser percebido na Carta Magna elaborada em 1934, que apesar das reformas ainda manteve o ensino religioso, mesmo que de forma facultativa, além de outros pontos defendidos pelos grupos católicos que iam além do plano educacional, mas que garantiam o espaço da Influência da Igreja sobre a sociedade.

Outro momento em que mostra a Influência da Igreja sobre a organização social brasileira deste período foi quando o grupo conservador liderado pelos católicos conseguem indicar, em 1934 o novo ministro da Educação: Gustavo Capanema. Este grupo encaminha ao novo ministro, no mesmo ano, quais eram as expectativas da Igreja católica em relação ao processo educacional brasileiro. Nesta carta os conservadores pedem que a Educação seja estruturada nos “princípios fundamentais de base católica, com predominância das humanidades clássicas e a exclusão do “ecletismo pedagógico” e do “bolchevismo” (BOSHILIA, 2002, p. 50, grifo do autor)<sup>40</sup>.

Capanema atende os anseios do grupo que lhe auxiliara a chegar ao posto de ministro

---

<sup>40</sup> Defensores da pedagogia tradicional, os intelectuais católicos contestavam a pedagogia nova, proposta pelos escolanovistas, na qual o aluno passava a ser a figura principal e não mais o professor. A postura conservadora da Igreja frente às propostas do escolanovismo levou o Papa Pio XI a condenar a “liberdade sem limites da criança” e o direito que “os novos métodos pedagógicos concediam a criança de forjar sua própria formação” (citado por GHIRALDELLI JR., 1994, p. 43)



e substituiu o equilíbrio entre as humanidades proposto por seu antecessor ao retorno de uma formação humanista clássica.

As reformas propostas por Capanema, bem como a mentalidade conservadora reiterou-se durante o Estado Novo. Isto fica explícito na redação do novo texto constitucional, de 1937, que manteve a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino, não trouxe a imposição desta situação ser um dever estatal, mas sim “uma ação meramente supletiva” (ROMANELLI, 1978, p. 153). Segundo Boshilia, quando o Estado afirma em sua carta magna de 1937 que sua função era de garantir a educação quando faltasse recursos necessários as instituições privadas, abre-se um espaço para que as escolas confessionais católicas consigam reconquistar ainda mais seu espaço junto a educação da sociedade (BOSHILIA, 2002).

Na década seguinte, o processo de industrialização e junto deste, o crescimento urbano, levou a um grande aumento de crianças e jovens em idade escolar. Neste sentido, as escolas particulares e especialmente as católicas, vieram suprir as necessidades escolares e se tornarem um grande aliado do governo. O ministro Gustavo Capanema propôs uma série de reformas na educação brasileira, entre 1942 e 1946, evidenciou de forma expressiva a intenção do governo em priorizar a educação pública as camadas menos abastadas. A elite, bem como a classe média brasileira, continuou sendo assistida pelas instituições particulares. Estas reformas abarcaram as duas extremidades do ensino não universitário, ou seja, o primário e o ensino médio, e recebeu o nome de Leis Orgânicas de Ensino.

Apesar de trazer várias propostas de modernização para o Ensino brasileiro, a reforma Capanema deixou claro a forte influência do grupo católico e conservador sobre suas decisões. Isto é notado quando a reforma recomenda que se tenha estabelecimentos exclusivos para o sexo feminino (BOSHILA, 2002). Estas decisões aumentaram ainda mais a força da Igreja sobre a sociedade, reconstruindo o pensamento católico sobre a sociedade.

Este apoio do Estado a atuação da Instituição Católica por meio de seus colégios perdurou o início da década de 1960. Por mais discussões propostas pelos escolanovistas que bradavam em favor da escola pública, a lei 4024/61<sup>41</sup>, manteve a equiparação de direitos para

---

<sup>41</sup> Com a mudança de regime político, após o fim do Estado Novo, a política educacional precisou ser revista. A nova Constituição elaborada em 1946, dentro do espírito democrático e liberal, estabeleceu que caberia à União legislar sobre as diretrizes e bases da educação, dando liberdade de ensino à iniciativa particular. Desde a elaboração do anteprojeto, encaminhado à Câmara Federal em novembro de 1948, até a sua aprovação, a Lei passou por debates, interrupções, avanços e recuos que a transformaram no projeto mais debatido e que mais sofreu revezes na história da educação brasileira. Se numa primeira etapa os debates giraram em torno da organização do ensino, num segundo momento a discussão teve seu eixo deslocado para as questões ligadas ao monopólio do ensino. Sobre esse assunto, ver BUFFA, Ester. *Ideologias em conflito: escola pública e escola privada*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979. (BOSHILIA, 2002, p. 54. Grifo do autor)

instituição privada, não necessariamente confessional, o que ocasionou uma perda de espaço da escola católica para as escolas particulares laicas, principalmente entre as décadas de 1940 e 1950, derivado da crise de vocação a vida religiosa e ao desenvolvimento urbanístico nos estados mais populosos do país neste período.

Outro fator importante para a diminuição de escolas católicas perante as escolas particulares no país também se deu pela reformulação doutrinária que a igreja passava e que culminou no Concílio Vaticano II no início da década de 1960. Estas discussões levaram a Igreja Católica discutir assuntos que antes eram indiscutíveis, diminuindo assim a ideia de uma romanização da instituição. Neste sentido o processo doutrinário também exercido pelas escolas, passou não mais ocupar um lugar de destaque na política institucional da Igreja romana.

Por mais que começou a se aviltar outros assuntos dentro da Igreja, o Paraná ainda continuou sob forte influência do pensamento Ultramontano. Principalmente com a presença de alguns bispos conservadores presentes nas dioceses paranaense bem como nas do sul brasileiro, e principalmente a influência da instituição religiosa sobre aqueles que habitavam estes lugares. Nos governos de Munhoz da Rocha e Ney Braga, no início dos anos 1950, e também período de fundação do objeto de estudo desta dissertação, foi marcado pela forte influência católica sobre estes mandatos, tanto que nestes governos além do retorno da Ordem jesuíta ao estado, várias outras congregações principalmente femininas se instalaram no estado com o objetivo de contribuir com a formação educacional e religiosa dos paranaenses.

## 2.4 ASPECTOS DO CONTEXTO HISTÓRICO E EDUCACIONAL DA DÉCADA DE 1950 A 1970

Ao analisar a conjuntura educacional do país e do Estado paranaense do recorte proposto neste trabalho, deve-se ter em mente que o período não possuía um projeto educacional bem definido, mas sim primeiramente um processo de discussão que culminou na LDB 4024 de 1961 e logo em seguida o pensamento ideológico e educacional imposto pelos governos militares.

### 2.4.1 A educação getulista em seu segundo mandato

No ano de 1951 o governo brasileiro novamente voltara para as mãos de Getúlio

Vargas adotando novamente algumas ideias educacionais de seu primeiro mandato. Em seu primeiro governo, Vargas criou o Ministério da Educação em 1930 e foi neste período em que se construiu a ideia de um ensino nacional público e várias reformas no ensino, como apresentado no subcapítulo anterior, perduraram muito além de 1940 como por exemplo a do Ensino Secundário em 1942 (BOMENY 2008a). Em relação a educação primária, a autora afirma que a “política que talvez melhor exprima o tom daquele governo tenha sido a nacionalização do Ensino, ou seja, o fechamento das escolas estrangeiras” (idem p. 1). Com esta nacionalização as escolas confessionais acabaram perdendo um grande espaço dentro da educação brasileira, haja visto que o ensino público e gratuito vem de forma laica, o que faz com que vários bispos bem como ordens e congregações lutem para manter seu espaço dentro do processo educacional brasileiro

O governo getulista de 1950, realiza um grande esforço para a ampliação da ideia vinda dos governos oligárquicos antes de 1930: criação dos grupos escolares, que trazia consigo o pensamento de renovação republicana associando a ideia da educação popular com o “ensino simultâneo em classes graduadas” (JOSETTI; ARAUJO, 2012, p. 186). Vale salientar que a educação da década de 1950 ficou fortemente marcada pelas reformas propostas pelo ministro Gustavo Capanema<sup>42</sup> na década anterior, e que como já apresentado, tinha grande influência em seus pensamentos, da doutrina católica.

Em seu segundo governo, Vargas não realizou grandes feitos no processo educacional brasileiro. “Segundo o Censo Demográfico de 1951 a população em idade escolar no Brasil, de 5 a 9 anos era de 7.015.527” (BOMENY 2008a, p. 1). Percebe-se que o número de matrículas do mesmo ano nesta faixa etária é de pouco mais de 73% e o total de matrículas em todos os níveis de ensino atinge o valor aproximado de 0,033% do total da faixa etária de pessoas em idade escolar que somavam aproximadamente 18,8 milhões de pessoas e aproximadamente 52% de analfabetos.

Ao visualizar estes números percebe-se que a educação continuava sendo o grande entrave no início da década de 1950 e que a maioria da população só tinha acesso à educação primária, enquanto os demais seguimentos do processo educacional ficaram restritos as classes mais abastadas. É importante perceber que o projeto desenvolvimentista vivido no país neste período não atingiu a área educacional. “São silenciosas as fontes que, se

---

<sup>42</sup> Gustavo Capanema Filho nasceu em Pitangui (MG), em 1900. Formou-se pela Faculdade de Direito de Minas Gerais, em 1923. Em setembro de 1933, com a morte de Olegário Maciel, Capanema assumiu interinamente a interventoria federal em Minas, assumindo em julho de 1934 o Ministério da Educação e Saúde o qual dirigiu até 1945. Elegeu-se por várias vezes deputado federal. Em 1970 se elegeu por Minas Gerais senador, encerrando sua carreira política em 1979. Morreu no Rio de Janeiro em 1985.

quiséssemos, poderíamos resumir estas notas à criação de institutos e instituições de administração superior que, de fato, impulsionaram o projeto educacional do país” (Ibidem)

Vargas criou no início de seu segundo mandato, BNDES, CNPq e o Capes, sendo que estes dois últimos, desempenharam e ainda desempenham um papel estratégico nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Outro acontecimento importante, deste governo, foi o desmembramento do Ministério da Educação e da Saúde em 1953, assumindo a pasta da Educação Antônio Balbino<sup>43</sup>. O novo ministro não conseguiu impor reformas no processo educacional devido à proximidade bem como influência, do ex-ministro Capanema ao atual governo. Prova disto é que após ampla discussão e debates entre a elite conservadora e os pensadores da Escola Nova, a nova LDB só foi aprovada em 1961.

#### 2.4.2 O governo Kubitschek: a contradição entre a modernização e a educação

O governo de Juscelino Kubitschek é lembrado pela pelo cenário político nacional como o governo que se empenhou no processo de desenvolvimento do país, mas marcado por um grande contraste: um país que preza pelo desenvolvimento, investir apenas 3,4% dos investimentos nacionais, voltado principalmente para o ensino técnico (BOMENY, 2008b). O mesmo autor afirma que o investimento educacional do governo Kubitschek se deu muito mais na formação, em nível superior, de uma elite bem preparada, pois se esta fosse bem formada, o país se desenvolveria e possibilitando posteriormente, a formação dos demais.

Quanto a educação básica, houve uma publicação em 1959, de um texto dos educadores intitulado “Mais uma vez convocados” fazendo referência aos ideais surgidos em 1932 conhecidos como Escola Nova. Com este manifesto a ideia de uma escola “pública, obrigatória, laica e gratuita” (BOMENY, 2008b, p. 1). Neste momento se dá novamente o conflito entre a ideia do ensino laico e confessional, defendido pelas congregações e ordens religiosas, bem como por bispos que buscavam doutrinar seus fiéis também por meio da educação, que trabalhavam com a educação no Brasil como discutido no subcapítulo 2.3 desta dissertação.

---

<sup>43</sup> Antônio Balbino de Carvalho Filho nasceu no dia 22 de abril de 1912 em Barreiras (BA). Em 1929, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde matriculou-se na Faculdade de Direito e começou a trabalhar no jornal *A Noite*. Diplomado em 1932, viajou para a França, onde fez um curso de aperfeiçoamento em economia política na Sorbonne entre 1933 e 1934. De volta a Salvador ainda em 1934, passou a trabalhar no jornal *O Imparcial*. No mesmo ano elegeu-se deputado estadual e em 1950 elegeu-se deputado federal. Em 1953 assume o ministério da Educação. Antônio Balbino elegeu-se governador da Bahia em 1954. Faleceu no Rio de Janeiro em maio de 1992.

Um ponto importante a ser levantado no panorama educacional do governo de Juscelino, foi a queda na taxa de analfabetismo no Brasil. Em 1960 segundo censo demográfico, 39,35% da população brasileira com idade superior a 15 anos era analfabeta. Mesmo ainda muito alta para um país que pregava o desenvolvimento, o Brasil tinha conseguido reduzir em quase 12% sua taxa de analfabetismo em 20 anos (Ibidem). O manifesto de 1959 traz à tona a discussão da criação de uma Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional prevista na constituição de 1946. Com a volta deste debate o pensamento sobre a educação brasileira estava dividido: “de um lado estavam os educadores comprometidos com os ideais da Escola Nova, [...] e de outro, os defensores da rede privada de ensino, que achavam que as famílias deveriam ser livres para escolher que tipo de ensino queriam para seus filhos” (BOMENY, 2008b, p. 1).

Este embate de ideias sobre o processo educacional brasileiro, gerou uma grande crise entre vários bispos católicos que em 1958 exigem do governo a demissão do coordenador da Capes, que por sua vez recebeu grande apoio de vários educadores. A disputa foi apaziguada, ao menos momentaneamente, com a aprovação da LDB 4.024, em 1961, quando o governo afirmou no artigo 95 desta lei o auxílio financeiro aos estabelecimentos municipais, estaduais e particulares.

#### 2.4.3 Os governos militares: doutrinação, disciplina e a burocratização do ensino público

Um período marcado pela repressão e pela doutrinação em torno dos pensamentos militares de ordem, civismo e segurança nacional. Neste período em que o poder executivo ficou sob o domínio dos militares a “burocratização do ensino público, por teorias e métodos pedagógicos que buscavam restringir a autonomia de educadores e educandos, reprimindo inclusive através da violência” (HAMMEL; COSTA; MEZNEK, 2011, p. 1), foi o carro chefe do projeto educacional brasileiro na década de 1960. Percebe-se que duas ideologias nortearam os governos militares e que por sua vez influenciaram no processo educacional brasileiro do período: a ideologia da ordem, em que os militares assumiam o poder para manter a segurança nacional e a, por conseguinte a paz social, e a tecnocrática que se baseava em uma economia voltada para o monetário, principalmente na questão técnica.

Neste sentido percebe-se que o foco da educação brasileira passa a ser o desenvolvimento técnico, isto se comprova quando se analisa a fala do ministro Roberto Campos na necessidade de relacionar os conhecimentos adquiridos na escola com o mercado

de trabalho (HAMMEL; COSTA; MEZNEK, 2011). Com este pensamento, os militares organizaram um 2º Grau, atualmente chamado de Ensino Médio, voltado para as massas, e por isso dando ênfase no ensino técnico profissionalizante, e as universidades voltadas para o desenvolvimento das elites. Com isto, a escola passa a ser “um espaço de profissionalização, de formação de mão-de-obra para o sistema produtivo” (Ibidem, p. 4), estas ideias aparecem de forma expressiva nas leis educacionais 5.540 e 5692.

Ferreira e Bittar (2008) discutem que a criação destas leis direcionadas a educação surgiram para suprir a necessidade de produção vivenciada pelo país no momento do regime ditatorial: formação de mão-de-obra e do desenvolvimento produtivo e tecnocrático que se implantou no Brasil, ou seja, “ Foram reformas educacionais que estavam inseridas num contexto histórico de transição de uma sociedade agrária para uma sociedade urbano-industrial, cujas transformações societárias se desenrolavam desde 1930 (idem, p. 336). Os autores continuam afirmando que esta concepção foi formulada pelos intelectuais do sistema de governo implantado dando um caráter elitista e autoritário ao processo educacional. Neste mesmo sentido, Fonseca (2005) afirma que a educação no período em questão auxiliava na construção de uma sociedade desenvolvida economicamente e harmônica.

Toda esta discussão, corrobora para afirmar que, um dos principais objetivos da reforma educacional promovida no país pelos militares, não era a garantia de qualidade no processo educacional, porém que este se adequasse a necessidade de mão-de-obra para suprir a demanda industrial que o país necessitava.

A reformulação da educação básica, e aqui se entende educação básica o que se entende atualmente por ensino fundamental e médio, feita pelos governos militares por meio da lei 5692/71, contribuiu para a precarização da escola pública, favorecendo assim os proprietários das instituições privadas. Segundo Hammel, Costa e Meznek (2011, p. 9) afirmam que isto se

deu porque naquele momento para a classe dominante o ideal era que a educação de primeiro e segundo graus ficasse reduzida apenas a alfabetizar e treinar mão de obra barata para o mercado de trabalho. O propósito era manter a distinção entre os que pensam e os que fazem.

Por meio de suas disposições, a lei 5692/71 obriga a oferta de uma educação profissional no 2º grau, devendo se observar as necessidades locais, e com isto se percebe a universalização do ensino profissionalizante, tratando a educação como algo exclusivamente técnico. As modificações ocorridas no ensino fundamental proposta pela nova LDB, foram principalmente na amplitude da escolarização obrigatória, passando para 8 anos e tendo como

faixa etária entre 7 a 14 anos eliminando também a prova de equivalência, também conhecido como exame de admissão para continuar os estudos após o conhecido primário, o que apesar de todas contradições propostas pelos governos militares, pode ser considerado um avanço no processo educacional brasileiro.

#### 2.4.4 O Paraná e sua organização educacional - de 1950 a 1970

O processo educacional paranaense dentro do recorte estipulado é marcado por profundas características de um Estado que até a década de 1970 é predominantemente rural, o que trouxe consigo a predominância das escolas primárias em instituições rurais. Segundo Trindade e Andreazza (2001), as escolas primárias se espalharam pelo Estado acompanhando o movimento que tinha como princípio a multiplicação dos espaços escolares no objetivo de popularizar o ensino.

O processo educacional paranaense acompanhou os ideais nacionais que em 1950 viam a necessidade do país se desenvolver, mas sem preocupação adequada com o ensino. O governo de Moisés Lupyon<sup>44</sup>, firmou convênio com várias prefeituras do interior paranaense para a construção de aproximadamente 500 escolas primárias “com vistas a incentivar o que o governador chamava uma *verdadeira mística da escola* (Grifo do autor) (idem, p. 105). Lupyon também se preocupou em formar professores capacitados em seus locais de origem criando assim os Cursos Normais Regionais.

A educação paranaense deste período passava por um sério conflito. De um lado a Diretoria Geral da Educação que organiza um regimento com ideais autoritários e disciplinadores. De outro as escolas normais buscavam oferecer a seus alunos, os futuros professores, o que se tinha de mais inovador no cenário nacional relacionado ao pensamento educacional. Somente em 1949 quando Erasmo Pilotto<sup>45</sup> assume a pasta da educação paranaense, o processo educacional estadual ganha orientações mais modernas e inovadoras (Ibidem).

---

<sup>44</sup> Moisés Wille Lupyon nasceu em Jaguariaíva no dia 25 de março de 1908, foi industrial, comerciante, contador e empresário. Sempre filiado ao PSD, foi eleito governador do Paraná em 1947 e senador pelo mesmo Estado em 1954, reassumindo o governo do Estado em 1955. Faleceu no Rio de Janeiro em 29 de agosto de 1991.

<sup>45</sup> Nascido em Rebouças no ano de 1910, Erasmo Pilotto, fez o curso primário em várias escolas públicas de Curitiba, cursando o secundário no Ginásio Paranaense. Em 1927 matriculou-se na Escola Normal de Curitiba, fundando posteriormente o Centro de Cultura Filosófica e o Centro de Cultura Pedagógica. Lecionou na escola Normal de Paranaguá e foi diretor do Grupo Brandão e na Escola Normal de Ponta Grossa. Em 1949 assumiu a Secretaria de Educação falecendo em maio de 1922.

O governador Bento Munhoz da Rocha<sup>46</sup> voltou seus esforços para o desenvolvimento das Escolas de Pesca bem como das técnicas aos trabalhadores rurais com o objetivo de melhorar as condições de trabalho dos mesmos. Em sua fala à Assembleia Legislativa em 1951, o governador destaca:

Não há, em todo o Brasil, oportunidade melhor que a hora vivida pelo Paraná em suas zonas rurais, para o início dessa assistência. Ao contrário do que acontece nas maiores áreas nacionais, é insignificante no Paraná o êxodo das populações para as cidades. E o movimento migratório interno, que há tempos se processa no país, talvez o maior que a história nacional registra, está povoando intensamente as nossas melhores terras de lavoura. Os contingentes humanos que procuram ininterruptamente o norte e o noroeste do Estado, a maior faixa contínua de terras férteis no Brasil, e as correntes imigratórias que, oriundas do extremo sul, procuram o sudoeste e oeste paranaense, garantem uma prosperidade sem par ao nosso Estado. O Paraná possui, desde 1920, o maior crescimento demográfico do Brasil, está sendo intensamente povoado e trabalhado. Mas essa expansão não se faz sem os dramas do homem rural. É necessário que o poder público venha assisti-lo e, aqui, o pode fazer em condições melhores que na maioria dos Estados brasileiros, evitando-se a formação de problemas complexos no futuro. (PARANÁ, 1951a, p. 6)

O discurso, de Munhoz da Rocha, bem como de seus sucessores, é marcado pela preocupação em desenvolver e colonizar o interior do estado, unindo estas colonizações à capital através de uma malha viária consistente. Ao analisar os discursos proferidos pelos governadores do Paraná na Assembleia Legislativa da década de 1960, percebe-se que a busca pelo desenvolvimento do Estado foi exaustivamente buscada, isto para que o Paraná pudesse ter maior representatividade e influência política e econômica no governo federal. Isto fica claro quando buscamos os discursos dos governadores desta década. Paulo Pimentel, governador do Estado do Paraná no período de 1966 a 1970, em sua primeira fala a assembleia legislativa afirma:

É necessário que o desenvolvimento integre, em seu processo, todas as camadas da população, todos os setores de atividade, todas as regiões do Estado e todas as manifestações da existência humana. A isso chamamos o desenvolvimento integrado que informou nossa plataforma de candidato e se converte em nossa filosofia de Governo. (PARANA, 1966, p.17 apud GONÇALVES; GONÇALVES, 2008, p. 155).

Quando se remete a educação, o governador Paulo Pimentel deixa claro em seu discurso a preocupação com a infraestrutura escolar inclusive apoiando instituições particulares, porém não com políticas educacionais que acompanhassem o desenvolvimento almejado.

---

<sup>46</sup> Nascido em Paranaguá em dezembro de 1905, foi eleito deputado federal em 1946 e eleito governador do Estado em 1951. Em 1955 assume o Ministério da Agricultura retornando a câmara dos Deputados em 1962. Faleceu em dezembro de 1973 na cidade de Curitiba.



O setor prioritário a ser atendido, com maiores recursos, é o de obras em novas unidades escolares, secundado por investimentos no sentido de melhoria do padrão das escolas existentes, aperfeiçoamento do ensino médio e incentivo e melhoria de estabelecimentos particulares. (Ibidem)

Buscando sistematizar a busca pelo crescimento estadual, foram criados no início da década de 1960 vários órgãos públicos dentre elas a FUNDEPAR voltada ao desenvolvimento educacional. A partir de então “A educação torna-se presente nas mensagens, ressaltada como fundamental para o desenvolvimento do Estado e da população paranaense” (GONÇALVES e GONÇALVES, 2008, p. 161). Percebe-se que esta importância dada pelos gestores públicos à educação se dá pela ideia da ampliação do acesso escolar, fazendo parte do caráter desenvolvimentista adotado neste período, e também com a ideia de formar mão de obra capacitada que possa contribuir diretamente com este desenvolvimento.

O governador Ney Braga em seu discurso a assembleia Legislativa resalta esta característica de qualificação da mão de obra por meio do ensino.

O atual Governo do Paraná, por sinal, encara a Educação não só como um dever do Estado, mas inclusive como um fator de desenvolvimento econômico, pelo que pode representar como qualificação do trabalho humano, abrindo novas perspectivas do emprego especializado. (PARANÁ, 1965, p.86 Apud. Ibidem p. 161).

Paulo Pimentel, continua com o pensamento que a educação se faz necessária e deve corroborar com o processo de desenvolvimento paranaense, “Ao lado da alfabetização em massa, o Governo quer dar ao ensino técnico maior ênfase que a qualquer outro”. (PARANÁ, 1966, p.16). Neste sentido fica claro o esforço dos governadores paranaenses em desenvolver a educação na década de 1960, com o objetivo principal de sua autopromoção seguido da contribuição para o processo desenvolvimentista que o Estado passava. A partir da década de 1970, os governantes paranaenses buscam adequar o sistema de ensino paranaense a nova lei 5692/71, proposta pelos governos militares.

### 3 COLÉGIO NOSSA SENHORA DO CARMO VISTO POR DENTRO

Frei Estanislau tinha um refinado talento para lidar com as crianças. Elas simplesmente corriam até ele em todos os lugares[...]. Em pouco tempo formou um grupo de catequese e bastaram alguns meses para que todas estivessem preparadas para fazer a Primeira Comunhão. [...]. Muitas crianças não sabiam ler e escrever. Isto de jeito algum era motivado pelo fato delas serem preguiçosas para estudar, mas por não haver escolas. Assim me veio o pensamento de fundar uma escola paroquial. (GOEVERT, 1992, p. 15).

Compreender o surgimento de uma instituição de ensino, requer muitas vezes perscrutar as intenções sociais do grupo que a fundou, levando em conta o contexto social em que esta surgiu, os embates políticos e ideológicos que giraram em torno do seu fazer pedagógico, bem como as metodologias adotadas. Parte deste contexto fundacional está registrado no relato memorialístico de Frei Ulrico Goevert O.Carm., publicado mensalmente na revista *Karmell-Stimmen*, e posteriormente, compilados em um livro chamado *História e Memórias de Paranavaí*. Diferente do que foi registrado nestes relatos, o município de Paranavaí, já dispunha do Grupo Escolar de Paranavaí, atualmente denominado Escola Newton Guimarães.

Como percebido com base nas fontes encontradas, a escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo, em sua gênese, também passou por situações que hora a fortaleceram como instituição escolar, hora quase a derrubaram. Entender estas nuances bem como, quais os motivos que levaram ao grupo religioso que recém se instalara em uma frente missionária que *a priori* não tinha em seu carisma fundante a educação, bem como o panorama religioso e social vivido no momento de seu surgimento caracteriza-se como um grande desafio.

A afirmação de que não faz parte do carisma carmelita a educação, não quer dizer que estes não possuem ligação nenhuma com o desenvolvimento educacional das pessoas, mas sim que este pode se dar dentro dos três pilares que sustentam sua espiritualidade, bem como seu modo de vida dentro da Igreja: A oração, o profetismo e o silêncio. A experiência da Ordem religiosa com instituições escolares não se faz com grande quantidade, comparada a congregações dedicadas a educação como os Maristas, os Salesianos, os Jesuítas entre outros. Atualmente, a Ordem do Carmo possui 40 instituições de ensino, em todo globo, espalhadas pelos 5 continentes, atendendo em todos os seguimentos educacionais, ou seja, da educação básica até a formação universitária.

A primeira experiência educacional carmelita, se deu na Irlanda com a fundação do

Terenure College no ano de 1860<sup>47</sup>, e posteriormente o Mount Carmel High School na cidade de Chicago (Estados Unidos) em 1900<sup>48</sup>. A experiência no sul do Brasil iniciou suas atividades no ano de 1952, com o ensino primário. Iniciou suas atividades por meio da autorização episcopal de D. Geraldo de Proença Sigaud, então bispo da diocese de Jacarezinho, a qual a paróquia em Paranavaí fazia parte. O nome da instituição derivou-se desta autorização e do nome da patrona da Ordem religiosa, tornando-se a 9ª escola da Ordem no mundo e a primeira no Brasil<sup>49</sup>. Posteriormente principalmente na década de 1960 e 1970 outras experiências educacionais Carmelitas surgem em vários lugares do globo conforme vemos no quadro abaixo:

QUADRO 2 - INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS CARMELITAS  
ESPALHADAS PELO MUNDO<sup>50</sup>

Europa	10
Américas	15
Ásia	10
Oceania	1
África	4

FONTE: SITE OFICIAL DA ORDEM DO CARMO.  
QUADRO ORGANIZADO PELO AUTOR.

Um dado importante trazido pelo quadro e que vale a pena ser explicado é que das 10 instituições escolares europeias, 6 estão localizadas na Espanha, uma hipótese a ser levantada, porém não comprovada, pode ser a busca pela constante pela cristianização pós desocupação das terras pelos Islâmicos no século XV. Outro dado importante no quadro é que das 15 instituições localizadas na América, 5 ficam nos Estados Unidos, cuja abertura de novas casas neste país se deu pelas províncias inglesas e irlandesas. Apesar de uma quantidade considerável de instituições, a Ordem do Carmo, não se preocupou em estabelecer um

<sup>47</sup> A estrutura da instituição existe desde o século XIII, sendo morada de várias famílias. Após vários conflitos vividos dentro do poder político inglês, a Ordem do Carmo compra a propriedade em 1860 dando início as atividades educacionais em nível secundário para meninos. Posteriormente a escola passou a ofertar outras modalidades de ensino, porém continua atendendo somente o público masculino. Fonte: Site oficial da Ordem do Carmo.

<sup>48</sup> A instituição surgiu em 1900 a convite do arcebispo Patrick E. Feehan, com 13 alunos, sendo 9 destes estudantes para o sacerdócio. Em 1902 a instituição passou para um novo edifício atendendo 137 alunos. Fonte: Site Oficial da Ordem do Carmo.

<sup>49</sup> As demais escolas carmelitas que surgiram posterior as duas já citadas são: Teresianum (Alemanha – 1949); Saint Elias College (Malta, 1944); Nuestra Señora del Carmen e Mare de Déu del Carme (Espanha, 1940 e 1942 respectivamente); Joliet Catholic Academy (Estados Unidos, 1933) e Santo Albertus e Santo Paulus (Indonésia 1936 e 1951 respectivamente). Fonte: Site oficial da Ordem do Carmo.

<sup>50</sup> Informações retiradas a partir do site oficial da Ordem do Carmo.

itinerário pedagógico próprio e comum as suas instituições de ensino que marcasse um jeito Carmelita de ensinar.

Este jeito Carmelita perpassou de sua própria espiritualidade e do seu jeito de ser dentro da igreja, buscando formar sujeitos pautados na justiça, dando significado ao profetismo e tendo como modelo e inspiração, os personagens bíblicos que inspiram a Ordem desde sua fundação. A ideia do se colocar a serviço também se faz presente nas instituições carmelitanas, o que foi comprovado por meio dos depoimentos dos ex-alunos da escola em Paranavaí inspirado no ideal de vida destes religiosos: Viver em obséquio a Jesus Cristo, a vida comunitária dentre outros.

Quando pensado no cenário político em que surge o Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, como explanado no capítulo anterior, deve-se fazer alusão a 2 situações: Primeiro as intensas e calorosas discussões que marcaram os defensores da Escola Nova, e dos que defendiam uma educação tradicional e cristã, conforme apresentado no subcapítulo 2.3. Segundo que o Brasil da década de 1950, vivia o auge de projeto de desenvolvimento e industrialização. Os governos populistas<sup>51</sup> buscaram cada vez mais transformar o processo produtivo brasileiro: da agricultura para a indústria. O processo de desenvolvimento educacional brasileiro deste período teve como base a Constituição de 1946. A carta-magna garantia a educação como direito de todos, e atribuía ao Estado o dever de garantir esse direito descrito no artigo 166<sup>52</sup> e artigo 174<sup>53</sup>. Partindo da Constituição de 1946, “o governo de Eurico Gaspar Dutra também deu continuidade à promulgação de outras leis orgânicas [...], como a Lei Orgânica do Ensino Primário”<sup>54</sup> (ECKSTEIN, 2013, p. 5), que regulamentaram a educação brasileira no final da década de 1940, conhecidas como Reforma Capanema<sup>55</sup>.

Romanelli (1986), afirma que a Constituição elaborada após o fim do primeiro governo de Getúlio Vargas, foi inspiradora na questão ideológica liberal-democrática, assegurando os direitos e garantias individuais, impregnando o espírito democrático

---

<sup>51</sup> O populismo foi um tipo de situação política experimentada na América Latina entre as décadas de 1930 e 1960, que teve como grande contexto propulsor a crise de 1929. Nesta época, várias das nações latinas – vistas como portadoras de uma economia periférica – viveram uma fase de desenvolvimento econômico seguido pelo crescimento dos centros urbanos e a rearticulação das forças sociais e políticas. Foi em meio a essas transformações diversas que a prática ganhou terreno. A política populista é marcada pela ascensão de líderes carismáticos que buscam sustentar sua atuação no interior do Estado através do amplo apoio das maiorias. Muitas vezes, abandona o uso de intermediários ideológicos ou partidos para buscar na “defesa dos interesses nacionais” uma alternativa às tendências políticas de sua época. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/historia-da-america/populismo-1.htm>>. Acesso em: 08 nov. 2015.

<sup>52</sup> A educação é um direito de todos e será dada no lar e na escola. Deve inspirar-se nos princípios da liberdade e nos ideais de solidariedade humana (Cap. III, título IV)

<sup>53</sup> O amparo à cultura é dever do Estado (Cap. III, título IV).

<sup>54</sup> Lei 8529/46.

<sup>55</sup> Gustavo Capanema assumiu o ministério da Educação em 1934 e deu continuidade ao processo de reforma iniciado nos anos 30 regulamentando o processo educacional brasileiro a partir de leis orgânicas.

reivindicado pelos grupos sociais. Baseando-se nesta constituição, o Ministro da Educação do governo de Dutra, Clemente Mariani, organizou uma comissão que elaborou uma nova diretriz curricular para a educação brasileira, que passou por um longo processo de discussão e foi aprovada somente anos mais tarde, ficando conhecida como a LDBEN 4024/61.

Não se pode deixar de retomar alguns aspectos discutidos no item 2.4.4 desta dissertação. Em 1947, Moysés Lupyon, assumiu o governo paranaense, e deu ênfase ao processo do povoamento do interior do Paraná, e investiu também na educação e cultura, realizando convênios com as prefeituras do interior, para a construção de aproximadamente 500 escolas primárias. Neste contexto que provavelmente surgiu o grupo escolar da cidade paranavaense. Primeiramente esta instituição foi chamada de Casa Escolar de Paranavaí, e, em 1948, passou a denominar Grupo Escolar de Paranavaí<sup>56</sup>.

Bento Munhoz da Rocha Neto, sucessor de Moysés Lupyon, deu continuidade ao processo de colonização desenvolvido na gestão anterior. Segundo Eckstein (2013), quando Bento Munhoz assumiu o governo paranaense em 1951, o estado fervilhava de mudanças. No entanto, o governador preocupou-se muito mais em regularizar os grupos colonizadores, deixando o desenvolvimento educacional em segundo plano. Neste período difundiu-se a ideia de laicização do ensino primário no Brasil. Por outro lado, alguns bispos e religiosos buscaram manter a força da igreja dentro do processo educacional brasileiro. Este conflito com o Estado sobre a laicidade do ensino, iniciou-se ainda na instauração do regime republicano, como discutido no subcapítulo 2.3. A Igreja afirmava que a laicidade do ensino “agredia a fé católica da maioria do povo brasileiro” (DALLABRIDA, 2005, p. 78). Segundo o autor, foi a partir deste momento da discussão da escola nova e da retirada do Ensino Religioso das instituições escolares, a partir da década de 1930, que a Igreja incluiu em sua reestruturação institucional a consolidação de uma rede de escolas católicas e do projeto Ultramontano.

Também fazia parte dessa reestruturação institucional as frentes missionárias vindas principalmente da Europa. Desde o início da colonização brasileira, as Ordens e Congregações religiosas que chegavam em terras brasileiras “acreditavam que eram enviados com o dever de ensinar a verdadeira doutrina cristã [...] Algumas congregações migravam

---

<sup>56</sup> Fundado em 06 de setembro de 1948 pelo decreto de criação nº 4.123. Inicialmente funcionou em um prédio de madeira situado à rua Souza Naves, com a denominação de Casa Escolar de Paranavaí, tendo como primeira diretora a professora Enira Braga Ribeiro que ficou à frente da escola até meados de 1951. Após o decreto, a escola passou a se denominar Grupo escolar de Paranavaí. Em setembro de 1960, após a inauguração do prédio de alvenaria pelo então governador Moysés Lupyon, o grupo escolar passou a se denominar Grupo Escolar Newton Guimarães. Fonte: Secretaria estadual de educação. Disponível em <<http://www.pvaceebjanewton.seed.pr.gov.br/>>. Acesso em 08 out. 2015.

com o intuito da [...] reconversão dos brasileiros a fé católica romanizada” (Ibidem, p. 79). Esta visão do autor vai ao encontro das ideias registradas nos relatos de Fr. Ulrico Govert, sobre a descrição de sua nova missão, bem como de seu ardor missionário, no intuito de contribuir no processo de evangelização das pessoas sob sua confiança. “Em 1951, [...] recebi a incumbência dos meus superiores de Roma e de Bamberg para fundar no Sul do Brasil um posto missionário para a Província Carmelita Alemã” (GOEVERT, 1992, p. 8).

Grande era a preocupação da Igreja Católica em fundar escolas para garantir a perpetuação de sua doutrina. Este movimento perpassou desde “escolas paroquiais, até universidades católicas, passando por colégios secundários e escolas normais” (DALLABRIDA, 2005, p. 79). Os bispos brasileiros também convocaram os “professores católicos a realizarem o curso normal superior e prestassem concursos públicos com o objetivo de reintroduzir o ensino religioso, ou melhor a doutrina cristã” (Ibidem) nas escolas públicas.

A ideia de doutrinação religiosa se faz presente no objeto estudado, quando se leva em conta que D. Geraldo de Proença Sigaud, então bispo de Jacarezinho, defendia o tradicionalismo da Igreja Católica, movimento que ficou conhecido como Ultramontano, D. Geraldo atuou em defesa da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade. O então bispo de Jacarezinho, viu na nova frente missionária Carmelita e no desejo de Frei Ulrico de fundar uma escola, uma forma de contribuir para a disseminação da doutrina cristã por meio do ensino primário. Dallabrida (2005, p. 80) afirma ainda que os grupos religiosos e o episcopado brasileiro recomendavam a fundação de escolas paroquiais. Estas foram de grande valia “na cruzada contra as escolas públicas laicas instituídas pelo regime republicano que se estribavam na pedagogia moderna”.

Em suma, seja com o intuito de contribuir para a formação do povo paranavaense, de acordo com os relatos do religioso alemão, seja pela luta contra a laicização, detectada dentro do processo educacional brasileiro, fundou-se em 1952, a Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo.

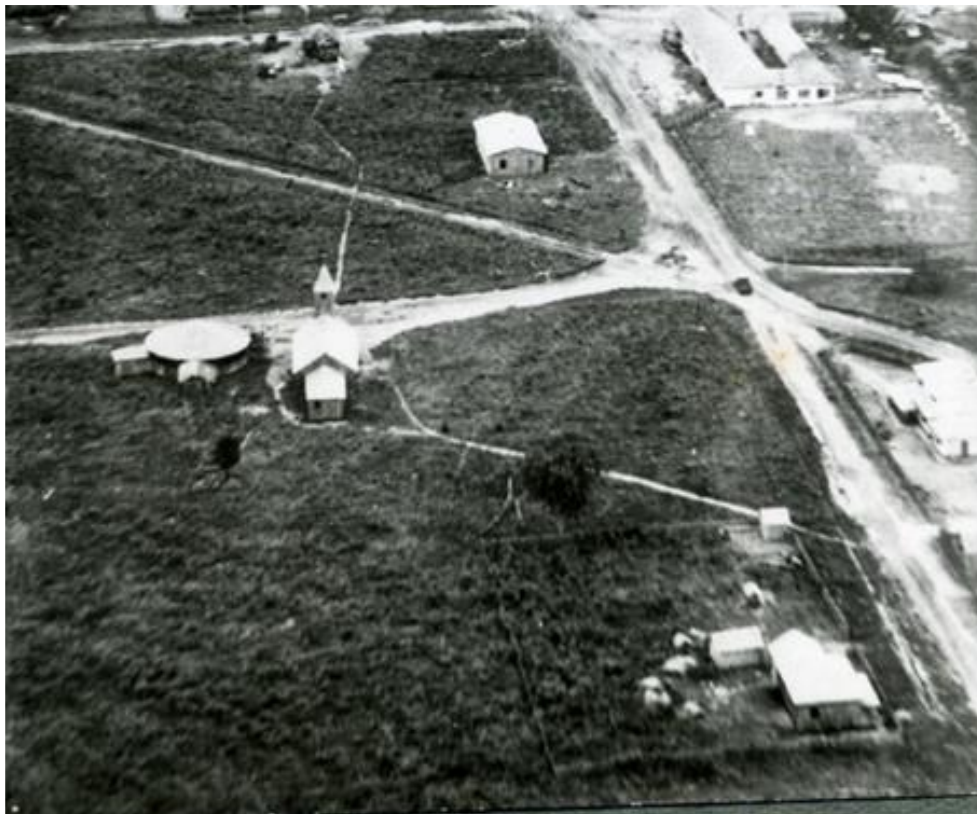
### 3.1 O INÍCIO - NASCE A ESCOLA PAROQUIAL

A instituição iniciou suas atividades no ano de 1952, com o ensino primário, recebendo a denominação de Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo, por meio da autorização episcopal de D. Geraldo de Proença Sigaud. Sem uma estrutura totalmente

adequada, e com falta de recursos para iniciar a construção de um espaço próprio, Frei Ulrico Goevert, juntamente com Frei Estanislau iniciaram a instituição em um velho barracão próximo à igreja e à casa paroquial (GOEVERT, 1992).

Este relato memorial de Frei Ulrico, foi confirmado pelo depoimento em uma rede social<sup>57</sup> Nilda Granela, que concluiu o quarto ano do primário na Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo, no ano de 1954. Assim relata: “estudei naquela escola redonda, a escola era de madeira e terminei a quarta série primária em dezembro de 1954, o Frei Estanislau foi meu professor e o diretor era o Frei Ulrico”. (GRANELA, 18 jun. 2015). Não se sabe ao certo a data exata deste início, pois não existe nenhuma fonte a respeito. O se que dispõe são informações contidas em algumas cartas escritas pelo religioso alemão a seus superiores. Estes documentos estão guardados no Arquivo da Província Carmelitana em Bamberg, na seção Brasil, caixa K. (APCB: Br (K)).

FIGURA 7 - VISTA AÉREA DA PRIMEIRA IGREJA E DA PRIMEIRA ESCOLA



FONTE: COMISSARIADO GERAL DO PARANÁ, (195?).

---

<sup>57</sup> Esta rede social mencionada é o Facebook. Como descrito anteriormente quando se entrou em contato com D. Frei Wilmar Santin o. Carm., o mesmo informou a existência de um grupo dentro do Facebook que tinha como participantes ex-alunos e professores do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo e que tinham como objetivo principal preservar a memória da instituição.

A foto acima (FIGURA 07) permite ter ideia do primeiro espaço escolar da instituição Carmelita. No centro da foto podemos visualizar a primeira igreja da cidade e ao seu lado esquerdo uma construção redonda, em que, segundo relatos, a escola paroquial teria iniciado suas atividades. No canto inferior direito situa-se a antiga residência dos religiosos. A falta de registros documentais referente a data de fundação, pode ser compensada com informações contidas em algumas cartas escritas pelo religioso alemão a seus superiores. Estes documentos epistolares estão arquivados no Arquivo Geral da Província Carmelitana em Bamberg, na seção Brasil, caixa K. (APCB: Br (K)).

As informações sobre a escola contidas nestas cartas, foram compiladas por Dom Frei Wilmar Santin O.Carm., o qual prontamente colaborou com a pesquisa. A primeira datada de 31 de março de 1952 Frei Ulrico informou ao seu superior que iniciaria as atividades da escola logo após a Páscoa (13 de abril), e que pretendia iniciar também as turmas para adultos, no noturno. Por esta informação podemos perceber duas situações: a primeira é que provavelmente a taxa de analfabetismo entre os adultos na cidade deveria ser alta e a segunda, provavelmente devido à grande taxa de analfabetismo, os religiosos carmelitas encontravam dificuldades em repassar a doutrina católica não só para as crianças, mas também para os adultos.

A segunda carta, datada de 28 de maio do mesmo ano, informa aos superiores que as matrículas na nova escola já estavam abertas. Os religiosos abriram 120 vagas para o período diurno e 4 turmas para o noturno sendo duas masculinas e duas femininas. Nesta carta também, o religioso informa o valor da mensalidade a ser cobrada: 30 cruzeiros por mês, que representava 2,5% a 3,3% do salário mínimo vigente naquele ano considerando uma inflação média de 19%. Por meio desta carta, fica claro que a abertura da escola não foi motivada somente pela necessidade educacional encontrada na localidade, mas também para cumprir o desejo de seu provincial alemão que esteve em visita oficial a nova frente missionária entre os dias 10 e 24 de fevereiro de 1952 e lhe pediu que fundasse uma escola para atender as necessidades locais<sup>58</sup>, que podem ser vistas como a doutrinação dos imigrantes que ali chegavam na fé católica, utilizando-se assim de uma instituição escolar para auxiliar na composição social do futuro, no município recém criado.

Na terceira carta datada de 24 de novembro de 1952, consta que o religioso informou

---

<sup>58</sup> Frei Jacobus Beck O. Carm. responsável pela província alemã e conseqüentemente pela frente missionária em Paranavaí, realizou uma visita canônica a nova missão em fevereiro de 1952 e relatou sua experiência aos leitores da revista *Karmell Stimmen* em maio, junho, agosto e setembro do mesmo ano. 4 décadas depois, os religiosos em Paranavaí para comemorar o quadragésimo aniversário da fundação, compilaram estes relatos e publicaram um livro intitulado de: *Minha viagem missionária a Paranavaí*.



ao seu superior que estava em Bamberg, Alemanha, que a Escola Paroquial conta com 160 alunos, e que pretendia começar, já no próximo ano, uma turma de admissão. Vale ressaltar que não foram encontrados registros ou relatos das turmas do noturno, informadas pelo religioso anteriormente. Com isto não se pode confirmar se houve adesão ou não, por parte dos paranavaenses a educação no período noturno da referida escola. Outro fator importante a ser ressaltado é que Frei Estanislau, se tornou professor da referida escola, mesmo sem a formação necessária. Como relatado por Ulrico, o religioso teve que realizar uma prova para receber a permissão de lecionar e mesmo assim passou no exame com muitas dificuldades (GOEVERT, 1992).

Sobre este início, também é relatado nas matérias enviadas ao jornal alemão Karmel-Stimen, a dificuldade quanto à qualidade das professoras. Segundo o religioso alemão, várias eram as reclamações dos pais em relação às professoras, que por falta de dados não foram identificadas, e quando aparecia uma professora capacitada, logo iria embora por se casar.

Constantemente apareciam os pais das crianças reclamando das professoras. Eu estudei o assunto e constatei que algumas professoras tinham uma extraordinária inteligência negativa. Tive que muitas vezes trocar as professoras [...]. Finalmente consegui ter uma verdadeira professora. Frei Estanislau ia bem lecionando para o 1º ano primário. [...] A escola tinha uma professora que ensinava realmente muito bem e que exercia uma influência positiva. No segundo ano ela recebia muitas vezes durante as aulas a visita de um jovem engenheiro. Em determinado dia, depois de haver explicado sobre a onipresença de Deus, perguntou às crianças como prova “ Quando vocês brincam lá fora durante o recreio, quem está então com vocês? ” Responderam: “O bom Deus! ”. Ela continuou perguntando: “ E quem está comigo durante o recreio aqui na sala? ” A resposta dos pequeninos: “ O engenheiro da prefeitura”. [...]. Na contratação das professoras agora sou mais cauteloso. As melhores para mim são as mais feias e aquelas que ficaram noivas duas ou três vezes pelo menos. (GOEVERT, 1992, p. 16).

Averigua-se neste relato algumas situações. Quando o religioso afirma a “inteligência negativa” de algumas professoras isto pode ser motivado pela falta de preparo acadêmico, visto que a formação normal nesta época se dava principalmente na capital do Estado. No relato acima apreende-se a dificuldade em manter moças jovens e “bonitas” ministrando aulas na nova escola, isto porque casavam-se cedo e muitas iam embora da cidade. Outro fator que pode estar implícito no discurso do religioso sobre esta inteligência negativa, pode ser a falta de preparo religioso destas professoras, e com isto, não contribuía com instrução doutrinal católica e moral destes alunos.

Ao buscar fontes sobre a quantidade de alunos bem como as turmas que formavam o ensino primário da instituição, encontrou-se registro de alguns livros de chamada, bem como de livros de atas de exames finais, não sendo possível totalizar de forma precisa a quantidade

de alunos que frequentaram a escola em um determinado ano. Esta informação ficou clara, pois ao realizar um levantamento sobre o tempo de trabalho dos professores, notou-se que alguns professores possuíam uma lacuna em seu tempo de trabalho como por exemplo a professora Lúcia Ribeiro Castilho que iniciou suas atividades na escola em 1954 até 1960, porém não foi encontrado nenhum registro da mesma no ano de 1959. Essas lacunas aparecerão nos respectivos anos em nota de rodapé

Como dito anteriormente, o Colégio Paroquial não possui registro de suas primeiras turmas, a informação obtida por meio do relato memorialístico de Frei Ulrico é que a instituição iniciou com 4 turmas separadas por gênero e que Frei Estanislau era professor de uma delas, provavelmente outra docente deste período foi a senhora Irene Gomes Patriota<sup>59</sup> que auxiliava os religiosos como catequista na paróquia.

Sobre o ano de 1953 a única informação é que Frei Estanislau continuou sendo professor de 1ª Série na instituição, porém, não foi possível levantar a quantidade de alunos e de turmas e nem se a partir deste ano as turmas já começaram a serem mistas. No ano de 1954, a escola atendia um total de 156 alunos com as 4 séries iniciais conforme vê-se no quadro abaixo.

QUADRO 3 - ALUNOS, TURMAS E PROFESSORES DE 1954

1ª Série	Prof. Frei Estanislau	42 alunos (32 meninos e 10 meninas)
1ª Série	Prof. Lúcia R. Castilho	25 alunos (1 menino e 24 meninas)
2ª Série	Prof. Durvalina O. Mello	34 alunos (20 meninos e 14 meninas)
3ª Série	Maria José V. Toniolo	29 alunos (20 meninos e 9 meninas)
4ª Série	Maria José V. Toniolo	26 alunos (14 meninos e 12 meninas)

FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO, DADOS COLETADOS EM ATAS DOS EXAMES FINAIS DOS RESPECTIVOS ANOS. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

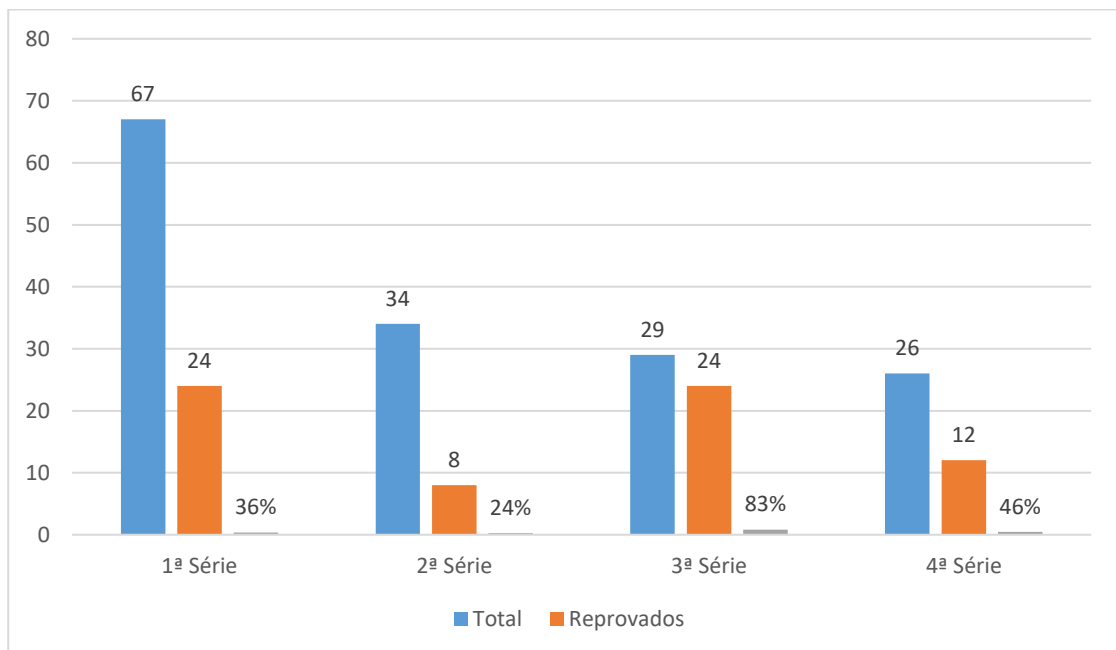
O quadro acima foi elaborado a partir dos diários de classes encontrados bem como os registros de exames finais. Esse, apresenta que pouco tempo depois de sua fundação, a escola já trabalhava com salas mistas, o que é uma característica marcante para a época, principalmente em uma cidade pequena e interiorana. Esta distribuição das turmas de forma mista, não se sabe se era um pensamento de vanguarda dos religiosos em mesclar as turmas, ou para solucionar o problema da falta de profissionais capacitados para trabalhar na

<sup>59</sup> Nascida no distrito de Angelin que na época pertencia a Garanhuns – PE, no dia 25/09/1921 chegando a Paranaíba em novembro de 1944. Após a morte de seu pai no ano de 1963 mudou-se para Curitiba e deste 1970 passou a residir em Apucarana. (GOEVERT, 1992)

instituição. Outro ponto importante a ser observado é a quantidade de alunos por turma. Não foi encontrada nenhuma fonte que explicava a forma de distribuição, o que pode se deduzir é que a escolha dos professores de seus filhos era feita pelos próprios pais, podendo se deduzir isto pela diferença na quantidade de alunos entre as turmas de primeiro ano, quando a turma de Frei Estanislau possui quase que o dobro de alunos da professora Lucia, que se de fato fosse comprovada a hipótese levantada os responsáveis preferiam o religioso como instrutor de seus filhos. Porém esta situação não passa de conjecturas.

Um fato importante deste período e que de certa forma corrobora com os relatos de Frei Ulrico sobre a qualidade das professoras pode ser entendido pelo índice de reprovação. Como se percebe no gráfico abaixo (GRÁFICO 1), os índices de reprovação eram muito altos. A turma que apresentou menor índice de reprovação no ano de 1954 foi a 2ª Série com 23,5% e o maior índice se deu na 3ª série com um total de 83% de reprovação o que pode auxiliar a ideia de má qualidade no ensino – aprendizagem, bem como falta de estrutura o que não contribuía para o desenvolvimento educacional das crianças.

GRÁFICO 1 - ÍNDICE DE REPROVAÇÃO DE 1954



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO. DADOS EXTRAÍDOS A PARTIR DE REGISTROS DE CLASSE E LIVROS DE EXAME FINAL. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

No ano de 1955, deu-se início a construção de uma nova igreja matriz, pois a que existia quando na pequena cidade, se tornara pequena devido ao crescimento populacional da nova cidade. Com a construção da nova igreja, a entidade mantenedora da escola paroquial

viu possibilidade de ampliar a estrutura da instituição. Os religiosos transformaram a antiga igreja em salas de aula.

O espaço estava longe de ser considerado um ambiente escolar adequado, mas com a ampliação da estrutura a escola paroquial poderia atender a demanda que existia aumentando o número de vagas. Segundo Frei Ulrico, foi feita uma parede divisória dentro da antiga matriz para o surgimento de duas novas salas, e com isso ampliou-se para 300 vagas. Mesmo com esta ampliação, a nova estrutura escolar não dava conta de um espaço adequado, tanto que o responsável pela educação no estado do Paraná ameaçou retirar a autorização se não fosse construído realmente um prédio adequado para o atendimento escolar (GOEVERT, 1992).

FIGURA 8 - FOTO DA ESCOLA PAROQUIAL COM SUAS PRIMEIRAS TURMAS



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO, (195?).

A cada ano que se passava, a Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo percebia um considerável aumento no número de alunos. Isto fazia com que os espaços educativos da referida instituição, que inicialmente não foram projetados para este fim, se tornassem ainda mais inadequados para a prática de um ensino de qualidade. Em seu relato aos benfeitores alemães, Ulrico afirmou que “a escola Paroquial tem no momento [1957], 559 alunos e 18 professoras. 360 alunos estudam gratuitamente. O governador e o prefeito estão me ajudando a pagar as professoras, senão sinceramente seria impossível mantê-la funcionando” (GOEVERT, 1992, p. 19, grifo meu). Esta informação nos dá alguns indícios das dificuldades principalmente financeiras enfrentadas pelos religiosos no início de sua frente missionária, lembrando que a Alemanha passava ainda por um processo de recuperação econômica do pós-guerra e não tinha condições financeiras não permitissem o envio de recursos para a construção de um novo lugar que abrigasse a escola. Também se percebe aqui, como visto no

subcapítulo 2.3, a relação entre a Igreja e o Estado, se fortaleciam em pequenos locais, principalmente aqueles estabelecimentos que de certa forma estavam mais voltados para a formação da suposta elite local.

Na fotografia acima (FIGURA 08) podemos ver o primeiro ambiente escolar da Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo. Percebe-se que ao centro da imagem ao fundo dos alunos vê-se a estrutura utilizada para o início das atividades escolares, como já citado no relato de Nilda Granela: “estudei naquela escola redonda de madeira”. Visualizada no centro ao fundo da fotografia. Vê-se também a antiga igreja, que fora transformada em salas de aula (lateral esquerda da figura).

Não se sabe ao certo da data da fotografia, provavelmente com as primeiras turmas da escola. Porém, algumas situações registradas na fotografia, podem levar a suposição de que esta foi registrada no ano de 1956. Primeiramente pelo fato da antiga igreja neste momento já estar sendo utilizada como espaço escolar. Em seguida percebe-se a presença de seis professoras, que, nas atas de Exames Finais na instituição no ano de 1956, ministraram aulas na escola: Professora Rosa Akiê Noguti (terceira professora da esquerda para direita no lado esquerdo da foto) identificada pelo senhor Rogério Viana ao visualizar o registro durante a entrevista, com o terceiro e quarto ano, Adalgisa Dantas de Lima e Olga Lima dos Santos com o segundo ano e Lucia, Ribeiro Castilho, Ilídia Miotto ao lado de Frei Ulrico, também identificada pelo depoente. Maria da Conceição Casula com o primeiro ano. Na foto percebe-se também a presença de Frei Ulrico (lado direito da fotografia) quando este ocupava o cargo da direção da instituição. Nesta fotografia, frei Estanislau não se faz presente, haja visto que em 1955 deixou de ser professor da referida instituição.

Na mesma fotografia das primeiras turmas da escola (vide FIGURA 08) observa-se o grau de cuidado na composição de sua organização. A disposição dos mesmos se dá de forma seriada sendo os mais velhos ao fundo e os mais novos a frente. Isto nos remete a duas ideias: a primeira que esta disposição foi feita devido à altura dos alunos para que todos aparecessem, mas também a ideia de hierarquia entre as séries do primário. Pelo tamanho dos alunos supõe-se que a primeira fila iniciando pelo lado esquerdo da foto seja composta por alunos da primeira série em sequência os da segunda série. Observa-se que abaixados, na primeira fila, estão somente os meninos, o que transmite uma mensagem subliminar da rigidez da instituição em separar meninos e meninas, o que confirma de certa forma o pensamento de que as turmas mistas foram para atender a necessidade da falta de profissionais e de espaço físico. Todos nesta foto estão de uniforme, os meninos estão de calça, camisa e sapato, já as meninas com saia e camisa branca. A ideia de uniformização já foi discutida por vários

autores consagrados, principalmente FOUCAULT (2003)<sup>60</sup>. Este trabalho, no entanto, não pretende olhar para o uniforme como um processo disciplinador, mas sim como uma estratégia da instituição escolar para garantir os padrões de seus alunos bem como a rigidez implícita dentro das instituições católicas. Esta foto pode ter sido tirada para eternizar os alunos que renderam a escola o título citado, porém não confirmado, por Frei Ulrico de melhor escola do Estado no ano de 1956, bem como, uma forma de marketing institucional.

FIGURA 9 - VISITA DO PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHECK A PARANAÍ



FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE PARANAVAI (1960).

Os anos de 1955/1956 foram muito importantes tanto para a cidade de Paranaíba, quanto para a Escola paroquial, pois seguindo o ritmo do país, a cidade passou por grande processo de desenvolvimento. Em outubro de 1956 a cidade paranaense recebeu o diploma da Revista O Cruzeiro, no Rio de Janeiro, por ser considerado um dos 5 municípios de maior progresso do Brasil. SOUZA (2015) afirma que o então prefeito, José Vaz de Carvalho recebeu a homenagem das mãos do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira na então capital do país. Atualmente este diploma encontra-se em destaque na sede da prefeitura municipal em seu hall de entrada. Em 1960 o presidente JK realizou uma visita oficial à cidade de Paranaíba, (Figura 09). Nesta fotografia, o presidente Juscelino Kubitschek, no centro da

<sup>60</sup> Sobre este assunto da disciplinarização e uniformização, ver Foucault Vigiar e Punir, 2003

figura, caminha pelas ruas de Paranavaí, ladeado pelo prefeito Antônio José Messias, Anísio Esperidião, e outras pessoas.

Estes dois anos também foram importantes para a escola, pois em 1955 iniciaram-se a construção do novo prédio que abrigaria o ensino primário e posteriormente o ginásio. Em 07 de dezembro de 1954, Ulrico Goevert informa através de outra correspondência, que a construção desta nova escola se iniciará em janeiro (FIGURA 10).

FIGURA 10 - ESCOLA PAROQUIAL NOSSA SENHORA DO CARMO



FONTE: COMISSARIADO GERAL DO PARANÁ, 1956.

Na fotografia acima vê-se a construção da escola relatada pelos religiosos em suas cartas. Destaca-se nesta fonte imagética, o letreiro escrito no prédio. A instituição e os religiosos com expectativa de ampliar o seguimento da referida escola, não escreve em suas paredes seu referido nome, mas sim Estabelecimento de Ensino Nossa Senhora do Carmo, como registrada em uma das cartas relatadas anteriormente. Outro detalhe a ser ressaltado no registro se dá na ausência de muros, o que denota uma certa abertura da instituição a comunidade enfatizando assim a ideia de uma cidade pequena, com características rurais, e sem um alto índice de violência, o que pode ser confirmado no depoimento de José Wille:

era livre o acesso, entrava quem queria ali, naquele tempo bem não havia preocupação com segurança, você não ouvia falar de assalto de arrombamento, essas coisas, você não ouvia falar, então era um lugar tranquilo tanto que pela escadaria

qualquer pessoa poderia entrar ou aluno sair, era tudo muito solto né (WILLE, 08 jun. 2015).

Em 1956, a escola apresentou grande melhoria em seu processo de aprendizagem, o que pode ser deduzido a partir dos índices de reprovação deste ano (GRÁFICO 2). Segundo Frei Ulrico, esse se deu graças a chegada de uma professora, de origem oriental, chamada Rosa Akiê Noguti. Neste ano a escola atendeu, 236 alunos, contendo 3 turmas de 1ª série, 2 de 2ª série, 1 de 3ª e 1 de 4ª séries, conforme observa-se no quadro abaixo (QUADRO 4)

A tabela abaixo ainda demonstra um crescimento considerável na quantidade de alunos atendidos pela instituição, aumentando em mais de 60% o público atendido em dois anos. Apreende-se ainda que a maioria dos alunos matriculados na instituição são do sexo masculino, representando aproximadamente 60,6% do total de alunos, que supostamente pode revelar a ideia patriarcal e machista do período, o que não pode ser comprovado. O número de maior de meninas pode ser percebido nas séries finais do primário, porém não de forma expressiva. Outro registro importante, é que apesar da ampliação de matrículas a instituição manteve a organização da maioria das turmas de forma mista, apesar de neste momento as fontes registrarem por motivos desconhecidos, uma turma de 1ª série apenas com meninos.

QUADRO 4 - ALUNOS, TURMAS E PROFESSORES DE 1956

1ª série	Prof. Maria C. Casula	41 alunos <sup>61</sup>
1ª série	Prof. Ilídia Mioto	31 alunos – 22 meninos e 9 meninas.
1ª série	Prof. Lúcia R. Castilho	35 alunos – 15 meninos e 20 meninas
2ª série	Prof. Olga L. dos Santos	25 alunos – 16 meninos e 9 meninas
2ª série	Prof. Adalgisa D. Lima	34 alunos – 17 meninos e 17 meninas
3ª série	Prof. Akiê Noguti	37 alunos – 18 meninos e 19 meninas
4ª série	Prof. Akiê Noguti	33 alunos – 14 meninos e 19 meninas

FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO. INFORMAÇÕES RETIRADAS A PARTIR DE REGISTROS DE CLASSE BEM COMO ATAS DE EXAMES FINAIS. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016)

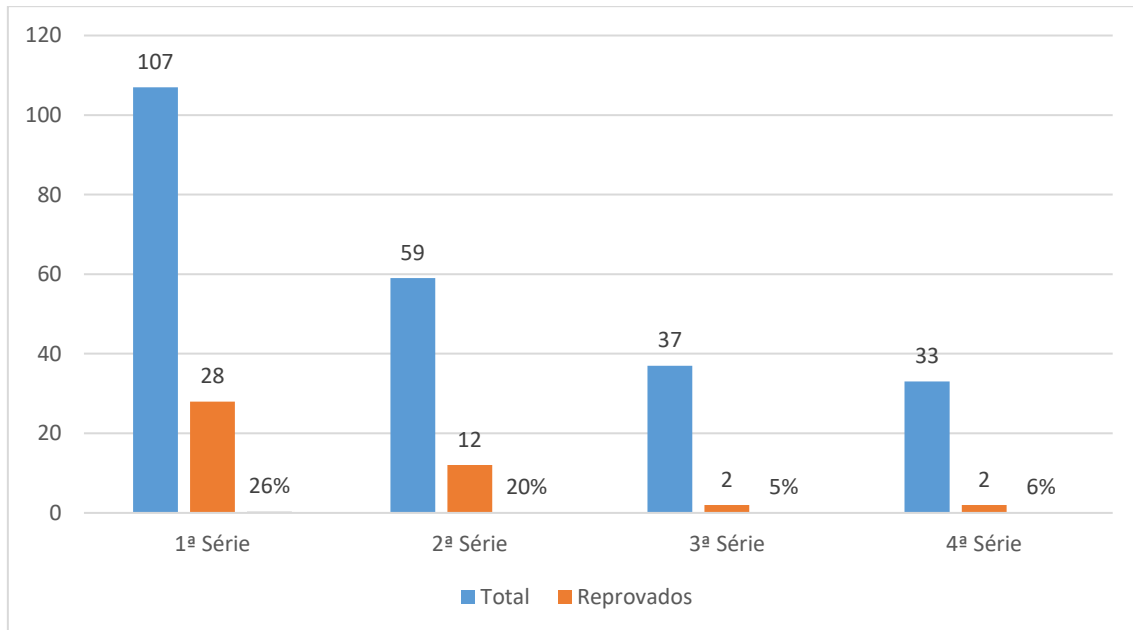
O quadro permite perceber também o aumento das matrículas principalmente nas turmas de primeiro ano. A professora Lúcia Castilho neste momento pode ser considerada uma das professoras mais antigas da instituição, haja visto que seu nome já aparece como

<sup>61</sup> Não foi possível determinar a quantidade correta de alunos desta professora. As fontes informavam que a professora Maria Conceição Casula fazia parte do quadro de professores da escola com uma turma de 1ª série e que o total de alunos matriculados na escola era de 236. Diante destes dados chegou-se a um número aproximado de 41 alunos.



sendo professora da instituição desde 1954. Denota-se também que a instituição atendia em turnos diferentes. Isto pode ser concluído pelo fato da professora Akiê Noguti atender duas turmas diferentes, sendo impossível se as mesmas fossem ofertadas no mesmo horário.

GRÁFICO 2 - REPROVAÇÕES DO ANO DE 1956



FONTE: ACERVO DO COLEGIO N. S. DO CARMO. DADOS RETIRADOS A PARTIR DOS LIVROS DE EXAMES FINAIS DA INSTITUIÇÃO. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

Quanto aos índices de reprovação, percebe-se uma considerável melhora neste ano, o que confirma o relato do religioso sobre este ano. O índice maior de reprovações foi constatado nas séries iniciais do primário. Na 1ª série com aproximadamente 25%<sup>62</sup> e na 2ª, com 20%. Já este mesmo índice nas séries seguintes, não passou de 6%, totalizando 18% de reprovação geral na instituição, que segundo relatos do religioso, lhes rendeu a honraria de ser considerada a melhor escola do estado<sup>63</sup>. A partir do gráfico pode constatar o motivo do apreço que o religioso alemão tinha pela professora Rosa. Verifica-se que no ano de sua chegada a instituição, as turmas sob sua responsabilidade tiveram um baixo índice de reprovação. Do total de alunos atendidos pela professora, menos de 6% ficaram retidos na série que estudavam. Se comparado ao ano de 1954, estas duas séries apresentaram uma

<sup>62</sup> Este valor é aproximado pois não se sabe ao certo quantos alunos reprovaram na turma da professora Maria. C. Casula. Para se chegar a este denominador, realizou-se a média da reprovação das outras duas turmas da mesma série.

<sup>63</sup> Como afirmado anteriormente, esta informação não pode ser confirmada em outras fontes. Acredita-se que quando o referido responsável pela inspetoria de Londrina, fez esta afirmação ao religioso, se referia as escolas supervisionadas por sua inspetoria e não de todo o Estado.

redução de aproximadamente 60 pontos percentuais.

Quando utilizado a fonte oral por meio de depoimentos e registros em uma rede social, sobre este período, capta-se a escassez sobre algumas dificuldades estruturais do início da escola. No relato de Nilda, por exemplo, pode se comprovar quando a depoente rememora sua estadia na instituição: “a escola, quando chovia, molhava tudo” (GRANELA, 18 jun. 2015). Porém estas dificuldades não são apreendidas em outros relatos. Esta falta de registros pode ser explicada com a ideia de Joël Candau (2011) quando afirma que as informações registradas em nossas memórias são selecionadas de forma voluntária ou até mesmo involuntariamente, classificada pelo mesmo como memória de alto nível. Segundo a divisão da memória proposta por Candau, na memória de alto nível ficam armazenadas as recordações ou os reconhecimentos das lembranças autobiográficas. Por sua vez, estas lembranças são expressadas por meio da metamemória dando a representação narrativa que o indivíduo faz de sua própria memória, bem como a forma como constrói sua identidade a partir desta representação.

Para auxiliar os depoentes a lembrarem das experiências ocorridas em sua formação escolar na instituição pesquisada, foram utilizadas algumas fotografias como suporte. Após observar a fotografia que provavelmente são das turmas de 1956 (FIGURA 08), Rogério Viana<sup>64</sup>, rememora eventos interessantes e felizes que registrou em sua memória de alto nível.

Interessante que eu estudei no prédio onde foi a primeira igreja. Então esse prédio foi a primeira igreja, que ficava na frente da matriz de São Sebastião atual. Ela seria hoje em frente de onde é a matriz, na praça, onde tem aquela praça. (ao mostrar a fotografia, o depoente afirmou:) Exatamente, essa é a primeira escola. Essa é a primeira Igreja e foi aqui e a escola era aqui (apontando para o lado direito da foto) a nova. A matriz está aqui (novamente apontando para a foto na parte esquerda). Então eu estudei nessa escola aqui. (VIANA, 06 ago. 2015).

Ao visualizar a foto, as expressões faciais de Viana, apontavam um ar de felicidade, sinalizado pelos sorrisos em sua face e do registro de boas lembranças, muito mais relacionadas à convivência escolar do que a algum aprendizado específico, como apreendido ao longo do depoimento. No entusiasmo de sua fala e em suas expressões apreende-se que Rogério traz boas lembranças do seu tempo escolar na Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo, afirmando que esta fez parte de sua formação ideológica atual, principalmente quando entende-se ideologia como concepção de mundo, atravessado pela subjetividade apresentando-se como verdadeiro, mas não condizentes com a realidade vivida, muitas vezes

---

<sup>64</sup> Rogério Viana, nasceu em 17 de outubro de 1948. Chegou a cidade de Paranavaí com sua família em 1956, iniciando seus estudos na Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo no mesmo ano, na 1ª série do primário, concluindo em 1961. Atualmente Viana reside na cidade de Curitiba, jornalista de profissão e atualmente aposentado, o ex aluno dedica seu tempo tradução de poesias e a ensaios fotográficos.

esta incompatibilidade é vivida de forma inconsciente, o que permite afirmar que de certa forma, as estratégias adotadas pela instituição, lembrando que está ligada diretamente a uma instituição religiosa, para desenvolver seu processo educativo, deram certo.

Retomando a discussão sobre as dificuldades financeiras da frente missionária, Frei Ulrico O. Carm., registra em várias de suas matérias enviadas aos fiéis alemães, estas dificuldades, principalmente para a ampliação dos ambientes escolares. O grande trunfo que aqui pode ser entendido como estratégia, para conseguir dinheiro, segundo o religioso, eram os santos.

Não contando Nossa Senhora do Carmo e o ministro da Economia da Igreja que é São José, devo aqui salientar elogiando Santa Teresinha, Santo Antônio [...] Cada um tem o seu jeito de caçar pulgas, e eu tenho o meu jeito de arrumar dinheiro. Aqui são especialmente as festas. Com a finalidade organizam-se diversas listas que são levadas de casa em casa. Com isto ganha-se dinheiro ou prendas para serem leiloadas na festa. [...]. Na noite da quermesse após a benção, acontece o leilão público. (GOEVERT, 1992 p. 18)

Este relato constata-se a força da religiosidade popular. Esta trazida pelas ordens e congregações religiosas, e intensificadas pela falta de clero em muitas localidades do país. Isto fez com que várias irmandades e grupos de leigos desenvolvessem sua religiosidade em torno da figura dos santos.

FIGURA 11 - QUERMESSE PARA ANGARIAR FUNDOS



FONTE: COMISSARIADO GERAL DO PARANÁ, (195?).

Na fotografia acima, vê-se uma grande quantidade de pessoas que se confraternizavam em torno da praça da Igreja, da escola e da residência dos religiosos. Percebe-se também que a foto foi tirada do alto, tudo indica que da torre da Igreja Matriz, que foi construída no segundo semestre de 1952, o que indica que este registro é posterior a esta data, haja visto que a cidade neste período não possuía edifícios. O registro também dá a dimensão da religiosidade das pessoas em torno de uma festa dedicada aos santos, mas também por se tratar de uma cidade se iniciando e de pequeno porte, tudo indica que estas festas eram uma das únicas formas de diversão da população paranavaense. Além da população que participava da festa, a fotografia registrou a residência dos religiosos. Um detalhe relevante é a ausência de qualquer restrição à casa dos religiosos, o que denota a proximidade destes com o povo e vice-versa. Uma das provas da proximidade dos religiosos com a população, bem como a participação com o objetivo de auxiliar a missão, mas também como momento recreativo está registrado em mais este trecho de seus escritos.

Na noite da quermesse após a bênção, acontece o leilão público. Muitas vezes uma coisa sem valor recebe um alto lance. Como por exemplo uma mamadeira com bico, a qual é oferecida por um malicioso amigo para o outro mamar por 20 cruzeiros. Mas este, recusa e paga 50 cruzeiros para que o outro, que fez a primeira oferta, mame. Porém ele quer calar o “adversário” fez uma oferta maior. De acordo com o temperamento sul-americano um cobre a oferta do outro e assim finalmente recebe-se por uma mamadeira mais do que 1.000 cruzeiros. O perdedor deve subir a mesa e para alegria de todos mamar a mamadeira e chorar com nenezinho. Leiloam-se também animais vivos como porco, bezerro e carneiro. [...]. Visto que não se pode penar em festa sem bebida e boa comida, são abatidas muitas galinhas e patos, que são vendidos em leilão. Grande popularidade gozam os leitões. Quando bem assados e temperados com sal e pimenta, produzem uma grande sede, a qual é matada com bebidas em favor da festa. (GOEVERT, 1992, p. 17/18)

Além destas quermesses, e da religiosidade do povo, os religiosos contavam com o “apoio” dos alunos da escola, para conseguirem fundos. Sobre esta situação Goevert, informa a seus leitores alemães:

Até os nossos alunos me ajudaram a arrumar o dinheiro necessário para a construção da escola. Cada criança recebeu uma cartela com 100 “tijolos”. Para cada “tijolo” recolhiam 1 cruzeiro (15 cruzeiros = 1 DM). Quem vendia 100 “tijolos”, podia ficar com 10. Assim vocês veem, meus queridos leitores, que nós aqui, do nada conseguimos dinheiro para ampliar o trabalho missionário (Ibidem, p. 18).

Além das festas, comunidade carmelitana de Paranavaí, contava com ajuda de duas regiões alemãs: a Westfália e a Baviera. Nestas regiões foram organizados grupos de apoio, liderados por parentes e amigos de Frei Ulrico, que conseguiram um fundo monetário de ajuda ao projeto educacional e missionário da ordem no Brasil. Sobre este novo prédio, José Wille que teve sua formação tanto no primário, entrando na instituição no ano de 1963, e

saindo em 1971 ao completar o ensino ginasial rememora a estrutura da instituição neste começo:

entrei lá no começo de 1963, a escola, a instalação dela era uma coisa muito precária no seguinte ela não era uma escola que tivesse assim algum diferencial, era muito precária no sentido básico, não precário de faltar alguma coisa, mas muito básica né, por exemplo aquele pátio nem tinha ainda calçamento era areia o pátio uma areia meio dura muito batida, é aquela escadaria que não tinha, era livre o acesso, entrava quem queria ali, naquele tempo bem não havia preocupação com segurança, você não ouvia falar de assalto de arrombamento, essas coisas, você não ouvia falar, então era um lugar tranquilo tanto que pela escadaria qualquer pessoa poderia entrar ou aluno sair, era tudo muito solto né (WILLE, 08.jun.2015)

No depoimento de Wille, fica claro o paralelo feito com a atualidade bem como o mesmo possui um referencial e se apropria de um ideal escolar para comparar com a instituição em que estudou, o que é natural e segundo Candau, (2011) a personalidade a qual fomos formados são embasadas nos acontecimentos de nossa vida, e não nos permitem retratar os registros de nossa memória como realmente foram, mas sim o significado que estas têm em nossa vida.

Um grande problema enfrentado na gênese da instituição escolar se deu no processo de regularização perante aos órgãos oficiais. A partir das reformas educacionais estabelecidas, integrantes da Reforma Capanema, se fazia necessária a presença de uma professora normalista à frente da instituição educativa. Após um ano de funcionamento sob autorização do bispo diocesano e desejo do superior alemão, os religiosos buscaram o reconhecimento do estado para o funcionamento. Em 1953, os responsáveis deram entrada no processo junto à Secretaria de Educação e Cultura do Paraná, obtendo esta autorização, de número 427, no dia 17 de junho de 1956, tendo agora o reconhecimento oficial, para o funcionamento do ensino primário.

Frei Ulrico teve grande dificuldade e acabou não encontrando uma professora que pudesse contratar para assumir a escola, o que demonstra a precariedade da formação de profissionais no interior do Estado e o investimento do governo em instituições regionais de formação normalista. Buscando resolver seu dilema e contrapor-se a imposição do poder estatal, que analisado sob a perspectiva certeuniana, entende-se como uma tática utilizada pelo religioso contra o Estado, em um momento de conversa com alguns fiéis, Frei Ulrico expôs sua dificuldade. Um deles, engenheiro agrônomo da prefeitura, afirmou que sua esposa, que o auxiliava em seus afazeres profissionais junto à secretaria, possuía o curso normal, adquirido quando esta residira na cidade de Curitiba, e que poderia ser a responsável pela escola. Com isto, Eugênia de Araújo Rauen se tornou a primeira diretora da instituição. Um

detalhe importante é que a senhora Eugênia, não atuou diretamente na escola.

Em seu relato, Eugênia rememora a conversa que teve com o religioso bem como alguns momentos no exercício de sua função.

Era muito amigo da gente sabe, a gente teve muita consideração, ele foi fantástico, chegou aqui. Também teve o frei Estanislau. Estanislau era mais assim, brincalhão com as crianças sabe, ele prendia a atenção das crianças, [...]. Começou, mas não sei como é que foi que quiseram cortar porque ele não tinha uma pessoa que pudesse formar na educação. Ele falou com meu marido “estou muito chateado, vou ter que fechar, não posso trabalhar”, tudo ainda naqueles barracões ainda de madeira muito primitivo aí ele disse: “vou ter que fechar porque não tem quem de o nome para a escola, não tem normalista”. Meu marido falou: “por isso não minha mulher é normalista e ela dá o nome certamente”. Ele disse: “que coisa boa”. Então mandei os meus documentos para Curitiba, isso foi em 1953. Inclusive eu tinha um primo que trabalhava na educação em Curitiba, ali dentro viu o meu nome e tal. Nós começamos. Tão interessante que nessa época eu e meu marido trabalhávamos na parte rural, da secretaria da agricultura. No começo não era oficializado porque não eu tinha a nomeação de funcionaria, mas como precisava de ajuda eu entrei ganhando ali também, o meu marido tinha que sair para fazer a parte de controle das plantações que ele era agrônomo, na época plantios grandes de café. Às vezes, Frei Ulrico chegava lá e dizia: “minha professorinha me acode, vamos para lá (risos) me acode, estou precisando.” Eu achava interessante a maneira dele, que ele nunca me chamava pelo nome, sempre minha professorinha. E interessante que ele pegava aquela batina, e aquele tempo era só jipe aqui porque era muito areião, carro encalhava mesmo. Subíamos no jipe, e íamos lá e sempre, sempre junto. [...]. A escola em si: primeiro era um barracão propriamente depois já foi construído né e ficou muito bom. Aquela parte que tem até hoje foi no começo. Aquela parte bem naquela esquina ali foi o começo [...]. Começamos com menos alunos porque tinha só a do estado, a escola né que a dona Geni era diretora, a mãe do nosso prefeito. (RAUEN, 09 mai. 2015).

O relato de Eugenia permite olhar esta instituição no movimento cotidiano proposto por CERTEAU, em que o autor afirma que estratégia e tática não possuem lugares estanques, mas sim atendendo a necessidade cotidiana deste ou daquele grupo. Neste sentido a ideia apresentada pelo autor pode ser confirmada, nas atitudes da instituição, que por mais que detenha o poder junto àqueles confiados por seus pais e por isto utiliza-se de estratégias para promover a educação, esta mesma instituição utilizou-se de uma tática para garantir sua sobrevivência bem como não aceitar completamente o que lhe foi imposto.

No ano da autorização de funcionamento junto ao Estado, a escola Nossa Senhora do Carmo contava com 236 alunos matriculados no ensino primário, sendo professoras da primeira série: Ilídia Mioto, Maria da Conceição Cazula e Lúcia Ribeiro Castilho. As professoras da segunda série eram Olga Lima dos Santos e Adalgisa Dantas de Lima. Rosa Akiê Noguti era responsável pelas terceira e quarta séries. Frei Ulrico tinha um carinho especial pela professora Rosa e atribuiu a esta, o bom desenvolvimento dos alunos e as notas obtidas junto aos exames finais, o que levou, segundo as memórias do religioso, um elogio do inspetor estadual. Sobre a referida professora, o frade registrou:

Eu encontrei uma boa professora, com diploma, filha de imigrantes japoneses. Em três anos ela fez tantos progressos com a escola, que no ano de 1956 o Inspetor de Ensino, após os exames, me parabenizou, pois, a Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo ganhou o primeiro lugar no Estado do Paraná. (GOEVERT, 1992, p. 17).

Este destaque mencionado pelo religioso, não tem como ser comprovado, pois não existe nenhum documento na instituição, além dos registros do religioso que o comprove. A documentação da inspetoria de Ensino sobre este período não pode ser acessada devido a não autorização por parte do órgão responsável. Além disto, existiam grandes instituições com grande tradição de ensino no Estado, como os colégios Maristas, os salesianos e os franciscanos, todos na capital do estado, o que dificulta aceitar esta colocação. Provavelmente a fala do Inspetor não deve ter se referido a todo o Paraná, mas provavelmente sobre as escolas sob sua jurisdição, cujo a sede estava localizada na cidade de Londrina. Mesmo considerando esta redução geográfica ainda devemos ter em conta que dentro desta jurisdição existiam outras escolas que tinham tradição no processo educacional.

Sobre o ano de 1956 ainda, ano em que Rogério Viana iniciou sua vida escolar na instituição, o mesmo recorda com grande carinho de sua primeira professora: Lucia Ribeiro Castilho. Em seu depoimento, Rogério relata uma homenagem prestada a sua primeira professora:

A minha primeira professora o nome dela era que a gente chamava Lúcia Castilho, mas aí eu descobri hoje que você me contou que o nome dela era Lúcia Ribeiro Castilho. Então a dona Lúcia Ribeiro Castilho foi minha primeira professora, eu fui alfabetizado por ela e era uma professora assim: eu me lembro dela era uma mulher muito bonita de olhos claros, muito rígida, ela era muito rígida assim, ela não brincava não sabe, levava a turma na linha mesmo, mas ao mesmo tempo era uma mulher muito rígida era uma mulher muito carismática, simpática embora fosse difícil né. Imagine controlar a molecadinha, mas ela era muito simpática enfim, eu tive uma relação com ela depois de encontrar ela algumas vezes quando já era adulto. (VIANA, 06, ago. 2015).

Algumas características educacionais da época e de uma instituição católica apareceram no depoimento de Rogério. Primeiramente a rigidez como estratégia utilizada pela professora naquele momento para garantir a aprendizagem dos alunos, sendo que esta rigidez se fez presente no processo educativo da década de 1950. Na composição da fala do depoente a rigidez da professora se faz presente em sua memória sobre seu processo educativo, quando afirma que sua professora era muito rígida e que não “brincava”. Ao mesmo tempo lembra-se da professora com carinho quando a descreve e afirma que sua professora era uma mulher carismática. Outro ponto interessante que se deve levar em conta na fala do entrevistado é que ao rememorar sua 1ª série, utiliza seu juízo de valor atual para justificar as atitudes enérgicas da professora.

Com a instituição devidamente registrada junto ao Estado e com as novas instalações, o Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo pode aumentar sua capacidade de atendimento abrindo novas turmas de ensino primário. Nos anos de 1957 a 1960, percebe-se um aumento progressivo na quantidade de alunos, bem como na oferta de cursos a comunidade em geral. A partir de 1957 a instituição passa a ofertar o curso de datilografia.

Pedra Bucci, também iniciou seus estudos no primário neste mesmo ano. Sobre seu início no primário com a professora Nair, esta guarda boas recordações:

(DEPOENTE) do primário (silêncio) que eu me recorde é que era interessante eu escrevia muito bem e não sabia ler, eu fiz o contrário não é, porque a criança aprende a ler primeiro e depois ela escreve, eu fui ao contrário, entrei no segundo ano sem saber ler e eu tive essa professora Dona Nair no primeiro ano

(ENTREVISTADOR) dona Nair?

(DEPOENTE) Nair. Ela era assim magra, alta

(ENTREVISTADOR) brava?

(DEPOENTE) não, um doce de pessoa, um doce de pessoa

(ENTREVISTADOR) e a senhora consegue lembrar alguma coisa, alguma vez que... geralmente professor do primeiro ano a gente lembra muito não é, alguma situação que aconteceu?

(DEPOENTE) lembro, lembro que ela me protegendo porque eu escrevia bem e não lia. Lembro ela me protegendo

(MSS) como a senhora consegue...

(DEPOENTE) ela não me mandava ler

(ENTREVISTADOR) Hum, ela sabia que a senhora tinha dificuldade na leitura e aí ela não pedia para que a senhora lesse

(DEPOENTE) que é aquelas réguas grandes não é, elas ficavam no quadro (faz gesto apontando) para gente ler e ela não me pedia (BUCCI, 05.jun.2015)

O relato de Pedra Bucci explicita o carinho e admiração pela professora do primário que teve a sensibilidade de perceber o desenvolvimento de sua aluna e respeitar o seu tempo. Mesmo a instituição utilizando-se de uma estratégia marcada pela disciplina, rigidez e excelência no ensino, a referida professora, com sua sensibilidade, utilizou-se desta tática de “proteção” da aluna, para não a traumatizar e assim não comprometer seu processo de aprendizado. Também se faz perceber neste trecho, o caráter impositivo e disciplinar do processo educacional da década de 1950, quando a depoente nos diz que a professora ficava com uma régua grande no quadro, o que de certa forma amedrontava as crianças, já que o castigo físico fazia parte do processo educacional e era utilizado como estratégia dos docentes para garantir a disciplina. Sobre estes castigos, Rogério Viana relata:

(DEPOENTE) ela (a professora) colocava a gente de castigo ajoelhado em caroços de milho (risos) algumas vezes

(ENTREVISTADOR) O senhor passou por isso algumas vezes?

(DEPOENTE) passei por isso algumas vezes sim

(ENTREVISTADOR) consegue lembrar alguma situação por que?

(DEPOENTE) brincadeira na classe. (VIANA, 06 mai. 2015).



Retomando o processo do crescimento da instituição, o quadro abaixo demonstra o processo gradual no crescimento da comunidade escolar carmelitana em Paranaíba. O quadro 5 demonstra um crescimento modesto nos primeiros 5 anos de registros que foram encontrados, não chegando nem a 50% do número inicial. Outro ponto importante a ser ressaltado é que este crescimento não aconteceu de forma progressiva. Nota-se que neste começo a instituição sempre oscilava em um ano com o aumento de matrículas e no ano seguinte uma queda no valor total de alunos. O aumento significativo de alunos, na escola se deu no ano letivo de 1956, quando este número ultrapassou a marca dos 400 alunos, totalizando um aumento de mais de 58%.

QUADRO 5 - QUANTIDADE DE ALUNOS MATRICULADOS ENTRE 1954-1959<sup>65</sup>

ANO	ALUNOS	MENINOS	MENINAS
1954	156 alunos	87	69
1955	117 alunos	43	74
1956 <sup>66</sup>	236 alunos	125	111
1957 <sup>67</sup>	215 alunos		
1958	239 alunos	124	115
1959 <sup>68</sup>	409 alunos	196	213

FONTE: COLÉGIO N.S.DO CARMO. DADOS RETIRADOS A PARTIR DE REGISTROS DE CLASSE E LIVROS DE EXAMES FINAIS DA INSTITUIÇÃO. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

Organizando um gráfico com estes mesmos dados (GRÁFICO 3), capta-se de forma mais clara o aumento na quantidade de alunos. Os dados fornecem que dentre os alunos matriculados há uma ligeira maioria de meninas do que meninos. De forma aproximada no período selecionado de um total de 1373 alunos matriculados em somas absolutas, sem considerar aqueles que continuaram na instituição, temos em média de 596 meninos, o que gera um percentual de 43% de meninos contra 56% de meninas. Estes dados dão a ideia de que os pais das meninas paranaíbaenses em idade escolar e que possuíam condições financeiras, buscaram colocar suas filhas em uma instituição religiosa para pudessem receber uma educação católica e cristã.

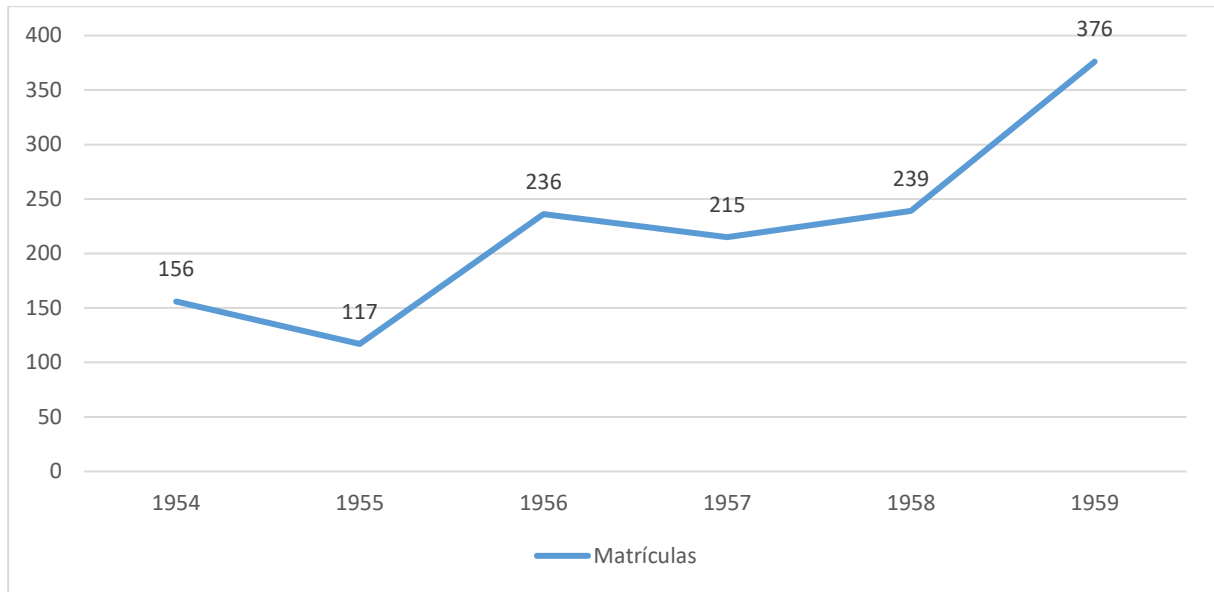
<sup>65</sup> Os valores apresentados neste quadro correspondem aos alunos matriculados regularmente na instituição, ou seja, não incluindo os alunos do curso de datilografia. Informações retiradas a partir de registros de classe bem como atas de exames finais.

<sup>66</sup> Valores aproximados calculados por média.

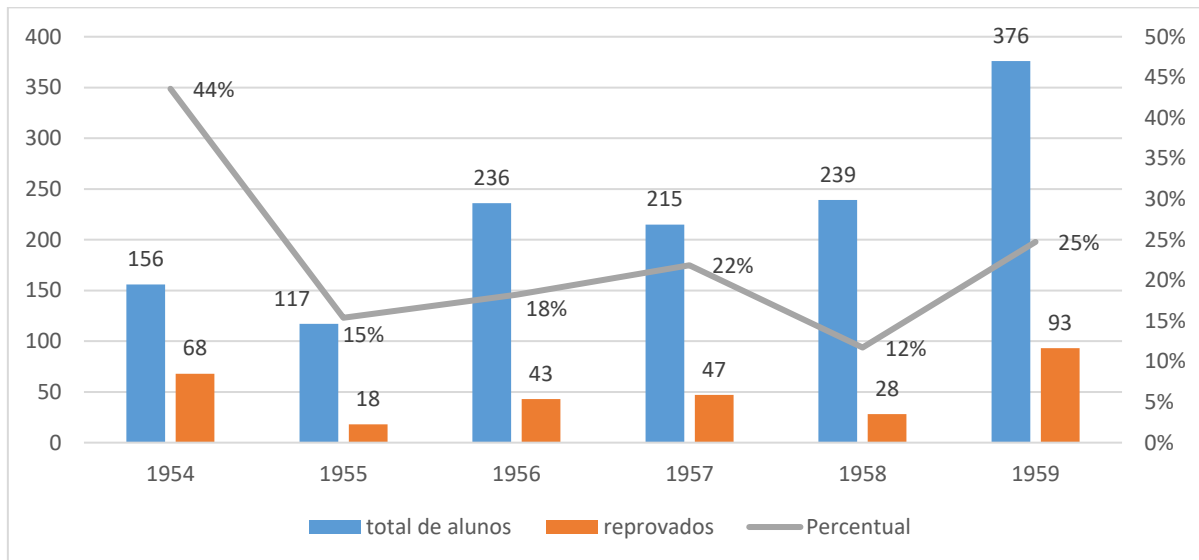
<sup>67</sup> Não foi possível determinar a quantidade de meninos e meninas pois faltam dados de algumas turmas

<sup>68</sup> O valor foi calculado por média, pois após o levantamento do período trabalho pelos professores chegou-se a dedução que existia mais uma turma de 1ª Série da Professora Lúcia Ribeiro Castilho.

GRÁFICO 3 - EVOLUÇÃO DAS MATRÍCULAS ENTRE 1954-1959



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO. DADOS RETIRADOS A PARTIR DOS REGISTROS DE CLASSE, BEM COMO DOS LIVROS DE EXAMES FINAIS DA INSTITUIÇÃO. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

GRÁFICO 4 - ÍNDICE DE REPROVAÇÕES ENTRE 1954-1959<sup>69</sup>

FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO. DADOS RETIRADOS DOS LIVROS DE EXAMES FINAIS DA INSTITUIÇÃO. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

Quando se tem um olhar para o índice de reprovações deste mesmo período, o gráfico abaixo (GRÁFICO 4), esclarece que este índice teve um grande declínio de 1954 para

<sup>69</sup> Vale lembrar que no ano de 1957 não foram encontrados registros de algumas turmas. Para se chegar ao valor de reprovação deste gráfico, foi realizada uma média entre os índices de reprovação do período.

1955 (aprox. 30%). Outro fator interessante registrado neste levantamento é que o índice de reprovação de 1955 é inferior ao de 1956, ano em que supostamente a escola foi considerada a melhor do Estado. Enquanto em 1955 tivemos um valor aproximado de 15%, em 1956 este índice foi de 18%. Neste sentido a fala do religioso sobre esta colocação pode ter se dado por duas situações: A primeira é que o Estado não reconhecia a instituição como formadora oficial no ano de 1955, haja visto que o registro junto aos órgãos oficiais se deu no ano seguinte. A segunda hipótese para a fala do religioso, a mais provável, haja visto que no ano de 1958, o índice de reprovação foi de aproximadamente 12%, tenha sido motivada pelo fato que no ano seguinte, ou seja, 1957, o religioso alemão escreve seus artigos que posteriormente foram compilados dando origem ao livro *História e Memórias de Paranavaí*, mas isto não poderá passar de supostas conjecturas.

Mas um dos principais fatores de análise do referido gráfico se demonstra no aumento da qualidade do Ensino da instituição, que se deu principalmente no investimento de bons profissionais. Esta busca de profissionais qualificados fica expressa também em um trecho dos artigos do religioso, quando este se refere à qualidade da educação na nascente instituição.

Sempre foi claro para mim que, se eu quero ter bons professores, devo pagar bem. Nos primeiros tempos eu recebia de cada aluno 30 cruzeiros, isto significava 2 marcos alemães por mês. Eu tinha 220 alunos para os quais eram necessárias 6 professoras. Com o dinheiro que recebia pagava as professoras. No ano seguinte aumentei a mensalidade e o salário. Assim pude exigir melhores resultados das professoras. (GOEVERT, 1992, p. 18).

Quando comparado ao valor do salário mínimo na época em que foram redigidos estes artigos (1957), o valor cobrado pela instituição de cada aluno girava em torno de menos de 1% deste, registrado em Cr\$ 3.800,00<sup>70</sup>, que segundo o Dieese corresponderia em janeiro de 2011 ao valor de R\$ 1.732,28<sup>71</sup>. Percebendo o crescimento de seus alunos, bem como a oportunidade de ampliar os rendimentos obtidos por meio da escola, e por último a necessidade de continuar ofertando a estes um ensino de qualidade, principalmente pautado nos valores católicos e Carmelitas, a frente missionária dos frades carmelitas iniciaram em 1960 a oferta do ciclo ginásial e com isto a instituição foi chamada de Ginásio Nossa Senhora do Carmo, o qual será abordado posteriormente.

Neste momento também, a instituição, passou a contar com o auxílio das religiosas Filhas da Caridade, sendo que estas assumiram com mais veemência o ensino primário

---

<sup>70</sup> Fonte: Igncontabil.

<sup>71</sup> Fonte: Agência Brasil.

enquanto os freis Carmelitas ficaram mais à frente do ginásio. Um ponto de dificuldade encontrado na pesquisa a partir deste momento, foi a precariedade dos arquivos do ensino primário. Como afirmado a responsabilidade do ensino primário ficou a cargo das religiosas Filhas da Caridade e estas não tiveram tanto apreço em armazenar a documentação da escola e por isto a pesquisa não consegue constatar a quantidade exata das turmas e alunos que frequentaram o ensino primário nesta década.

No ano de 1960 a instituição contou com 11 turmas de ensino primário sendo duas turmas de 4ª série, quatro turmas de 3ª, três turmas de 2ª e duas turmas de 1ª série (QUADRO 6), totalizando 330 crianças. Destas aproximadamente 42% do total de alunos eram do sexo feminino e a maioria de alunos do século masculino, totalizando 140 meninas e 190 meninos. Vale ressaltar que o fato das turmas de terceira série terem sido registradas no livro das avaliações finais somente no nome da professora Ir. Teresa Bortolini F.C. pode indicar que as outras professoras não possuíam formação para atuar como professoras, mas nada constatado por falta de fontes.

QUADRO 6 - ALUNOS E TURMAS DE 1960 DO PRIMÁRIO

1ª série	Prof. Lúcia R. Castilho	31 alunos (13 meninos e 18 meninas)
1ª série	Ir. Luzia Vrublevski F.C.	29 alunos (10 meninos e 19 meninas)
2ª série	Prof. Cleide Borin	14 alunos (4 meninos e 10 meninas)
2ª série	Ir. Adiles M. Gardalben F.C,	47 alunos (9 meninos e 38 meninas)
2ª série	Prof. Olga L., dos Santos/ Prof. Ilenir G. Sanches	30 alunos (23 meninos e 7 meninas)
3ª série	Ir. Teresa Bortolini F.C.	96 alunos (50 meninos e 46 meninas) <sup>72</sup>
3ª série	Prof. Ivone R. da Silva	
3ª série	Prof. Maria Lia Schirov	
3ª série	Prof. Aparecida G. Baroni	
4ª série	Prof. Jandira G. de Oliveira	43 alunos (19 meninos e 24 meninas)
4ª série	Prof. Nair C. dos Santos	40 alunos (19 0meninos e 21 meninas)

FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO. INFORMAÇÕES RETIRADAS A PARTIR DE REGISTROS DE CLASSE BEM COMO ATAS DE EXAMES FINAIS. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

Quanto ao horário de atendimento destas turmas, por falta de informações não foi possível saber com precisão. O que pode se suspeitar é que eram ofertadas todas as séries

<sup>72</sup> Sobre as turmas de 3ª Série de 1960 não se foi possível saber ao certo qual a quantidade de alunos por cada turma. Sabe-se que estas 4 professoras atuavam na terceira série, porém no registro das avaliações anuais todos os alunos aparecem como sendo da Ir. Tereza Bortolini F.C.

tanto pela manhã quanto pela tarde, porém provavelmente em um número mais reduzido pela manhã, haja visto que o prédio neste ano passou também a abrigar o ensino ginásial.

No ano de 1961 aparece oficialmente o registro de que a instituição passou a oferecer também o ensino primário à tarde. Foram encontrados nos registros de uma turma de 4ª série escrito que esta era ofertada no período da tarde, o que corrobora para a discussão no parágrafo anterior. Outro fator importante demonstrado no quadro dos alunos e professores do primário de 1961 (QUADRO 7), se da presença de dois professores homens no quadro de docentes. Excluindo Frei Estanislau O. Carm. que auxiliou na fundação da instituição, a escola não tinha registrado ainda em seu quadro professores homens. Estes atuaram na primeira e na terceira série, porém acredita-se que não foram bem aceitos pela comunidade, haja visto que não fizeram mais parte do quadro docente no ano seguinte.

O ano letivo de 1961 na instituição, foi marcado por um considerável aumento na quantidade de alunos e por consequente de turmas. Totalizando 12 turmas e 425 alunos.

QUADRO 7 - ALUNOS E TURMAS DE 1961 DO PRIMÁRIO<sup>73</sup>

1ª série	Prof. Sidney Egger	30 alunos (18 meninos e 12 meninas)
1ª série	Prof. Maria S. Vaz	33 alunos (17 meninos e 16 meninas)
1ª série	Prof. Maria H. Pereira	35 alunos (14 meninos e 21 meninas)
1ª série	Prof. Maria. L C Leite	27 alunos (18 meninos e 9 meninas)
2ª série	Prof. Olga L. dos Santos	25 alunos (13 meninos e 12 meninas)
3ª série	Ir. Teresa Bortolini F.C.	45 alunos (6 meninos e 39 meninas)
3ª série	Prof. João Deasali Neto	46 alunos (43 meninos e 4 meninas)
4ª série	Prof. Luiza Yamauti (tarde)	35 alunos (15 meninos e 20 meninas)
4ª série	Prof. Luiza Yamauti (manhã)	34 alunos (20 meninos e 14 meninas)
4ª série	Prof. Maria de Lourdes. I Fortes	31 alunos (12 meninos e 19 meninas)
4ª série	Prof. Jandira Goulart de Oliveira	39 alunos (22 meninos e 17 meninas)
4ª série	Prof. Nair Carvalho dos Santos	45 alunos (22 meninos e 20 meninas)

FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO. INFORMAÇÕES RETIRADAS A PARTIR DE REGISTROS DE CLASSE BEM COMO ATAS DE EXAMES FINAIS QUE ESTÃO ARQUIVADAS NA INSTITUIÇÃO. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

Um exemplo deste aumento se dá na 4ª série deste ano. Enquanto no ano de 1960 a instituição possuía 93 alunos na 3ª série, no ano de 1961 a 4ª série totalizou 184 alunos, ou seja, um aumento de quase 100% de alunos nesta série. Já a 1ª série teve um aumento

<sup>73</sup> A este quadro pode ser acrescentado o nome da professora Cleide Borin que provavelmente atuou com 1 turma de 1ª Série na instituição neste ano.

aproximado de 109% no mesmo comparativo. Estes números levam a percepção de uma melhoria na condição econômica dos cidadãos paranavaenses bem como a preocupação destes com o desenvolvimento educacional de seus filhos. Neste ano percebeu-se também a ligeira predominância de estudantes do sexo masculino totalizando 7% de diferença entre alunos meninos e meninas.

Nos anos de 1962 e 1963 as matrículas no ensino primário caíram bastante. Não se encontrou os registros completos do ano de 1962<sup>74</sup>. Os diários de classe e as atas de exames finais encontradas deste ano informaram que neste ano letivo a instituição teve ao menos uma turma de 1ª série regida pela professora Iolanda Furtado Alencar com 28 alunos, mas sem a informação de quantos meninos e quantas meninas. Duas turmas de 2ª série sendo 1 sob a regência de Olga Lima dos Santos com 30 alunos e uma o qual foi encontrado o nome de duas professoras: Odete Cirene Dultra e Odete Ferraz de Magalhães com 45 alunos. Não se sabe ao certo o motivo desta turma ter o registro de duas professoras. Uma das suposições é que ao longo do ano letivo uma delas tenha sido desligada da instituição.

Pesquisando nas Atas de Exames finais de 1963, encontrou-se sete turmas<sup>75</sup> sendo uma de 4ª série, duas de 3ª série, duas de 2ª e duas de 1ª série sendo uma de recuperação, totalizando 208 alunos, com as professoras Jandira Goulart de Oliveira, Carmen Cibelle Guidetti, Maria Irma Quagliotti, Olga Lima dos Santos, Maria Aparecida Saragiotto, Cleide Borin e Iolanda Furtado Alencar respectivamente. Neste ano também, algumas turmas eram exclusivamente de meninas e outras de meninos bem como existiam turmas mistas. Na 3ª série a turma da professora Carmen Cibelle Guidetti era de 36 alunas, já a turma da professora Maria Irma Quagliotti, era de 23 alunos totalmente meninos. O surgimento de turmas separadas pode ter sido motivado por duas situações: uma delas, a vinda das religiosas para contribuir com a educação Carmelita e como estas tinham grande experiência na educação católica, estas resolveram implantar algumas turmas separadas. A segunda suposição é que esta separação pode ter sido uma solicitação de alguns pais, provavelmente de meninas, que solicitaram a escola, uma turma somente de meninas. Porém nada foi encontrado que pudesse comprovar uma destas hipóteses.

No ano letivo de 1963 iniciou seus estudos na Escola Paroquial, um de nossos

---

<sup>74</sup> Em pesquisa nos arquivos do Colégio, descobriu-se que provavelmente a professora da 4ª série deste ano tenha sido Jandira Goulart de Oliveira. Provavelmente a professora Cleide Borin, bem como, Nair Carvalho dos Santos, Maria Helena Pereira, tenham trabalhado neste ano na escola com turmas de 1ª série.

<sup>75</sup> Ao realizar a pesquisa sobre os professores percebeu-se que provavelmente a professora Nair Carvalho dos Santos trabalhou na instituição em 1963, e que por seu histórico na instituição provavelmente foi uma turma de 1ª ou 4ª série. Também se percebeu que a professora Maria Helena Pereira tenha trabalhado neste mesmo período que pelo seu histórico dentro da escola, tenha ministrado aulas para turma de 1ª série.

depoentes que teve sua formação primária e ginásial na instituição. Com uma memória fantástica José Wille<sup>76</sup>, descreve suas primeiras impressões sobre a instituição:

entrei lá no começo de 1963, a escola, a instalação dela era uma coisa muito precária no seguinte sentido: ela não era uma escola que tivesse assim algum diferencial, era muito precária no sentido básico, não precário de faltar alguma coisa, mas muito básica né, por exemplo aquele pátio nem tinha ainda calçamento era areia o pátio uma areia meio dura muito batida, é aquela escadaria que não tinha, era livre o acesso, entrava quem queria ali, naquele tempo bem não havia preocupação com segurança (WILLE, 08. Jun.2015)

As lembranças de José Wille corroboram com a ideia de que a preocupação maior da Ordem religiosa fosse a educação, haja visto que não houve um grande investimento na estrutura da mesma, escola seguindo Wille era “muito básica. A fala do depoente remete a ideia de uma cidade tranquila e pacata, em que quase não havia violência, bem diferente do que foi registrado no Capítulo 2 antes da emancipação do município.

QUADRO 8 - ALUNOS E TURMAS DE 1964 DO PRIMÁRIO<sup>77</sup>

1ª série	Prof. Nair Carvalho dos Santos	24 alunos
1ª série	Prof. Maria Eloísa Casula	25 alunos
1ª série	Prof. Maria Helena Pereira	28 alunos
1ª série	Prof. Lúcia Castilho	26 alunos
2ª série	Prof. Olga Lima dos Santos	26 alunos
2ª série	Prof. Regina Celi Resende	34 alunos
2ª série	Prof. Cleide Borin	37 alunos
3ª série	Prof. Lúcia Stedile	24 alunos
3ª série	Teresinha de Carvalho	34 alunos
3ª série	Ir. Maria Salete F.C.	29 alunos
4ª série	Prof. Jandira Goulart de Oliveira	28 alunos (12 meninos e 16 meninas)
4ª série	Ir. Suzana Suber F.C.	25 alunos
4ª série	Ir. Veronica Sidoski F.C.	24 alunos (13 meninos e 11 meninas)

FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S.DO CARMO. INFORMAÇÕES RETIRADAS A PARTIR DE REGISTROS DE CLASSE BEM COMO ATAS DE EXAMES FINAIS. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

Em 1964, ano em que se instaurou o governo militar no Brasil, o agora denominado

<sup>76</sup> José Wille nasceu em 1956 na cidade de Mandaguari, norte paranaense e chegou em Paranavaí, em 1960. Em 1963 iniciou seus estudos no Ginásio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, onde realizou seus estudos primários e ginásiais, saindo da instituição em 1971. Atualmente José Wille reside em Curitiba e trabalha na rádio universitária da UFPR.

<sup>77</sup> A este quadro podemos acrescentar provavelmente o nome da senhora Iolanda Furtado Alencar que, segundo sua trajetória de docência na escola tenha ministrado neste ano aulas para uma turma de 1ª série.

Ginásio Nossa Senhora do Carmo, contou com 13 turmas do primário totalizando 364 alunos. Com a exceção da 1ª série que possuía 4 turmas, o Ginásio Nossa Senhora do Carmo contava com 3 turmas de cada série. Não foram encontrados documentos que permitissem a realização do levantamento dos alunos por sexo nem saber quantos alunos foram retidos (QUADRO 8). Verifica-se também que neste ano as religiosas Filhas da Caridade reassumem as salas de aula principalmente nas séries finais, principalmente a 4ª Série sendo professoras de 2 das 3 turmas deste ano.

Por fim, o ano letivo de 1965, a instituição manteve a organização de 4 turmas de 1ª Série, 3 turmas de 2ª Série, 3 turmas de 3ª Série e 2 turmas de 4ª Série totalizando 384 estudantes. Percebeu-se por meio do quadro deste ano houve um processo de compressão das turmas de 4ª Série neste ano. Em 1964, foram 3 turmas totalizando 77 alunos. Já no ano seguinte as duas turmas de 4ª Série abarcavam um total 81 alunos. (QUADRO 9). Neste ano também houve o aumento de uma professora religiosa no quadro de docentes da escola, isto pode corroborar com a ideia de que as religiosas ao assumirem o seguimento do primário, buscavam implementar o jeito vicentino de educar, o qual não será aprofundado, por não fazer parte do objeto estudado.

QUADRO 9 - ALUNOS E TURMAS DE 1965 DO PRIMÁRIO

1ª série	Prof. Lúcia Ribeiro Castilho	32 alunos
1ª série	Prof. Amala Correia	31 alunos
1ª série	Ir. Carmen F. C.	20 alunos
1ª série	Prof. Iolanda Furtado Alencar	28 alunos
2ª série	Prof. Cleide Borin	32 alunos
2ª série	Prof. Maria Eloisa Casula	31 alunos
2ª série	Prof. Socorro Lima Dantas	32 alunos
3ª série	Prof. Olga Lima dos Santos	31 alunos
3ª série	Ir. Maria Salete F.C.	37 alunos (20 meninos e 17 meninas)
3ª série	Ir. Maria F.C.	29 alunos (10 meninos e 19 meninas)
4ª série	Prof. Jandira Goulart de Oliveira	36 alunos (18 meninos e 19 meninas)
4ª série	Ir. Elia F.C.	45 alunos (23 meninos e 22 meninas)

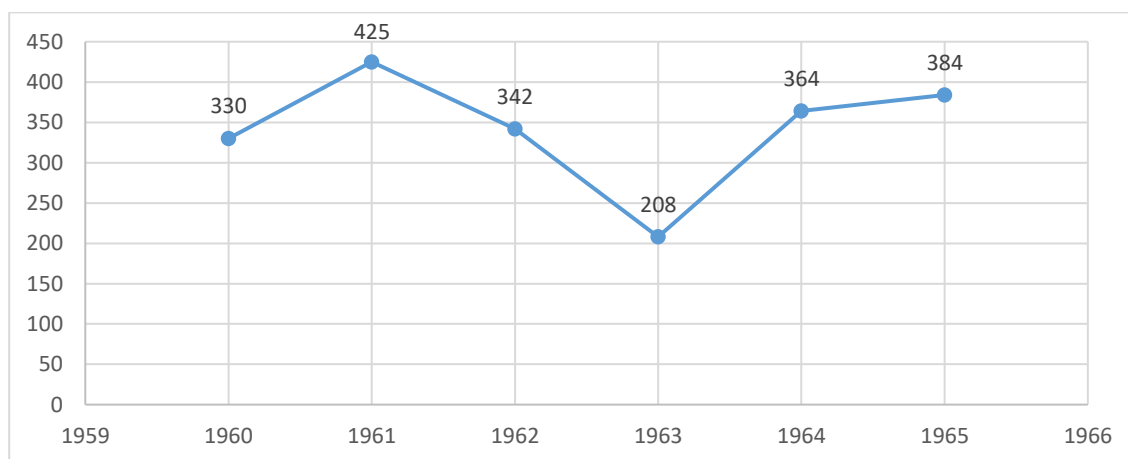
FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO. INFORMAÇÕES RETIRADAS A PARTIR DE REGISTROS DE CLASSE BEM COMO ATAS DE EXAMES FINAIS. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

O próximo gráfico (GRÁFICO 5), por sua vez, foi composto com a totalidade das



matriculas encontradas a partir dos exames finais. Nestes valores não foram considerados as desistências nem as transferências ao longo do ano, haja visto que esta informação não foi encontrada. Outro dado importante é que como relatado anteriormente não se conseguiu encontrar registros do total de alunos matriculados no ano de 1962

GRÁFICO 5 - MATRÍCULAS QUINQUÊNIO 1960-1965



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO. DADOS RETIRADOS A PARTIR DOS REGISTROS DE CLASSE E DOS LIVROS DE EXAMES FINAIS. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

Para se chegar ao valor demonstrado no gráfico, foi feita uma média entre os demais anos, porém mesmo não tendo a precisão da quantidade de alunos em 1962 percebemos um declínio nas matrículas a partir do ano 1962 apresentando o menor índice, no ano seguinte, último ano em que as religiosas estiveram na direção dos dois seguimentos. Em 1964 os Carmelitas reassumem a direção do Ginásio na pessoa de Frei Ulrico Goevert e as religiosas passam a se dedicar somente ao primário. Neste ponto uma grande pergunta se levanta, porém sem resposta. A partir de 1964 houve de certa forma a separação dos seguimentos e as religiosas dedicaram-se quase em sua totalidade ao primário, tanto que em 1967 transformam o primário do Ginásio Nossa Senhora do Carmo em Escola São Vicente de Paulo. Tudo indica que houve uma ruptura entre Frente missionária dos Carmelitas e a frente missionária das Irmãs Vicentinas, como também são conhecidas. Esta divisão foi causada por algum conflito? Sobre este assunto a priori, não foi encontrado nenhum registro e abre campo para um novo estudo no futuro.

Quanto ao índice de reprovação deste quinquênio não se encontraram dados sobre estas informações. Percebe-se aqui que a partir de 1960 a instituição se preocupou em arquivar os dados referente ao ciclo ginásial, pois quase não se encontrou registros sobre o

ensino primário. Ao realizar uma busca na instituição gerida pelas Filhas da Caridade se encontrou poucos registros do ensino primário da década de 1960. A negligência com a referida documentação pode ser vista, por dois ângulos: Quando se utiliza o prisma do Ginásio Nossa Senhora do Carmo, pode se entender que não levaram em consideração o arquivamento destes registros devido a divisão da administração da instituição junto com as religiosas Filhas da Caridade.

Já olhando pelo ponto de vista das religiosas, pode-se conjecturar que como estas não consideravam como sendo sua instituição, e por isto não tinham obrigação de arquivamento. Estes documentos foram descartados provavelmente quando as religiosas fundaram o educandário São Vicente de Paulo.

O último quinquênio dentro do recorte escolhido, apreende-se que no ciclo primário, apesar das poucas informações, levantou-se a quantidade de alunos e turmas, porém não se conseguiu as mesmas informações sobre os índices de reprovação bem como a quantidade de meninos e meninas por turma. Também não se consegue precisar se a quantidade levantada de alunos do seguimento do primário, realmente foi a quantidade atendida no período. Nota-se que nas fontes encontradas só foi possível determinar o gênero de duas turmas da 3ª série e das turmas de 4ª série, sendo que destas quatro turmas, três eram regidas por religiosas.

QUADRO 10 - ALUNOS E TURMAS DE 1966 DO PRIMÁRIO<sup>78</sup>

1ª série	Prof. Maria Eloisa Casula	25 alunos
1ª série	Ir. Carmem Paludo F.C.	31 alunos
2ª série	Prof. Maria do Socorro Lima Dantas	24 alunos
2ª série	Ir. Maria Martins F.C.	28 alunos
2ª série	Prof. Zoé Ataíde Andrigueto	24 alunos
3ª série	Prof. Olga Lima dos Santos	38 alunos
4ª série	Ir. Lourdes Aparecida Loli F.C.	27 alunos
4ª série	Prof. Zoé Ataíde Andrigueto	27 alunos
4ª série	Ir. Maria José de Faria F.C.	38 alunos.

FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO. INFORMAÇÕES RETIRADAS A PARTIR DE REGISTROS DE CLASSE BEM COMO ATAS DE EXAMES FINAIS. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

No ano de 1966, a instituição contou com uma diminuição na quantidade de alunos

<sup>78</sup> A este quadro provavelmente pode se anexar o nome da Irmã Elia De Lourdes Matos que segundo sua trajetória, tenha ministrado aulas para a 4ª série.

no primeiro seguimento educacional. Neste ano, o primário do Ginásio Paroquial Nossa Senhora do Carmo contou com 262 alunos divididos em 9 turmas. Houve uma troca considerável no quadro de professores, incluindo as professoras religiosas. As pesquisas apontaram uma evasão escolar principalmente nas turmas que avançaram para a 3ª série. Dos 95 alunos que deveriam estar nesta série a instituição conseguiu formar apenas uma turma com 38 alunos. Outra grande evasão no ano de 1966 se deu dos alunos que foram da 1ª para a 2ª série. Dos 111 alunos que a instituição deveria ter na 2ª série em 1966, apenas 76 alunos cursaram esta série na instituição (QUADRO 10).

O ano de 1967 também foi de evasão escolar para o primário da instituição carmelita, que neste momento, era gerida pelas religiosas Filhas da Caridade. Na 1ª série deste ano a escola organizou duas turmas com aproximadamente 30 alunos cada. Já na 2ª série percebeu-se o ingresso de 11 alunos a mais para cursar este período totalizando duas turmas com 67 alunos. Já a 3ª série foi um dos maiores números de saída da escola. Dos alunos aprovados na 2ª série de 1966, para a série seguinte, permaneceram na instituição aproximadamente 30 crianças. O crescimento de matrículas para a 4ª série em 1967, também merece atenção. Segundo Atas de Exames finais, foram matriculados aproximadamente 20 novos alunos. Para os alunos que não passaram no exame de admissão ginásial, a instituição organizou, sob os moldes propostos pelo regimento estatal, uma turma de 5ª série do Ensino primário com aproximadamente 20 alunos totalizando aproximadamente 235 alunos.

QUADRO 11 - ALUNOS E TURMAS DE 1967 DO PRIMÁRIO<sup>79</sup>

1ª série	Prof. Maria Eloisa Casula	30 alunos <sup>80</sup>
1ª série	Ir. Carmem Paludo F.C.	30 alunos
2ª série	Ir. Maria Vieira Martins F.C.	38 alunos
2ª série	Prof. Ana Bana	29 alunos
3ª série	Ir. Lourdes Aparecida Loli F.C.	30 alunos <sup>81</sup>
4ª série	Ir. Maria Salete Nuemberg F.C.	31 alunos
4ª série	Ir. Elia de Lourdes Matos F.C.	27 alunos
5ª série	Ir. Maria José de Faria F.C.	20 alunos.

FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO. INFORMAÇÕES RETIRADAS DE REGISTROS DE CLASSE BEM COMO ATAS DE EXAMES FINAIS. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

<sup>79</sup> A este quadro pode-se considerar também o nome da professora Olga Lima dos Santos que possivelmente ficou responsável por uma turma de 2ª série.

<sup>80</sup> Não se sabe ao certo a quantidade de alunos desta 1ª série. Para chegar a este valor analisou-se a quantidade de alunos nas demais turmas.

<sup>81</sup> Idem a nota anterior

No ano letivo de 1967, o quadro de docentes da instituição, é formado em sua maioria de religiosas. Das 8 turmas que constituíram o ensino primário neste ano, 6 professoras eram religiosas. A estas características podem ser atribuídas várias questões: Uma delas pode ser uma preparação da Congregação das Filhas da Caridade para abertura de sua própria escola nos anos vindouros; também com o objetivo de imprimir ainda mais o caráter confessional da instituição. Esta situação pode ter sido motivada pela queda na quantidade alunos atendidos pela instituição o que dificultaria a situação financeira da mesma, obrigando as religiosas a assumirem de forma mais efetiva à docência. (QUADRO 11)

No ano seguinte, as mesmas fontes documentais dos anos anteriores, demonstraram que evasão escolar continua, porém não tão agressiva como no ano anterior. Em 1968 a quantidade de alunos matriculados no seguimento primário foi de 221 alunos divididos em 9 turmas sendo percebido um aumento na quantidade de alunos da 3ª Série. Esta série deveria ter duas turmas com aproximadamente 67 alunos. O que se percebeu foi um aumento na procura deste ano formando então três turmas totalizando 79 crianças. As demais séries mantiveram-se iguais com perdas pouco significativas em relação ao ano anterior. Em relação ao quadro docente permaneceu ainda a maioria destes sendo religiosas contando somente com duas professoras leigas.

Em 1969 esta situação do quadro de docentes se reconfigura. Das nove docentes que compunham o quadro do primário, quatro professoras eram leigas. Quanto ao número de alunos matriculados, a instituição continuou em queda apresentando um percentual de 2,26 menor em relação ao ano anterior totalizando 216 alunos. De forma mais acentuada as saídas da instituição se deram nos alunos que estudariam a 3ª série (31%) e 5ª série (30%) respectivamente, sendo seguidos pela 2ª série (27,5%)

O último ano pesquisado, dentro do recorte temporal estabelecido para este estudo, aponta para continuidade queda nas matrículas deste seguimento. Em 1970 a instituição contou com aproximadamente 113 alunos, ou seja, uma redução de aproximadamente 47,6% de um ano para outro. Neste ano, a instituição organizou o ensino primário em 4 turmas, uma de cada série, sendo 2 docentes religiosas e 2 leigas.

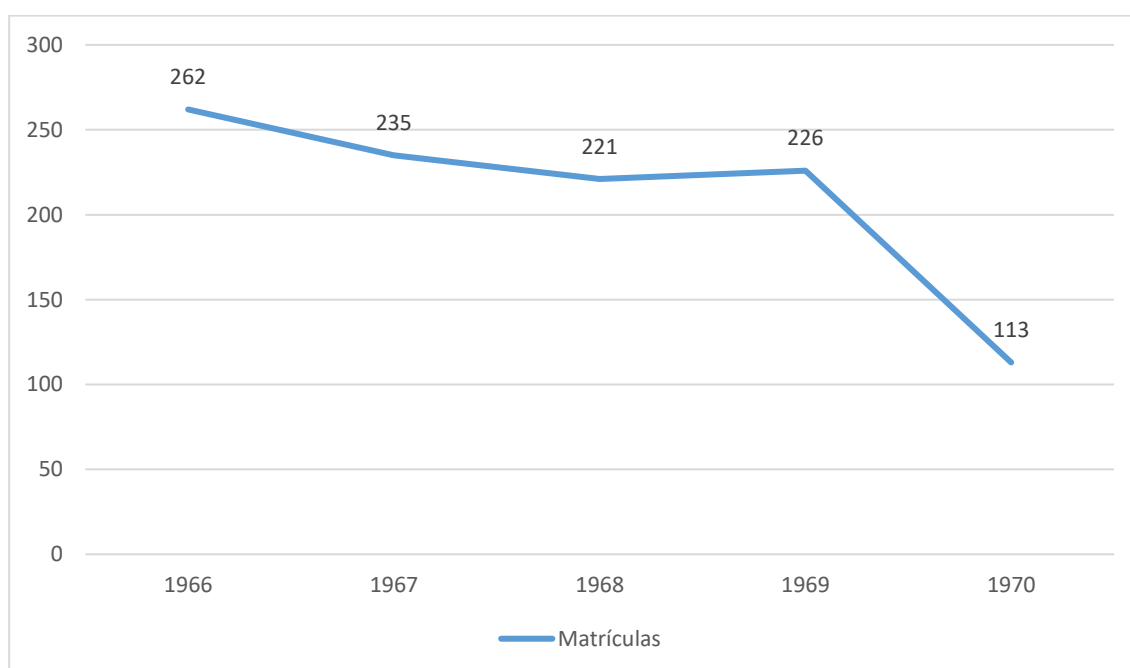
Quando estes dados são tabulados em um gráfico (GRÁFICO 6)<sup>82</sup> nota-se o forte declínio nas matrículas, chegando a um percentual de 56,8% de 1965 a 1970. Estes dados podem estar ligados ao processo de desenvolvimento de Paranavaí. A partir da segunda metade da década de 1960, a cidade não seguiu o processo desenvolvimentista vivido na

---

<sup>82</sup> Vale ressaltar que os números levantados neste gráfico foram obtidos por meio das fontes existentes, sem levar em consideração as possíveis professoras que não foram encontrados registros.

década anterior. Devido a várias disputas políticas, os investimentos estaduais e federais passaram a ser destinados a cidade de Maringá que assumiu como metrópole da região noroeste paranaense. Esta estagnação no desenvolvimento de Paranavaí fez com que muitas pessoas buscassem outras cidades para estabelecer sua morada, principalmente a cidade referida acima, o que pode ter levado a queda nas matrículas.

GRÁFICO 6 - MATRÍCULAS NO QUINQUÊNIO 1966-1970



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO. DADOS RETIRADOS A PARTIR DOS REGISTROS DE CLASSE E DOS LIVROS DE EXAMES FINAIS. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

Após o término da verificação da quantidade de alunos e de turmas no período estabelecido, captou-se a grande rotatividade de docentes no ensino primário desde sua gênese. No início supõe-se que esta rotatividade aconteceu justamente pela falta de preparo, bem como da falta de formação das professoras como relatou o religioso em seus escritos para a revista alemã.

Algumas professoras, como Lúcia Ribeiro Castilho trabalharam em dois momentos distintos na escola. Lucia exerceu sua docência num total de 9 anos na escola. A referida professora iniciou suas atividades na instituição em 1954, saindo em 1960. Posteriormente retornou em 1964 saindo no ano seguinte. Neste mesmo sentido a professora Olga Lima dos Santos foi quem trabalhou por mais tempo na instituição. A docente iniciou seus trabalhos no ano de 1956 saindo no final do ano. Depois retornou no ano de 1960 trabalhando por 8 anos consecutivos. As docentes que permaneceram no Ginásio Nossa Senhora do Carmo por mais

tempo em anos consecutivos foram Nair Carvalho Santos<sup>83</sup> por oito anos e a Irmã Maria Salete Nuemberg<sup>84</sup> por sete anos, iniciando suas atividades em 1957 e 1964 respectivamente.

FIGURA 12 - COMEMORAÇÃO CIVICA DOS ALUNOS DO PRIMÁRIO



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (196?).

Quanto ao registro da participação dos alunos do primário em atividades cívicas tanto internamente quanto as promovidas pelo município, o que se encontra é uma ativa participação da instituição nestes momentos. Vários são os registros fotográficos que demonstram esta participação. A primeira imagem relacionada a este tema (FIGURA 12), registrada posteriormente a 1960, pois como percebe-se no canto direito da fotografia aos fundos a ampliação realizada no novo prédio para abrigar o ginásio, em que agora a edificação assume um formato de U (apresentada posteriormente na FIGURA 27). Como destaque central do registro, duas alunas estão representando, o que segundo depoentes, poderia ser uma poesia dedicada a bandeira (no centro da fotografia) em homenagem ao dia da Independência ou ao dia da bandeira. Em grande destaque na fotografia aparece os alunos enfileirados e uniformizados, com suas respectivas professoras no final da fila, com o objetivo de policiar o comportamento dos mesmos. Ainda se percebe no canto esquerdo o registro da

<sup>83</sup> Não se possui nenhuma informação sobre seu paradeiro.

<sup>84</sup> Faleceu em um acidente automobilístico no final da década de 1960.

Igreja, o que mais uma vez reforça a estratégia utilizada pela instituição buscando sempre afirmar seus valores confessionais católicos.

FIGURA 13 - COMEMORAÇÃO CÍVICA DO PRIMÁRIO



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (196?).

Em outro registro imagético (FIGURA 13) foi registrado provavelmente a mesma comemoração cívica, porém em um outro ano letivo. Isto pode ser afirmado pela presença das

religiosas Filhas da Caridade de costas no centro da fotografia, com sua vestimenta da época, o que condiz com a descrição feita por Pedra Bucci “elas usavam aqueles chapéus (faz gesto para mostrar o chapéu) ... grandes” (BUCCI, 05 jun. 2015). Ao fundo vê-se a Igreja Matriz de São Sebastião. Esta edificação serviu de templo religioso até 1963 quando a atual Igreja foi construída. No canto esquerdo observa-se a ponta de uma estrutura em madeira que poderia ser da nova construção. Em posição de destaque estão aproximadamente sete alunas que pelo posicionamento estariam encenando alguma homenagem a comemoração cívica, nota-se a presença da bandeira do Brasil hasteada. Outro ponto interessante registrado na fotografia se dá na ausência de uniforme em alguns alunos. Um exemplo disto está no último aluno do canto inferior esquerdo, que está com uma calça de cor diferente dos demais, Como forma de rebeldia, ou até mesmo sem esta pretensão, este aluno utilizou-se desta tática para burlar as regras impostas pela instituição e de certa forma se destacar dos demais. Também como transgressão as regras, avista-se um pouco acima do aluno com calça de outra cor, alguns rapazes fora da fila, que poderiam ser alunos de outro seguimento, do ginásio, de outra instituição escolar, ou até mesmo membros alheios a instituição escolar, que estavam assistindo à apresentação sentados.

Outras datas comemorativas se faziam presentes dentro do itinerário pedagógico da Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo Um exemplo disso se dava na comemoração das festas juninas. Além de homenagear os santos padroeiros desta festividade, São Pedro, São João e Santo Antônio, a instituição utilizava-se destas festividades como um momento de conagração entre as famílias e de arrecadação de verbas para a instituição.

Um dos momentos mais importantes desta festividade, se dava no momento da dança da quadrilha bem como do casamento caipira (FIGURA 14). Como parte da tradição desta festa, encenava-se a situação de um casamento em que o jovem tinha desonrado a moça e por isso seu pai obrigava o rapaz a casar-se com sua filha. Na fotografia registrou-se ao centro 2 crianças que seriam os supostos noivos, junto a estas uma terceira pessoa que fazia parte da encenação, representando o padre e logo atrás das crianças uma pessoa adulta que provavelmente fosse a professora responsável por estas crianças. Sobre este momento de festa junina, José Wille, relata os preparativos para a mesma, porém as recordações que o mesmo tinha destes momentos não eram tão felizes.

eu não sei porque eu participava, tinha uma menina da minha turma, que me convidava para ser par dela, (risos) eu gostava da menina e ia lá, e eu era muito tímido mas ia, ficava lá e fazia os ensaios. Chegava no dia, dois anos seguidos, chegava um dia antes ela chegava e dizia: Ah não vou poder e tal, desculpa. Aí eu pensava: pô ela não gosta mais de mim (risos). Mais tarde é que veio cair a ficha,



com mais idade eu pensei: Bom acho que ela deve ser evangélica, na realidade ela era e vai ver que a família não aceita participar da festa junina, da festa da igreja e tudo mais, então dois anos seguidos ela cancelou um dia antes, nós ficamos ensaiando, chegava no dia ele cancelava (risos) (WILLE, 08 jun. 2015)

FIGURA 14 - FESTA JUNINA



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (S.D.).

Além do relato dos preparativos para a festa, este trecho do depoimento de Wille, apresenta um dado importante: a presença de alunos de outras confissões religiosas dentro da instituição. Por mais que pertencesse a outra religião, alguns pais matriculavam seus filhos na

instituição católica, por confiar na metodologia de ensino, bem como no processo educacional que envolvia toda instituição na formação de uma elite local.

A formatura da 4ª série também possuía seu lugar de destaque no calendário escolar. Este evento de certa forma, marcava o fim de um ciclo escolar e por isto deveria ser comemorado. Buscando preservar as raízes religiosas, a instituição antes da entrega dos certificados de conclusão do Ensino Primário, realizava uma celebração eucarística em agradecimento pela conclusão desta etapa.

FIGURA 15 - FORMATURA DAS PRIMEIRAS TURMAS DO PRIMÁRIO



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (195?).

Percebe-se neste registro (FIGURA 15) que a fotografia não foi feita de forma espontânea, mas sim foi feita a composição do quadro, para o registro oficial. Ao centro da imagem, sentados dando a ideia de superioridade e hierarquia estão Fr. Ulrico O. Carm., a esquerda, a professora da turma, que provavelmente seria a senhora Irene Patriota, porém não confirmado, no centro da fotografia, demonstrando a importância do professor dentro da instituição e até mesmo dentro dos moldes escolares vigentes na época, e Fr. Estanislau O Carm., a direita. Em pé atrás destes estão os alunos que foram dispostos por tamanho e não por gênero, igualmente dispostos encontram-se um casal de alunos a direita e outro à esquerda da fotografia, com as meninas ao lado dos religiosos. Os mais altos foram posicionados atrás sendo que a única menina desta fila foi colocada ao centro totalizando 12 alunos. Mais uma

vez a fotografia afirma a ideia da valorização dos ideais católicos, haja visto que a mesma foi tirada dentro da Igreja, em um dos altares laterais localizados dentro desta.

FIGURA 16 - FORMATURA PRIMÁRIO



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (1956?).

Nesta outra fotografia (FIGURA 16), também registrada em um momento de formatura, o autor compôs a fonte de forma em que aparecesse a professora da turma, que neste caso era a professora Rosa Akiê Noguti, o que nos faz supor que a fotografia seja posterior a 1956, Frei Ulrico ao centro e um aluno de origem nipônica segurando um certificado. Uma informação importante a ser ressaltada, grande parte da população de Paranavaí, e do noroeste paraense tem origem nipônica, que migravam para região especialmente para o cultivo de hortaliças e frutas, influenciando com sua cultura, boa parte das tradições da localidade. Ainda ao fundo da imagem, encontra-se a bandeira brasileira

hasteada e ao seu lado outra bandeira que provavelmente seja da escola, ou da Ordem religiosa, haja visto a presença de uma estrela, utilizada no brasão da Ordem e provavelmente de suas cores, pois a parte escura da bandeira provavelmente seja marrom, o que representa a cor da vestimenta dos religiosos.

FIGURA 17 - PRIMEIRAS TURMAS DA ESCOLA PAROQUIAL N. S. DO CARMO



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (195?).

Por fim, os registros das turmas com seus respectivos professores sempre fizeram parte das tradições da instituição. Um dos primeiros registros encontrados sobre este assunto é o da turma de Frei Estanislau. A fotografia em questão, provavelmente foi tirada entre os anos de 1952 a 1954, último ano de Frei Estanislau como professor da instituição. Não se sabe quem foi o fotógrafo que retratou a mesma, porém o estilo da fotografia indica que a foto não foi registrada de forma espontânea, e que possivelmente é o registro de classe. Se

considerarmos esta fotografia nesses parâmetros, podemos restringir ainda mais o ano em que foi tirada, pois este espaço, demarcado ao fundo do registro, passou a ser utilizado como ambiente escolar a partir de 1953. No centro da fotografia (FIGURA 17), Frei Estanislau, pode-se entender que a ideia de registrar o professor no centro da foto, quer passar a ideia que perpassava a educação na época: o professor como sendo o centro do conhecimento e os discentes aqueles que não o possuem e dependem do mestre para obtê-lo. Constata-se que os alunos desta turma são somente do sexo feminino o que confere com a descrição feita pelo religioso alemão em uma de suas cartas<sup>85</sup> a seu superior quando informa que a escola iniciará suas atividades com 4 turmas, sendo 2 de cada sexo. Neste período provavelmente não se existia a obrigatoriedade do uniforme escolar, pois algumas alunas estão usando e outras não. O uniforme da escola para as meninas era uma saia marrom com uma espécie de suspensório, e uma camisa de manga comprida branca.

FIGURA 18 - TURMA DO PRIMÁRIO



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (1968).

O registro de outra turma da instituição (FIGURA 18) foi realizado nos anos finais do recorte temporal desta pesquisa. Segundo os dados levantados e apresentados anteriormente, este foi um período de declínio na quantidade de matrículas dos alunos. Como

<sup>85</sup> Carta datada de 28 de maio de 1952 de frei Ulrico a seu superior em Bamberg - Alemanha.

neste ano a instituição contou com apenas duas professoras leigas, a professora registrada na fotografia seria ou Olga Lima dos Santos que trabalhou por diversos anos na instituição, ou a professora Maria Eloisa Casula que atuou como professora na instituição de 1964 a 1968.

Pode se afirmar também que a fotografia foi tirada em um dia normal de aula, pois os alunos estão utilizando o uniforme cotidiano. Com a maioria dos alunos do sexo feminino, a fotografia foi composta com a divisão de gênero. Ao lado esquerdo da foto posicionaram-se os meninos que totalizavam 10 alunos da classe. No lado direito da professora posicionaram-se as 16 alunas que compunham a turma. O cenário não pode ser identificado, porém observa-se que os mesmos se posicionaram em uma escadaria, que poderia ser a escadaria da instituição escolar. O destaque da foto, fica a cargo de uma aluna, (segunda aluna da direita para esquerda na primeira fila) que no momento do registro, olha atentamente a sua professora, que provavelmente tinha dado a ordem para que todos se posicionassem corretamente para o registro fotográfico.

### 3.2 O SURGIMENTO DO JARDIM DE INFÂNCIA

São poucas as informações sobre o jardim de infância Nossa Senhora do Carmo. As informações sobre esta etapa escolar foram obtidas por meio dos relatos de Frei Ulrico a revista alemã, por algumas fotografias, alguns registros de classe e por depoimentos. **Em uma** carta enviada ao seu superior datada de 23 de fevereiro de 1954, afirma que estava pensando em construir um jardim de infância para abrigar em um melhor espaço os alunos (APCB Br: K) e que também em seus relatos a revista *Karmell Stimmen* quanto informa aos leitores alemães o aumento em 7 metros dentro da igreja, para a criação deste espaço escolar.

Se não tivéssemos a Escola Paroquial, não poderíamos levar nem a metade das crianças para Jesus. E para que a Escola paroquial pudesse prosperar, foi necessário que nós missionários, nos dedicássemos às crianças desde pequeninas.

Portanto foi absolutamente necessário construir um Jardim da Infância [...]. Por isso aumentamos a antiga igreja em 7 metros; fizemos uma repartição, pedimos mesinhas e cadeiras e o Jardim de Infância teve início. Primeiramente foram matriculadas 40 crianças, depois 50 e em seguida 60. Finalmente vimo-nos forçados a construir um novo Jardim da Infância. (GOEVERT, 1992, p. 19).

A citação acima permite perceber algumas contradições dentro da fala do próprio religioso quando afirma a necessidade da escola para “levar as crianças para Jesus” (Ibidem) Isto se dá por vários fatores. Primeiramente o próprio relato do religioso quando afirma que antes mesmo da Escola, conseguiu-se formar em pouco tempo uma turma que estava

preparada para a comunhão, ou seja, os religiosos também utilizavam-se de outros métodos de evangelização, além do escrito, para poder propagar a doutrina católica, fazendo sentido com isto, o trabalho inicial de uma frente missionária em um local em formação: o de catequização e de sacramentalização dos que vivem ali.

Nesta citação percebe-se também claramente a proposta de Certeau, quando discute a organização do cotidiano da humanidade. Em sua discussão, o autor afirma que um lugar é o físico, o que está construído, estático e podendo assim dizer sem vida. O que determina o espaço dentro deste lugar é a utilização que a sociedade que ali vive destina a ele. Neste caso o lugar que anteriormente era destinado como espaço para as celebrações religiosas, ganha novo sentido e até mesmo um novo conceito de espaço para o mesmo lugar, que a partir da necessidade local, se transformou em escola. Sabe-se que o jardim da infância Nossa Senhora do Carmo, iniciou suas atividades em 1954, isto porque em uma carta datada em julho deste ano, o religioso afirma que atende 41 crianças no jardim da infância, não podendo aceitar mais por falta de espaço (APCB Br: K).

Apesar de não possuir recursos para a construção de um espaço adequado, após a construção de um novo templo religioso, os Carmelitas que faziam parte da frente missionária, resolveram ampliar a primeira igreja da cidade em 7 metros, dividindo o espaço. Os religiosos conseguiram recursos para a compra de mesas e cadeiras adequadas ao tamanho das crianças para o jardim de infância. Para iniciar os trabalhos, Frei Ulrico e seus confrades, contaram com o auxílio de Lourdes Gomes Patriota<sup>86</sup> “a idealista moça de 19 anos” (GOEVERT. 1992, p. 19). O Jardim de Infância iniciou suas atividades atendendo 40 crianças, porém até 1957, ano em que Goevert escreve para a revista alemã, O Jardim da infância contava com aproximadamente 60 crianças atendidas.

Em uma correspondência enviada pelo religioso alemão a seu superior, datada de 22 de fevereiro de 1955, Frei Ulrico informa a Frei Albert Deckert que em breve iniciaria a construção de um novo jardim de infância. Esta seria feita na quadra 77<sup>87</sup> (FIGURA 19). Esta nova instalação que por mais de 10 anos funcionou como jardim de infância dos Freis Carmelitas se transformou na Escola São Vicente de Paulo, atendendo o Ensino Fundamental até a contemporaneidade.

---

<sup>86</sup> Seu nome completo era Maria de Lourdes Gomes Patriota. Nasceu no dia 12/01/1932 em Brejão, PE. Chegou em Paranavaí em 17/11/1944. Casou-se em 1960 mudando-se para Bandeirantes, posteriormente mudou-se para Apucarana e desde 1983 reside em Curitiba (GOEVERT, 1992).

<sup>87</sup> Esquina das atuais ruas Getúlio Vargas com Rua Pará. Atualmente nesta localidade situa-se a residência das Irmãs Filhas da Caridade e a Escola São Vicente de Paula. Disponível em : <<https://davidarioch.wordpress.com/2010/11/07/como-surgiu-o-colegio-paroquial>>. Acesso em 24 mai. 2015.

FIGURA 19 - PRÉDIO DO JARDIM DE INFÂNCIA NOSSA SENHORA DO CARMO



FONTE: ACERVO DA ORDEM DO CARMO (1956).

A foto do jardim de infância (FIGURA 19) demonstra claramente a intencionalidade de seu autor, tendo por objetivo uma “prestação de contas” seja aos superiores alemães, e principalmente àqueles que contribuía financeiramente com a frente missionária. O prédio está na centralidade da foto, demonstrando este ser o principal objetivo do registro, o que Kossoy trouxe de forma clara quando afirmou que a intencionalidade de quem registra a foto fica em evidencia, e que o pesquisador nunca pode tomá-la como uma fonte totalmente confiável. Este deve sempre ter em mente as possíveis intenções de quem a registrou, bem como qual representação que este quis que a foto tivesse quando for visualizada. Na fotografia é possível perceber também que no alto do prédio os religiosos imprimiram o brasão de sua ordem. Diferentemente do outro edifício erigido pelos religiosos (FIGURA, 10) a finalidade do mesmo está destacada quando se lê Jardim da Infância N.S do Carmo.

Diferentemente da construção destinada ao ensino primário e posteriormente ao ginásio (FIGURA, 10), o prédio que abrigada o jardim de Infância era de proporções menores e tinha o formato parecido com o de uma residência, o que poderia transmitir a ideia de aconchego para as crianças que ali estudavam, mas também para os pais, uma sensação de tranquilidade e segurança indicando que as crianças seriam tratadas como se estivessem em suas casas. No canto esquerdo da fotografia visualiza-se parte do que poderia ser uma casa de madeira. Esta casa foi residência primeiramente das Irmãs Carmelitas Missionárias de Santa



Terezinha e a posteriori das religiosas da congregação filhas da Caridade. Atualmente o prédio do antigo jardim de Infância, foi ampliado e se tornou residência oficial das irmãs Vicentinas. O terreno da antiga casa de madeira foi utilizado para construção do prédio que abriga a escola São Vicente de Paulo.

Em seu relato, o religioso afirma que para que a Escola pudesse realmente prosperar, “foi necessário que nós missionários, nos dedicássemos às crianças desde pequeninas” (Ibidem). Esta prosperidade que Frei Ulrico relata pode ser entendida de duas maneiras: Primeiramente a de captação de recursos financeiros para a instituição, haja visto que em seus escritos, Goevert descreve que de aproximadamente 600 crianças<sup>88</sup> que estudavam na instituição, em torno de 360 recebiam bolsa integral. Para manter a escola, os religiosos contavam com o auxílio do Governo do Estado bem como do municipal. Essa prosperidade pode ser entendida também, no sentido de se investir desde a tenra idade nos educandos para que tenham um bom desenvolvimento pedagógico e que estes possam obter excelentes resultados nas avaliações elevando o prestígio da instituição perante os órgãos oficiais e a comunidade local.

Pedra Bucci<sup>89</sup> tem em sua memória, vários momentos vividos no jardim de infância Nossa Senhora do Carmo, dentre eles situações do cotidiano, bem como datas comemorativas. A depoente iniciou seus estudos na instituição no ano de 1955. Bucci relata, com algumas diferenças de datas e de localização, a estrutura do jardim de infância: “Era na casa de madeira ali onde hoje é a prefeitura” (BUCCI, 05 jun. 2015). No relato averiguou-se um deslocamento temporal, pois as religiosas que a depoente relatou, chegaram a Paranavaí em 1960, e a fundação do Jardim de Infância Nossa Senhora do Carmo não estava localizado neste local provavelmente as religiosas que ministraram as aulas para Pedra não foram as Filhas da Caridade, cujo habito foi descrito pela depoente, “elas usavam aquele chapéu (demonstra com um gesto o tamanho do chapéu) bem grande” (Ibidem) mas sim as Irmãs Carmelitas Missionárias de Santa Teresinha. Mas isto não menospreza as lembranças registradas por Pedra e sim reforça a afirmação de que a memória “é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos”, e “movemos tudo isso incessantemente e a cada movimento do caleidoscópio a imagem é diversa, não se repete, há infinitas combinações, assim como, a cada presente resinificamos

---

<sup>88</sup> Apesar de Fr. Ulrico estar se referindo ao início do Jardim da Infância, esta quantidade de alunos está ligada ao ano em que escreve seus artigos, ou seja, 1957.

<sup>89</sup> Nascida em 28 de jun. de 1950 na cidade de Apucarana, Pedra se muda com a família para Paranavaí em 1951, iniciando seus estudos na instituição pesquisada em 1955 no Jardim da Infância. Completando o ciclo primário em 1959. Atualmente Pedra Bucci reside em Curitiba e atua como psicóloga.

nossa vida. (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 420).

FIGURA 20 - FOTOGRAFIA QUE REPRESENTA A CHEGADA DAS RELIGIOSAS CARMELITAS MISSIONÁRIAS DE SANTA TERESINHA



FONTE: ACERVO DO COMISSARIADO GERAL DO PARANÁ (1955)

Sobre as primeiras religiosas que vieram em auxílio dos Freis Carmelitas, (FIGURA 20) foi registrada a chegada das Irmãs Carmelitas Missionárias de Santa Terezinha<sup>90</sup>, e junto com elas a vinda do provincial alemão dos Carmelitas. A partir dos registros oficiais da congregação, estas irmãs chegaram no porto de Santos - SP, em julho de 1955, o que permite chegar à conclusão que este registro foi feito provavelmente do traslado de São Paulo para o Paraná, não se tendo a informação de em qual localidade o registro aconteceu, porém pelo ambiente pode se supor que a foto foi registrada em Paranavaí. Percebe-se que pela composição da fotografia, esta não foi captada em um momento espontâneo, mas sim com o intuito de referenciar para a posteridade, a chegada das religiosas ao Paraná bem como ao sul brasileiro. Percebe-se que ao fundo estão duas pessoas conversando de costas, o que auxilia na compreensão de que este era um voo comercial, até mesmo pelas encomendas ao lado destes 2 homens. Um pouco à frente, mas com o objetivo de aparecer na composição da foto a cauda do avião, ficaram posicionadas as religiosas. Destas apenas duas (da direita) olham

<sup>90</sup> Chegaram no Porto de Santos no dia 08 de julho de 1955. Eram: Irmã Canisia Popp, nascida na Áustria dia 01/06/1903. Fez os votos dia 23/10/1930. Mais tarde abandonou a vida religiosa; Irmã Gabriela Scodina, nascida na Itália no dia 11/01/1896. Fez votos no dia 04/10/1927. Trabalhou muitos anos no Seminário de Graciosa e em 1968 retornou para a Itália, faleceu no dia 24/11/1968; Irmã Gracia Cavallo, nascida na Itália dia 29/09/1910 e Irmã Tomasina Draisma, nascida na Holanda em 04/02/1886. Fez votos no dia 07/01/1927. Trabalhou muitos anos no Seminário Graciosa. Faleceu em Graciosa no dia 01/01/1977.

diretamente para o registro fotográfico, as outras duas desviam o olhar, que pode ser compreendido como um momento de distração, ou até mesmo no sentido de submissão do sexo feminino e da hierarquia eclesial. Um pouco mais à frente, de chapéu encontra-se o provincial Carmelita, que apesar de possuir um hábito religioso, o mesmo utilizou roupas civis para a viagem. A composição em si permite algumas análises: O primeira reflete a ideia da hierarquização e clericalização dentro da Igreja, principalmente neste período, pré-Vaticano II. Apesar de grande parte do trabalho pastoral e educacional serem praticados por religiosas, estas não recebiam a importância devida dentro da hierarquia eclesial. Neste sentido os padres ainda recebiam mais importância e até mesmo prestígio tanto dentro da própria instituição como da sociedade em geral.

Outro ponto a ser ressaltado, o qual será citado, mas sem o objetivo de aprofundamento da discussão sobre o tema, se dá na própria discussão de gênero e a desvalorização bem como a subordinação da mulher perante ao homem. Por fim a utilização do avião como transporte, o que de certa forma é um grande contraste com a maioria das frentes missionárias em que os religiosos muitas vezes eram obrigados a se deslocar em lombos de animais para chegarem aos seus destinos. Outra contradição que pode ser pensada é que Frei Ulrico em seus relatos, constantemente traz a seus leitores a dificuldade financeira da frente missionária. Porém as religiosas não fazem parte da mesma ordem e entendendo o grau de hierarquia que predominava na época, era uma visita canônica do provincial a nova missão. Este avião demonstra o desenvolvimento em que passava Paranavaí, neste período, recebendo destaque em 1956 como uma das cidades que mais se desenvolveram no Brasil no período (ARIOCH, 2010).

As fontes encontradas como fotografias e livros de chamada do Jardim da Infância, estão relacionadas principalmente a atividades cotidianas dos alunos. Estas buscavam desenvolver a ludicidade bem como o trabalho em equipe. Como registrado em uma visita dos religiosos em um dia de aula (FIGURA 21). Nesta fotografia percebemos que os alunos sentavam em grupos possivelmente formados por 4 pessoas separados por gênero. Outra situação registrada que merece apreço é o fato de em uma mesma sala existem crianças de diferentes idades na mesma turma, isto se confirma por um relato realizado por Bucci, quando no meio de uma resposta, após olhar uma fotografia informou que ela e o irmão mais novo de uma amiga estariam na mesma fotografia. Então foi indagado a Pedra que não poderia ser ela na foto e ela respondeu: “não, não, porque nós éramos todos na mesma sala, tanto que a minha irmã que é dois anos mais nova que eu, ia junto comigo para o jardim” (BUCCI, jun. 2015).

FIGURA 21- FOTOGRAFIA POSADA NA INTENÇÃO DE REPRESENTAR O COTIDIANO DO JARDIM DE INFÂNCIA



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (1955).

Sobre a aprendizagem cotidiana dentro do Jardim da Infância, Pedra Bucci apresentou um relato inusitado de um momento de recreação, mas que marcava de certa forma, a seriedade e a repressão no processo educacional vivido na época.

eu tinha um coleguinha que o pai eu não lembro o nome dele eu fecho o olho mas eu me lembro dele loirinho assim polaco do cabelo bem espetadinho e nós éramos os dois maiores ali e ele então eu nunca tinha com quem gangorrear porque a gangorra requer duas pessoas no mesmo peso e ele veio e me convidou para gangorrear e soltou a gangorra e eu fiquei muito brava e eu ameacei ele “você nunca mais me faça isso”. E o pai dele tinha uma oficina ali pertinho, moravam ali e aí pois olha passou uns dias ele veio de novo - vamos gangorrear? Eu idiota cai. Do jeito que ele me derrubou eu juntei uma pedra (iniciam os risos) do chão e soltei, do jeito que eu soltei a pedra pegou aqui a sim na cabeça dele (demonstra com a mão que foi na testa do lado esquerdo) e abriu e ele começou a gritar e acho que a mãe dele ouviu vieram as freiras e quando eu vi a mãe dele eu fiquei morrendo de medo e me fechei numa casinha daquela e fiquei fechada lá dentro e ninguém me achava lá e vem me a minha mãe me procurar e eu morrendo de medo de apanhar (risos) (BUCCI, jun. 2015).

Ainda sobre estes momentos de interação e entretenimento vividos pelos alunos do Jardim da Infância, Bucci relata:

olha a lembrança que eu tenho é da gente brincando muito no pátio porque tinha essa gangorra eu não me recordo de balanço, não me lembro se tinha balanço, mas a gangorra eu lembro muito bem e as freiras que a gente morria de medo delas que porque depois eu fui descobrir que freira é mulher igual a gente não é, padre também, mas nessa época elas eram endeusadas não é, estavam perto de Deus. (Ibidem).

O final deste trecho do depoimento, fica claro a utilização da estratégia da repressão, bem como da imposição social e até mesmo da instituição Igreja, no respeito a figura dos religiosos. Quando a depoente deixa claro o medo que possuía destes bem como da relação divina que estabelecia com os mesmos. Por mais que o assunto seja sobre uma escola confessional católica nas décadas de 1950/1960, com toda sua doutrina e rigidez, as crianças viviam conflitos que perpassam o tempo e o ambiente escolar e que por muitas vezes por posições firmes, as pessoas acabam tendo percepções equivocadas daqueles que optam em viver a vocação sacerdotal e religiosa.

Na segunda fotografia, sobre a sala de aula do Jardim de Infância (FIGURA, 22) percebemos a presença de duas professoras e de vários alunos, o que indica que neste momento existiam duas turmas de Jardim de infância. Nesta foto destaca-se a presença de alunos de várias idades desde bebês até crianças com cerca de 6 a 7 anos totalizando 50 crianças. Na fotografia registrou-se também a presença das 4 religiosas que vieram da Itália para auxiliar nos trabalhos educacionais e pastorais da cidade, Frei Ulrico à esquerda da fotografia, ladeado por Frei Bukard O. Carm. Outra situação registrada nesta fotografia é a ausência da cobrança de uniforme dos pequenos, sendo percebido o que poderia ser o uniforme nos meninos que estão à direita da maquete do Jardim da Infância.

FIGURA 22 - FOTOGRAFIA POSADA COM ALUNOS DO JARDIM DE INFÂNCIA



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (1955).

A visibilidade dada à maquete do Jardim da Infância, certamente foi intencional na construção do registro fotográfico. Sobre isto, Pedra Bucci relata:

tinha era assim a casa era assim de duas águas... as freiras moravam para um lado e a nossa sala de jardim de infância, eu fecho o olho e me lembro dela, num canto assim onde a gente guardava o material... lá fora tinha umas gangorras e as casinhas não é que não existia banheiro interno eram casinhas lá fora (Ibidem)

A ligação dos alunos da instituição, com a paróquia São Sebastião se faz presente em todo momento. Em vários relatos feitos na rede social, bem como nos próprios depoimentos, os ex-alunos como Rogério Viana que se lembra de alguns episódios de sua catequese com mais clareza do que a vivência escolar, fazem várias referências sobre sua participação em atividades paroquiais. A próxima fotografia (FIGURA 23) faz plena alusão a esta ideia. Especialmente as crianças do jardim da infância, eram estimuladas o contato direto com a religião e com a igreja em si, realizando visitas periódicas a mesma.

FIGURA 23 - REGISTRO DA SAÍDA DOS ALUNOS DO JARDIM DA INFÂNCIA DE UMA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA<sup>91</sup>



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (S.D.).

A fotografia provavelmente foi registrada em um final de celebração, pois percebe-se

<sup>91</sup> Apesar de não possuir uma data certa sabe-se que esta fotografia foi tirada antes de 1965, quando foi inaugurada a atual Igreja e esta da fotografia se transformara em Salão Paroquial.

a movimentação de mais pessoas saindo da Igreja. Pela utilização do uniforme pode se chegar à conclusão que era um momento de festividade católica, pois conforme relatado por José Wille, os mesmos possuíam um uniforme de gala para as festividades. Destaca-se na foto a formação em fila para ida da Igreja até a escola, demonstrando a ideia de ordem e disciplina estabelecida na instituição.

Quanto aos registros de matrículas do Jardim da Infância, foi encontrado um diário de classe de 1959 produzido pela Lea Yurassech. Neste livro percebeu-se o registro de 29 alunos (13 meninos e 16 meninas). Posteriormente encontrou-se outro registro de Classe, datado de 1961 em que estavam escritos o nome de duas professoras: Amélia Benedita Moraes e Maria Iracema Moraes com um total de 46 alunos (29 meninos e 17 meninas). No ano de 1962 encontrou-se outro registro da professora Amélia Benedita Moraes com 28 alunos (16 meninos e 12 meninas). Por fim, o último registro encontrado do Jardim da Infância foi do ano de 1963, realizado também pela professora Amélia Benedita Moraes que atendeu 30 alunos (13 meninos e 17 meninas).

Quanto a participação do Jardim de Infância nas festividades municipais, principalmente nos desfiles cívicos, sempre foi de grande importância para a instituição. Nota-se aqui a herança de todo processo nacionalista vivido nos governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek e posteriormente na ditadura militar como forma de valorizar o patriotismo, mas também como doutrinação da população. Neste sentido Althusser (1970, p. 47) afirma que a religião bem como a escola servem como meios de dominação imposta pela classe dominante o qual estão classificados em Aparelhos Ideológicos. Segundo o autor, essas instituições utilizam-se da ideologia, que neste objeto de estudo está retratando a valorização nacional, para tentar forçar a classe dominada a se submeter aos desígnios dos dominantes. Os Aparelhos Ideológicos “funcionam de um modo massivamente prevalente pela ideologia, embora funcionando secundariamente pela repressão mesmo que no limite, mas apenas no limite, esta seja bastante atenuada, dissimulada ou até simbólica”.

Ao perceber desde os primeiros momentos a participação destes alunos nos desfiles (FIGURA 24) observa-se a valorização do patriotismo, e por mais que de forma implícita e até mesmo inconsciente por parte dos gestores da instituição, o reforço de uma ideologia formada pelo Estado e seus governantes. Na fotografia acima percebe-se que os pequenos estão representando a agricultura presente no município, sendo grande propulsor econômico, haja visto que a região foi colonizada principalmente pelos produtores de café advindos de São Paulo. Todos estão utilizando o mesmo uniforme da figura anterior, o que afirma a ideia de um uniforme de gala para festividades. O depoimento de Dona Pedra Bucci faz menção a

alguns momentos que ficaram registrados em sua memória sobre estas ocasiões. Quando perguntada sobre os desfiles e suas participações, a depoente foi enfática e orgulhosa na resposta: “Participei sempre” (BUCCI, 05.jun.15) e sobre suas lembranças:

Eu me lembro, você sabe a lembrança que eu tenho dá... de desfile é do jardim de infância ainda, porque eu tinha 5 anos e a minha irmã tinha 3, e eu tinha que levá-la para o jardim de infância e ela ia se arrastando e Paranavaí tinha aquele areião infernal lembra? Ah você não lembra

(MSS) eu já ouvi falar do areião

(PB) Então aquilo queimava os pés da gente de minha branca, não podia pisar muito porque a minha mãe arrumava a gente assim que parecia duas bonecas não é. E eu tinha que arrastar minha irmã e o que eu me recordo do 7 de Setembro o Jardim de Infância que alguém ia levar uma cestinha de flor e a minha irmã enfiou na cabeça que era ela que ia levar a cesta e ela falava assim: Eu vou levar a "tetinha di floi" (cestinha de flor) ela não falava direito ainda (risos) A Suzi e ela levou a cestinha de flor (Ibidem)

FIGURA 24 - REGISTRO FOTOGRÁFICO DE DESFILE CÍVICO JARDIM DA INFÂNCIA



FONTE: COLÉGIO N. S. DO CARMO (195?).

Já nas próximas fotografias (FIGURA 25 e 26) foram registrados alunos do jardim de infância em um dia de aula qualquer. Percebe-se, no uniforme, a ausência do adereço no pescoço dos meninos, que pode ser considerado uma espécie de gravata, e a ausência do símbolo da escola no uniforme das meninas. Visualiza-se também tanto no grupo dos meninos quanto no grupo das meninas, que alguns não estão utilizando o uniforme como é o caso dos



dois meninos que estão na primeira fileira em que o menino que está sentado está utilizando uma camisa branca e um macacão, o que provavelmente não era uniforme da instituição. Percebe-se também (FIGURA 25) a presença de algumas crianças segurando um boné nas mãos que a primeira impressão, parecem iguais e pode ser que fizesse parte do uniforme masculino. Pela quantidade de alunos retratados provavelmente indicam que fizessem parte de uma mesma turma e que esta foto poderia ter sido tirada para registros de turma, isto também pode ser percebido no canto esquerdo, em que uma menina aparece na fotografia esperando para chegar sua vez.

FIGURA 25 - FOTOGRAFIA DE ALUNOS DO JARDIM DE INFÂNCIA



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. CARMO (S.D.).

Já na fotografia das meninas (FIGURA 26) percebe-se também a variação do uniforme, alguns aparecem com o símbolo do colégio, outros não. Também vemos uma criança no canto esquerdo da fotografia em pé, utilizando um uniforme pertencente ao primário, saia com uma espécie de suspensório e uma camisa branca. A fotografia pode induzir a dois tipos de conclusões: a primeira em que esta criança está utilizando um uniforme que foi de uma outra aluna e devido a sua situação financeira, como informado nos escritos de Frei Ulrico que muitos eram bolsistas, não possuía condições financeiras para adquirir o uniforme, ou então esta criança estudava nas séries iniciais do primário e frequentava no

contra turno as atividades do jardim da infância, mas não se pode esquecer que são suposições pois não foi encontrada nenhuma informação que comprove esta situação.

FIGURA 26 - FOTOGRAFIA DE ALUNAS DO JARDIM DE INFÂNCIA



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. CARMO (S.D.)

### 3.3 A AMPLIAÇÃO: GINÁSIO NOSSA SENHORA DO CARMO

Buscando ampliar sua influência sobre a formação da sociedade paranavaense, a Ordem do Carmo, em Paranavaí, resolve ampliar a estrutura da escola e com isto, atender uma maior parcela dos cidadãos em idade escolar. Os religiosos Carmelitas solicitaram junto aos órgãos responsáveis a ampliação para a modalidade de ensino ginásial de sua instituição, recebendo a autorização para funcionamento por meio do Ato número 4 de 22 de fevereiro de 1960<sup>92</sup> da inspetoria Seccional de Londrina. A partir de então a instituição passou a se chamar Ginásio Nossa Senhora do Carmo.

Como registrado em fotografia (FIGURA 27), a instituição ampliou seu espaço físico

<sup>92</sup> O inspetor Seccional de Londrina, nos termos do artigo 128, da portaria 501, de 1º de maio de 1952, alterado pela portaria 302 de 30 de agosto de 1957, da diretoria do Ensino Secundário, Resolve: Conceder ao Ginásio Nossa Senhora do Carmo, situado a rua Pará s.n.º em Paranavaí, Estado do Paraná, autorização para funcionar condicionalmente, “ad referedu” do senhor Diretor do Ensino Secundário. Londrina, 22 de fevereiro de 1960. Documento assinado por Otávio Mazziotti

para atender este novo seguimento educacional. Se comparada com a construção inicial, (FIGURA 10). A escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo, ampliou seu espaço que inicialmente estava construída em formato de “L”, canto esquerdo e superior da fotografia, para um formato em “U”. Além disto, o pátio da instituição recebeu um calçamento e a melhoria da escada que dava acesso para este pátio, porém mantiveram o mesmo letreiro que estava escrito na primeira fase da instituição (Estabelecimento de Ensino Nossa Senhora do Carmo.), o que permite intuir a pretensão dos religiosos, no futuro, ampliar ainda mais seu seguimento. Na fonte imagética do novo prédio, não foi captada a presença de alunos, mas sim algumas crianças brincando, o que permite afirmar que a mesma não foi registrada em um dia letivo.

FIGURA 27 - GINÁSIO NOSSA SENHORA DO CARMO



FONTE: ACERVO DO COMISSARIADO GERAL DO PARANÁ (196?).

A intencionalidade desta fotografia, pode ter sido relatar aos superiores alemães, bem como àqueles que contribuiram financeiramente, a ampliação do espaço escolar como forma de justificativa do dinheiro recebido pela missão bem como fomentar novas doações. Os primeiros exames de admissão ao Ginásio, vale ressaltar que diferentemente da atualidade, para que os estudantes continuassem seus estudos pós primário, deveriam realizar um exame que comprovasse a capacidade dos mesmos para o ginásio, na referida instituição, se deram

entre os dias 25 e 27 de fevereiro de 1960, e o ano letivo iniciado no dia 10 de março daquele mesmo ano. Neste mesmo período, por meio do ofício 271/1960 da mesma inspetoria, o Ginásio Nossa Senhora do Carmo foi autorizado a ofertar a primeira série ginásial também no período noturno.

A maioria das fontes encontradas sobre este seguimento escolar, foram documentos administrativos preservado em relatórios anuais enviados à inspetoria e mantido uma cópia na secretaria da instituição. Outras fontes encontradas sobre este seguimento foram fontes imagéticas e os relatos orais, que permitiram ampliar e compor um bom arcabouço e tecer uma boa colcha de retalhos que nos permite uma boa visão da instituição neste período. Nestas fontes além do cotidiano escolar e das atividades pedagógicas e comemorativas, apreendeu-se também detalhes como valores de mensalidades, os professores e as disciplinas as quais ministravam, os alunos e suas respectivas turmas, bem como os exames finais e aprovações.

Como afirmado anteriormente, em 1960 os religiosos passaram a contar com o auxílio das religiosas da Congregação das Filhas da Caridade para administrar a escola. Em janeiro de 1960, chegam a cidade de Paranavaí 4 religiosas da congregação que tem como São Vicente de Paula seu fundador. Irmã Emília Orbzut, Irmã Luzia Vrblesvski, Irmã Adiles Maria Guardablen e Irmã Teresa Bartoline, com o objetivo de auxiliar os frades carmelitas na gestão escolar, mas também contribuindo nas atividades pastorais da cidade.

Aqui vale a pena uma breve reflexão sobre o papel da mulher, no caso referindo-se as religiosas, dentro do projeto missionário, mais especificamente no campo educacional da missão. Como relatado no subcapítulo 2.2, o carisma, ou seja, a proposta de vida dentro da Igreja, a qual os freis carmelitas escolheram, é o anúncio do Evangelho para as nações por meio da oração, do silêncio e da contemplação, da solidariedade e do profetismo. A região noroeste do Paraná vivenciou um grande crescimento populacional nos anos seguintes a chegada dos religiosos. Isto, fez com que o trabalho de evangelização na grande paróquia se tornasse cada vez mais intenso, tomando boa parte do tempo dos religiosos, fazendo-se assim, a necessidade de contar com o auxílio de pessoas, que dedicam sua vida a educação. A frente missionária solicitou ao bispo de sua diocese, que neste momento era Maringá e seu referido bispo, Dom Jaime Luiz Coelho<sup>93</sup> que lhe enviassem irmãs que pudessem auxiliar no trabalho educacional da instituição.

---

<sup>93</sup> Dom Jaime Luiz Coelho, nasceu em Franca dia 26 de julho de 1916, na cidade de Franca-SP. Fez seus estudos religiosos no Estado de São Paulo, recebendo a ordenação sacerdotal em dezembro de 1941. Em dezembro de 1956 foi designado como bispo da recém-criada diocese de Maringá-PR, deixando o cargo em julho de 1997. Faleceu dia 05 de agosto de 2013 na cidade que o acolheu para seu trabalho pastoral.

As religiosas da Congregação Filhas da Caridade dedicam boa parte de seu projeto missionário à educação, e com isto atraem grande número de moças que sentem vontade de servir a Deus e ao próximo, por meio do ensino e da evangelização.

Contando agora com o apoio destas religiosas, Frei Ulrico e seus companheiros dividiram a responsabilidade sobre a instituição. A educação do ensino primário bem como da educação infantil ficou a cargo da congregação das Filhas da Caridade, já o ginásio ficou sob responsabilidade dos freis Carmelitas. No ano de 1960 houve a divisão quanto a responsabilidade em relação à administração do ensino primário e ginásial. O ensino primário passou a ter como entidade mantenedora a província brasileira da congregação das Irmãs da Caridade São Vicente de Paulo. O ensino ginásial continuou tendo como mantenedora a Comunidade Carmelitana Beneficente e Educativa de Paranavaí, cuja comunicação foi feita através do ofício 183/60 do governo Estadual, por meio de sua inspetoria de Ensino.

No primeiro ano de funcionamento, conforme registrado nos relatórios anuais de 1960, foram matriculados um total de 116 alunos na primeira série ginásial, sendo 84 alunos (27 meninos e 57 meninas) no período diurno divididos duas turmas: 1ªA com 32 alunos e 1ªB com 45 alunos. O período noturno contou com uma turma de 32 alunos (30 meninos e 2 meninas).

Um ponto importante a ser ressaltado nestes dados é a quantidade de alunas no período noturno. No ano de 1960, somente duas alunas se matricularam no período noturno, o que demonstra de certa forma um preconceito com o estudo a noite, principalmente a questão da exposição e dos perigos enfrentados pelo sexo feminino. Neste ano a anuidade cobrada foi de Cr\$ 5.400,00 divididos em 9 parcelas. Ao comparar o valor da anuidade as condições econômicas da época, o salário mínimo em 1960, era de Cr\$ 9.600,00, que com as devidas correções inflacionárias equivaleria em 2011 R\$ 1.211,98<sup>94</sup>. Como esta anuidade poderia ser dividida em 9 parcelas, cada parcela representava aproximadamente Cr\$ 1.066,00, ou seja, aproximadamente 11% do salário mínimo vigente na época. Outro ponto de referência de valores na época pode ser obtido com o valor da cesta básica. Na cidade de São Paulo neste ano, uma cesta básica custava aproximadamente 33,96% do salário mínimo, ou seja, em torno de Cr\$ 3.260,00, o que permite concluir que os alunos que frequentaram o ginásio na instituição faziam parte da elite paranavaense. Neste ano segundo os mesmos relatórios anuais, a instituição contou com a colaboração do Professor Pedro Real como diretor que

---

<sup>94</sup> Vale ressaltar que neste período o salário mínimo não era nacional. O valor passou a ser nacional após 1984. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2011/02/veja-evolucao-do-salario-minimo-desde-sua-criacao-ha-70-anos.html>>. Acesso em: 20 jan. 2017).

atuava também como professor. Foram ofertadas as disciplinas de Português, Latim, Desenho, Francês, Matemática, História, Geografia, Trabalhos manuais, Canto Orfeônico e Educação Física.

No ano letivo de 1961, segundo os documentos enviados a inspetoria federal, o Ginásio Nossa Senhora do Carmo contou com 3 turmas de 1º ano, sendo 2 no período diurno e 1 no período noturno, somando 120 alunos bem como 1 turma de 2º ano com 35 alunos totalizando 155. Destas turmas alguns detalhes valem a pena a reflexão. 1 turma de 1º ano (1ªA) era formada somente por meninas o que pode ter sido uma escolha da instituição a pedido dos pais dos alunos em formar uma turma somente com meninas. A turma do 1º do noturno continua com um número maciço de alunos homens, sendo somente 3 meninas de um total de 33 alunos. Neste mesmo ano foi ofertado somente uma turma de 2º ano no período da manhã, o que sugere que a maioria dos alunos que estudaram no 1º ano do período noturno não persistiram na instituição para a formação de uma turma do 2º ano naquele período, e aqueles que quiseram continuar estudando na instituição foram obrigados a migrar para o período diurno.

A direção da instituição passou para as mãos da Irmã Emília Obrzut F.C., permitindo assim, que os religiosos dedicassem mais tempo ao trabalho pastoral o que demonstra que o trabalho de gestão da instituição era realizado de forma colaborativa entre as duas mantenedoras. A religiosa ficou à frente da instituição até o ano de 1963. Anos mais tarde, as religiosas estruturaram sua própria escola, separando-se do Ginásio Nossa Senhora do Carmo. Irmã Emília também assumiu as disciplinas de História e Geografia.

Quanto à grade de disciplinas, em 1961 foi inserida a disciplina de religião no ginásio enfatizando assim o caráter confessional da instituição. Este movimento provavelmente foi proposto pelas Irmãs Vicentinas que seguindo o pensamento da Igreja, buscava cada vez mais combater a laicidade da sociedade como um todo. O quadro de docentes da instituição, que passou a contar com 10 profissionais, e a anuidade cobrada neste ano letivo foi de Cr\$ 9.700,00, ou seja, um aumento de aproximadamente 80%, e neste ano a anuidade foi dividida em 3 parcelas pagas nos meses maio, agosto e outubro.

Em 1961, o salário mínimo foi reajustado em aproximadamente 40% passando para Cr\$ 13.440,00, o que corrigiu a defasagem do ano anterior<sup>95</sup> e ainda permitiu um aumento real em torno de 10%. Este aumento da anuidade pode ter contribuição para a seleção de um público mais elitizado dentro da instituição, não sendo encontrado nenhum dado sobre alunos

---

<sup>95</sup> A inflação acumulada no ano de 1960 foi de 25,4%. Fonte: Almanaque da Folha de São Paulo.

bolsistas. Uma comparação importante se dá no valor da cesta básica paulista neste ano que teve uma queda de 4%, representando aproximadamente 30% do valor de um salário mínimo, ou seja, em torno de Cr\$ 4.000,00. A hora aula paga aos docentes passou de Cr\$ 100,00 no ano de 1960 para Cr\$ 150,00 em 1961, ou seja, um ganho real de 10% haja visto o índice inflacionário do ano anterior, o que corrobora com o relato de Frei Ulrico a seus leitores alemães<sup>96</sup>.

Segundo os registros de atas de exames finais, no ano letivo de 1961, o percentual de reprovados no 1º ano foi de 7,5% o que representa um número de 9 reprovados. No segundo ano o percentual foi um pouco maior, 20%, mas que apesar de parecer um valor expressivo foram reprovados 7 alunos de um total de 33. Na média geral o índice de reprovação do ginásio no ano de 1961 ficou abaixo dos 10%.

Em 1962 o Ginásio Paroquial, como era carinhosamente chamado, enfrentou retração no número de matrículas, o que pode ser justificado pelo aumento no valor da matrícula. Este fato foi percebido, quando foram encontradas turmas no período noturno. Neste ano o ginásio atendeu somente duas turmas de primeiro ano no diurno totalizando 46 alunos, uma turma de 2º ano com 28 alunos e uma turma de 3ª série com 17 alunos, totalizando 91 alunos. Este número representa uma queda de quase 42%, no total de alunos atendidos referente ao ano anterior, que podem ter se mudado da cidade, ou se transferido para a instituição pública local. A anuidade cobrada pela instituição sofreu um reajuste de 23,8% passando para Cr\$ 12.000,00 dividido em 4 parcelas nos meses de abril, junho, agosto e outubro. Continuando a frente da instituição Ir Emília Obrzut F.C., que além da direção ministrava as aulas de Ciências, História, Religião e Organização Social Política, reajustou o valor da hora/aula em 34% passando para Cr\$ 200,00 por aula ministrada, ou seja, neste ano a instituição repassou somente a perda inflacionária sem um ganho real. O custo de vida em 1962 sofreu um aumento considerável, o que contribuiu para que o valor real de ganho dos professores diminuísse. A inflação acumulada em 1961 girou em torno de 34,7%. Já cesta básica sofreu um aumento de quase 10%, passando a custar aproximadamente Cr\$ 5.300,00.

Sobre esta disciplina de Organização Social Política, José Wille se recorda que esta neste momento, se assemelhava muito mais a uma aula de etiqueta e boas maneiras, do que a ideia pensada pelos militares posteriormente.

E também tinha aquelas disciplinas de OSPB que eles misturavam, davam um pouco, era uma gurizada muito nova, eu não lembro exatamente o nome da disciplina, mas por exemplo: boas maneiras, comportamento. Se usa palito, se não

---

<sup>96</sup> Sempre foi claro para mim que, se eu quero ter bons professores, devo pagar bem (GOEVERT, 1992, p. 18).

usa palito (Risos) depois que comeu se usa palito, ou não usa palito, essas coisas me lembro bem das aulas (WILLE, 08.jun.2015)

O ano de 1963 foi importante para o curso ginásial, pois seria o ano em que formaria suas primeiras turmas deste ciclo e a instituição colocaria a prova seu processo de ensino aprendizagem. O Ginásio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, em seu curso ginásial organizou, segundo os relatórios anuais do respectivo ano, sete turmas totalizando 223 alunos divididos em quatro turmas de 1º ano, sendo uma destas no período noturno, e os demais anos uma turma de cada, todas no período diurno conforme quadro abaixo (QUADRO 12). Este aumento do número de matrículas especialmente no 1º ano, demonstra uma preocupação tanto dos religiosos quanto das religiosas em aumentar a quantidade de alunos para que o Ginásio possa se auto sustentar e ainda contribuir com o sustento das frentes missionárias. A direção da instituição ainda continuou sob o comando da Ir. Emília Orbzut que além de Organização Social e Política, ministrou as aulas de História, Ciências e Francês.

QUADRO 12 - TURMAS DO GINÁSIO DE 1963

1ºA	41 alunos	Somente meninos
1ºB	43 alunos	Somente meninas
1ºC	41 alunos	11 meninos e 30 meninas
1ºD (noturno)	27 alunos	25 meninos e 2 meninas
2ºA	36 alunos	13 meninos e 23 meninas
3ºA	25 alunos	8 meninos e 17 meninas
4ºA	17 alunos	5 meninos e 12 meninas

FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO. INFORMAÇÕES RETIRADAS DOS RELATÓRIOS ANUAIS ENVIADOS A INSPETORIA SECCIONAL DE EDUCAÇÃO NA ÉPOCA, LOCALIZADA NA CIDADE DE LONDRINA. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

A evasão escolar do primeiro para o segundo ano neste momento foi baixa com apenas 10 transferências. Já as transferências do segundo para o terceiro ano tiveram um índice menor, apenas três saídas. A instituição conseguiu não ter nenhuma transferência de alunos para a série final do seguimento, conseguindo manter os mesmos 17 que cursaram o 3º ano em 1962. A remuneração dos docentes foi reajustada em 50% e os mesmos passaram a receber Cr\$ 300,00 a hora aula, o que foi somente a reposição inflacionária que passou dos 50%. Já cesta básica ficou em torno de Cr\$ 8.600,00. Já a anuidade cobrada dos alunos neste ano passou a ser diferenciada. Para as três primeiras séries do curso ginásial foram cobrados o valor da mensalidade de Cr\$ 17.000,00 o que marca um aumento de aproximadamente 42%.



Para o 4º ano com a justificativa que seria um ano preparatório para o exame do ensino científico (antigo 2º grau) a mensalidade foi estabelecida em Cr\$ 25.000,00 um aumento de 108% em relação anuidade anterior. Vale lembrar que este foi o primeiro ano em que a instituição possuía uma turma de 4º ano, o que dificulta a parametrização em relação ao ano anterior.

Os índices de reprovações se mantiveram no mesmo patamar dos anos anteriores. Nas turmas do primeiro ano, a reprovação foi de três alunos no diurno e um no período noturno, o que dá um percentual aproximado de 2% do total de matriculados. Um dado que chamou a atenção, foi a quantidade de alunos desistentes neste período. Dos matriculados para a primeiro ano diurno de 1963, 5 alunos desistiram de continuar seus estudos no período diurno e 8 alunos do período noturno, representando uma porcentagem 8,6% do total. Não se sabe o que motivou estes alunos a desistirem dos estudos e nem mesmo se retomaram posteriormente os mesmos, porém pode se supor que podem ter sido motivados pela necessidade laboral. Os alunos do primeiro ano podem ter conseguido emprego e com isto não conseguirem conciliar a rotina de trabalho, porém hipóteses que não podem ser comprovadas. Quanto aos alunos do 2º e 3º ano, não foi encontrada nenhuma reprovação e somente uma desistência em cada. Também não houve nenhuma reprovação, nem desistência entre os discentes do último ano ginasial, porém não se tem nenhum registro sobre a aprovação destes nos estudos científicos.

O ano de 1964, foi marcado por grandes transformações tanto dentro da instituição educacional quanto políticas e sociais no país. Como citado anteriormente, neste ano houve uma grande mudança no cenário político, em que os militares deram um golpe de Estado e assumiram o poder, instaurando a ditadura militar. Buscando implantar sua forma de pensamento, os militares utilizaram-se das instituições escolares para implantar um clima austero, sem diálogo e principalmente da valorização do ideal nacional no clima conturbado vivido pela sociedade neste período.

Houve grande mudança no quadro de funcionários do Ginásio, para este ano letivo. Não se sabe ao certo o motivo desta renovação e não foi encontrado nenhum registro que pudesse fundamentar alguma hipótese. O que se sabe é que a gestão escolar foi alterada, ficando à frente da direção Frei Ulrico Goevert, substituindo também a secretária escolar. A antiga secretária, no ano de 1964, ministrou as aulas de desenho na instituição. Não foi encontrado nenhum registro da presença da Ir. Emília na instituição e nem de nenhuma outra religiosa, e por vezes tentado contato com a casa provincial das religiosas em Curitiba-PR sem sucesso, o que faz supor, que houve um conflito entre os freis e as irmãs que ocasionou a

separação, mas o que não pode a princípio passar de suposições, pois como dito anteriormente, não foi encontrado nenhum registro que explicasse essa ruptura.

Vale destacar que neste ano iniciou seus trabalhos na escola Benjamim Antônio Johann como professor de Francês, e que foi posteriormente diretor da instituição, citado várias vezes pelos depoentes como sendo

uma pessoa de uma tranquilidade imensa, uma postura assim muito paternal e os alunos gostavam muito dele. Tanto que uma vez quando começaram a querer criar grêmio e na verdade esse grêmio era meio fictício porque ele surgia daqui a pouco sumia e tal, isso no final dos anos 1960. Uma das chapas espertamente colocou lá: Chapa Professor Benjamin e outra colocou um nome de um outro que era menos votado. E essa chapa ganhou porque usou o nome do Benjamim. (WILLE, 08 jun. 2015).

Por sua vez Didio Marquesini, que demonstra profunda admiração por seu antigo professor rememora em vários momentos sua relação com o mesmo “Então tinha que ser e muitas vezes acabava sendo indisciplinado pelo prazer de ter ele como um orientador. O professor Benjamim foi uma pessoa extremamente importante. Para mim foi”. (MARCHESINI, 15 out. 2015). O quadro docente do curso ginásial passou também por uma grande mudança. Segundo registros enviados a inspetoria de ensino, dos 11 docentes que atuaram no ginásio em 1963, apenas 3 estavam continuaram, o que demonstra uma renovação no quadro de pessoal e inclusive pode incitar a ideia de uma mudança de pensamento e de filosofia da escola, haja visto que os religiosos podem ter querido retomar os valores Carmelitas dentro da instituição.

Pela primeira vez em sua história, o seguimento ginásial conseguiu organizar duas turmas de 2º ano que somadas as demais turmas do ciclo totalizaram 215 alunos. Apesar desta conquista, novamente não foram encontrados registros de turmas ginásiais no período noturno e se percebeu uma evasão muito grande do primeiro para o segundo ano que novamente pode ter sido motivada pelo valor da anuidade. Neste ano letivo, dos 135 alunos aptos a frequentarem o 2º ano ginásial, somente 73 alunos foram atendidos pela instituição, o que representou uma queda de 54%. Dentro destes valores não foi possível diferenciar aqueles que ingressaram na escola neste momento sem frequentar o ano anterior dentro da mesma. Houve também uma diminuição na quantidade de matrículas para o 1º ano. Dos mais de 152 alunos atendidos em 1963, o Ginásio Paroquial Nossa Senhora do Carmo atendeu 96 alunos divididos em 2 turmas no período diurno no ano seguinte.

A anuidade cobrada dos alunos neste ano manteve o mesmo padrão de diferenciação das séries do ano anterior. Os alunos que frequentassem do 1º ao 3º ano pagariam um montante de Cr\$ 30.000,00, ou seja, um reajuste de 76%, acompanhando o índice

inflacionário acumulado de 1963. Já os estudantes que frequentassem o último ano ginásial pagariam a importância de Cr\$ 36.000,00, 44% maior que no ano anterior, mas mesmo assim menor que a inflação. Estes valores poderiam ser pagos da forma que melhor aproovessem aos responsáveis, não podendo ultrapassar a quantidade de 10 parcelas, o que representava aproximadamente 5% e 7% respectivamente do rendimento anual de um salário mínimo (Cr\$ 42.000,00/mês). Neste ano a instituição dobrou o valor da hora aula do professor passando para Cr\$ 600,00, corrigindo a inflação e dando um aumento real de 22%, ressaltando que a inflação acumulada no ano de 1963 ultrapassou os 78%.

Em 1964, a instituição escolar buscando se adequar as diretrizes propostas pela LDB 4024/61 realizou alterações no seu regimento interno informando a inspetoria de ensino que a partir de então serão atribuídas cinco notas aos alunos referentes aos exames realizados nos meses de abril, junho, setembro, novembro e dezembro, sendo que estas notas teriam pesos respectivamente 1, 2, 3, 4 e 5, sendo que a média mínima para aprovação do aluno deverá ser 5 por disciplina e 5 por conjunto. Caso os mesmos não atingissem essa média em no máximo duas disciplinas, teriam direito a uma 2ª época, um intensivo realizado na primeira quinzena de fevereiro do ano subsequente. A instituição estabelece que as provas finais do ano letivo, serão realizadas na primeira quinzena de dezembro e abarcando todo conteúdo visto no ano letivo. Este mesmo regimento estabelece as disciplinas a serem ofertadas no curso ginásio da instituição. O último artigo deste regimento explicita bem o caráter rígido e a questão de obediência entendida pelo Ginásio N. S. do Carmo, bem como uma estratégia utilizada para combater os atos de indisciplina dentro da mesma. Apesar de todo rigor explicitado no novo regimento, algumas regras eram quebradas pelos alunos, o que Certeau afirma ser uma tática aplicada pelo mais fraco para se subverter àquele que detém o poder. Um destes episódios foi narrado por uma ex-aluna em uma rede social demonstra que muitas vezes a tática era utilizada com frequência.

Na época que Dra. Miriam Furtado (Alencar Furtado– 1965) era diretora, imagina você uma turminha de amigas fumando dentro do banheiro de 1x1, pensa, alguém bateu na porta e aí em coro todas as meninas que estavam nessa condição disseram, não cabe mais ninguém. Quem era? A nossa digníssima Diretora, abrimos a porta e fomos todas para a diretoria com suspensão de 3 dias e comunicado aos pais. Aí a Dra. Miriam perguntou: O que estávamos fazendo? O banheiro nublado, só conversando. Fumávamos um cigarro para muitas, sabe qual foi a resposta? Só conversando (risos). (GARGANTINI, 03 set. 2014) [grifo do autor].<sup>97</sup>

Percebe-se a partir do trecho acima que a instituição aplicava com rigor as punições

---

<sup>97</sup> Trecho escrito na rede Social Facebook em um grupo intitulado People of Paranavaí, a partir de uma pergunta realizada pelo pesquisador solicitando que os membros que estudaram na instituição relatassem algum acontecimento que vivenciou na escola.

aos atos indisciplinados praticados dentro da mesma, porém a “expulsão” era praticada em atos extremos ou atos recorrentes.

O ano de 1965, segundo registros enviados a Inspetoria de ensino, contou com seis turmas, sendo duas do 1º e duas do 2º ano, uma do 3º e uma do 4º ano, totalizando 225 alunos. Um ponto interessante que vale a pena ser percebido são as quantidades de alunos presentes nas turmas de 1º e 3º ano ginásial neste ano letivo. Estas turmas tinham em média 46 alunos, e de forma especial a turma do 3º ano sendo atendida por um total de 50 alunos, o que leva a refletir que neste período, ao menos dentro desta instituição escolar carmelitana, a preocupação em se ter poucos alunos para a melhoria da aprendizagem, não se fazia presente, isto pode ter sido pensamento da escola devido ao controle disciplinar que a instituição conseguia ter sobre os alunos.

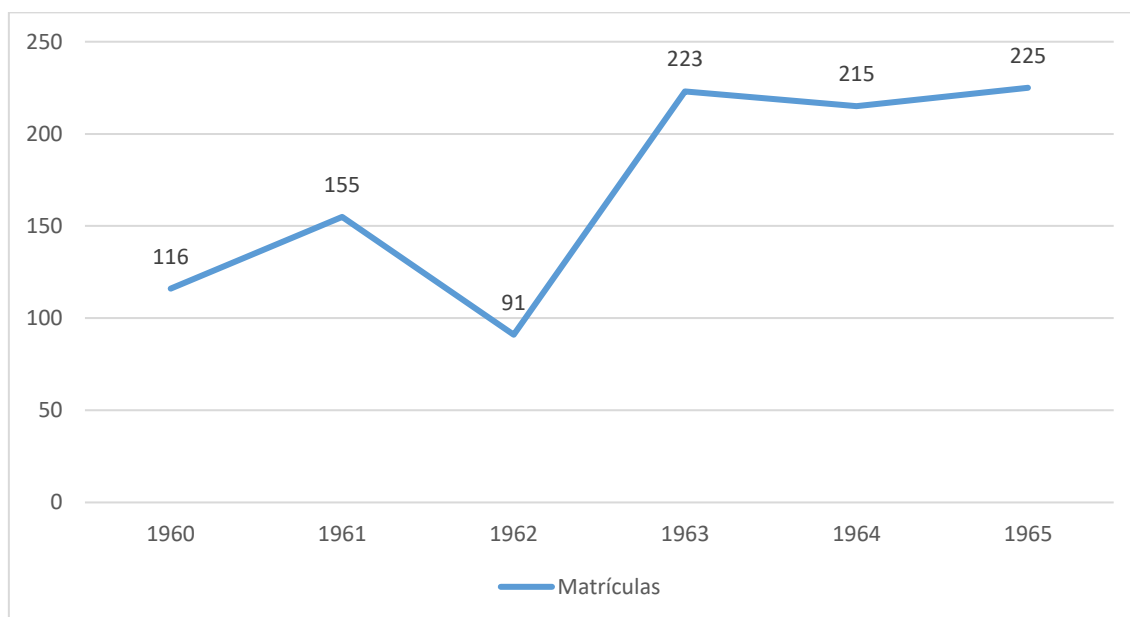
A direção da instituição em 1965 ainda permaneceu sob responsabilidade de Frei Ulrico Goevert O. Carm., tendo como vice-diretora a Miriam Alencar Furtado. Neste ano, a disciplina de religião passou a ser ministrada pela Irmã Verônica F.C. Nota-se que esta é a primeira religiosa que retorna a trabalhar no curso ginásial após 2 anos, porém não gestora, mas parte do corpo pedagógico da instituição, o que pode sinalizar certa reaproximação entre os dois grupos religiosos.

O quadro docente permaneceu praticamente o mesmo, dos 11 professores que atuaram na instituição neste ano, apenas 3 eram novos, incluindo a vice-diretora que atuava também como professora de português. A remuneração paga aos docentes neste ano chegou ao valor de Cr\$ 1.000, o que representou um reajuste de aproximadamente 67%, bem abaixo do índice inflacionário que atingiu a marca de 89,9% no acumulado do ano anterior. Já a anuidade de 1965 foi instituído um valor único de Cr\$ 50.000,00 variando, o reajuste entre 39 a 66 % comparando com os valores diferenciados da anuidade do ano anterior. Uma hipótese para a criação de um valor único para as anuidades e de um não repasse ao valor total da inflação se dá na perda do poder de compra dos brasileiros. Naquele ano o salário mínimo foi reajustado em 57% chegando ao valor de Cr\$ 66.000,00, bem abaixo da inflação. Já segundo o Dieese a cesta básica neste ano custava em torno de Cr\$ 24.250,00 que se calculada proporcionalmente a anuidade da instituição, esta representava 20% do total daquela.

Ao analisar gráfico (GRÁFICO 7) sobre o número de matrículas no ciclo ginásial no primeiro quinquênio de seu funcionamento com dados extraídos dos respectivos relatórios anuais, com exceção de 1962, a instituição sempre manteve uma progressão na quantidade de alunos, quase dobrando a quantidade de 1960 para 1965. A queda do ano de 1962, pode ser explicada pela própria qualidade de ensino que implicou nos índices de reprovações deste

ano, somando-se a isto o valor dispendido a anuidade. Percebendo esta dificuldade, em 1963, como visto anteriormente, foi o ano em que a mantenedora investiu na qualidade dos profissionais e em seu processo de ensino retomando o crescimento na quantidade de matrículas.

GRÁFICO 7 - MATRÍCULAS NO QUINQUÊNIO 1960-1965



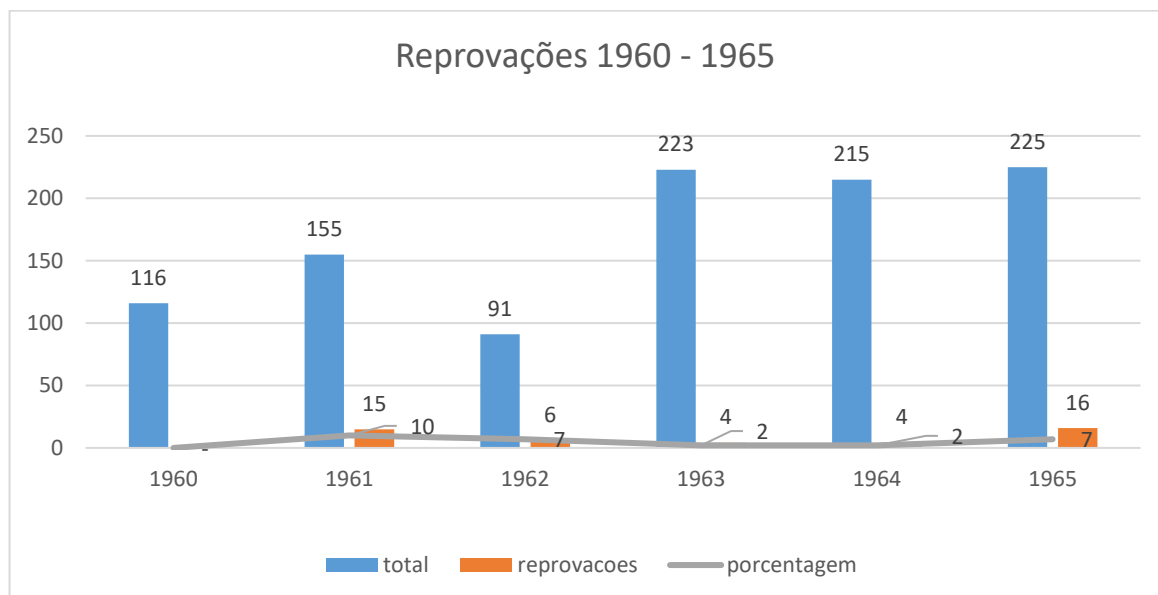
FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO. INFORMAÇÕES RETIRADAS DOS REGISTROS DE CLASSE BEM COMO DOS LIVROS DE EXAMES FINAIS. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

Quanto ao índice de reprovação deste primeiro quinquênio (GRAFICO 8), observa-se que este sempre foi baixo em relação ao total de alunos, o que pode induzir a ideia de uma boa qualidade de ensino. Não foi possível encontrar nas fontes da instituição a quantidade de alunos reprovados em seu primeiro ano de funcionamento, porém a afirmação da qualidade do ensino ofertado pelo colégio pode ser comprovada com os índices posteriores. Percebe-se que o maior índice se deu no ano de 1961 com aproximadamente 10% de reprovações o que representou 15 alunos em um total de 155. Os demais anos, este índice não ultrapassou os 7%, merecendo um destaque especial para os anos de 1963 e 1964, em que o ciclo ginasial de um total de mais de 200 alunos obteve somente 4 reprovações em cada ano.

Na segunda metade da década de 1960, a história do Ginásio Paroquial Nossa Senhora do Carmo é marcada por sua consolidação no curso ginasial da educação paranavaense. A partir de 1966, a instituição conseguiu atender na maioria deste quinquênio, mais de 400 alunos divididos nos dois períodos. Foram ofertadas todas as séries ginasiais tanto no período diurno, quanto no período noturno, sendo procurada por parte daqueles que

buscavam sua formação ginásial na cidade e que tinham condições de optar por um ensino pago.

GRÁFICO 8 - ÍNDICES DE REPROVAÇÃO DOS ALUNOS DO GINÁSIO NO QUINQUÊNIO 1960-1965



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO. DADOS RETIRADOS DOS LIVROS DE EXAMES FINAIS DOS RESPECTIVOS ANOS. ORGANIZADO AUTOR (2016).

No ano de 1966, a referida instituição contou com 508 alunos divididos em 13 turmas (QUADRO 13). O grande investimento se deu principalmente nas turmas de 1º ano, buscando formar e consolidar para os anos posteriores a clientela do de sua instituição. Foram organizadas 6 turmas, sendo 4 destas no período diurno, totalizando 258 estudantes nesta série. Um ponto importante a ser ressaltado neste ano, foi o aumento de alunos do sexo feminino no período noturno. Dos 163 alunos atendidos no período noturno, aproximadamente 35 eram do sexo feminino, o que representa um total de 21%. Já no período diurno a maioria dos estudantes eram do sexo feminino. Dos 317 alunos atendidos neste turno, aproximadamente 216 eram meninas, ou seja, aproximadamente 68% o que pode indicar uma preocupação dos pais das moças em proporcionar uma educação cristã católica e de melhor qualidade que ofertada no ensino público para suas filhas.

A direção da instituição foi assumida por, Mirian Cavalcanti Alencar, que deixou de ministrar as aulas de português para se dedicar ao novo cargo. Já o quadro docente contou com 16 professores, destes apenas três atuaram no ano anterior como professores da casa. Já os freis continuaram se fazendo presentes dentro do ginásio e com isto, podendo reafirmar

seus valores dentro da mesma, por meio do frei Mathias Warneke O.Carm<sup>98</sup> como professor de religião.

QUADRO 13 - TURMAS DO GINÁSIO DE 1966

1° A	45 alunos	24 meninos e 21 meninas
1° B	44 alunos	16 meninos e 28 meninas
1° C	41 alunos	22 meninos e 19 meninas
1° D	36 alunos	13 meninos e 23 meninas
1°E (N)	44 alunos	33 meninos e 11 meninas
1° F (N)	48 alunos	41 meninos e 7 meninas
2° A	33 alunos	13 meninos e 20 meninas
2° B	37 alunos	6 meninos e 31 meninas
2° C (N)	34 alunos	27 meninos e 7 meninas
3° A	37 alunos	37 meninas
3° B (N)	24 alunos	16 meninos e 6 meninas
4°A	44 alunos	7 meninos e 37 meninas
4°B (N)	13 alunos	9 meninos e 4 meninas

FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO. INFORMAÇÕES RETIRADAS DOS RELATÓRIOS ANUAIS ENVIADOS A INSPETORIA SECCIONAL DE EDUCAÇÃO NA ÉPOCA, LOCALIZADA NA CIDADE DE LONDRINA. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

Sobre as aulas de Religião, nosso depoente José Wille relata:

O Ensino Religioso não era assim massacrante, claro que era uma escola que tinha um princípio religioso, mas a gente tinha só a aula de religião, por exemplo duas vezes por semana uma coisa assim. Nosso professor de religião que mais me marcou eu me lembro claramente foi Frei Rafael. (WILLE, 08.jun.2015).

O interessante deste registro se dá no fato da percepção e da avaliação do depoente que mesmo sendo uma instituição confessional, que tinha a religião como centralidade em seu processo educativo, a estratégia dos religiosos e da instituição escolar era não afastar os alunos da religião, mas sim que estas aulas fossem uma abertura para maior aproximação destes com a Igreja local.

O índice de reprovação deste ano foi o mais baixo de todo período estudado. Após os exames e 1ª e de 2ª época os relatórios enviados ao inspetor federal, registraram 50 alunos retidos no 1º ano, quatro no 2º e três no 3º, representando um percentual de 21,9; 3,9 e 8,8

<sup>98</sup> Seu nome de batismo era Egon Bernhard Franz nascido em 15/03/1930 na Alemanha, entrou para a Ordem carmelita onde se ordenou sacerdote. Veio para o Brasil em 1958 chegando a frente missionária em Paranavaí no dia 17 de maio do mesmo ano. Assumiu vários trabalhos dentro da frente missionária, vindo a falecer em 29/07/2000 em Paranavaí onde seu corpo está sepultado na cripta da Paróquia de São Sebastião.

respectivamente. Um dado que chama atenção são as desistências do 1º ano, que giraram em torno de quase 50 matrículas. Mesmo recebendo 19 transferências para a referida série, a instituição terminou o ano letivo com apenas 228 alunos, ou seja, 81,4% do número inicial. O mesmo ocorreu no 2º ano letivo, porém em menor número. De 106 alunos que iniciaram o ano letivo, somado as 13 transferências recebidas, apenas 102 alunos concluíram a série, o que representa 85,7% da quantidade inicial. Vários podem ter sido os motivos que levaram a estas desistências, porém não foi encontrado nenhum registro que poderiam indicar um caminho para estas respostas.

A anuidade paga pelos alunos no ano de 1966 ficou no valor de Cr\$ 62.500,00, correspondendo a 6% dos ganhos anuais de uma pessoa que recebia o salário mínimo, fixado em Cr\$ 84.000,00/mês. Quanto a remuneração dos professores, ficou em torno de Cr\$ 1.500,00 a hora aula, o que representava 4% do valor de uma cesta básica naquele ano. Para que um docente do Ginásio Nossa Senhora do Carmo, pudesse comprar uma cesta básica, utilizando o cálculo atual de 4,5 semanas, um professor deveria ministrar em torno de seis aulas semanais.

Os dois anos seguintes a instituição continuou com praticamente a mesma estrutura de 1966. No primeiro ano, o Ginásio Paroquial, segundo os relatórios anuais enviados aos órgãos responsáveis, organizou 16 turmas para atender um total de 448 alunos, sendo sete turmas de 1º ano, quatro turmas de 2º, três de 3º e duas turmas de 4º ano, sendo ofertado tanto no período diurno quanto noturno. Um detalhe importante se dá mesmo com a diminuição de alunos, houve um aumento de turmas, o que significa menos alunos por sala, melhorando com isso a qualidade do atendimento do professor para seus alunos, o que poderia ser considerado um diferencial, haja visto que as instituições públicas que ofertavam o mesmo curso atendiam um número maior de alunos por sala. A direção neste ano ficou a cargo do professor Benjamin Antônio Johann, que continuou ministrando a disciplina de francês. O quadro docente deste ano foi ampliado para atender a demanda. E equipe de professores do ciclo ginásial contou com 24 profissionais. A presença dos religiosos continuou dentro do quadro de docentes com o Frei Rafael Mainka O. Carm<sup>99</sup>. e Frei Alberto Forest O. Carm<sup>100</sup>, ministravam a disciplina de Religião, o que de certa forma ampliou a presença carmelitana dentro do

---

<sup>99</sup> Rafael Mainka nasceu na Alemanha no dia 07/03/1934, ordenando-se sacerdote como religioso da Ordem do Carmo. Foi transferido para o Brasil em março de 1961 ficando bem debilitado em 1966 falecendo em 8 de dezembro de 1970 na cidade de Londrina – PR vítima de um infarto. Está sepultado na cripta da Paróquia de São Sebastião em Paranaíba.

<sup>100</sup> Alberto Först nasceu no dia 26/11/1926 na cidade de Gunzendorf – Alemanha. Entrou para o noviciado carmelita em 1947, ordenando-se sacerdote em junho de 1952, sendo transferido para Paranaíba 2 anos mais tarde. Em 1988 foi nomeado bispo Coadjutor da diocese de Dourados. Em 2009 retornou para a Alemanha, vindo a falecer em 01/11/2014.



Ginásio N. S. do Carmo.

Neste ano a moeda brasileira sofreu uma alteração para tentar controlar a inflação passando a se chamar Cruzeiros Novos. A nova moeda buscou combater a inflação, e para isto dentre outras medidas a moeda brasileira sofreu um corte de três “0”, ou seja, a partir de agora Cr\$ 1.000,00, vale NCr\$ 1,00. A anuidade a ser paga pelos discentes neste ano ficou estabelecida em NCr\$ 120,00, sendo fixado o valor da hora aula paga aos professores do ciclo ginásial o valor de NCr\$ 2,25, que equivalia a Cr\$ 2.250,00, ou seja, um reajuste de aproximadamente 50%, sendo que o índice inflacionário do ano anterior se acumulou em 34,24%.

O índice de reprovação a instituição continuou relativamente baixo. Do total de alunos atendidos, apenas 23 alunos dos alunos atendidos no ano letivo, destes 21 no 1º ano, reprovaram, o que representa um total de 5%. Estes resultados, independente de comprovarem o processo de qualidade no ensino da instituição, serviam como uma propaganda positiva para a mesma sobre a sua qualidade de ensino e com isto tornar referência no ensino ginásial na cidade de Paranavaí. Neste mesmo ano, José Wille, iniciou seus estudos no ciclo ginásial e em um trecho de seu depoimento fica claro a ideia da instituição que, apesar de contar com alunos bolsistas, tinha por objetivos formar a elite da sociedade paranavaense. Em seu depoimento Wille, lembra de algumas situações que comprovam a elitização dos discentes da instituição:

Lembro de uma professora que ficou brava uma vez, aprontaram alguma coisa ela dizia: Vocês que são a nata da sociedade (Risos), Tinha esse tipo de concepção na época, mas evidentemente era quem podia pagar, mas não deve ter sido uma coisa tão cara assim pra época, meu pai por exemplo tinha 6 filhos, 6 meninos, dos 6, 5 estudavam simultaneamente lá, quando a gente saiu, 5 estudavam simultaneamente na paroquial, mas existia alguma forma assim de você, se tinha mais se tinha 3, 1 não pagava, algo assim, acredito que meu pai deve ter se enquadrado nesse sistema. (WILLE, 08 jun. 2015).

Um ponto interessante na fala do depoente se dá na sua percepção de não fazer parte desta “elite” social afirmada pela professora, mas conforme os índices apresentaram e por um trecho no depoimento de Pedra Bucci, que afirmou que suas amigas daquela época afirmam que a família de Pedra sempre foi abastada, por isto ela estudou na “Paroquial” (BUCCI, 2015).

Sob a mesma gestão e com um quadro de 33 docentes, a instituição no ano letivo de 1968, atendeu 466 alunos nos dois períodos divididos em 14 turmas, destas sendo cinco turmas de 1º ano divididos nos dois períodos, totalizando 160 alunos. Os demais anos foram divididos em três turmas cada. Os relatórios anuais registraram também que a anuidade

cobrada este ano ficou no valor de NC\$ 160,00, justificado pela inflação acumulada de 39,12%, mas mesmo assim este reajuste ficou abaixo da inflação. Já hora/aula do professor sofreu um reajuste de 11% passando para NCr\$ 2,50, enquanto o salário mínimo registrou um reajuste de 23,4% passando de NCr\$ 105,00 para NCr\$ 129,00. Neste ano, o índice de reprovação, aumentou consideravelmente. Dos 466 estudantes do ano letivo de 1968, 98 destes reprovaram, o que representa aproximadamente 21,03% do total, que poderia ser justificado pela desmotivação dos profissionais com as perdas salariais deste ano. Se a instituição continuasse no processo de valorização dos salários de seus profissionais, o valor pago em 1968 deveria ser de NCr\$ 3,13, ou seja, 25% maior do que foi pago, isto sem pensar em um ganho real, somente a correção inflacionária.

Os dois últimos anos dentro do recorte temporal estabelecido pela pesquisa marcaram uma queda nas matrículas ginásial. Enquanto em 1969 a instituição atendeu 351 estudantes divididos em 11 turmas, em 1970 este número foi de 304 alunos organizados em 9 turmas. Estas diminuições nas matrículas, que podem ter sido provocadas pelas defasagens no ganho do brasileiro. Com um índice inflacionário acumulado em 1968 de 25,49% e um reajuste de 20,3% no salário mínimo passando para NCr\$ 156,00. Segundo o Dieese, o salário mínimo e junto com ele o poder de compra da população estava defasado em aproximadamente 20,91%. Esta defasagem se manteve em 1970 quando o mínimo foi reajustado para NCr\$ 187,20 o que gerou nas famílias o estabelecimento de prioridades em seu orçamento doméstico e para parte destas a educação não fazia parte destas prioridades, conseqüentemente provocam a diminuição do quadro de professores. Em 1969, este número caiu para 31 professores e no ano seguinte para 28. Vale ressaltar que a partir de 1970, a instituição não teve mais a presença dos religiosos carmelitas atuando de forma direta dentro da escola.

Já as anuidades pagas pelos responsáveis nos dois últimos anos, foi de NCr\$ 200,00 em 1969, ou seja, um aumento de 25% em relação ao ano anterior e como não foi encontrado o valor desta nos relatórios de 1970, acredita-se que tenha se aproximado de 29% chegando a um valor de NCr\$ 258,00<sup>101</sup>, lembrando que o valor médio da cesta básica neste ano ficou em NCr\$ 82,03 por mês. Quanto ao valor da hora/aula paga o professor a inspetoria foi informada por meio dos relatórios a ela enviados que esta foi de NCr\$ 3,25 em 1969 e de NCr\$ 3,60 em 1970, o que representou um reajuste de 30% e 10,7% respectivamente.

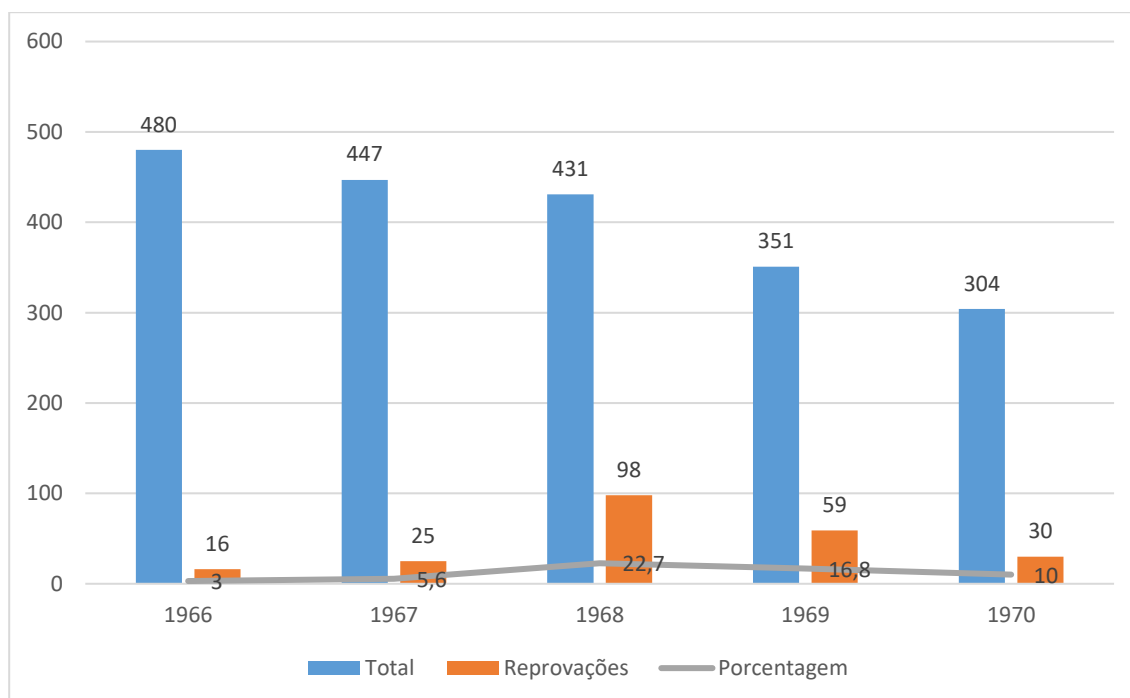
Quando estas matrículas são tabuladas na forma de gráfico (GRÁFICO 9), percebe-

---

<sup>101</sup> Para tal se realizou uma média entre os dois últimos anos.

se que o crescimento na quantidade de matrículas se deu somente em 1966, nos anos seguintes a quantidade de alunos atendidas pelo ginásio ainda foi maior que no primeiro quinquênio, porém esta apresentou ligeira queda nos anos seguintes, sendo esta mais acentuada no ano de 1968 (18,6%), mas a média na diminuição de matrículas neste quinquênio ficou na casa dos 10,6% ao ano. Já quando as reprovações foram tabuladas no mesmo gráfico se percebe que estas foram inversamente proporcional a diminuição de matrículas, sendo que o maior índice de reprovação se deu em 1968, o que pode justificar de certa maneira a queda brusca na quantidade de alunos no ano seguinte.

GRÁFICO 9 - ÍNDICE DE REPROVAÇÕES NO CICLO GINASIAL (1966-1970)



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO. DADOS RETIRADOS DO LIVRO DE EXAMES FINAIS. ORGANIZADO PELO AUTOR (2016).

Sobre 1970 Didio Marchesini, um dos depoentes que mais relataram atos que podem ser explicados com a ideia de tática certeuniana, inicia seus estudos na instituição. Vários foram as contribuições deste depoente neste sentido, inicialmente as primeiras impressões que o depoente teve da escola em que iniciara seus estudos ginasiais foi de uma escola que por ter um espaço físico pequeno, permitia que todos se conhecessem e com isto gerasse um espírito fraterno entre os alunos.

Um colégio de dimensões relativamente pequenas, então nós tínhamos a chance de conhecer os alunos da sala e os da escola, então os professores eram sempre os

mesmos, um grupo dedicado, professores realmente muito dedicados, eu me recordo com muita alegria de todos eles. Paranavaí é um lugar mágico (MARCHESINI, 15.out.2015).

Aproveitando-se da fala do depoente sobre os professores do ginásio, que por várias vezes foram mencionados seus nomes no texto, mas não aprofundado, os alunos da instituição, seja os que foram possíveis coletar os depoimentos, seja por vários relatos coletados em uma rede social, demonstram um grau de admiração muito grande por seus professores, por sua forma de ensinar e por seu conhecimento. Jose Wille, quando menciona o professor Matheus Selhorst, deixa isso claro em seu pensamento.

O professor Matheus era a pessoa que tinha a melhor visão assim do professor, não no sentido do professor que chega e fala só por exemplo, o caso dele era português, ele ensinava português, mas ele explicava por exemplo quando deram um tiro no irmão do Kennedy, por exemplo, Robert Kennedy, e ele contava essas coisas são (silêncio) ele tinha muita referência cultural com relação ao mundo. Então ele explicava, alguma coisa acontecia além do Português ele era a pessoa o que melhor fazia isso. Ele tinha uma visão de mundo, tinha bastante leitura e ele mesclava as aulas com esses conhecimentos. (WILLE, 08 jun. 2015).

A mesma admiração ficou nítida no depoimento de Didio Marchesini, quando este relembra o professor Benjamim Yohann. Em sua fala, o depoente deixa claro as ações cotidianas de estratégia e tática que permeavam a sua relação com o professor

E o professor que mais me afastou da sala de aula (referindo-se ao Prof. Benjamim) é o que eu tinha um especial apresso, e depois notei que ele tinha por mim também porque era um professor, eu espero poder postar isso na página do colégio Paroquial, já em Curitiba ele escrevia cartas para mim a cada 15 dias, as vezes até em frequência menor. Percebi que por mais peralta que fosse, deixei nele uma cicatriz sadia, uma cicatriz de emoções de respeito e sempre tive muito amparo de todos os professores, então eu colocaria assim a minha peraltice era uma peraltice sadia. [...] então acho que cada professor tinha um jeito assim específico de dar aula e quem mais me chamava atenção o professor que mais me colocou para fora da sala que foi o professor Benjamim. Ele vendo que eu estava tendo dificuldade em francês, eu estava praticamente de segunda época, praticamente reprovado, ele depois da aula, ele me convidava para ir. (MARCHESINI, 15.out. 2015).

Marchesini, expressa que por mais que o professor Benjamim se utilizara de seu poder instituído enquanto professor para repreender as táticas aplicadas pelo aluno para burlar as regras impostas pela instituição, o mesmo utilizou-se de várias estratégias, como por exemplo de levá-lo em sua casa para que o mesmo apreendesse o conteúdo.

O ano de 1971 foi mais um ano de transformação na instituição escolar Carmelitana, foi o ano em que passou a ofertar o chamado ensino científico, que a partir da lei 5692/71 passou a se chamar 2º Grau. A partir deste ano a instituição mudou novamente seu nome passando para a nomenclatura atual, Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo por meio do Ato nº 1 da Inspeção Seccional de Londrina. Sobre esta transformação José Wille relata:

O que houve assim de expectativa foi quando se falou que se criaria o colégio. O colégio ficava por exemplo: você não tinha bebedouro, até onde me lembro o que você tinha era uma armaçãozinha de cimento com uma pia comprida e várias torneirinhas daquelas metálicas meio douradas gastas que estavam ali já há um tempão. Então o pessoal ia lá e fazia "biquinho" assim para se abaixava para tomar água na torneira. Então aí vieram os bebedouros que foi visto assim como uma baita evolução, tinha bebedouro. Pavimentaram o pátio, criaram uma sala de biblioteca, onde tinha um globo lá meio detonado mas havia um globo lá, tinham furado e eles encheram de estopa dentro, então ele ficou gordo assim com estopa dentro. É, mas era assim, era uma sala de leitura, uma biblioteca. (WILLE, 08 jun. 2015).

A fala do depoente demonstra um investimento da instituição para receber o curso colegial. Este investimento é percebido nas reformas estruturais quando o mesmo afirma no calçamento do pátio e na instalação de bebedouros, sendo que estes ganharam destaque no registro memorial de Wille. Também se apreende deste trecho do depoimento o cumprimento de algumas exigências estabelecidas pela legislação para a oferta do curso colegial como a instalação de uma biblioteca por exemplo.

Neste ano a instituição atendeu no curso ginásial um total de 183 alunos, número este superior apenas aos dois primeiros anos de atividade do ginásio e 37 alunos em uma turma de 1º ano do colegial. Mais uma vez a economia brasileira dificulta a vida da população de classe média e pobre. Com uma inflação acumulada em torno de 19,26% o salário mínimo foi reajustado para NCr\$ 225,60, um aumento de 1,25% acima da inflação, porem neste mesmo ano a cesta básica pesou um pouco mais sobre os ganhos dos brasileiros, alcançando a marca de NCr\$ 105,08 aproximadamente 28,09% mais cara que o ano anterior. Sem encontrar nos registros o valor da anuidade cobrada pelo colégio, utilizou se a média dos reajustes em 1968 e 1969 chegando a um valor aproximado de NCr\$ 330,00 para o curso ginásial.

Para atender sete turmas, sendo quatro do ciclo ginásial e uma do colegial, o Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, foi dirigido pelo professor Matheus Selhorst e contou com 19 professores que ganhavam NCr\$ 4,50 por cada aula ministrada, um valor 25% maior que o de 1970.

O cotidiano do ginásio paroquial era marcado também por diversas atividades intra e extraclases, atividades estas que envolviam os estudantes e de certa forma, a comunidade escolar como um todo, buscando assim reafirmar cada vez mais a relação da Igreja local, com a sociedade paranavaense. As festas juninas eram um bom exemplo de como esta relação se reafirmava. Para que a mesma acontecesse, os alunos se dedicavam a ensaios de quadrilha e organização da festa “tinha uma menina da minha turma, que me convidava para ser par dela, (risos) eu gostava da menina e ia lá, e eu era muito tímido mas ia, ficava lá e fazia os ensaios” (WILLE, 08.jun.2015). Apesar de relembrar esta memória sobre as festas juninas, Wille não

guarda boas lembranças desta festa, pois segundo o mesmo, nunca conseguiu dançar por que próximo ao dia da atividade o seu par lhe informava que não iria participar (Ibidem). Sobre as mesmas festas, Didio Marchesini já apresenta boas lembranças e como os alunos se dedicavam para este momento.

(ENTREVISTADOR) o que o senhor lembra das festas juninas?

(DEPOENTE) (silêncio) da quadrilha, dos ensaios da quadrilha (silêncio) muito mágica porque todo mundo se dedicava. Era um compromisso legal porque você tinha seu par e vi não podia faltar, você deixava seu par desaparecido. A quadrilha era levada com muita disciplina mesmo. E era uma coisa que a gente conseguia se distrair. Era uma atividade de dentro da escola que era uma verdadeira fábrica de amigos. Na atividade no seguinte a gente queria compor a quadrilha com o mesmo par. Então era bem legal, era muito bacana. (MARCHESINI, 15.out.2015).

Estes momentos, além de guardado na memória dos que participaram, também ficou registrado em várias fotografias. Estas fontes imagéticas expressam de certa forma a alegria e o entusiasmo registrado na memória de Didio Marchesini.

FIGURA 28 - FOTOGRAFIA DE FESTA JUNINA NO GINÁSIO N. S. DO CARMO



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (S.D.).

O esmero dos alunos relatado por Marchesini, pode ser comprovado na imagem acima (FIGURA, 28). Nela foram registrados quatro alunos do ciclo ginásial da instituição

escolar carmelitana devidamente caracterizados para a dança da quadrilha. Esta caracterização buscava ser o mais fiel possível, pois o folclore da quadrilha junina se passa com adultos, isto é marcado pelos “bigodes” feitos com alguma espécie de tinta, nos dois rapazes. As moças por sua vez expressavam o grau de maturidade de sua fantasia com os adornos como brincos e colares utilizados. Percebe-se também no registro além da proximidade com seu próprio par, a proximidade com os demais colegas de escola, quando os quatro estão unidos de braços dados.

Outro momento ao qual os alunos se dedicavam e movimentava a escola positivamente, eram as apresentações da semana da pátria e principalmente do desfile cívico da independência. Nestes desfiles, grande era a participação dos alunos nos pelotões marchando, mas principalmente a fanfarra que com suas melodias marcavam ainda mais a participação da instituição nestas festividades.

FIGURA 29 - FOTOGRAFIA DE COMEMORAÇÃO DA SEMANA DA PÁTRIA



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (196?).

O objetivo desta fonte imagética (FIGURA, 29) foi captar e registrar para posteridade as comemorações cívicas dentro da instituição. O ato foi realizado no pátio da instituição, provavelmente no momento do intervalo, ou em um momento específico, foi contou com a participação dos dois seguimentos ofertados pela instituição, haja visto que as meninas que estão se apresentando no centro da imagem, são visivelmente mais jovens que os

rapazes registrados ao fundo. Na lateral direita da fotografia, foi registrado uma parte do mastro, que ao que tudo indica estava com a bandeira brasileira hasteada, devido as comemorações. Atrás das meninas que se apresentam está uma senhora de óculos, que segundo um dos depoentes é a senhora Ivone, que foi secretária e diretora da instituição.

Um dado importante a ser salientado sobre estas comemorações, é que por mais que a instituição valorizasse os momentos cívicos, o momento era marcado por governos militares no país, o que evidenciava ainda mais como forma de repressão, os ideais militares de ordem, patriotismo e valorização da nação. Sobre estes pelotões para o desfile cívico, Rogério Viana relata:

os desfiles nossa era assim a grande alegria das crianças, elas se preparavam para o desfile de 7 de setembro. A gente comia canjica para poder ficar forte, para não desmaiar durante o desfile, tinha umas coisas assim que a gente se preparava, uniforme limpinho, sapato limpo, roupa bonita, nova para ir para o desfile era uma coisa assim muito

(ENTREVISTADOR) E essa preparação tinha dias antes?

(DEPOENTE) não é sim preparava, tinha ensaio da criançada a fanfarra tocando lá na frente a gente tudo ensaiando o passo certo para não errar no dia do desfile. (VIANA, 06.ago.2015)

FIGURA 30: FOTOGRAFIA COM PORTA-BANDEIRAS EM DESFILE CÍVICO



FONTE: COLÉGIO N.S.DO CARMO (196?).



O ideal de valorização nacional, nos desfiles cívicos de 7 de setembro, foi apreendido nesta imagem (FIGURA, 30). Nela se encontram 5 meninas segurando bandeiras das unidades federativas do Brasil. Para se diferenciar do pelotão, além de carregar as bandeiras, estas meninas utilizavam uma boina e uma faixa com o nome do Estado que carregava a bandeira. Nesta imagem também pode se visualizar a questão mencionada por Rogério sobre os uniformes. Apreende-se o alinhamento dos mesmos, na altura das meias, no mesmo estilo de sapatos e no adereço no pescoço que poderia ser comparado a uma gravata.

Sobre as fanfarras, vários são os registros encontrados. José Wille, que participou da mesma por anos, rememora com detalhes alguns destes momentos:

A fanfarra, da fanfarra eu participei durante 3 anos 1969, 1970 e 1971. A fanfarra viajava, tinha jogos abertos do Paraná, né. Então era uma fanfarra simples, não tinha por exemplo corneta. As cornetas e instrumentos assim estavam todos detonados. E ninguém sabia usar aquilo. Então na verdade só a bateria mesmo, que era a fanfarra da paroquial. Professor Pacha, era o professor responsável pela fanfarra. Geralmente o ensaio era muito em cima assim. Quando faltava 1 mês daí começava a ensaiar para o dia 7 (de setembro), e depois parava, não tinha continuidade [...]. Então a fanfarra passava a ser uma coisa que mexia com a gente porque era legal ser da fanfarra, você se achava importante sendo da fanfarra, sendo barulho, chamando atenção (risos). (WILLE, 08 jun. 2015).

A fala de Wille, expressa que por mais que a fanfarra desse uma posição de destaque para a instituição no dia do desfile, a mesma não era uma prioridade na instituição. Isto fica evidente quando o depoente ressalta a qualidade de alguns instrumentos e a frequência dos ensaios.

Além das comemorações juninas e da proclamação da independência, o ginásio era marcado por diversas atividades. Conforme registrado em um livro, apesar de muito parca as informações, denota-se a existência de outros eventos como por exemplo a vacinação dos alunos, bem como dos professores, palestras com o objetivo de auxiliarem os alunos a escolherem suas futuras profissões, excursões com o objetivo de complementar os conhecimentos teóricos de sala de aula e a participação em atividades esportivas estaduais, como os jogos abertos do Paraná.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa referente a gênese e consolidação do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, iniciada na década de 1950, permitiu a realização de algumas reflexões que poderão contribuir para a história da educação paranavaense, bem como para a história das instituições escolares carmelitas espalhadas pelo mundo.

Ao longo destas páginas busquei apresentar documentos e analisar a história de uma instituição educativa. Esta análise não tinha como intenção simplesmente relatar uma realidade, mas reelaborar uma história local com criticidade voltada para a interpretação da sociedade no passado. Segundo Marc Bloch (2001, p. 55) “a história não é somente a representação dos homens mergulhados em seu tempo”. Assim, encarei como um grande desafio a realização desta a pesquisa. Tive dificuldades para encontrar dados sobre as instituições escolares do noroeste paranaense e, principalmente, dados sobre as instituições escolares carmelitas. Esta constatação demonstra que ainda há muito por se fazer nessa área, que se caracteriza como um terreno fértil para a pesquisa em história da educação.

No entanto, pela pesquisa empírica, a busca por fontes primárias no Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo demonstrou a existência de uma riqueza documental, tanto de caráter textual quanto fotográfico, que constituía o acervo da instituição. Uma grande lamentação foi saber a existência de determinadas fontes referentes a sua gênese, mas que foram perdidas devido às más condições de guarda. Esta perda decorreu não por mera falta de interesse na preservação da história da instituição, mas sim, de acordo com seus gestores, pela precariedade de espaço de que dispuseram no passado. Outro ponto importante em relação as fontes foi a realização do registro de depoimentos orais de alguns personagens que protagonizaram parte desta história. Escutá-los contribuiu muito para a minha compreensão sobre as características do colégio e, conseqüentemente, para o desenvolvimento desta dissertação de mestrado.

Longe de esgotar o tema, a presente dissertação caracteriza-se como processo de busca pela história que permanece em perene movimento e depende do olhar de quem a escreve. O que se espera é que esta pesquisa possa motivar, bem como auxiliar outras pesquisas sobre o processo de desenvolvimento educacional paranavaense. E, em especial, sobre as instituições educacionais carmelitas.

A realização dessa pesquisa permitiu-me a observação de que a história da instituição educacional se confunde com a própria história da fundação do município de Paranavaí, bem como a formação da frente missionária dos Carmelitas alemães no Brasil. O colégio Paroquial

Nossa Senhora do Carmo, que inicialmente chamava-se Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo, surgiu pela necessidade de evangelização das crianças no recém-criado município. Além disto, esta deveria fazer parte da nova frente missionária, segundo o bispo diocesano D. Geraldo Proença Sigaud, e seus superiores alemães, para que a cidade fosse atendida por uma instituição escolar pautada principalmente nos valores católicos, contribuindo assim para a doutrinação religiosa da sociedade como um todo.

Para contextualizar o nascimento da instituição, a pesquisa perpassou primeiramente pela formação do município de Paranavaí, desde sua ligação com a região das missões jesuíticas no século XVI/XVII, apontando alguns aspectos sobre a colonização por meio da produção cafeeira, que se desenvolveu pelo empreendimento de fazendeiros oriundos do interior de São Paulo. Destacou-se também alguns conflitos governamentais ocorridos durante a década de 1930, que levaram praticamente ao fim do processo civilizatório na região. E, finalmente, abordou a retomada deste processo pelo Estado na década de 1940, até o momento de sua fundação, no ano de 1951.

Em seguida fez-se necessário entender quem eram os Freis Carmelitas, de onde surgiram e qual foi seu propósito de vida. Como a história desses religiosos tem duração de mais de 800 anos, iniciando-se na Palestina por volta do século XII, tentei sintetizar a trajetória destes homens que saíram da Europa, convocados pelas Cruzadas, rumo ao Oriente. Homens estes que buscavam uma alternativa de vida, já que muitas vezes viviam em condições não muito favoráveis. Homens que, também, buscaram um estilo de vida mais próximo do que se acredita como ensinamentos de Jesus Cristo, apesar da Igreja, neste período, deturpara esses ensinamentos, permitindo-se à hierarquia uma vida de luxo e, em alguns casos, luxúria. No final do ano de 1247, estes homens foram obrigados a se espalhar pela Europa, fundando várias moradias pelo continente.

Demanda, no entanto, a necessidade de entender qual é o propósito de vida desses religiosos, bem como quais são os valores que sustentam sua permanência na Igreja até os dias atuais. Entender por qual propósito os religiosos alemães, em um período conflituoso marcado pelas guerras mundiais, resolveram sair em missão e estabelecer uma frente missionária no sul brasileiro. Tentei demonstrar também, sucintamente, quem foi este religioso que saiu da Alemanha e veio para o Brasil cumprir a vontade de seus superiores.

Para melhor compreensão do cenário educacional em que surgiu a instituição escolar, fez-se necessário estabelecer um estado da arte sobre a relação estabelecida entre a Igreja e o processo educacional brasileiro, observando como este se deu no período imperial, mas principalmente na República com a laicidade do Estado. Também se fez necessário tecer uma

teia deste processo brasileiro durante período estabelecido como recorte temporal, tanto no âmbito nacional, quanto no paranaense.

É importante salientar que a instituição surgiu bem no auge do movimento vivido no país conhecido como desenvolvimentismo, sob a gestão do então presidente Juscelino Kubitschek. Visava-se o desenvolvimento do país, principalmente nos setores da indústria, energia, educação, transporte e alimentação. Porém, não se pode deixar de ressaltar que este movimento de impulso nacional se originou na década de 1930, com as políticas de desenvolvimento do então presidente Getúlio Vargas. No Paraná, este movimento se manifestou de forma significativa, e os governadores buscaram estratégias para que esse desenvolvimento também chegasse ao estado.

Quanto ao processo educacional, este também foi muito rico em mudanças. Como projeto governamental, em 1942, o país passou por várias reformas na educação, que ficaram conhecidas como Reforma Capanema. Estas, por exemplo, serviram como base para a fundação do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo. No Paraná, a educação neste período foi vista como parte do processo desenvolvimentista. Percebeu-se no primeiro governo da década de 1950 um esforço para a ampliação das escolas primárias, principalmente no interior do estado. Porém, os próximos governos não ambicionaram de fato esta expansão, mas apenas a manutenção das escolas que já haviam sido criadas.

Em um segundo momento, busquei contextualizar a história do nascimento do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo a partir de textos que Frei Ulrico O. Carm. escreveu para uma revista alemã, dedicada aos fiéis que pertenciam as paróquias carmelitas. Estes escritos tinham como objetivo informar os leitores de como andava a nova frente missionária, bem como sensibilizar os mesmos, para que contribuíssem com ajuda financeira para a mesma. Após 40 anos do início da frente missionária, os religiosos, que hoje compõem o Comissariado Geral do Paraná, compilaram e traduziram estes textos, publicando o livro *História e Memórias de Paranavaí*, que, segundo Ulrico, não tinha “a intenção de escrever livros ou mesmo artigos científicos” (GOEVERT, 1992, p. 07).

Este pensamento de Ulrico pode ser entendido como uma não obrigatoriedade da memória, uma liberdade para não ser fidedigna aos acontecimentos tais quais ocorreram, mas apenas deter-se em seus significados. Maria Stephanou (2005, p. 420) comenta que a “memória, tecida de lembranças e esquecimentos, diferente da História, não tem compromisso com o trabalho de crítica e problematização”.

Nestes relatos memorialísticos e do presente vivido pelo religioso até 1957, Goevert apresenta os obstáculos enfrentados para ensinar a doutrina católica às crianças do município.

O religioso foi enfático quando escreveu que este problema de aprendizagem não se dava por algum déficit intelectual, mas sim por falta de instituições que ensinassem os pequenos a lerem e a escreverem. Neste momento, Paranavaí contava com apenas uma instituição escolar. Justamente essa, propositalmente ou não, foi omitida do relato feito pelo religioso.

Outro personagem importante na constituição do colégio, e que merece o seu devido destaque, foi Frei Estanislau O.Carm. Este religioso foi um dos primeiros professores da instituição. Mesmo sem uma formação adequada, estudou para as provas de habilitação em prática de docência e “assim mesmo foi aprovado com muitas dificuldades” (GOEVERT, 1992, p. 31).

Os relatos memorialísticos também informaram as dificuldades iniciais enfrentadas pela instituição para sua formação e consolidação. Estas complicações, expressadas principalmente pela dificuldade financeira da frente missionária, pode ser caracterizada como uma reflexão sobre os percalços enfrentados pela Alemanha como consequências do pós-guerra.

Além das dificuldades financeiras, o Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo enfrentou, no início, os entraves burocráticos impostos pelos órgãos responsáveis. Para contornar esta situação, o religioso acabou, de certa forma, encontrando estratégias para burlar o sistema, colocando a frente da instituição uma diretora fictícia. Junto ao Governo do Estado ela era responsável pela instituição, mas, de fato, sequer atuava na mesma.

Nesta dissertação pude verificar também a experiência da ampliação da oferta de outros níveis escolares da instituição. O Jardim de Infância supriu algumas necessidades, tanto financeiras quanto de desenvolvimento intelectual dos alunos da instituição. O Ginásio, por sua vez, supria uma nova demanda dentro do processo educacional paranavaense. Sobre a formação ginásial, podemos entendê-la como um processo de seletividade, visto que para o ingresso era necessário um exame de Admissão, que “privilegiava, portanto, famílias abastadas que tinham oportunidade de matricular seus filhos no ensino primário e ainda paralelamente, pagar professores particulares para melhor prepara-los para o exame de admissão” (LIMA, 2011, p. 170). Pode-se verificar esta experiência dos exames no Ginásio Nossa Senhora do Carmo através do relato de alguns depoentes que contribuíram para a criação de fontes orais sobre a história da instituição. Um exemplo é o depoimento de Pedra Bucci:

(DEPOENTE) Ai meu Deus. Esse exame eu tive aula, eu não me lembro. Esses dias falaram o nome dela aí eu falei: Ah é essa mesmo.

(ENTREVISTADOR) A senhora fez uma aula particular para poder passar?

(DEPOENTE) exato... passar no exame. (BUCCI, 05.jun.2015)

A realização da pesquisa ainda permitiu a realização de uma breve apresentação dos dados encontrados na instituição. Sob a forma de tabelas, foi possível constatar os números de matrículas dos diferentes níveis, bem como números de reprovações nos mesmos. Esta tabulação permitiu, ainda, o questionamento quanto a informação apresentada nos relatos do religioso a respeito da premiação recebida pela instituição. Na ocasião, no ano de 1956, o Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo teria sido considerado a melhor escola do estado. Percebeu-se que, em outros anos, a escola obteve percentuais menores de reprovação e que não estiveram entre as prioridades mencionadas pelo religioso.

Esta compilação dos dados mostrou ainda que durante os primeiros anos da instituição registrou-se uma crescente quantidade de matrículas e um baixo índice de reprovações. Isso, de certo modo, atendia as expectativas do bispo diocesano e do superior alemão em ofertar um ensino de qualidade pautado nos valores Católicos e Carmelitas.

Com a implantação do ginásio, os religiosos dedicaram-se com mais afinco a este curso, atribuindo às religiosas Filhas da Caridade a função de administrar o ensino primário e o jardim de infância. A partir desse momento, constatou-se um aumento na quantidade de matrículas nos dois primeiros anos de administração das religiosas. Posteriormente, verificou-se uma queda vertiginosa na segunda metade da década de 1960, atingindo, inclusive, números inferiores aos registrados em seu início.

Quanto ao ciclo ginásial, este iniciou suas atividades de forma modesta, oscilando bastante de um ano para outro na quantidade de matrículas e reprovações. Atingiu seu ápice no ano de 1966, com 480 alunos matriculados e o menor índice de reprovação no seguimento no período analisado. Porém, com o passar dos anos, percebeu-se uma ligeira queda nas matrículas, que pode ter sido motivada pelos frequentes aumentos no valor da anuidade, bem como pelos altos índices inflacionários registrados no período e, com isso, a diminuição do poder de compra da população.

Por fim, perscrutar as lembranças registradas nas memórias daqueles que por ali passaram se caracterizou como uma atividade importante não somente de guarda da memória, mas também poder compreender alguns processos vividos e registrados na instituição escolar. Maurice Halbwachs (2013) entende a memória individual não isoladamente, geralmente tomando referência fatores alheios ao indivíduo. Esta memória se apoia em percepções da coletividade e da história. Desta forma, entende-se que várias das narrativas foram além de um mero relato de experiência na escola. Caracterizaram-se também como experiências

vividas no coletivo, e que foram compartilhadas.

Estes relatos memoriais permitiram também esboçar que alguns dos valores que permeiam o ser dentro da Igreja dos Carmelitas, e com isto, vividos dentro da instituição, foram de certa forma apropriados pelos alunos. Isto fica claro por exemplo quando José Wille em seu depoimento relembra que em um momento de sua vida pensou em seguir a vida religiosa: “eu tinha uma cabeça na época, eu ficava muito influenciado com a aula de religião né achava também que poderia ser padre no futuro. Então tinha muito a ideia de ajudar os outros” (Wille, 08.jun.2015), percebe-se também a ideia da solidariedade e do altruísmo aqui relatado por Wille, que de certa forma está ligado diretamente ao modo de vida fraternal, vivido pelos religiosos.

A disciplina foi outro valor que ficou profundamente marcada na vida dos que pela instituição passaram. Bucci, afirma que a disciplina que tem em sua vida atualmente foi definida e marcada pelo período que passou pela instituição. Rogerio Viana, também afirma que foi este processo, que o fez ser o homem que é hoje. Para ele “os valores que a gente ouvia, que eram colocados, não eram valores de discurso, eram valores de vida” (VIANA, 06.ago.2015).

As memórias registradas nos depoimentos que se engendraram a partir deste trabalho podem ser classificadas, de acordo com os pressupostos apontados por Jöel Candau, como sendo de “alto nível”. Como o próprio autor desenvolve, são muitas vezes estas memórias que caracterizam a identidade das pessoas que as formam como são. Memórias que lhe fazem entender os eventos vividos no passado, com um olhar próprio do presente.

Quando indagados sobre como definir a instituição em uma palavra, os depoentes responderam que a instituição lhes ensinou a noção de disciplina, que foi fundamental em seu processo de formação de estudante e de ser humano. Também foram mencionadas a formação que propiciou uma noção de responsabilidade, de solidariedade, do sentimento de justiça, entre outros.

Finalmente o processo de construção desta dissertação conseguiu evidenciar vários aspectos dos estudos certeunianos, ligados ao cotidiano, principalmente quando a ordem religiosa conseguiu ressignificar alguns lugares, e estes passaram a ser outros espaços utilizados pela população paranavaense, mas principalmente o processo de estratégia e tática, da instituição com os alunos, bem como da instituição com os órgãos governamentais por várias vezes citados ao longo da produção textual.

As fontes levantadas durante a realização desta dissertação de mestrado, tanto textuais quanto orais, incitam à realização de outras propostas de estudos que, devido ao

tempo curto estipulado para desenvolvimento da pesquisa, não foi possível desenvolver. O que me conforta é saber que o primeiro passo foi dado, e que desdobramentos futuros serão possíveis. Outros pesquisadores também poderão se sentir estimulados a trabalhar o tema, e a expectativa é que esta dissertação sirva como incentivo para seu desenvolvimento. Várias possibilidades foram apontadas, como a possibilidade de análise das memórias escolares, categorizando-as para a compreensão melhor do seu discurso, bem como a busca dos pilares que formam a memória coletiva da instituição.

Outro ponto significativo a ser analisado se dá no fato de ampliar o recorte temporal, abrangendo o que as reformas da Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971 chamando o antigo curso científico em colegial ou também 2º grau, o que acabou se tornando carro chefe da instituição, inclusive com a oferta de cursos técnicos, como tantas outras que não foram percebidas ao longo da pesquisa.

Por fim, almeja-se que esta dissertação de mestrado, realizada na linha de História e Historiografia da Educação, com proximidade ao campo das instituições escolares, tenha contribuído, mesmo que singelamente, para o desenvolvimento do tema, apresentando algumas características da fundação e consolidação do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, estimulando, assim, a realização de outras pesquisas, preenchendo a lacuna existente sobre a história da educação e das instituições escolares do município de Paranavaí, norte do estado do Paraná.



## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- ALMEIDA, D. B. As memórias e a História da Educação: aproximações teórico-metodológicas. **História da Educação**. Pelotas, v. 13 n. 27 p. 211-243, 2009.
- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **História da Instrução Pública no Brasil (1500- 1889)**. São Paulo: Educ; Brasília: INEP/MEC, 1989.
- ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. Trad. J. J. Moura Ramos. Lisboa: Presença, Martins Fontes, 1974.
- AMADO, J. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. **Revista História**. São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1992.
- ANTUNES, H. S.; OLIVEIRA, V. F. Lembranças da Escola Italiana. **História da Educação**. Pelotas, p. 99-109, set. 1997.
- BARBOSA, F. **Para além da escola: Identidade Menonita e práticas socioeducativas** (Curitiba, 1934-1948). 2010. 237 f. Dissertação (Mestrado em Educação) UFPR, Curitiba, 2010.
- BISERRA, I. K. C.; SANTOS, S. S. O uso das normativas oficiais como fonte para a História da Educação: Uma interpretação sobre o tema. **II Congresso Nacional de Educação**, Campina Grande, 2015.
- BOMENY, H. **A Educação no Segundo Governo Vargas**. Rio de Janeiro: FGV, 2008(a)
- \_\_\_\_\_. **Educação e desenvolvimento: o debate nos anos 1950**. Rio de Janeiro: FGV, 2008(b).
- BOSHILIA, R. **Modelando Condutas: A educação católica em colégios masculinos** (Curitiba 1925-1965). 2002. 228 f. Tese (Doutorado em História) UFPR, Curitiba, 2002.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**, São Paulo: Companhia das Letras 1988.
- BLOCH, M. **Apologia da História ou Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BUFFA, E. História e Filosofia das Instituições escolares. In: ARAÚJO, J. C. S.; GATTI JR., D. (org.) **Novos temas em História da Educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Autores Associados, 2002.
- BURKE, P. (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARDOSO FILHO, R. **São José, o colégio de Castro. 1904-1994**. 2007. 312 f. Tese (Doutorado em Educação) UFPR, Curitiba, 2007.

CERTEAU, M. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, R. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. São Paulo: DIFEL, 2002.

CUNHA, M. T. S. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar. In: BENCOSTA, M. L. A. (org.) **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

DALLABRIDA, N. Das escolas Paroquiais às PUC's: República, Recatolização e escolarização. In: STEPHAOU, M.; BASTOS, M. H. C. (orgs.) **História e Memórias da Educação no Brasil** – vol. III – Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005.

FARIA FILHO, L. M. et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a08v30n1.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. A legislação escolar como fonte para a História da Educação: uma tentativa de interpretação. In: **Educação, modernidade e civilidade: fontes e perspectivas de análises para a história da educação oitocentista**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p. 91-125.

FELGUEIRAS, M. M. L. Para um museu vivo da escola primária: trajetória de uma investigação. In MAGALHÃES, J. (org.). **Fazer e ensinar história da Educação**. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, 1998.

FERREIRA JR., A.; BITTAR, M. Educação e ideologia tecnocrática na ditadura militar. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 28, n. 76, p. 333-355, set./dez. 2008.

FERREIRA, M. M. História Oral: um inventário das diferenças. In: **Entrevistas abordagens e usos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (org.) **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz; Casa Oswaldo Cruz; FGV, 2000.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.) **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006

FISCHER, B. T. D. **Tempos de Escola: memórias**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011.

\_\_\_\_\_. **Tempos de Escola: memórias**. Vol. II. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2011.

\_\_\_\_\_. **Tempos de Escola: memórias**. Vol III. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2012

FONSECA, T. N. L. **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.
- GHIRARDELLI JR, P. **História da Educação**, São Paulo: Cortez, 1994.
- GOMES, A. C. **Essa gente do rio...**: modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- GONÇALVES, N. G.; GONÇALVES, S. A. Desenvolvimentismo e educação no Paraná (décadas de 1960 e 1970). **Diálogos**, Maringá, v.12, n°2/3 2008.
- GONÇALVES NETO, W. Cultura escolar e legislação em Minas Gerais: o município de Uberabinha no início da República. In: YAZBECK, D. C.; ROCHA, M. B. M. (org.). **Cultura e História da Educação**: intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009, p. 69-102
- GULLA, M. **História e Memória da fundação do colégio Santa Cruz de Maringá (1952)** 2009. 147f. Dissertação (mestrado em Educação) UEM, Maringá, 2009.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HAMMEL, A. C.; COSTA, G. K.; MEZNEK, I. **A ditadura militar brasileira e a política educacional**: Leis nº 5.540/68 e 5.692/71. Cascavel. 5º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais, 2011.
- HOBSBAWM, E. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 1976.
- JOSETTI, C. C.; ARAUJO, R. V. C. Educação nas décadas de 1920 a 1950 no Brasil: Alfabetização de adultos em questão. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana, ano 6, vol. 12, 2012.
- LANG, A. B. S. G. et al. **História oral e pesquisa sociológica**: a experiência do CERU, São Paulo: Humanitas, 1998.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.
- LIMA, A. **Ginásio Maringá (1952 – 1963)**: história da implantação de uma instituição escolar. 2011. 2v. 336f. Tese (Doutorado em Educação). UEM, Maringá, 2011
- LUI, E. **Memória, Oralidade e Escolarização**: Os discursos produzidos sobre práticas escolares e relações de afetividade na escola confessional Batista Graciosa (1981 – 2003). 2016. 266 f. Dissertação (Mestrado em Educação) UFPR, Curitiba, 2016.
- MOGARRO, M. J. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas: Autores Associados, v. 1, n. 10, p. 75-99, 2001.
- NORA, P. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, 1981.

NUNES, C. Memória e história da educação: entre práticas e representações. In: BARBOSA, R. L. L. (org.). **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 131-146.

OLIVEIRA, D. **Urbanização e Industrialização no Paraná**, Curitiba: SEED, 2001.

OLIVEIRA, V. F. Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral. **História Oral**, Recife, v. 8, n 1, p. 92-106, 2005.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 1993.

PINHEIRO, Marcos J. **Museus, memórias e esquecimento: um projeto da modernidade**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2004.

POLETTI, J. **Colégio Sagrado Coração de Jesus, Bento Gonçalves/RS (1956 – 1972): Processo identitário e cultura escolar compoendo uma história**. 2014. 215 f. Dissertação (Mestrado em História), UCS, Caxias do Sul, 2014.

PORTELLI, A. Forma e significado na história Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Projeto História**, n. 14, p. 7-39, 1997.

\_\_\_\_\_. **Ensaio de História Oral**. Tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e voz, 2010.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais do “indizível” ao “dizível”. In: Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil. **Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais**, São Paulo: Vértice, 1988, p. 14-43.

RAGAZZINI, D. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação. **Educar em Revista**, n. 18, p.13 – 28. 2001.

RABELO, G. Lembranças de aluna/professora numa escola criada por uma mineradora de carvão: memórias e significados. **História da Educação**. Pelotas, n. 16, p. 107-128, 2004.

ROMANELLI, T. O. 9. ed. **História da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1987.

SANTOS, C. **Colégio Regina Mundi: A construção de uma identidade (1967 – 1970)**. 2012. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação) UEM, Maringá, 2012.

SANTOS, M. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. **Revista Brasileira de Ciências Sócios**. n. 23, ano 8, p.68-84, out. 1993.

SANTOS, M.; ARAUJO, O. R. História Oral: Vozes, narrativas e textos. **Cadernos de História da Educação**, n. 6, p. 191-201, 2007.

SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (org.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SAVIANI, D.; SOUZA, R. F. et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. História, Memória e História da Educação. In: **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005, vol. III, p. 416-429.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

THOMSON, A. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Projeto História**: São Paulo, n. 15, p. 51-84, abril de 1997.

\_\_\_\_\_. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. V.22, n. 44, p. 341-364, 2002.

\_\_\_\_\_. Memórias de Anzac: colocando em prática a teoria da memória popular na Austrália. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**. n. 4, p. 85-101, junho de 2001.

TRINDADE, E. M. C.; ANDREAZZA, M. L. **Cultura e educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001.

VIDAL, D. A fonte oral e a pesquisa em história da Educação: algumas considerações. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 27, p. 7-16, 1998.

VIÑAO FRAGO, A. Culturas escolares, reformas e innovaciones: entre la tradición y el cambio. Murcia: **VIII Jornadas Estatales del Fórum Europeo de Administradores de la Educación de la Región de Murcia**, Murcia, 1996.

WERLE, F. O. C. História das Instituições escolares: de que se fala? In: LOMBARDI, J. C.; NASCIMENTO, M. I. M. (org.) **Fontes, História e historiografia da Educação**. Campinas: Autores Associados; HISTEDBR; 2004. p. 13-35.

WERLE, F. O. C.; BRITTO, L. M. T. S.; COLAU, C. M. Espaço escolar e história das instituições escolares. **Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 7, n. 22, p. 147-163, 2007.

## FONTES

ARIOCH, D. Capitão Telmo: herói ou vilão? In: **Jornalismo cultural**. Paranavaí, 04/08/2010. Disponível em: <<https://davidarioch.wordpress.com/2010/08/04/capitao-telmo-heroi-ou-vilao-2/>>. Acesso em: 21/03/2015.

BOAGA, E. **Como pedras vivas**: para ler a História e a vida no Carmelo. Roma: Editora do Carmo, 1989

COLEGIO NOSSA SENHORA DO CARMO. **Atas de exames finais 1954 – 1970.**

\_\_\_\_\_. **Histórico 1952 – 1991.** Paranavaí (1991?). Não publicado

\_\_\_\_\_. **Livro de Chamadas 1957 – 1970.**

\_\_\_\_\_. **Registro de atividades 1967 – 1970.**

\_\_\_\_\_. **Relatórios anuais do ginásio de 1960 – 1970.**

GOEVERT, U. **História e Memórias de Paranavaí.** Paranavaí: Gráfica Paranavaí, 1992.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **O Paraná Reinventado: política e governo** – 2 ed. – Curitiba: IPARDES, 2006.

PARANÁ. Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado. Curitiba: Imprensa Oficial, 1951a.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado. Curitiba: Imprensa Oficial, 1965.

\_\_\_\_\_. Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado. Curitiba: Imprensa Oficial, 1966.

SAGGI, L. História dos Carmelitas. In: **Dizionario degli Istituti di Perfezione.** Roma: Edizione Pauline, 1975.

SANTIN, V. **Missões carmelitas nos rios Negro e Solimões.** Disponível em: <[http://www.4shared.com/document/Oe17rS53/MISSOES\\_CARMELITAS\\_NOS\\_RIO\\_S\\_NE.html](http://www.4shared.com/document/Oe17rS53/MISSOES_CARMELITAS_NOS_RIO_S_NE.html)> Acesso em 13/07/2014

\_\_\_\_\_. **Frei Ulrico Goevert.** Disponível em: < [http://www.4shared.com/document/-dk0gWIa/Frei\\_Ulrico\\_Goevert.html](http://www.4shared.com/document/-dk0gWIa/Frei_Ulrico_Goevert.html)>. Acesso em 21/03/2015

VERBUM DOMINI [BLOG]. **Grandes Bispos Brasileiros: D. Geraldo de Proença Sigaud.** 2009. Disponível em: < <http://vdomini.blogspot.com.br/2009/09/grandes-bispos-brasileiros-d-geraldo-de.html>>. Acesso em 21/03/2015

## ENTREVISTAS

BUCCI, P. Depoimento concedido a Marcelo Silveira Siqueira. Curitiba, 05 jun. 2015.

MARCHESINI, D. Depoimento concedido a Marcelo S. Siqueira. Curitiba, 15 de out. 2015

VIANA, R. Depoimento concedido a Marcelo Silveira Siqueira. Curitiba, 06 de ago. 2015

WILLE, J. Depoimento concedido a Marcelo Silveira Siqueira. Curitiba 08 de jun. 2015.

## ANEXO 1

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL  
PARA O (A) MARCELO SILVEIRA SIQUEIRA

1. Pelo \_\_\_\_\_ presente \_\_\_\_\_ documento  
 \_\_\_\_\_ (nome) \_\_\_\_\_ (nacionalidade)  
 \_\_\_\_\_ (estado civil) \_\_\_\_\_ (profissão), carteira de  
 Identidade nº \_\_\_\_\_ emitida por \_\_\_\_\_, CPF  
 nº \_\_\_\_\_, residente e domiciliado em  
 \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao MARCELO SILVEIRA SIQUEIRA, brasileiro, solteiro, professor, carteira de identidade nº 13.121.343-3, CPF nº 043.989.659-20, residente e domiciliado em Colombo, na Rua Prefeito João Batista Stocco, 649 Bloco B apartamento 308, a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia \_\_\_\_\_, na cidade \_\_\_\_\_, perante o pesquisador.

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica, pois, o MARCELO SILVEIRA SIQUEIRA plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_  
 Local, \_\_\_\_\_ data

[NOME DO CEDENTE]

MARCELO SILVEIRA SIQUEIRA

Testemunhas:


\_\_\_\_\_  
 Nome Legível

\_\_\_\_\_  
 Nome Legível

CPF:

CPF:

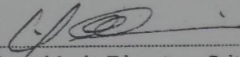
**ANEXO 2**  
**AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO PRIMÁRIO**

  
Secretaria de Educação e Cultura  
Ensino Particular

**LICENÇA PARA FUNCIONAMENTO**

O Secretário de Educação e Cultura, tendo em vista que o requerido em protocolo n.º 13.493.---, de 4 de junho de 1.958.---, preencheu as formalidades exigidas pelo Decreto Lei n.º 6149, de 10 de janeiro de 1938, para o funcionamento da ESCOLA PAROQUIAL NOSSA SENHORA DO CARMO ..... registrada sob n.º 127.---, no município de PARANAÍVAI....., com o (s) curso(s), abaixo discriminados sob a direção do professor(a) Eugénia Araújo Rauen ..... resolve autorizar esse educandário a funcionar, ficando na obrigação de cumprir as disposições legais.

Curitiba, 17 de                  junho                  de 1958

  
.....  
Secretário de Educação e Cultura



## ANEXO 3

## AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO DO GINÁSIO

INSPECTORIA SECCIONAL DE LONDRINA

A T O Nº 4, de 22 de fevereiro de 1960.-

O INSPECTOR SECCIONAL DE LONDRINA, nos termos do artigo 128, da Portaria nº 501, de 19 de maio de 1952, alterado pela Portaria nº 302, de 30 de agosto de 1957, da Diretoria do Ensino Secundário,

R E S O L V E

conceder ao Ginásio Nossa Senhora de Carmo.....  
situado à rua Pará/nº.....  
nº s/nº, em P.A.R.A.N.A.V.A.Í....., Estado de Paraná, autorização para funcionar condicionalmente, "ad referendum" do senhor Diretor do Ensino Secundário.

Londrina, 22 de fevereiro de 1960.-

OTÁVIO MARIOTTI  
Inspector Seccional de Londrina.

## ANEXO 4

### PROFESSORES QUE ATUARAM NA INSTITUIÇÃO ATÉ 1971

Esta lista de professores foi obtida através de um registro feito por uma secretária escolar com o intuito de preservar a memória da instituição. Sabe-se que faltam alguns nomes nesta listagem, principalmente o dos professores do Jardim de Infância bem como os professores do Primário a partir de 1960.

1952 – Frei Estanislau de Souza e demais professoras não encontrados registros

1953 – Frei Estanislau de Souza e demais professoras não encontrados registros

1954 – Frei Estanislau de Souza e Lucia Ribeiro Castilho – 1ª Série; Durvalina Oliveira Mello - 2ª Série e Maria José Vaz Tomiolo com a 3ª e 4ª Séries

1955 – Lúcia Ribeiro Castilho – 1ª Série; Durvalina Oliveira Mello – 2ª Série e Akiê Noguti com a 3ª e 4ª Séries.

1956 – Direção: Eugênia Araújo Rauen; Professoras: Ilídia Miotto, Maria Conceição Cazula, Lúcia Ribeiro Castilho – 1ª Série; Olga Lima dos Santos, Adalgisa Dantas de Lima – 2ª Series; Akiê Noguti – 3ª e 4ª Séries

1957 – Direção: Eugênia Araújo Rauen; Professoras: Lourdes Guilherme Lourenço, Maria Conceição Cazula, Nair Carvalho Santos – 1ª Série; Lucia Ribeiro Castilho, Cleide Palo Janeiro – 2ª Séries; Adalgisa Danas Lima e Elizabeth Guilherme Lourenço – 3ª Séries; Akiê Noguti – 4ª Série e Aurea Vicente Malhuramm - Datilografia

1958 – Direção: Eugênia Araújo Rauen; Professoras: Mafisa Melo Cavalcanti, Lucia Ribeiro Castilho, Nair Carvalho dos Santos, Lourdes Guilherme Lourenço – 1ª Série; Cleide Palo Janeiro e Maria de Lourdes Patriota dos Santos. Crés Vicentin Leite – 2ª Séries, Adalgisa Dantas Lima com a 3ª Série e Akiê Noguti – 4ª Série; Aurea Vicente Malhuramm - Datilografia

1959 – Direção: Pedro Real; Professoras: Léa Yurasseck – Pré Escolar; Nilce Teresa Castilho, Ivone Riveiro da Silva, Darci Joana Borges, Nair Carvalho dos Santos – 1ª Série; Dilza Fernandes Pires, Maria de Lourdes Patriota – 2ª Série; Cleide Palo Janeiro, Nanamio Akamoto – 3ª Série e Akiê Noguti e Marfisa Melo Cavalcanti – 4ª Série.

1960 – Direção: Pedro Real; Professores Primário: 1ª Série – Lúcia Ribeiro Castilho, Irmã Luzia Vrubleviski F.C., Cleide Borin; 2ª Série Irmã Adiles Maria Guardalben F.C., Olga Lima dos Santos, Ilenir Gomes Sanches; 3ª Série – Irmã Teresa Bortolin F.C., Ivone Ribeiro da Silva, Maria Lia Schirov, Aparecida Gonzaga Baroni; 4ª Série – Jandira Goulart de Oliveira, Nair Carvalho dos Santos

Ginásio: Elza Graciotto Caselli, Leocrécia Gomes (Português); Pedro Real (Latim e Desenho); Miljutin Kogey (Francês); Laércio Bastos Xavier (matemática); João Borba de Camargo (História e Geografia); Nanami Takamatu (trabalhos manuais); Carlo Cagnani (Canto) Edith Bortolini e Antônio Ricardo Dias Baptista (Educação Física)

1961 – Direção: Irmã Emília Obrzut; Professores Primário: 4º ano – Nair Carvalho dos Santos, Jandira Goulart de Oliveira, Maria de Lourdes Ioni Fortes, Luiza Yamauti – Luiza Yamauti, 3º ano – João Deasali Neto, Irmã Tereza Bortolini, 2º ano Olga Lima dos Santos; 1º ano – Maria Helena Pereira, Maria dos Santos, Sídney Egger Gonçalves, Maria de Lourdes Carvalho Leite; Pré – Amélia Benedita Moraes/ Maria Iracema Moraes

Não se possui a lista dos professores do Ginásio do Ano letivo de 1961, o que se sabe é que a professora Elza Grassiotto Caselli, e o professor Laércio Bastos Xavier, Nanami Takamatu e Irmã Emília faziam parte do corpo docente deste ano.

1962 – Direção: Irmã Emília Obrzut; Professores Primário: Pré Amália Benedita Morais 1º ano Iolanda Furtado Alencar 2º ano Olga Lima dos Santos, Odete Cirene Dultra/Odete Ferraz de Magalhães 3º e 4º não se encontrou registros.

Ginásio: Edna Andreolli (Português); Masahiro Hayashida (matemática e Inglês); Irmã Emília Obrzut (História, Ciências e Religião e Organização Social Política); Nanami Takamatu (Desenho, e Educação Técnicas Manuais); Carlo Cagnani (Canto e Educação Artística); Valdecyr Calça – Educação Física.

1963 – Direção: Irmã Emília Obrzut; Professores Primário: 4º ano Jandira Goulart de Oliveira 3º ano – Carmem Cibelle Guidetti, Maria Irma Quagliotti 2º ano – Olga Lima dos Santos, Maria Aparecida Saragiotto/ Zuleica da Silva, 1º ano – Cleide Borin Iolanda Furtado Pré – Amélia Benedita de Moraes

Ginásio: Olga Kumiyoshi e Lothario Hermes Kobe (Português); Nanami Takamatu (matemática, Desenho e Técnicas Manuais); Irmã Emília Obrzut (História, OSP, Ciências e Francês); João Borba de Camargo (Geografia); Miljutin Hayashida (Inglês); Carlo Cagnani (Educação Artística); Valdecyr Calça (Educação Física); Irmã Adiles Guardalben – Religião

1964 – Direção Frei Ulrico Goevert; Professores Primário: 4º ano – Jandira Goulart de Oliveira, Irmã Suzana Suber, Irmã Veronica Sidoski, 3º ano – Irmã Maria Salete, Teresinha de Carvalho, Lúcia Stedile, 2º ano – Cleide Borin, Regina Celi Resende, Olga Lima dos Santos, 1º ano – Lúcia Castilho, Maria Helena Pereira, Maria Eloísa Casula, Nair Carvalho dos Santos

Ginásio: Edna Almeida Andreolli (Português); Benjamim Antônio Johann (Francês); Nobutugo Sato (História e Inglês); Lia Peres Bergamaschi (Técnica Manual); Carlo Cagnani (Educação Artística); Joselita Becker de Araújo (Organização Social e Política); Learita Bergamaschi (Ciências); Nanami Takamatu (Desenho); Antônio Winche (Educação Física); João Borba Camargo (Geografia); Frei Ulrico Goevert (Religião)

1965 – Direção: Frei Ulrico Goevert; Professores Primário: 1º ano – Lucia Ribeiro Castilho, Amala Correia, Irmã Carmen, Iolanda Furtado Alencar; 2º ano – Cleide Borin, Maria Eloísa Casula, Socorro Lima Dantas, 3º ano – Olga Lima dos Santos, Irmã Maria Salete, Irmã Maria, 4º ano – Jandira Goulart de Oliveira, Irmã Elia

Ginásio: Miriã Cavalcanti Alencar (Português); Benjamim Antônio Johann (Francês); Matheus Clemente Selhorst (Matemática e Geografia); Nogutubo Sato (História e Inglês); Lia Pires Bergamaschi (Técnica Manual); Carlo Cagnani (Educação Artística); Joselita Becker Araújo (OSP); Learita Bergamaschi (Ciências); Nanami Takamtu (Desenho); Antônio Jose Winche (Educação Física); Irmã Veronica (Religião)

1966 – Direção: Miriã Cavalcante Alencar; Professores Primário: 1º ano – Maria Eloísa Casula, Irmã Carmem Paludo, 2º ano – Maria Socorro Lima Dantas, Zoé Ataíde Andrigueto,

Irmã Maria Martins, 3º ano – Olga Lima dos Santos, 4º ano – Irmã Lourdes Aparecida, Zoé Ataíde Andrigueto, Irmã Maria José de Faria

Ginásio: Matheus Clemente Selhorst e Angelo Sebastiao de Andrade (Português); Benjamin Antônio Johann (Francês); Shigueru Obara, Emília Emico Ide, Pedro Garcia Gimenes (Matemática); Marfisa Melo Cavalcanti (Geografia); José Machado Homem (História); Fernandes Kayamori (Inglês); Antonia Gimenes Franco (Ciencias) Dolores Prats Fini (Tecnica Manual); Carlo Cagnani (Educação Artística); Mary Vaz Ferrão (OSPB); Dolores Ratis Fini (Desenho); Mário Shigueru (Educação Física); Frei Mathias Warneke (Religião)

1967 – Direção: Benjamim Antônio Johann; Professores Primário: 5º ano – Irmã Maria José de Faria, 4º ano – Irmã Elia de Lourdes Matos, Irmã Maria Salete Nuemberg, 3º ano – Irmã Lourdes Aparecida Loli, 2º ano - Ana Bana, Irmã Maria Vieira Martins, 1º ano- Irmã Carmen Maria Eloisa Casula

Ginásio: Matheus Clemente Selhorst , Angelo Sebastião de Andrade, Pedro Garcia Gimenes, Noé Franco Siqueira (Português); Benjamin Antônio Johann (Francês); Shigueru Obara, Emília Emico Ide, José Vicente Gonçalves (Matemática); Marfisa Melo Cavalcanti, Maria Luiza Machado Esteves, Orlanda Maria Armínio Cazula (Geografia); Fernandes Kayamiri (Inglês); Antonia Gimenes Franco, Jorge Domingos Saragiotto (Ciencias); Mary Vaz Ferrão (História); Mário Hide Immo, Maria de Lourdes Cavalaro da Silva (Desenho); Antonia Gimenes Franco (OSPB); Dolores Prats Fini (Tecnica Manual); Carlo Cagnani (Educação Artística); Maria Helena de Barros Winche, Mario Hideo Imano (Educação Física); Frei Rafael Mainka e Frei Alberto Forest (Religião)

1968 – Benjamin Antônio Johann; Professores Primário: 1º ano – Irmã Carmen Valudo, Irmã Maria José de Faria, 2º ano – Irmã Sueli Maria Dambros – Maria Eloisa Casula 3º ano – Irmã Aurea Martins, Irmã Maria Salete Nuemberg Olga Lima dos Santos, 4º ano – Irmã Elia Matos, 5º ano – Irmã Maria Vieira Martins

Ginásio: Angelo Sebastião de Andrade, Matheus Clemente Selhorst, Pedro Garcia Gimenes, Maria H. Armínio Casula, Zuleika Ap. Peterson Mortari, Wilma Bueno Dias da Silva (Português); Raul Rodrigues de Oliveira, José Gonçalves Vicente, Sálvio Felber, Emília Mico Ide (Matemática); João Borba de Camargo, José Soares de Lima, Mary Vaz Ferrão, Maria Lúcia Machado Esteves (História), Orlanda Maria Armínio Casula, João Borba de Camargo, Antonia Gimenes Franco, Marfisa Melo Cavalcanti de Oliveira (Geografia); Gonzalo Casado Valhiena, Fernandes Kayamori, Ivonete Nicolau da Sila, Hiroshi Miura (Ciencias); Benjamim Antônio Johann (Francês); Fernandes Kayamori, Maria Inês Porto (Inglês); Maria de Lourdes Cavalaro da Silva, Hideo Mário Imano (Desenho); Maira Lúcia Machado Esteves (OSPB); Doloris Pratis Fini (Tecnica Manual); Carlo Cagnani (Educação Artística); Zuleika Aparecida Peterson Fini, José Soares de Lima (Educação Física); Frei Mathias Werneck (Religião)

1969 – Direção Benjamin Antônio Johann; Professores Primário:

1º ano – Irmã Carmen Paludo, Maria do Socorro Lima Dantas 2º ano – Maria Madalena Ferracini, Irmã Maria Martins, 3º ano – Maria Lucia Silvestre Barbieri

Irmã Sueli Maria Dambros 4º ano – Irmã Maria Salet Nuemberg, Ilda Portela Selhorst, 5º ano – Irmã Maria José de Faria – 14 alunos

Ginásio: Angelo Sebastião de Andrade, Matheus Clemente Selhorst, Pedro Garcia Gimenes, Zuleika Ap. Peterson Mortari, Eni Prado Costa, Walter Prando (Português); José Gonçalves Vicente, Midori Hatori, Maria Yone Garbo, Estela Mari de Miranda Nalim (Matemática); Mary Vas Ferrão, Maria Lucia Machado Esteves, Maria Helena de Barros Winche (História);

Orlanda Maria Armínio Casula, Antonia Gimenes Franco; Antônio Fernando Decenzo (Geografia); Ivonete Nicolau da Silva, Irene Secco, Aracelis Cecília Hoyff (Ciências); Fernandes Kayamori, Maria Inês Porto (Inglês); Benjamin Antônio Johann (Francês); Domitila Maria Marques Franco (OSP); Maria de Lourdes Cavalaro da Silva, Sálvio Felber, Mario Hideo Imano, Solange Aparecida Próspero (Desenho); Carlo Cagnani (Educação Artística); José Soares de Lima (Educação Física)

1970 - Direção Benjamin Antônio Johann; Professores Primário: 1º ano - Maria Socorro Lima Dantas, 2º ano - Maria Madalena Ferracini/Maria Odete Scolari

3º ano - Irmã Salete, 4º ano – Irmã Sueli Maria Dambros

Ginásio: Matheus Clemente Selhorst, Eni Prado Costa, Walter Prando (Portugues); José Gonçalves Vicente, Midori Hatori, Gonzalo Casado Valhiena, Valmir Alves Torres, Lucila Akiko Nagahima (Matemática); Mary Vas Ferrão, Maria Lucia Machado Esteves, João Borba de Camargo (História); Antonia Gimenes Franco; Domitila Maria Marques Franco, Antônio Fernando Decenzo (Geografia); Ivonete Nicolau da Silva, Maria Amélia Hoff, Líria Inês Balestieri (Ciências); Fernandes Kayamori, Maria Inês Porto (Ingles); Benjamin Antônio Johann (Francês); Domitila Maria Marques Franco (OSP); Sálvio Felber, Mario Hideo Imano, Yossihiro Sat, Maria Cristina de Oliveira (Desenho); Carlo Cagnani (Educação Artística); José Soares de Lima (Educação Física); Lusi Nogueira Firmino, Benjamin Antônio Johann, Ivonete Nicolau da Silva (EMC); Lusia Nogueira Firmiano, Benjamin Antônio Johann (Religião)

1971 Direção: Professor Matheus Clemente Selhorst

Ginásio: Matheus Clemente Selhorst, Walter Prando (Portugues); José Gonçalves Vicente, Líria Inês Balistieri (Matemática); Mary Vas Ferrão, (História e Estudos Sociais); Antonia Gimenes Franco, Antônio Fernando Decenzo (Geografia); Fernandes Kayamori (Ingles); Benjamin Antônio Johann (Francês); Antonia Gimenes Franco (OSP); Sálvio Felber, (Desenho); Aracelis Cecília Gonçalves (Educação Artística); Mário Hideo Imano (Educação Física); Matheus Clemente Selhorst, Benjamin Atonio Johann (Religião)

**ANEXO 5 - FOTOGRAFIAS DOS TEMPOS DE ESCOLA  
E DE GINÁSIO PAROQUIAL NOSSA SENHORA DO CARMO**

**PELOTÃO FEMININO DESFILE CÍVICO**



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (S.D.)

-----  
**PARTICIPAÇÃO DO PRIMÁRIO NO DESFILE CÍVICO**



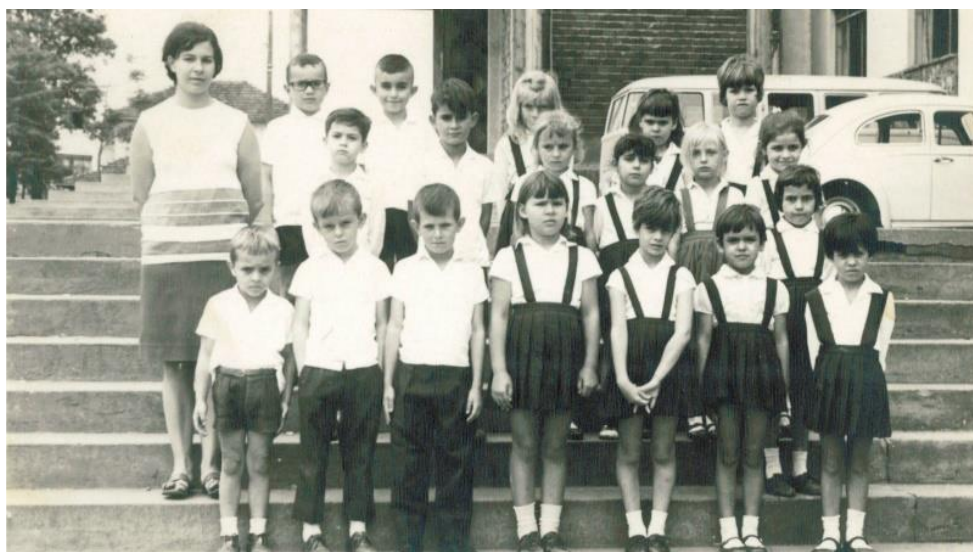
FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (S.D.)

## FANFARRA EM DIA DE DESFILE CÍVICO



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO. (196?)

## TURMA DO PRIMÁRIO



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (S.D.)

TURMA DO GINÁSIO



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (S.D.)

---

CELEBRAÇÃO RELIGIOSA NA FORMATURA



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (S.D.)



## SALA DE AULA DA INSTITUIÇÃO



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO N. S. DO CARMO (1957)

## APRESENTAÇÃO TEATRAL



FONTE: ACERVO DO COLÉGIO PAROQUIAL N. S. DO CARMO (1963)

## ANEXO 6

## ENTREVISTA COM PEDRA BUCCI

**No dia 05/06/2015 em sua residência, sito a Rua. Senador Nereu Ramos, 781 Bairro Guabirota – Curitiba: PR. Com início às 14h30m.**

A gente está aqui conversando com a dona Pedra Bucci no dia 5 de junho de 2015 para falar um pouquinho sobre a história da escola paroquial

(MSS) Dona Pedra a senhora nasceu dia 28/06/1950

(PB) - isso

(MSS) em Paranavaí mesmo

(PB) não eu nasci em Apucarana

(MSS) ah tá huhum. E começou estudando

(PB) em 51 meus pais foram para Paranavaí

(MSS) ah e 1951 eles foram Paranavaí... perfeito. E aí começou estudando na escola paroquial em 1955 no jardim de infância

(PB) no jardim de infância

(MSS) conta um pouquinho para nós como é que era esse jardim de infância dona Pedra

(PB) era na casa de madeira ali do ... é onde hoje é a prefeitura

(MSS) sim

(PB) era um casarão de madeira, as freiras eu me lembro muito bem de uma delas, era a Irmã Emília, elas usavam aqueles chapéus (faz gesto para mostrar o chapéu) ... grandes

(MSS) e a senhora tem amigos dessa época, a senhora lembra de alguma coisa que aconteceu na escola

(PB) ah o que eu lembro é meio desagradável, uma arte que eu fiz, aliás duas... uma eu não me lembro quem era a amiga que eu tinha que nós éramos as mais velhas do jardim, e as freiras usavam aquelas calças de... é... calçolas mesmo com elástico na perna e a gente entrou lá onde elas quaravam a roupa e a gente colocou uma calça daquela no.... (risos) no pau do varal

(MSS) que bacana

(PB) e eu me lembro que a irmã Emília quase me arrancou as orelhas (risos) quase que eu fiquei sem orelhas

(MSS) nossa

(PB) e a segunda coisa que me lembro muito bem... tinha era assim a casa era assim de duas águas... as freiras moravam para um lado e a nossa sala de jardim de infância, eu fecho o olho e me lembro dela, num canto assim onde a gente guardava o material e lá fora tinha umas gangorras e as casinhas não é que não existia banheiro interno eram casinhas lá fora e eu tinha um coleguinha que o pai eu não lembro o nome dele eu fecho o olho mas eu me lembro dele loirinho assim polaco do cabelo bem espetadinho e nós éramos os dois maiores ali e ele então eu nunca tinha com quem gangorrear (gangorrear) porque a gangorra requer duas pessoas no mesmo peso e ele veio e me convidou para gangorrear (gangorrear) e soltou a gangorra e eu fiquei muito brava e eu ameacei ele você nunca mais me faça isso. E o pai dele tinha uma oficina ali pertinho, moravam ali e aí pois olha passou uns dias ele veio de novo - vamos gangorra? Eu idiota cai do jeito que ele me derrubou eu juntei uma pedra (iniciam os risos) do chão e soltei, do jeito que eu soltei a pedra pegou aqui a sim na cabeça dele (demonstra com a mão que foi na testa do lado esquerdo) e abriu e ele começou a gritar e acho que a mãe dele ouviu vieram as freiras e quando eu vi a mãe dele eu fiquei morrendo de medo e me fechei numa casinha daquela e fiquei fechada lá dentro e ninguém me achava lá e vem me a minha mãe me procurar e eu morrendo de medo de apanhar (risos dos dois)

(MSS) é essa a foto da sala de aula?

(Silêncio) (PB) essa é a foto da sala de aula

(Silêncio)

O que isso lhe lembra? (silêncio)

(PB) tanta coisa boa

(Silêncio) (momento de emoção)

(MSS) sinal que foi muito bom, para emocionar assim, sinal que foi muito bom

(PB) foi (silêncio)

VENDO A FOTO DONA PEDRA INDAGA

(PB) e não sei se essa daqui não sou eu, sentada aqui (silêncio)

(MSS) essa aqui é a senhora?

(PB) eu tô (estou) achando que é deixa eu ver direito... não (silêncio) ou é meu Deus. Acho que eu tinha um vestido assim. Olha, o menino que eu furei a cabeça é irmão dessa daqui.

(MSS) é irmão dela?

(PB) irmão dela, não sei, não me lembro o nome

(MSS) é então provavelmente não é a mesma sala, deixa eu ver aqui que eu tenho uma outra...

(PB) não, não, porque nós éramos todos na mesma sala

(MSS) ahhhh

(PB) tanto que a minha irmã, que é dois anos mais nova que eu, eu que a levava para o jardim

(MSS) ah que bacana

(PB) então por isso que eu te disse que para gangorra comigo só ele porque ele era o mais velho também. Acho que nós tínhamos a mesma idade

(MSS) deixa eu ver se acho uma outra foto aqui. Acho que essa daqui

(PB) acho que essa daí é irmã dele

(MSS) essa foto

(PB) não... esta foto não é minha do jardim porque quando essas freiras aqui entraram, eu já não tava (estava) mais no jardim.

(MSS) humm

(PB) as freiras do meu jardim de infância, eram aquelas do chapéu

(MSS) essa aqui?

(PB) deixa eu ver. Eu já vou te dizer elas eram todas de preto e um chapéu grande bicudo assim

(MSS) essa foto, essas freiras?

(PB) essas freiras mesmo, essas daqui, bem essas

(MSS) irmã Emília acho que ela é das irmãs vicentinas se não me engano, se não me engano

(PB) é Emília esse nome ficou marcado porque ela quase me arrancou a orelha

(Risadas)

(PB) era a mais velha

(MSS) hoje a gente dá risada dona Pedra, mas como isso, como a senhora lembra disso hoje, desse puxão de orelha

(PB) olha honestamente, merecido. Merecido porque o que eu fiz realmente não se faz não é

(MSS) mas e como criança quando. Hoje a senhora consegue raciocinar como adulto e tal, mas e lá atrás como é que foi o sentimento?

(PB) foi de uma raiva muito grande (risos) lógico, mas é no fundo merecido, morrendo de medo que ela contasse para minha mãe não é porque aí minha mãe daí sapecava mesmo, morrendo de medo que ela contasse só esse. Esse é o maior segredo

(MSS) pois é. Dona Pedra se a senhora se sentir à vontade. Essa é a mesma foto que eu mostrei para a senhora no começo, que a senhora se emocionou e eu fiquei emocionado junto não é de ver que pelo jeito a lembrança é boa, consegue me descrever alguma situação que aconteceu nesse cenário de lembrança de escola, de sala

(PB) olha a lembrança que eu tenho é essa da cabeça do menino, da gente brincando muito no pátio porque tinha essa gangorra eu não me recordo de balanço, não me lembro se tinha balanço, mas a gangorra eu lembro muito bem e as freiras que a gente morria de medo delas que porque depois eu fui descobrir que freira é mulher igual a gente não é, padre também, mas nessa época elas eram endeusadas não é, estavam perto de Deus.

(MSS) e os freis tinham contato nessa época?

- (PB) não. Aqui no colégio não
- (MSS) hum, então os freis no jardim de infância eles não se envolviam
- (PB) não tenho lembrança nenhuma, nenhuma, nenhuma
- (MSS) e a senhora lembra o nome da professora dessa época?
- (PB) na época era freira
- (MSS) ah era freira, a Irmã Emília a senhora citou não é
- (PB) é mas tinham várias outras freirinhas, das outras eu não lembro, eu lembro bem da Emília, dessa eu lembro
- (MSS) E no primário dona Pedra, por que Pedrinha? Tava (estava) Pedrinha no diário
- (PB) não faço a mínima ideia. Eu acho que por ser Pedra um nome muito pesado então eu me recordo que realmente me chamavam de Pedrinha
- (MSS) huhum e o que a senhora lembra dessa fase do primário
- (PB) do primário (silêncio) que eu me recordo é que era interessante eu escrevia muito bem e não sabia ler, eu fiz o contrário não é, porque a criança aprende a ler primeiro e depois ela escreve
- (MSS) huhum
- (PB) e eu fui ao contrário, entrei no segundo ano sem saber ler e eu tive essa professora Dona Nair no primeiro ano
- (MSS) dona Nair?
- (PB) Nair. Ela era assim magra, alta
- (MSS) brava?
- (PB) não, um doce de pessoa, um doce de pessoa
- (MSS) e a senhora consegue lembrar alguma coisa, alguma vez que... geralmente professor do primeiro ano a gente lembra muito não é, alguma situação que aconteceu?
- (PB) lembro, lembro que ela me protegendo porque eu escrevia bem e não lia. Lembro ela me protegendo
- (MSS) como a senhora consegue...
- (PB) ela não me mandava ler
- (MSS) Hum, ela sabia que a senhora tinha dificuldade na leitura e aí ela não pedia para que a senhora lesse
- (PB) que é aquelas régua grandes não é, elas ficavam no quadro (faz gesto apontando) para gente ler e ela não me pedia
- (MSS) sim, e nessa época os freis já se faziam mais presentes
- (PB) sim nessa época sim, tanto que foi o frei Mathias que foi meu professor de Latim
- (MSS) esta foto a senhora recorda e alguma situação? Pode ser que não seja a foto da senhora, mas que algum evento que lhe lembre uma foto assim? Da turma da senhora
- (PB) não,
- (MSS) e uma foto para cá. Essa outra foto. Tem alguma situação na vida da senhora assim?
- (PB) faz gesto com a cabeça de forma negativa
- (MSS) e essa?
- (PB) O frei Mathias dando aula de Latim.
- (MSS) como era essa aula
- (PB) Ai um "saco"
- (MSS) frei Mathias era bravo?
- (PB) Era, era e a questão que eu questiono até hoje da pedagogia sabe: de não ensinar o aluno a gostar. Porque eu fui aprender Latim depois e entender o porquê que eu tinha que aprender aquilo
- (MSS) huhum e aí lá não é.
- (PB) lá era com uma raiva daquelas declinações (suspira) aí que ódio que eu decorava e depois chegava lá e não lembrava mais e ele brigava uma confusão, sabe porque não nos foi ensinado a gostar daquilo ali, a entender o porquê eu tinha que aprender aquilo
- (MSS) huhum e essa (foto)
- (PB) aqui eram os desfiles não é
- (MSS) A senhora participou de algum desfile?

(PB) participei sempre

(MSS) algum em específico de lembrança? Como é que era essa organização dos desfiles?

(PB) eu me lembro, você sabe a lembrança que eu tenho dá... de desfile é do jardim de infância ainda, porque eu tinha 5 anos e a minha irmã tinha 3, e eu tinha que levá-la para o jardim de infância e ela ia se arrastando e Paranaíba tinha aquele areião infernal lembra? Ah você não lembra

(MSS) eu já ouvi falar do areião

(PB) então aquilo queimava os pés da gente de minha branca, não podia pisar muito porque a minha mãe arrumava a gente assim que parecia duas bonecas não é

(MSS) huhum

(PB) E eu tinha que arrastar minha irmã e o que eu me recordo do 7 de Setembro o Jardim de Infância que alguém ia levar uma cestinha de flor e a minha irmã enfiou na cabeça que era ela que ia levar a cesta e ela falava assim: Eu vou levar a "tetinha di floi" (cestinha de flor) ela não falava direito ainda (risos) A Suzi e ela levou a cestinha de flor só que o que aconteceu foi o seguinte: Quando minha mãe faleceu a minha mãe tinha as fotos e como a gente perdeu mãe e pai em 5 meses sem doença, sabe sem doença foi assim "pa-puf" eu larguei a casa por conta do meu irmão e como ele é mulecão ainda, ele jogou tudo fora, eu salvei por exemplo, foto dos meus avós que tava (estava) no lixo que o lixeiro guardou para mim

(MSS) nossa! Huhum... que pena

(PB) então é foto da cestinha de flor eu me lembro que a Suzi tinha, mas era isso daqui mesmo, (silêncio) é isso daqui mesmo. Essa professora eu não lembro

(MSS) e no dia a dia. A senhora disse que lembra do frei Mathias em sala dando aula de Latim e no dia a dia dos freis na escola, como que era o contato com eles, ou era só em sala de aula?

(PB) Só em sala de aula, e na missa daí não é. Primeira comunhão e na missa

(MSS) eles não ficavam andando pela escola? Andando com os alunos?

(PB) não me recordo, não me lembro

(MSS) Frei Ulrico nessa época?

(PB) O Frei Ulrico foi embora daí quando o Frei Mathias chegou

(MSS) sim, eu me lembro que o frei Ulrico voltou a ser diretor, pelas minhas pesquisas, em 1963

(PB) é aí eu já estava no Estadual, e ele foi embora que ano, você lembra?

(MSS) eu não sei, não me recordo, mas eu posso pesquisar e passar para senhora mas acho que foi mais ou menos em 1960/59

(PB) é mais ou menos isso, porque eu me recordo bem do Frei Ulrico em missa, com meus pais, conversando com a minha mãe. O meu pai não era de Igreja. Com a minha mãe conversando. Minha mãe muito próxima dele com as filhas de Maria, A cruzada

(MSS) huhum. Dona Pedra e a sala de aula no Primário, a senhora me contou e umas peripécias lá no jardim de infância

(PB) No Jardim de Infância, pois é. Aí quando eu entrei no primeiro ano eu acho que daí essa diferença de idade se fez pesar, hoje eu entendo assim. Essa diferença de idade deve se ter feito pesar porque a altura eu sempre tive, não sou tão alta, mas sempre fui grade, então a questão até de amadurecimento não é. Então eu me recordo que eram aquelas carteiras assim de dois, morria de medo de ir de castigo (silêncio)

(MSS) lembra dessa carteira?

(PB) é bem essa mesmo, essa daqui o quadro era assim, deve ter sido até nesta sala que eu estudei (risos) bem essas carteiras mesmo

(MSS) A senhora estava falando do primeiro ano

(PB) me recordo que morria de medo de ir de castigo sabe, que realmente o castigo era... é ... como é que eu vou te dizer... humilhante. Porque ir lá para frente e ficar ajoelhado

(MSS) ajoelhado

(PB) Sim Senhor

(MSS) milho?

(PB) Milho. Então dava para morrer de medo de ir não é. Eu morria era vergonha de ter que ir. Nunca fui

(MSS) que bom

(PB) (Risos) mas tinha uns artista lá que volta e meia iam não é. Não me recordo o nome assim, mas principalmente os meninos, mais os meninos

(MSS) é eu percebi que na lista de chamada que a sala tinha muito mais meninos do que menina. Da assim entorno... eu não cheguei a contar, mas 30 meninos e 8, 10 meninas no máximo.

(PB) O que eu ouço hoje assim das pessoas é assim: Ah você estudou no colégio paroquial porque você era filha de rico. Eu nunca fui filha de gente rica, não minha mãe costurava, meu pai era mecânico, mas a minha mãe sempre primou por. porque minha mãe tinha sido professora até ir para Paranavaí. Então para ela a educação, cultura e tudo mais tinha um peso muito grande, e eu tenho a impressão que ela devia se sacrificar para pagar aquilo ali para gente,

(MSS) é pelo que a gente sabe assim, pelo pouco que alguns tinham parte de bolsa, mas valor parece que era 30 cruzeiros na época, o valor que as pessoas pagavam

(PB) eu me recordo que não era uma coisa barata, que não era uma coisa para brincar assim, ah meu filho está lá. Então o que eu ouço hoje é isso, que as vezes eu fico até pensando: meu Deus para mim não dizia nada aquilo, mas ouvindo hoje é que me assusta, sabe gente que hoje eu sei que na época os pais eram bem melhor de vida e que iam para grupo escolar e eu fiquei na paroquial e nunca fui bolsista

(MSS) Grupo escolar que a senhora fala é a escola Marins?

(PB) não Newton Guimarães

(MSS) Newton Guimarães era a escola da época, inclusive até é uma das dúvidas que eu tenho na pesquisa, porque no livro história e memória de Paranavaí ele cita que não tinha escola. Não consegui descobrir o porquê ele diz isso

(PB) mas eu não sei se era o Newton Guimarães já

(MSS) já. Eu fiz algumas pesquisas e o Newton já existia agora o porquê o frei não menciona eu vou levar por um tempo

(PB) talvez se minha mãe fosse viva, ela te respondesse

(MSS) e a senhora falou da professora Nair foi no primeiro ano

(PB) pois eu não lembro as outras

(MSS) aí foi a Dona Cleide no segundo

(PB) Ah é Cleide tem razão

(MSS) no segundo e no terceiro. Está) lá o nome da senhora na chamada de Pedrinha

(PB) não lembro

(MSS) tem um lá que est Pedrinha Bucci e o outro Pedrinha Aparecida. A do quarto ano a senhora consegue lembrar quem foi

(PB) não

(MSS) E intervalo como é que era o recreio? Vocês lá naquele grupo da face, não sei se a senhora fez parte do comentário, mas falaram muito de um tal de Pão com carne moída que tinha no intervalo de uma cantina que tinha

(PB) olha o que eu me recordo da escola paroquial ali, no intervalo a gente levava lanche, isto eu sempre levei, e como é. eu até achava assim estranho porque, a minha mãe nos amamentava até 1 ano e pouco e depois a gente não tinha mais leite em casa, então eu não tenho o hábito do leite e eu até hoje dou risada que as vezes quando eu ia na casa de alguma amiga eu via aqueles canecos de leite no fogão, eu tinha uma inveja daquilo porque na minha casa não tinha aquilo, sabe. Então eu não levava leite, eu me lembro que levava um suco, alguma coisa na lancherinha, agora o que eu me recordo bem que ali do lado, agora onde mora meu cunhado, minha cunhada, ex-cunhada porque se separaram, tinha a pensão do Deusdete, você ouviu falar nisso?

(MSS) não, conte para mim

(PB) existia uma pensão ali. E essa pensão é que recolhia, que chegava os caminhões de nordestinos, e como eu sou de uma família de italiano eles tinham uma ojeriza e nordestino. Para eles nordestino era tudo bandido não é. Que vinha com a peixeira não é. E eu me recordo até de

uns sopapos que eu levei da minha mãe que eu arrumei um dinheirinho e ali aquela pensão. A pensão eu me lembro bem, ela tinha um corredor assim e ficava cheio de nordestino, aquele caminhão que chegava que hoje eu penso, meu Deus quanto preconceito desnecessário não é. Chegavam aqueles caminhões como povo 40 dias sentado em cima e eles ficavam ali esperando acho que hoje que eu entendo o tal do gato para levar eles para as fazendas. E ali existiam aqueles doces nordestinos que você não achava em outro lugar. Aquele de amendoim assim, feio que é o "cão". Eu tinha uma vontade de comer aquele doce. E eu entrei lá e comprei um doce daquele para mim e lógico que quando eu cheguei em casa com metade do doce minha mãe sabe onde é que eu fui comparar não é e eles diziam que não era nem para gente se aproximar daquele local ali

(MSS) Nossa

(PB) é porque nordestino com peixeira, bom a gente ficava nas fantasias não é do que eles poderiam fazer com as crianças, agora de cantina eu não me lembro, que engraçado

(MSS) pode ser posterior um pouquinho

(PB) eu acho que é posterior um pouquinho

(MSS) pode ser

(PB) porque quando eu fui fazer o paroquial só tinha assim. Não tinha aqui ainda

(MSS) deixa eu ver eu tenho uma foto aqui

(PB) tem sim. Você andou postando

(MSS) essa foto

(PB) isso mesmo, é bem essa. A minha sala de primeiro foi aqui óh

(MSS) no corredor lateral

(PB) a minha de primeiro ano de ginásio foi essa daqui

(MSS) A sim a primeira da parte da frente

(PB) a primeira

(MSS) E essas filas

(PB) A gente formava fila não é antes de entrar

(MSS) como é que era isso? A senhora lembra?

(PB) lembro. Tinha que formar fila. Agora eu não sei porque ela está assim. Tinha que esticar o braço para dar distância. Cantava-se o hino nacional

(MSS) todo dia?

(PB) todo dia. E aí entrava em fila para sala de aula e a professora ficava na porta.

(MSS) tinha "reza"?

(PB) tinha

(MSS) E como era essa reza?

(PB) ah eu não me recordo.

(MSS) A senhora lembra era todos os dias?

(PB) Todos os dias. Todos os dias, entrou para dentro da sala de aula, tinha reza.

(MSS) A reza era na sala de aula?

(PB) na sala de aula

(MSS) huhum. Que bacana

(PB) a do quarto ano foi bem naquele canto de lá, o resto eu não me lembro

(MSS) tem outra foto aqui

(PB) esse mesmo. O uniforme com essas alças.

(MSS) A senhora usou esse uniforme?

(PB) sempre

(MSS) e tinha alguma coisa relacionada assim, ah o uniforme estava sujo ou estava amassado, tomava bronca nesse sentido ou não?

(PB) não, não me recordo. Porque nesse ponto minha mãe sempre foi muito. Eu me recordo que a minha saia não amassava de jeito nenhum porque era de casimira inglesa

(MSS) E aquilo podia sentar...

(PB) podia sentar à vontade. E a camisa era branca. Então saia acho que eu tinha duas só. Agora camisa tinha várias

(MSS) E o exame de admissão do ginásio Dona Pedra?

(PB) aí nem me fale desse exame (risos) Ai meu pai! Ai meu pai!

(MSS) como foi esse exame?

(PB) Ai meu Deus. Esse exame eu tive aula, eu não me lembro. Esses dias falaram o nome dela aí eu falei ah é essa mesmo. Era ali era onde hoje é a praça... A praça onde tinha o campo de futebol ali perto do grande hotel

(MSS) Praça dos pioneiros?

(PB) Praça dos pioneiros. Ali tinha um Estádio de futebol não é. E eu não sei e tinha um clube ali também. Que desse clube eu me lembro do lança perfume no carnaval. Criança não é era liberado (risos) e a gente adorava sentir o cheiro (risos) mas comparava aquilo em farmácia. Era caro, mas de vez em quando a gente ganhava um do pai. E eu fiz a aula com ela ali.

(MSS) A senhora fez uma aula particular para poder passar?

(PB) para poder exato... passar no exame.

(MSS) Passou de primeira?

(PB) passei de primeira e comecei o ginásio

(MSS) E o ginásio como foi?

(PB) ah o ginásio todo uma surpresa não é Marcelo. Porque de repente você tinha uma professora só. É um aconchego e tudo mais. E no ginásio você entra e começa com aquele monte de professor. Que eu não me recordo de nenhum deles.

(MSS) Mas de alguma aula em específico

(PB) Só do Frei Mathias de Latim porque eu ia mal.

(MSS) E a aula de Latim do Frei Mathias era no ginásio já?

(PB) Primeiro ano do ginásio

(MSS) Lembra do Frei Mathias castigando algum aluno?

(PB) não. Mas brigando sim

(MSS) como era essa briga?

(PB) Ele ficava roxo. Histérico. E ele era grandão não é

(MSS) E errava e daí ...

(PB) sim. Errava e dava com a régua na carteira. Não me recordo dele castigando. Não. Mas uma coisa. Ele era muito ligado na casa dos meus pais. Acho que jamais ele me bateria ou faria alguma coisa?

(MSS) então aula só com o frei Mathias?

(PB) de padre só o Frei Mathias

Mas lembra do frei Estanislau pela escola?

(PB) não. Eu lembro do Mathias. Do Frei Ulrico e do Frei Mathias. E do Frei Alberto e do Frei Bruno

(MSS) O que a senhora lembra do Frei Alberto e do Frei Bruno

(PB) que eram um doce de pessoa. Um doce de Pessoa.

(MSS) fez catequese com eles? Primeira Comunhão com eles ali?

(PB) foi

(MSS) agora eu vou para duas fotos que a senhora postou. A primeira foto essa daqui. Como é que era tirar essas fotos? Fotos de pose, de turma que a senhora tem até no quadro

(PB) ah era tão gostoso. Eu levei uma bronca da minha mãe porque eu não arrumei a gola

(MSS) sério?

(PB) sério oh para você ver está assim torto aqui. A gola está toda. Mas eu sempre fui meio assim. Eu nunca fui muito...

(MSS) certinha?

(PB) não, não.

(MSS) E essas fotos eram comparadas?

(PB) eram comparadas

(MSS) E aí tinha que ir toda arrumadinha?



(PB) não, não, eles chegavam, tanto que olha aqui como eu não estou arrumada. Não o fotógrafo chegava. Também eu não me lembro se eles avisavam e eu que não ouvia ah isso eu não me lembro. Eu só lembro que essa foto aqui minha mãe disse eu vou comparar porque eu chorei muito porque e queria, mas você não merece, porque nem para arrumar a alça da... e nem a gola (risos)

(MSS) E a mãe da senhora pelo que a senhora está contando era sempre presente na escola

(PB) sempre. Sempre

(MSS) como é que é. Ela teve que ir várias vezes na escola?

(PB) não, não eu morria de medo da minha mãe.

(MSS) quando ia era só elogios?

(PB) Sim Senhor. Só no jardim de infância não é duas vezes que foi a calçola da freira e a pedrada no guri. Aí o bicho pegou. Ela foi me pegar lá dentro da casinha na da pedrada do guri, porque o guri foi para o hospital. Eu abri a cabeça dele com a pedrada

(MSS) ah já tinha hospital então.

(PB) tinha, tinha um hospital de madeira que não lembro onde era. Acho que era do doutor Silvio

(MSS) Hum Doutor Silvio Vidal

(PB) É

(MSS) então ele foi atendido e a mãe da senhora foi lá buscar

(PB) e foi me buscar aí... E foi me buscar (risos) mas essa foto aqui me lembro bem dela.

(MSS) E essa outra foto aqui

(PB) essa foi a minha formatura do primário. Agora você veja a incoerência, ou talvez a irreverencia. Esse rapaz aqui é um nordestino.

(MSS) até ia perguntar para senhora quem era.

(PB) namorado de uma prima minha, e eu de toda família eu escolhi ele para ser meu padrinho. Acho que de alguma forma eu sempre fui irreverente (risos)

(MSS) E a senhora lembra desse dia?

(PB) lembro desse dia

(MSS) O que aconteceu?

(PB) não era. Oh Frei Ulrico que me entregou. A gente ia lá com o padrinho bem arrumado não é. Todo mundo de terno não é chique "nos último" e aí não era no salão paroquial porque a igreja, ainda era a igreja de madeira. Aqui está o colégio não é aquele "L" e aqui em cima tinha um casarão de madeira que acho que era um salão paroquial, alguma coisa, foi ali

(MSS) E o que aconteceu teve missa? Como foi esse dia?

(PB) Não Lembro.

(MSS) A senhora lembra se teve missa.

(PB) aqui não porque aqui era o salão paroquial. Eu me recordo que aqui tinha uma escadinha que você subia em um palco ali em cima.

(MSS) E agora então vou deixar a senhora bem à vontade para se lembrar de mais alguma coisa, um fato, alguma curiosidade, não tem mais perguntas. Quando fala em paroquial para senhora o que vem? Quando fala em escola paroquial

(PB) olha escola paroquial vem para mim assim. Aqui eu já estou de cabelo curto não é, mas eu tinha o cabelo comprido. E daí eu fiz a primeira comunhão acho que com 6 anos, acho que tem no face minha foto de primeira comunhão. E fiz minha primeira comunhão acho que com 6 anos. E daí já em seguida, os padres a gente tinha que ir lá ser da cruzada não é. Aquela faixa, fita amarela, e daí tinha que ir na missa toda de branco e eu me recordo muito bem que eu ficava muito "p" da cara porque toda de branco, cabelo comprido, me chamavam de "crentinha" (risos) e ficava muito "p" da cara, sabe isso eu me recordo bem. E da missa ali naquela Igreja tinha um pupto que ele subia para falar

(MSS) E escola quando falam assim, quando a senhora, quando vem essas imagens, quando a senhora vê lá no grupo do face falar da escola paroquial, ou quando a senhora se reúne com os amigos, o que mais lhe marcou, o que mais a senhora consegue lhe trazer para vida da senhora

(PB) foi isso. Vou te dizer uma coisa que o paroquial me deu. Disciplina.

(MSS) por que Dona Pedra

(PB) porque quando eu fui para o ginásio Estadual a coisa ficou solta, tanto que eu reprovei. Segundo ano que eu estava no Estadual eu reprovei. Paroquial a gente tinha muita disciplina.

(MSS) A senhora consegue me situar como?

(PB) disciplina para entrar, disciplina... sabe eu não sei te passar, mas era um respeito maior até pelo mestre

(MSS) E isso porque a própria escola era a organização, não porque os freis iam lá

(PB) não, não, não, ninguém ia lá te forçar a nada. Mas a disciplina, a minha disciplina de vida eu aprendi ali. Lógico que veio de casa e tudo mais. Mas ali ficou muito bem caracterizada. A gente tinha uma disciplina mesmo, e respeito, aquilo que eu te disse, de morrer de medo de ir para o milho, Do Frei Ulrico com a régua batendo, do Frei Mathias, e eu odiando, eu odiava latim, mas aprendia na marra

(MSS) E sabia a declinação certinha

(PB) muito certinha não (risos) Aí que era um horror, meu Deus do céu que desgraça era aquilo, mas tudo bem

(MSS) faz parte

(PB) faz parte

(MSS) Dona Pedra Agradeço muito pela sua colaboração, pode ser que no andar da pesquisa se surgir alguma coisa

(PB) do meu grupo que frequenta a minha casa de Paranaíba, só tem a Sirlei

(MSS) então agradeço imensamente a disponibilidade, a ajuda

(PB) não ha de que Marcelo no que e puder te ajudar.

**ANEXO 7****ENTREVISTA COM ROGÉRIO VIANA****No dia 06/08/2015 (RV) entrevistado por Marcelo Silveira Siqueira (MSS)**

(MSS) Boa tarde

(RV) Boa tarde

(MSS) estamos aqui com o senhor Rogério no dia 06 de agosto de 2015 para a gente conversar um pouquinho sobre o colégio paroquial. Senhor Rogério tem uma longa história no colégio não é senhor Rogério

(RV) estudei cinco anos lá

(MSS) cinco anos, o senhor começou em?

(RV) eu comecei em 1956

(MSS) em 1956 e saiu em 1961

(RV) sai em 1960

(MSS) saiu em 1960

(RV) Estudei de 1956 a 1960. Eu repeti o segundo ano

(MSS) ah está.

(RV) eu repeti o segundo ano

(MSS) fez o primário lá

(RV) fiz o primário

(MSS) então agora a palavra é do senhor. O que que o senhor lembra do primário como que foi, peripécias, castigos, a vontade

(RV) então eu, nós morávamos no interior de São Paulo, em 1955, finalzinho de 55 nós mudamos para Loanda que é vizinha a Paranavaí né, fica a 90 km. Só que Loanda a estrutura de escola era muito precária. Meu pai foi plantar café em um sítio que estava desmatando lá, mas quando foi para eu entrar para a escola, meu pai preferiu que a gente fosse para Paranavaí que já era uma cidade maior já tinha uma estrutura de educação melhor né, e nós fomos para Paranavaí e eu fui matriculado na escola, escola paroquial Nossa Senhora do Carmo. Em 1956 eu comecei lá todo trabalho de alfabetização enfim

(MSS) mas o senhor está falando: A família do senhor de mudou de Loanda?

(RV) mudou para Paranavaí. A gente morava 4 quadras, 3 quadras da escola. A gente morava na Getúlio Vargas né, na Rua Getúlio Vargas e estudava no paroquial.

(MSS) E aí uma conversa que a gente estava tendo antes de começar aqui, o senhor falou da primeira professora

(RV) primeira professora

(MSS) O senhor pode me contar um pouquinho dela

(RV) sim. A minha primeira professora o nome dela era que a gente chamava Lúcia Castilho, mas aí eu descobri hoje que você me contou que o nome dela era Lúcia Ribeiro Castilho. Então a dona Lúcia Ribeiro Castilho foi minha primeira professora, eu fui alfabetizado por ela e era uma professora assim: eu me lembro dela era uma mulher muito bonita de olhos claros, muito rígida, ela era muito rígida assim, ela não brincava não sabe, levava a turma na linha mesmo, mas ao mesmo tempo era uma mulher muito rígida era uma mulher muito carismática, simpática embora fosse difícil né. Imagine controlar a mulecadinha, mas ela era muito simpática enfim, eu tive uma relação com ela depois de encontrar ela algumas vezes quando já era adulto e ela colocava a gente de castigo ajoelhado em caroços de milho (risos) algumas vezes

(MSS) O senhor passou por isso algumas vezes?

(RV) passei por isso algumas vezes sim

(MSS) consegue lembrar alguma situação por que?

(RV) brincadeira na classe, sabe coisa assim meio que, interessante que eu estudei no prédio que onde foi a primeira igreja. Então esse prédio foi a primeira igreja que fica na frente da matriz de

São Sebastião hoje. Ela ficava a igreja e ela seria hoje em frente de onde é a matriz, na praça, onde tem aquela praça. E os padres construíram a igreja e aí os padres construíram a escola depois na parte a direita da escola na esquina da outra rua e em frente construíram a igreja nova que foi a segunda igreja matriz de São Sebastião.

(MSS) aquela igreja de madeira?

(RV) de madeira, aquela grandona que eu tenho até foto em frente dela com a turma que a gente fez o (...) que a gente fez o catecismo, a primeira comunhão e que eu tenho a foto com todas as crianças

(MSS) essa foto?

(RV) exatamente, essa é a primeira escola. Essa é q primeira Igreja e foi aqui e a escola era aqui (apontando para a foto do lado direito da foto) a nova. A matriz está aqui (novamente apontando para a foto na parte esquerda da foto) na esquina e ao lado era a igreja antiga e depois tinha na frente, do lado tinha onde moravam os padres que era a casa dos padres que pegavam a esquina do outro lado. Então eu estudei nessa escola aqui

(MSS) essa outra foto?

(RV) essa outra foto é a mesma escola está vendo. Essa escola é essa aqui. Eu estudei aqui que foi a primeira igreja, depois foi a primeira escola, depois desse lado construíram e em frente à igreja nova hoje.

(MSS) por acaso a professora do senhor está aí. Consegue reconhecer no cantinho lá? Eu vi que a professora Rosa.

(RV) A professora Rosa está aqui, Professora Rosa eu consigo identificar, eu não sei se a dona Lúcia Castilho se é essa que está aqui do lado (aponta para o lado esquerdo da foto) de saia aqui do lado (silêncio). Eu talvez ou essa aqui que está atrás do frei Ulrico aqui. Se essa foto for entre 1955 e 1960 eu estou aqui (risos)

(MSS) é para ser

(RV) Com certeza eu to aqui

(MSS) E para ser porque a professora Rosa Alie trabalhou na escola acho que até 1960

(RV) é ela foi minha professora em 1960 quando eu fiz a quarta série como eu fiquei 5 anos eu estudei 1956, em 1957 eu estudei o segundo ano e "tomei bomba" fui reprovado. Aí estudei 1958, 1959 e 1960 eu completei os quatro anos.

(MSS) huhum

(RV) é com certeza eu devo estar aqui

(MSS) eu vou mandar essa foto depois maior para o senhor

(RV) sim, pode mandar, eu vou me localizar e vou localizar alguns alunos também.

(MSS) Sim eu tenho ela digitalizada e mando para o senhor maior

(RV) muito bem

(MSS) O senhor estava falando dos castigos né, da tua turma

(RV) então era assim, eu lembro que tinham 4 classes na sequência. A entrada quer ver deixa eu te mostrar (retoma-se a segunda foto mostrada). Aqui era o lado né e a gente entrava por lá que aqui tinha quermesse, está vendo as barraquinhas da quermesse onde faziam as festas da paróquia ali né. Então a gente entrava tinha uma classe, a minha era logo a primeira, depois tinha as outras classes. No fundo tinha onde que seria o altar da antiga igreja que depois é quando mudou a escola para o prédio novo, que era só um bloco assim no fundo, eles transformaram isso aqui em um salão de festas.

(MSS) essa foto?

(RV) essa foto, é então que é, eu estudei na classe aqui ó (apontando para o canto superior direito da foto do novo prédio da escola) nessa primeira classe aqui que eu estudei. E aqui assim (apontando para o centro da fotografia) tinha o pátio e depois eles construíram aqui também (apontando para o canto esquerdo da foto) e aqui ficava a igreja antiga (apontando para o lado inferior da foto) bem aqui. A gente ficava reunido aqui, cantava o hino, todas as manhãs cantava o hino, reunia a turma, cantava, a gente cantava o hino. Então todos os hinos: da bandeira, hino da República, hino nacional a gente cantava, então tinha, formava a termina

(MSS) os professores ficavam na frente?

(RV) ficavam na frente, na escadinha que tinha aqui assim (novamente aponta para o canto direito da foto) (risos)

(MSS) deixa eu ver, acho que tenho uma foto, tenho uma outra. Essa foto!

(RV) é exatamente, ó estabelecimento de ensino (apontando para o letreiro escrito no alto do prédio). Com certeza eu devo estar por aqui porque foi o período que eu estava lá

(MSS) inclusive até a irmã do senhor, numa conversa quando eu postei essa foto no Facebbok, ela falou assim, por que eu até perguntei como é que era essa questão de fila e tal, aí a pessoa falou assim: Ah tinha uns que ficavam puxando o cabelo. A irmã do senhor até brincou e falou assim: Ah, a dona Vera né, eu posso ser essa menina de vestido branco, ela disse

(RV) é aqui eu não consigo ver, mas

(MSS) eu vou mandar grande também

(RV) aqui uma das meninas que eu vi aqui me lembrou minha irmã, e ela deve estar por aqui, a Vera deve estar por aqui porque ela é 1 ano e pouco mais nova do que eu

(MSS) haham

(RV) eu estava no primeiro ano, aí quando eu fui para o segundo ano, aí nos quase acabamos estudando no segundo ano juntos (silêncio) mas eu sempre estava 1 ano na frente dela.

(MSS) O senhor entrou em 1956.

(RV) aí ela entrou em 1957 só que ela estudou em uma outra classe. 1957 no primeiro, aí eu tomei bomba, mas só que ela estudou em uma outra classe

(MSS) ah vocês estudaram juntos, mas em classes separadas?

(RV) em outra sala separada

(MSS) E no segundo ano o senhor lembra. Ah está antes disso o senhor estava comentando, antes um pouquinho que o senhor até fez uma homenagem professora do primeiro ano.

(RV) então em 1999, eu escrevi um livro de poesias chamado trinta toques. E esse livro eu fiz uma dedicatória para o meu pai, para minha mãe. A primeira dedicatória que está no livro corrido eu fiz para Dona Lúcia Castilho. Então eu dediquei o livro a ela, falando que ela foi minha professora que me ensinou a ler, a escrever enfim, foi muito interessante que como ela era parente, tia de alguns amigos meus de infância, e depois até de adulto já, no banco do Brasil, dois sobrinhos dela chegaram a trabalhar comigo no banco do Brasil, por um período de uns 3 anos mais ou menos, mas eu não consegui fazer contato com ela nessa época que eu lancei o livro. E então 2007 por aí, 2005 ou 2006, portanto 7 anos depois que eu tinha lançado o livro, em um evento que teve na Universidade Positivo, eu encontrei uma sobrinha dela. Coincidentemente pelo sobrenome eu associei e eu falei: olha eu escrevi um livro e queria mandar um exemplar para ela. Aí ela disse: Ah eu posso levar porque ela, minha mãe mora na mesma cidade, não sei o que, enfim. Aí eu mandei o livro e se passaram uns 5, 6 meses depois, perto do natal eu recebi um telefonema, eu estava no supermercado e eu recebi um telefonema no supermercado atendi o telefone, e era ela, a dona Lúcia Castilho agradecendo, super emocionada, aí eu fiquei muito emocionado também, minha mulher estava junto e disse: Nossa que coisa bonita, e foi uma coisa que me emocionou muito e é fiquei muito feliz de saber que ela estava feliz por eu ter lembrado dela que foi, minha primeira professora. Não sei se outros alunos fizeram em livro para a primeira professora, mas eu fiz (risos) eu fiz

(MSS) que bacana. E aí o senhor falou da segunda série que o senhor reprovou.

(RV) reprovei

(MSS) algum motivo em específico

(RV) eu era muito disperso como aluno, eu sempre passei com média muito baixa, você vai verificar na documentação que eu sempre fui um aluno não muito, eu quase não anotava muita coisa, mas eu sempre passava, mas não estava muito preocupado com nota. Eu passava, ia passando e

(MSS) muito castigo nesse segundo ano?

(RV) não, não, não, a professora. Essa segunda professora foi

Dona Cleide Palo Janeiro me parece Cleide Palo Janeiro. Era uma jovem que parece que ia ingressar no seminário, no convento, seminário não, no convento né para ser freira me parece, não sei, não soube nunca mais nada sobre ela e eu não fui bem no segundo ano. Aliás quando eu fui para o ginásio, também no segundo ano eu "tomei bomba" também no ginásio

(MSS) mal do segundo ano então.

(RV) do segundo ano e no, poderia interromper um pouquinho (nesse momento paramos a entrevista para que o senhor Rogério atendesse o telefone). Então eu estava falando sobre?

(MSS) O senhor ter reprovado no segundo ano

(RV) no segundo ano. Então era a professora também rígida porque eles tinham na época professores muito rígidos, mas enfim eu não passei e depois refiz o ano, mas eu não me lembro de quem foi minha professora de quando eu repeti e nem do terceiro ano eu não me lembro, não tenho registro dessas, mas eu tenho um registro muito bom depois quando eu fiz a quarta série que foi com a Dona Rosa

(MSS) professora Rosa?

(RV) professora Rosa, que eu fui até o casamento dela que ela se casou no ano que eu estava na quarta série que foi em 1960 né, acho que foi em 1960 acho que ela se casou

(MSS) O senhor me falou que se formou em 1960

(RV) que eu fui no casamento dela, enfim eu me lembro bem do casamento, da festa tinha muita comida japonesa, doce, aquele sushi, enfim.

(MSS) E a convivência do intervalo, do recreio, do pátio com os amigos como é que era senhor Rogério?

(RV) então a gente na época a gente tinha a escola que ela onde do lado tinha as barracas que faziam as festas, as festas juntas, as quermesses, tinha um salão de festa assim espaços de festa naquela que onde é a praça hoje da igreja que a gente tinha o pátio da escola da primeira escola era ali né. Depois que a gente foi para o pátio dessa escola mais nova que era uma escola de construída de alvenaria que a gente brincava ali. Brincava de pega pega enfim e depois tinha um bar na frente assim atravessando a rua que era o bar do Doca que a gente ia comprar doce

(MSS) essa doca não é, a dona Pedra me comentou de uma hospedaria dos nordestinos

(RV) tinha do lado uma hospedaria tipo hotelzinho e tinha esse bar do Doca que era um senhor moreno nordeste grandão assim meio forte

(MSS) onde vendia uns doces nordestinos

(RV) doces nordestinos, é vendia doce, então que a gente atravessava a rua ali, então tinha paçoca, amendoim, enfim tinha aqueles coisinha que é uma bolachas tipo de uma gelatina dentro, enfim a gente ia ali e na frente ficava a igreja que depois com a construção da igreja nova da matriz virou também um salão de festas, então a primeira igreja se transformou em uma escola e essa escola depois virou um salão de festas, com a construção da escola nova, deixou de funcionar, depois demoliram e com a construção da igreja nova, da matriz atual, eles fizeram a igreja, que foi a segunda igreja, transformaram em salão de festas também, que era em frente da paróquia do lado de onde moravam os padres

(MSS) E questão de uniforme como é que era isso senhor Rogério?

(RV) então, o uniforme eu me lembro muito bem que a gente tinha o, até hoje eu sei desenhar (risos) o uniforme, eu sei desenhar o símbolo da escola. Era um escudo né, que tinha duas estrelas marrom e(...) tinha as duas estrelas, tinha três estrelas e a gente usava isso pregado assim na roupa né, era calça marrom, a gente usava um calça curta marrom assim da cor da roupa dos frades carmelitas era aquele marrom do hábito das carmelitas. E a camisa branca e depois as meninas depois usavam tipo de uma gravatinha, os meninos era tipo de uma camisa branca mesmo, eu não me lembro de que eu usava gravata, mas

(MSS) essa foto o senhor lembra de alguma situação dessa foto?

(RV) é a minha turma foi depois disso

(MSS) essa então deve ser a primeira turma?

(RV) essa deve ser a primeira turma, a primeira turma

(MSS) essa professora o senhor conhece?

(RV) eu não lembro dela, eu lembro do Frei Ulrico né, Frei Ulrico Goevert

(MSS) E do frei Estanislau?

(RV) esse frei, eu não lembro dele, não eu não lembro. Não frei Estanislau (...)

(MSS) foi professor na escola

(RV) é, mas não foi meu professor, não. Não foi, meu professor. Eu lembro que depois vieram os outros padres alemães. Veio o Frei Matias, o frei Matias veio depois, não depois disso em 1957, 1958, mas já tinha o frei Alberto, que morreu agora tem uns dois, três anos. Que foi bispo em Dourados. Então eu lembro deles

(MSS) E dos freis, o senhor falou em freis agora como é que era o contato?

(RV) sempre presente, sempre presente, sempre, até eu fui coroinha, cheguei a ser coroinha até porque era gostoso ser coroinha porque a gente ia cedo na missa e tomava café da manhã lá no convento. Que eles tinham um café gostoso um pão e doces, então a molecada gostava de ser coroinha para poder comer o café dos padres (risos)

(MSS) E na escola eles também estavam presentes?

(RV) muito presentes, muito presentes

(MSS) lembra de alguma situação, conversa com frei Ulrico ou outros padres?

(RV) conversando com eu lembro uma época que frei Ulrico foi viajar, ficou um tempo na Alemanha e a escola fez uma festa para recepciona-lo, alguém compôs um hino e a gente cantava para ele. Frei Ulrico voltou da Alemanha não sei o que alegria a gente, eu lembro disso que tinha. Ele era um homem muito presente assim ele era um administrador sério e ele era um homem, mas super bondoso, então a molecada sempre estava perto dele sabe os meninos, as meninas e eu me lembro muito dele. Foi uma pessoa que me marcou muito sabe é assim em termo de rigidez de obediência aquelas coisas, ele foi uma pessoa muito importante, aliás a minha formação nessa escola foi muito importante sabe porque era uma escola assim poucos recursos né não tinha recursos mas era uma escola que a gente podia dialogar que conversava que sabe porque a gente cantava, tinha a parte cívica muito presente né então a gente cantava o hino nacional, cantava o hino da bandeira, o hino da independência a gente cantava a gente tinha aula de música, então uma foi uma coisa muito importante assim na minha formação

(MSS) O senhor falou da parte cívica e os desfiles de 7 de setembro?

(RV) os desfiles nossa era assim a grande alegria das crianças, elas se preparavam para o desfile de 7 de setembro. A gente comia canjica para poder ficar forte, para não desmaiar durante o desfile, tinha umas coisas assim que a gente se preparava, uniforme limpinho, sapato limpo, roupa bonita, nova para ir para o desfile era uma coisa assim muito

(MSS) E essa preparação tinha dias antes?

(RV) não é sim preparava, tinha ensaio da criançada a fanfarra tocando lá na frente a gente tudo ensaiando o passo certo para não.

(MSS) O senhor chegou a participar da fanfarra?

(RV) da paroquial não, da paroquial não. Eu participei depois da fanfarra do Estadual e Humberto de Campos que onde eu estudei depois que não tinha o ginásio né. Então era até a quarta série, e eu fui estudar o ginásio Humberto de Campos em 1961 quando abriu a escola também

(MSS) nos falamos de momentos pelo jeito bacanas, até agora o senhor trouxe umas lembranças boas. Alguma lembrança não tão boa do paroquial, algum momento que o senhor ficou triste, ficou chateado ou

(RV) olha para mim foi assim sempre momento de muita alegria sabe de descobertas, você aprender a ler depois tinha as quermesses e depois que a escola foi para baixo tinha as festas aí tinha teatrinho então sempre assim. Eu tenho uma lembrança muito boa, sempre de coisas positivas alegres, eu me lembro numa época da morte de algumas pessoas uma coisa meio perdida assim na memória de Talvez dê algum aluno que tenha morrido, então algumas lembranças assim de criança que morreu de alguma doença na época infantil, clube alguma coisa assim, mas são lembranças muito difusas assim que eu não, mas assim a paroquial foi pra mim uma escola de muita alegria que minhas irmãs estudavam lá então minhas irmãs depois tinham muitas amigas porque eu tinha 4 irmãs minhas irmãs cada uma tinha 2 a 3 amigas, então minha casa sempre com

muita gente. Tinha muito livro em casa, meu pai comprava muitos livros, as amigas iam emprestar livro, ler livro em casa, levavam livro para casa. Então muitas crianças que estudavam comigo muitas vezes emprestaram os livros que eu tinha. A própria Geofrália lembra que ela leu a coleção do Monteiro Lobato toda que era da minha casa.

(MSS) deixa eu perguntar uma coisa: Em uma outra entrevista saiu, um pouco mais velha a pessoa, mas o senhor lembra de alguma situação relacionada a discriminação na escola seja porque ah eu sou mais rico e ele é mais pobre, seja...

(RV) não. Não lembro, não tinha porque a minha família era uma família pobre não tinha dinheiro. Não lembro de ter vivenciado isso sabe. Depois a gente convivia com negros, com japoneses, muitos japoneses, então culturas diferentes e os japoneses não eram muitos católicos, tinham alguns japoneses católicos, mas tinham famílias japonesas que não eram católicas. Eram budistas ou xintoístas, mas não tinha a gente tinha uma convivência tranquila

(MSS) E eles estudavam no paroquial?

(RV) estudavam no paroquial assim como tinha estudante que eu me lembro muito. Na segunda série tinha um aluno que era de uma família espírita e numa determinada, isso me lembro muito claramente, numa determinada aula que tinha que rezar, ele falou que não ia rezar. A gente rezava na classe, tinha o costume assim. Fora a gente fazia a... Cantava os hinos. Dentro da classe, como era uma escola católica, a gente rezava o pai nosso ou a ave Maria ou outras orações. Eu lembro que num determinado dia, um aluno que eu não me lembro quem, que era de uma família, ele falou que era de uma família espírita, ele falou que não ia orar e a professora aceitou né. Mas ele questionou alguns aspectos da doutrina católica, enfim, houve um pequeno embate, mas nada que tenha sido, ele era um menino de 8 anos então não tinha muito argumento

(MSS) E como é que era, tinha aulas de religião na escola?

(RV) A gente não tinha aula de religião, assim eu não me lembro. Tinha as coisas relacionadas com a religião porque a gente estava na igreja, tinha evento na igreja, a gente estudava catecismo na época eu fiz o catecismo para a primeira comunhão, mas não lembro assim que tinha aula de religião, assim uma classe com religião, não, não lembro. Assim toda religiosidade fluía na igreja pelo fato de estar próximo da igreja sabe, ia na missa no domingo, depois tinha cruzada eucarística para as crianças que tinham aquela fitinha amarela cruzadinha, enfim.

(MSS) Senhor Rogério eu vou mostrar algumas fotos para o senhor que podem ter haver com sua história que podem até não ser fotos do senhor

(RV) Sim

(MSS) mas que essas fotos possam lhe lembrar momentos

(RV) Sim

(MSS) E aí eu queria começar por essa foto aqui. Essa foto lembra o senhor algum momento, alguma situação?

(RV) essa foto é das formaturas, que tinha, o frei Ulrico aqui entregando o diploma para um dos meninos, eu não estou conseguindo identificar quem é, mas é da minha época.

(MSS) O senhor lembra da sua formatura como foi?

(RV) não lembro assim, eu lembro da primeira comunhão. Primeira comunhão né na igreja, depois nós fomos para esse salão aqui que era a antiga escola que virou um salão de festas que teve um grande café da manhã para as crianças. Eram muitos, sei lá umas 70/80 crianças que fez primeira comunhão. Era uma coisa assim. Eu tenho até uma foto que o frei Wilmar Santin que ele que acabou achando e, eu não me lembro desse menino aqui, mas (silêncio) não sei se esse é um dos Castilhos (silêncio) não sei se esse é um dos Castilhos, mas é (silêncio) dessas cerimônias de estar junto com o frei Ulrico eu me lembro muito. Até uma vez da gente estar em um evento assim e a gente segurando esse palio né. É palio que chama?

(MSS) isso

(RV) é andando com ele segurando uma coisa vermelha assim, aquela bata branca eu lembro, disso eu lembro muito bem.

(MSS) essa outra foto? Senhor lembra de alguma situação assim?



(RV) os padres pelo fato deles serem europeus, eles sempre estavam com câmera na mão, e estando com câmeras na mão eles sempre estavam fotografando a escola. Quem eu lembro que gostava de fotografar era o frei Matias. Frei Matias acho que fotografou muito lá.

(MSS) Frei Jerônimo também, o senhor lembra dele?

(RV) eu lembro dele sim.

(MSS) frei Jerônimo é vivo ainda

(RV) ah é vivo ainda? Nossa ele já deve estar com 80 e pouco.

(MSS) Frei Jerônimo já é bem de idade, ele mora em Graciosa

(RV) eu lembro bem assim do frei Ulrico, do Frei Matias, que era assim um alemão assim enorme, Frei Ulrico também e frei Alberto que era loirinho, baixinho, faleceu faz uns 2 anos

(MSS) essas duas fotos o senhor já viu o senhor falou do pátio, lembra de alguma situação do intervalo? De brincadeiras? De brigas?

(RV) brincadeira (silêncio) não, não tinha briga não. Ah que nem eu falei: Às vezes que entrava aqui em formação a gente cantava. Depois que construíram do outro lado que fizeram aqui uma escada, porque aqui é a primeira parte da escola. Você viu que ainda não tinha pátio ainda era tudo terra. Depois construíram para esse lado aqui uma escada que a gente ia sair na Igreja. Daí os professores ficavam na escada e a gente ficava no pátio. Aqui já tinha piso aí já estava melhor. Mas essa aqui é de 1956/1957 essas fotos. E com certeza uma dessas aqui deve ser minha irmã viu porque é muito parecido o cabelo dela aqui que ela estava de vestido branco

(MSS) é ela disse que pode ser

(RV) pode ser, pode ser ela sim. Eu lembro do cortinho de cabelo dela com certeza.

(MSS) deixa eu perguntar: O senhor lembra de algumas freiras?

(RV) (silêncio) então. Nessa época chegaram umas freiras que usavam aqueles chapéus branco comprido assim da noviça rebelde lá né.

(MSS) isso em 1960?

(RV) isso 1960. Eu lembro delas porque elas tinham uma escolinha infantil em uma outra esquina. São Vicente de Paula, irmãs vicentinas.

(MSS) isso.

(RV) eu me lembro delas,

(MSS) mostro uma foto das religiosas

(RV) essas irmãszinhas que usavam que usavam um hábito azul com aquele chapéu muito bonito, branco, engomadinho e essa aqui é a construção da igreja nova, da igreja São Sebastião. Eu lembro que tinha o Edwino Jascoviaski está aqui ó que eu me lembro dele. É que eu lembro de algum (silêncio). Um aluno nosso um tal de Ricardinho uma vez tinha uma quermesse e aí ele inventou de subir a torre da igreja, subiu pelo andaime que estava construindo a torre da igreja imagina ele subiu. Ele devia ter uns 10 anos

(MSS) A igreja nova?

(RV) A igreja nova, estava em construção e ele se desafiou a subir e subiu. Devia ter uns 10 anos 11 anos

(MSS) isso o senhor já estava no ginásio, não é?

(RV) já estava no ginásio e ele era muito aprontão ele subiu. Outros meninos subiram também, mas me lembro especificamente de um desses que subiu a torre da Igreja em construção. Meus Deus olha só. Esse Edwino Jascoviaski acho que ele é vivo.

(MSS) eu acho que não. Acho que ele já faleceu. Ele era dentista. O filho dele é dentista. Essa outra (foto) festa Junior

(RV) festa junina eu lembro

(MSS) O que o senhor lembra da festa junina

(RV) ah que era a grande alegria nossa era ir para as festas juninas né. Porque dançar, vestir de roupa de caipira. Esse daqui é um dos Peres, esse daqui me parece que é Winch, me parece e as meninas eu não me lembro muito delas. Esse daqui é Peres e esse Winch as meninas não lembro. Não sei se essa daqui é filha da Dra. Mirian Alencar (silêncio) mas eu lembro deles (risos) esse daqui é Winch acho. Ou Winquinho ou Winhão

(MSS) deixa eu ver uma outra aqui, pode ser da época do senhor. Essas são dos desfiles da semana da pátria.

(RV) sim lembra que eu falei para você que tinha a escada né. Ó aqui iria sair na Igreja. Então esse daqui era, e o bar do Doca está aqui ó aparece o bar do Doca aqui do outro lado da rua.

(MSS) tinha algum preconceito relacionado aos nordestinos?

(RV) não. Meu pai era baiano cara (risos)

(MSS) ah sim. Essa foto.

(RV) (silêncio) E. As nossas classes. Essa já é na escola nova (silêncio) essa é na escola nova (silêncio) que bom retornar né (silêncio)

(MSS) boas lembranças?

(RV) (emocionado) boas lembranças. Excelentes lembranças.

(MSS) foto assim o senhor tem (mostrando aquelas fotos clássicas de alunos sentados indicando a série e o ano)

(RV) eu tinha. Essa aqui é a Pedra

(MSS) Isso Dona Pedra

(RV) na verdade eu tinha (silêncio) deve ter ficado na casa da minha mãe. Eu tinha do segundo ano acho. Era uma foto preto e branco, mas colorizada a mão assim.

(MSS) Sim

(RV) Era uma foto preto e branco que eles coloriram a mão assim davam uma anilina assim ficava meio colorida. Mas eu tinha isso guardado até pouco tempo, deve ter ficado na minha mãe e acabei perdendo. A Pedrinha foi minha colega e ela estudou depois no estadual comigo em 1962/63 ela estudou comigo

(MSS) O senhor falou que o senhor foi fazer o ginásio em outra escola.

(RV) Sim

(MSS) E aí tinha o famoso exame de admissão

(RV) sim de admissão sim

(MSS) O senhor se sentiu preparado para fazer?

(RV) eu me senti preparado. Tanto é que eu fiz o exame de admissão e entrei no ginásio

(MSS) O senhor não precisou fazer aquela preparação

(RV) não, não precisei

(MSS) aquela com professores particulares

(RV) não, não, não. Na verdade assim. Nessa época eu estudei português (silêncio) eu fiz umas aulas de reforço em português com a doutora Mirian Alencar que era mulher do Alencar Furtado né que foi depois deputado e depois senador Alencar Furtado cassado pela Revolução. Pai do Heitor, Heitor Furtado que foi um deputado federal e que foi meu colega, ele virou deputado federal e depois foi assassinado por um policial rodoviário na estrada. Então a doutora Mirian foi minha professora de reforço, eu ia ter aula com ela. Eu lembro que a gente fazia análise sintática, meu Deus, era uma coisa assim que era horrível para mim, mas que foi importante na minha formação sabe, tanto é que eu tinha tanta dificuldade que eu acabei virando jornalista (risos). Então sabe aquilo puxou um lado assim. Eu gostava muito de fotografia e gostava muito e me despertou o lado de gostar de escrever. Então eu acabei virando jornalista, fotógrafo, então as coisas que eu adorava lia muito, sempre li muito, tinha muito livro em casa e acabei virando jornalista e depois passei a escrever contos, estou escrevendo um romance agora, escrevi muitas peças de teatro, escrevi 17 peças de teatro. Sem nunca ter estudado espanhol só lendo e pesquisando, acabei fazendo traduções também de espanhol que é uma facilidade que eu tenho é traduzi 13 peças de teatro e então são as coisas que acho que a escola me deu uma boa formação sabe

(MSS) O senhor falou de fotografia acredita que o senhor. Um pouco antes o senhor disse que os freis por serem europeus virou e mexeu estavam com máquinas fotográficas

(RV) estavam com máquinas fotográficas

(MSS) pode ter tido alguma influência?

(RV) mais com certeza, com certeza porque eles sempre tinham alguma é interessante que a gente via assim: Eu nunca vi câmera de caixote nas mãos dos padres. Câmera de Caixote é aquele modelo Role flex que era uma caixinha preta assim (faz gesto com a mão para mostrar forma quadrada), uma lente e olhava por cima. Uma caixa né como se fosse uma caixinha de leite, um pouco maior que uma caixinha de leite, olhava por cima e tinha duas lentes: A lente que dava o foco é a lente que pegava a imagem. Mas eu lembro de ter visto umas câmeras pequenas, nas mãos dos padres que devia ser uma laika, câmeras famosas né alguma câmera europeia muito precisa porque as fotos que eles faziam eram umas fotos muito bonitas lembro de ter visto isto, depois até o Dom Frei Wilmar Santin que andou publicando algumas fotos e eu lembro de ter visto fotos que eu nunca tinha visto nesse álbum de fotografia que ele achou na Alemanha. Ele fez um trabalho né?

(MSS) sim ele tem, boa parte o frei Wilmar me ajudou bastante em boa parte da pesquisa

(RV) sim

(MSS) Senhor Rogério se fosse para definir a sua experiência no paroquial em uma palavra e por que?

(RV) é fundamental. A paroquial teve assim uma importância fundamental na minha formação não como estudante nem como jornalista, mas na minha formação como pessoa sabe como um homem. Então os valores que a gente ouvia, que eram colocados, não eram valores de discurso, eram valores de vida. Então toda aquela rigidez alemã sabe que aquele, os alemães super rígidos, super severos assim disciplina isso foi uma coisa fundamental para mim sabe, não que eu gostasse, mas que eu respeitava. Então eu acho que é isso que dá formação. Você não precisa gostar, mas você precisa respeitar e que aquilo foi uma coisa que me marcou muito sabe. Então vou para uma escola que é mais relacha? Não. Não é por isso, é que ali foi a formação. Então eu comecei com 7 anos, sai com 12 da escola. Então esses cinco anos de convivência com os padres, com os colegas foi uma coisa que norteou eu para a vida toda sabe. Então nunca assim questão de injustiça sabe, então uma coisa assim que sempre foi uma coisa que me marcou muito, quanto a me posicionar contra as coisas sabe, de não aceitar coisas fáceis de chegar na sua mão, nunca aceitei. Então a paroquial me norteou com uma coisa fundamental na minha vida sabe, foi assim observância das coisas, obedecer a regras, embora eu sempre tive um aspecto meio iconoclasta de querer, mas me marcou muito sabe é eu agradeço a oportunidade de ter estudado lá. Sim todas as vezes eu lembro de ter ido visitar uma vez a escola recentemente agora que minha mãe faleceu eu estive em Paranavaí, me deu uma vontade de ir na escola de visitar, de entrar na classe de novo e eu quero fazer isso. Agora em setembro eu vou, vai ter 7 de setembro eu quero ir e eu quero ver se eu vou um dia lá para visitar a escola

(MSS) tem aquele encontro também dos estudantes de Paranavaí né

(RV) sim, sim, pessoal que se reuniu já participei também e eu vou eu pretendo estar presente sim

(MSS) então senhor Rogério, agradeço muito

(RV) não sei se eu acrescentei muita coisa

(MSS) muito, muito, muito as lembranças do senhor foram muito emocionantes, muito bacana

(RV) tem muita coisa assim que eu lembro os alunos mais velhos vendo assim na janela na classe sabe, mas muita lembrança boa assim, depois as meninas que a gente gostava, quem que eram as meninas que a gente gostava sabe. Então coisa de moleque de criança, lembro, lembro disso muito.

## ANEXO 8

### ENTREVISTA COM JOSE WILLE

**Dia 08/06/2015 nas dependências do prédio de comunicação da Universidade Federal do Paraná, no campus Cabral**

ENTREVISTADOR: MARCELO SILVEIRA SIQUEIRA (MSS)

(MSS) estamos aqui com o senhor José Wille, hoje é dia 8 de junho de 2015 e nós vamos fazer uma entrevista sobre as memórias do Paroquial. Wille a palavra é sua. Conte um pouquinho de você, um pouquinho de sua experiência no paroquial, a vontade

(JW) Bom cheguei lá em Paranavaí em 1960, a gente vinha de Mandaguari, 3 meninos, eu era o mais velho e depois desses dois primeiros anos, lá em 1963 entraria na escola, e meus pais resolveram colocar na paroquial, naquela época, então entrei lá no começo de 1963, a escola, a instalação dela era uma coisa muito precária no seguinte sentido: ela não era uma escola que tivesse assim algum diferencial, era muito precária no sentido básico, não precário de faltar alguma coisa, mas muito básica né, por exemplo aquele pátio nem tinha ainda calçamento era areia o pátio uma areia meio dura muito batida, é aquela escadaria que não tinha, era livre o acesso, entrava quem queria ali, naquele tempo bem não havia preocupação com segurança, você não ouvia falar de assalto de arrombamento, essas coisas, você não ouvia falar, então era um lugar tranquilo tanto que pela escadaria qualquer pessoa poderia entrar ou aluno sair, era tudo muito solto né, geralmente aquela turma que entrava como foi a minha do primeiro ano, a turma ia junto com você, com exceção de um ou outro, aquele tempo as pessoas mudavam bastante, porque questão de oportunidade de mudanças na economia, mas geralmente aquela turma que vinha do primeiro ano você continuaria com ela até quando você reprovasse, que foi o meu caso, eu reprovei no segundo ano, no segundo ano já do ginásio, aí você perdia a sua turma, a turma ia pra frente, você pegava uma turma nova. O Ensino Religioso não era assim massacrante, claro que era uma escola que tinha um princípio religioso, mas a gente tinha só a aula de religião, por exemplo duas vezes por semana uma coisa assim. Nosso professor de religião que mais me marcou eu me lembro claramente foi Frei Rafael, uma coisa bastante interessante é que eles chegavam da Alemanha e as pessoas comentavam, como o caso do Frei Mathias, Esse não foi professor na paroquial, mas ele fazia as missas aos domingos e as pessoas se admiravam como é que a pessoa vinha da Alemanha, 3 meses depois estava celebrando missa, lógico que falava com aquele sotaque forte, com alguma dificuldade, mas o fato é que eles três meses depois, a pessoa estava lá apresentando a missa. Missa que naquele tempo era transmitida pelo rádio, era um hábito em si, a missa era sempre transmitida pelo rádio de manhã. A missa principal, que era as 8, as 9 alguma coisa assim.

(MSS) até hoje ainda é transmitida pela Rádio Paranavaí

(JW) ah mantém a transmissão

(MSS) sim no domingo ainda é transmitido

(JW) em cidade que tinha emissora de televisão, inclusive durante muito tempo havia transmissão no caso chegava a TV Tibagi em Apucarana no final dos anos 1960, que tinha a miss de Apucarana que também era transmitida Domingo de Manhã. Bom voltando aqui para a Paroquial (silêncio) Tinha muitos alunos que a gente poderia imaginar, tinha as vezes professores, Lembro de uma professora que ficou brava uma vez, aprontaram alguma coisa ela dizia: Vocês que são a nata da sociedade (Risos), Tinha esse tipo de concepção na época, mas evidentemente era quem podia pagar, mas não deve ter sido uma coisa tão cara assim pra época, meu pai por exemplo tinha 6 filhos, 6 meninos, dos 6, 5 estudavam simultaneamente lá, quando a gente saiu, 5 estudavam simultaneamente na paroquial, mas existia alguma forma assim de você, se tinha mais se tinha 3, 1 não pagava, algo assim, acredito que meu pai deve ter se enquadrado nesse sistema

(MSS) Com certeza

(JW) Ele trabalhava, ele cuidava lá de uma transportadora, mas não era exatamente o que a gente imaginava o que seria, o que diziam de elite e tudo mais, e tinha muitos também que por alguma ligação [...] é [...] tinha algum tipo de ligação, tinham bolsas lá, então você tinha assim, tinha evidentemente gente que falava que tinha ido para a Europa, aluno que te contava como é que era neve para os outros, foi o tempo da calça LEE, 1969, 1970, calça LEWYS, calça LEE, que era uma espécie assim, sábado quando podia vir sem uniforme, era uma questão de ostentação, você tinha que ter calça LEE (Risos)

(MSS) ah então no sábado poderia ir sem uniforme

(JW) Podia ir sem uniforme, se a pessoa não viesse com a calça LEE, daí ficava uma pressão social, que você também tinha que ter uma calça LEE porque senão você, esse tivesse uma de outra marca, como por exemplo tinha calça rancheira, faroeste, pessoa dizia: Ah sua calça é LEE, Liquidação (Risos) então você sentia, você era, [...] é [...] tinha menos recursos né, era uma forma assim de [...] segregação, a pessoa se sentia menos, ela fazia o que podia pra ter uma também, de pedir para os pais uma calça para poder ficar dentro daquele padrão. Mas durante a semana era aquilo, camisa branca, calça marrom, sapato preto, as coisas eram assim disciplinadas. Já existia no ginásio, o sistema de 1 professor para cada disciplina, onde você tinha no máximo duas aulas seguidas com a mesma professora que acredito que chamava Deisy, que era muito brava, ela dava aula de desenho, e essa professora a voz dela ecoava naquele. Engraçado que naquele tempo ninguém falava nada, que iria tomar alguma medida, que alguém tinha reclamado, de vez enquanto ela tinha um acesso e começava a gritar e a voz dela ecoava por todas as salas. Eu acho que fui um dos poucos alunos que estudei em todas as salas porque como eu fiquei lá 9 anos, então não existe uma sala ali que eu não tenha estudado nela, todas elas. Não existia assim quando eu falo do básico quer dizer assim o que que tinha lá. Na verdade, você tinha o pátio, a cantina, nessa primeira época era o sr Angelo que era o dono da cantina.

(MSS) famoso sr Angelo

(JW) é Sr Angelo fazia, o que ele vendia eram duas coisas: Coxinha ou o pão com carne que era um ele colocava um caldeirão, colocava carne moída, os temperos e mexia, depois você ia lá comprar dele, ele colocava uma concha dentro do pão cortado aquela carne moída, a gente achava muito bom (risos) fome talvez era uma coisa boa e no máximo você comprava lá o refrigerante, eu só o pão mesmo. E essa casa do senhor Angelo, esse mini barzinho do senhor Angelo, na verdade era uma construção de madeira muito simples no começo foi ali naquela praça pertinho do alfasto da Souza Naves ou Espírito Santo? Souza Naves né aquela rua que passa do lado da Igreja, então no meio da praça praticamente, mas encostada nessa rua, a avenida principal, isso eu estou falando de 1963, 1964 e no começo de 1965. Era lá em cima, então você saía veja como que as coisas eram soltas: não tinha muro e saía aquela gurizada e ia até lá na praça, comprar o pão e depois descia. Daí talvez para começar, por algum problema que pode ter acontecido, eu não sei exatamente ou por preocupação do país, foi feito um muro primeiro de madeira, as tábuas corridas assim, uns dois metros de altura, foi fechada aquela parte de cima e a entrada era por um portão de madeira no alto da escadaria, então você vinha pelo pátio da Igreja velha que virou salão paroquial, daí você entrava pela porta de cima, tinha lá o senhor Antonio que era quem carimbava as carteirinhas, isso já estou falando na segunda metade dos anos 1970, foi quando começou a tomar forma assim de algo mais organizado, mais fechado

(MSS) dos anos 1970 ou dos anos 1960?

(JW) dos anos 1970, desculpe dos anos meia zero (1960). E eu tinha uma cabeça na época, eu ficava muito influenciado com a aula de religião né achava também que poderia ser padre no futuro. Então tinha muito a ideia de ajudar os outros. E aí eu ficava ajudando o senhor Antonio. Eu pegava as carteirinhas, carimbava para ele as carteirinhas, e eu fiquei alguns anos ali carimbando carteirinha para o senhor Antonio, no final dos anos 1960, até o último ano que fiquei lá, fiz parte ali, as pessoas perguntavam se eu era filho do senhor Antonio, ou porque que eu estava lá, pois eu estava lá também não sabia o porquê, eu achava importante ficar lá ajudando o senhor Antonio

(MSS) que bacana

(JW) então ele já tinha certa idade né e eu ajudava ele a separar as carteirinhas a carimbar depois as carteirinhas e no final quando as pessoas saíam recebiam a carteirinha de volta. Com essa carteirinha você poderia entrar no Cine Ouro Branco ou Cine Paranaíba, depois veio a carteirinha da UPE, mas a maior parte do tempo, foi a carteirinha do próprio colégio, a caderneta, você apresentava, ela valia como confirmação. As aulas de Educação Física, por muito tempo foram lá na Faculdade de Filosofia, então a gente acordava de madrugada, era bem cedo, e as aulas eram lá nos fundos onde tinha uma cancha, deve ter até hoje e tinha um grande campo de gramado.

(MSS) essa faculdade de filosofia, li perto de onde hoje é a Unidade Polo? Do Cemitério Municipal

(JW) isso pertinho do cemitério municipal, na Rua Rio Grande do Norte

(MSS) sim, se eu não me engano a educação física ainda continua lá, que onde o pessoal fala os Escoteiros, onde tem um galpão bem grandão do salão da escola e a quadra da escola e tem um galpão de festa da Igreja tal, o pessoal conhecia como escoteiro.

(JW) Ali naquela época não tinha escoteiro, para entrar em um grupo de escoteiro eu tive que entrar em um outro colégio ficava mais para traz da Igreja, eu já não me lembro o nome, tinha uma piscina o colégio conhecido lá. Ali e fui escoteiro, é, lobinho né que na época era muito novo, fui escoteiro lobinho lá nesse colégio.

(MSS) Frei Jeronimo já fazia parte do escoteiro nessa época

(JW) não era o professor Winche, que era, eu não lembro o primeiro nome dele, ele que era o nosso guru lá dos escoteiros

(MSS) Hahan

(JW) (Silêncio) tinha alguns professores é, marcantes lá, por exemplo além do, eu falei do professor Matheus Sellhorst, o Matheus (silêncio) eu acredito que ele tinha alguma ligação, havia uma colônia alemã ali em Graciosa, acredito que ele tenha alguma ligação ali, é e ele tinha uma ligação de proximidade ou de crença com os padres, ele era bastante ligado aos Carmelitas. O professor Matheus era a pessoa que tinha a melhor visão assim do professor, não no sentido do professor que chega e fala só por exemplo, o caso dele era português, ele ensinava português, mas ele explicava por exemplo quando deram um tiro no irmão do Kennedy, por exemplo, Robert Kennedy, e ele contava essas coisas são (silêncio) ele tinha muita referência cultural com relação ao mundo. Então ele explicava, alguma coisa acontecia além do Português ele era a pessoa o que melhor fazia isso. Ele tinha uma visão de mundo, tinha bastante leitura e ele mesclava as aulas com esses conhecimentos. E quando ele gostava de um livro, por exemplo Meu pé de Laranja Lima, que foi bastante importante, então ele fazia leitura em sala de aula, todo mundo quietinho, e as pessoas realmente fiavam quietas, porque aquela história encantava. Então uma aluna que tivesse mais facilidade de leitura, um aluno, ficava na frente fazia a leitura, e ficava todo mundo ouvindo durante um certo tempo como se fosse uma novela assim a cada dia um pedaço. Qual era a ideia? Ele queria criar na gente a ideia de que você deveria ter leitura, né batia muito nisso a necessidade de ler de aprender do conhecimento, a importância do conhecimento. Então foi uma figura Marcante. Teria sido diretor do colégio, eu acredito que ele acabou saindo de lá, eu não acompanhei a História mais, ele foi embora para Amambai - Mato Grosso, mas ele seria assim a segunda figura, se a gente pensar na paróquia dos anos 1960, o primeiro o professor Benjamin Iohan, que tinha descendência belga e que falava francês, e que morou mesmo na Bélgica durante um tempo. O professor dava aula de francês, porque era assim, nos dois primeiros anos francês no ginásio, os dois segundos anos era inglês. Ele dava aula de francês. E também tinha aquelas disciplinas de OSPB que eles misturavam, davam um pouco, era uma gurizada muito nova, eu não lembro exatamente o nome da disciplina, mas por exemplo: boas maneiras, comportamento

(MSS) Humm

(JW) se usa palito, se não usa palito (Risos) depois que comeu se usa palito, ou não usa palito, essas coisas me lembro bem das aulas. Professores marcantes, assim então: Esses dois, o Benjamin que parecia, ele não era velho, eu vejo hoje nas foto, ele não era velho mas dava impressão pra gente que ele era meu avô porque a gente era criança né, então todo mundo era velho, e o professor Benjamin foi essa figura de uma calma imensa, só vi o professor perder,

perder a paciência assim tomar uma atitude uma vez, que aconteceu uma história, que depois você julga se dá pra encaixar ou não no teu depoimento que é o seguinte: Havia uma senhora casada na escola (silêncio) e veio uma outra que ao que se dizia estava andando com o marido dessa outra. Essa então uma senhora que não era normal ter senhora, geralmente era gurizada, então tinha uma senhora que tinha marido, e entrou uma outra que tinha alguma coisa com o marido dela, e as duas eram meio brigadas e um dia no recreio de repente duas mulheres rolando no pátio. Essa foi a cena mais impactante né, cena mais impactante nesse tempo todo, duas mulheres rolando no pátio e os professores correram para apartar e o professor Benjamin veio lá: As duas estão expulsas já veio

(MSS) ah elas estudavam lá então

(JW) estudavam as duas eram alunas, elas entraram

(MSS) no ginásio?

(JW) No Ginásio

(MSS) ah junto com a gurizada

(JW) é entrou a mulher do cara e entrou outra que seria, pelo que se contava, seria amante. As duas já tinham uma richa, uma briga e em algum momento algo aconteceu que as duas saíram rolando no pátio. Os professores vieram correndo para apartar as duas né, foi uma briga feia mesmo. Os alunos imediatamente né, tinha aquele negócio, todo mundo queria ver o que estava acontecendo, e eu me lembro do professor Benjamin, acho que foi o maior conflito assim que eu vi lá dentro do colégio foi esse, professor Benjamin chegou e já vinha dizendo: As duas estão expulsas, as duas estão expulsas. Realmente as duas foram expulsas depois por esse fato. Mas o Benjamin geralmente era uma pessoa de uma tranquilidade imensa, uma postura assim muito paternal e os alunos gostavam muito dele. Tanto que uma vez quando começaram a querer criar grêmio e na verdade esse grêmio era meio fictício porque ele surgia daqui a pouco sumia e tal, isso no final dos anos 1960. Uma das chapas espertamente colocou lá: Chapa Professor Benjamin e outra colocou um nome de um outro que era menos votado. E essa chapa ganhou porque usou o nome do Benjamin. A gurizada achava que era a chapa do professor Benjamin (Risos), só usava o nome dele era fraude eleitoral (risos), mas essa chapa ganhou. Um grêmio que não tinha sede física, não tinha nada, só existência verbal. Outra pessoa, das pessoas que assim a gente pode lembrar é tinha o professor que era famoso, era o professor Sergio acredito, de descendência japonesa que escrevia com as duas mãos. O fato de ele escrever com as duas mãos criava assim uma coisa curiosa. Aí ele dizia assim: Já tinham ligado para ele, já tinham procurado ele, para conhecer ele professor que escrevia com uma mão em inglês e com a outra Português (risos) e não era nada disso ele só escrevia com as duas mãos. Mas como ele dava aula de inglês a fama já tinha aumentado que ele escrevia com uma mão português e a outra inglês ao mesmo tempo né. Esse também foi um professor assim considerado um bom professor, professor de Inglês, professor Sérgio. O professor Zezinho de Matemática, depois foi pra UEM, José Gonçalves professor Zezinho foi outro que teve muita fama na época porque era tido como bom professor, e ele trabalhava com grande volume de exercícios né e ensina depois dava uma lição enorme de casa e aquilo acabava gravando, realmente o sistema dele funcionava, tanto assim na época se falava muito dele ser convidado a dar aula em alguma cidade do interior de São Paulo, ter convidado pra ir pra Maringá, mas foi uma pessoa que marcou assim por ser um jovem, interessado no que fazia e que os alunos gostavam dele, tinha essa comunicação com os alunos e os alunos gostavam dele, então o professor Zezinho foi uma das figuras marcantes, marcantes assim ao ponto de passar quase cinquenta anos e você ter ainda né a referência das pessoas. Cinquenta anos em média mesmo, talvez menos, mas ter a referência das pessoas. Professora Aracelis que era casada com esse professor Sérgio que também era uma pessoa assim diferente da média né, professora capaz de falar bem de desenvolver de prender a atenção das pessoas, foi uma pessoa marcante lá também. Então é isso assim que de imediato, Professora de História, professora Meire uma excelente professora, sabia fazer a gente se interessar pela História. A média dos professores era boa, você não tinha assim não tenho uma lembrança: puxa vai começar tal aula, estamos perdidos né, você não assim essa associação, claro que tinha disciplinas que as pessoas não gostavam como

por exemplo Matemática, era uma disciplina odiada, mas as vezes se aplica o professor, que o professor a e acaba levando

(MSS) Sim

(JW) a identificação por essa (silêncio) visão que a gente tem da matéria (silêncio). O que Houve daí que com essa história de criar o colégio que eu me lembro assim ficou uma expectativa muito grande. Expectativa dos alunos que mais animava seria o fato de que as aulas seriam de manhã, que a pessoa estudaria de manhã e teria a tarde livre

(MSS) então as aulas do Ginásio eram a tarde?

(JW) eram a tarde e aí havia só sábado de manhã. Sábado era pela manhã. Então você ia para a aula a tarde, da 13:30 até 17 e alguma coisa, não me lembro se era das 13:30 as 17:30 e você aos sábados tinha aula pela manhã daí. E o interessante é que poia ir com qualquer roupa, então o pessoal ficava em um clima mais festivo assim

(MSS) Huhum

(JW) ao sábado. O que houve assim de expectativa foi quando se falou que se criaria o colégio. O colégio ficava por exemplo: você não tinha bebedouro, até onde me lembro o que você tinha era uma armaçõzinha de cimento com uma pia comprida e várias torneirinhas daquelas metálicas meio douradas gastas que estavam ali já há um tempão. Então o pessoal ia lá e fazia "biquinho" assim para se abaixava para tomar água na torneira. Então aí vieram os bebedouros que foi visto assim como uma baita evolução, tinha bebedouro. Pavimentaram o pátio, criaram uma sala de biblioteca, onde tinha um globo lá meio detonado mas havia um globo lá, tinham furado e eles encheram de estopa dentro, então ele ficou gordo assim com estopa dentro. É, mas era assim, era uma sala de leitura, uma biblioteca. A fanfarra, da fanfarra eu participei durante 3 anos 1969, 1970 e 1971. A fanfarra viajava, tinha jogos abertos do Paraná, né. Então era uma fanfarra simples, não tinha por exemplo corneta. As cornetas e instrumentos assim estavam todos detonados. E ninguém sabia usar aquilo. Então na verdade só a bateria mesmo, que era a fanfarra da paróquia. Professor Pacha, era o professor responsável pela fanfarra. Geralmente o ensaio era muito em cima assim. Quando faltava 1 mês daí começava a ensaiar para o dia 7 (de setembro), e depois parava, não tinha continuidade. Atividades na escola, não havia assim atividades como há mais normalmente quando você pode escolher uma coisa ou outra. Na verdade, você tinha então: de manhã muito cedinho, eu lembro até que a gente ia para lá para a faculdade de filosofia, para aquela cancha que tinha ali atrás, ali as aulas, professor Pacha também era o professor, geralmente era tudo ali né, o jogo de basquete, aprender assim essas coisas básicas em esportes. Só apareceu um professor realmente para dar duro, foi um professor de sobrenome japonês, não me lembro mais o nome dele, foi o último ano 1971. Esse professor realmente forçava a gente. Forçava a correr bastante, fazia uma educação física realmente forte para fazer as pessoas se mexerem, foi esse professor já no último ano meu lá que foi 1971, o último ano que estuei por lá. A presença dos carmelitas não era uma coisa assim, contínua. Na verdade, eu me lembro assim de alguns filmes, algumas vezes eles colocavam alguns filmes, eles tinham um projetor de 16mm, um daqueles freis operava. Então eles traziam filmes por exemplo de documentários geralmente documentários alemães, algum documentário que falava de esporte, que falava de coisa de natureza, é geralmente preto e branco, que eram projetados lá no salão paroquial, que naquela época era a igreja antiga de madeira que estava lá ainda em pé. Então havia essas projeções, ia todo mundo para lá para ver alguma projeção, não era uma coisa contínua, mas aconteciam algumas vezes. Então nesse momento você tinha contato, mas eu não me lembro de ver lá ou o frei Mathias, ou o Frei Ulrico, andando pela escola. Não era assim essa presença, na verdade, a gente sentia a presença mais da igreja, pela postura do professor Benjamin e do professor Matheus que era uma pessoa atuante lá. Curiosamente o professor Matheus, apesar desta ligação com a Igreja, também foi um líder expressivo da greve dos professores, provavelmente não pela paroquial, mas pelo Estadual. O curioso é que a Paroquial também parou, agora não sei porque.

(MSS) ah então em 1968 teve uma greve e os professores da Paroquial pararam também

(JW) E o comando da greve foi ali na, no salão paroquial, onde era a antiga igreja. Foi ali o comando de greve



(MSS) lembra se os freis apoiaram essa greve?

(JW) eu imagino que não houve reação dos freis pelo seguinte motivo: Foi cedido o salão paroquial né, estava lá o frei, o professor Matheus que tinha muita ligação com eles. Eu realmente não entendi. Isso é uma coisa para tentar compreender, o Matheus seria a pessoa para te explicar isso: Por que a Paroquial parou? Ela parou pelo menos umas duas semanas. No mínimo duas semanas. Uma greve longa. Eles não chamavam de greve na época porque era proibido, era uma palavra assim como mobilização, assembleia permanente, assembleia permanente dos professores. Tinha uma rádio que estava a favor e outra rádio que criticava. Por algum motivo tinha uma rádio de oposição crítica e tinha outra rádio que estava a favor que estava... é ... aliás rádio é uma coisa curiosa: Uma vez teve uma campanha, essa campanha deve ser mais ou menos por volta de 1967/68 houve uma campanha para ajudar o nordeste. Tinha muito essa história naquela, ajudar os flagelados nordestinos, isso era uma coisa que acontecia volta e meia, veja que coisa curiosa: o colégio organizava a coleta, a gente saía pelas ruas pedindo ajuda. A pessoa trazia alguma coisa, geralmente eram perecíveis, algumas lojas perto do mercado, você ia lá e o cara dava um repolho, repolho não ia durar um dia para chegar no Nordeste, mas as pessoas entregavam essas coisas. E aí essa campanha parou por uma coisa curiosa, eu vi o diretor falando: Olha nós vamos parar porque já estão criticando a gente, uma rádio criou uma campanha lá que repetia lá não de esmolas, peça, quer dizer: indiretamente que a nova onda seria o colégio ficar pedindo ajuda para os outros, então você não ajudaria, você pediria para outros ajudarem, então se jogaram a ironia como essa no ar, e a escola desmobilizou a campanha por esse motivo, por um fato curioso né. A gente as vezes fazia visitas ao seminário da Graciosa, pelo menos umas duas vezes, fui até lá (silêncio) eu estou tentando me lembrar se foi de caminhão. Naquela época tinha essa história de colocar em um caminhão (risos), o que é considerado um perigo hoje em dia, não pensaria uma coisa dessa mas tenho a impressão que foi de caminhão, não sei porque. Mas tinha essa, esse negócio de visita.

(MSS) O senhor lembra o que faziam lá no seminário em Graciosa

(JW) ah, dava um passeio lá por dentro, as vezes convidava a gurizada para jogar bola junto, eu não sei se era só para pela integração da escola ou se havia uma questão de eventualmente descobrir alguma vocação

(MSS) huhum

(JW) alguém que tivesse é vocação para aquilo.

(MSS) o senhor no começo comentou sobre o Frei Rafael, sobre as aulas de religião

(JW) isso

(MSS) poderia comentar um pouquinho mais, o que o senhor lembra, alguma atividade em sala, alguma coisa de lembrança

(JW) é o Frei Rafael Tinha um sotaque carregado alemão, mas a gente entendia bem o que ele falava. é foi assim uma comoção porque ele morreu logo depois, eu estava lá ainda em Paranavaí, acredito, mas eu lembro disso assim de terem falado muito da morte dele porque ele morreu novo, tinha trinta e poucos anos e teve um ataque do coração morreu, o frei Rafael que era o nosso professor de Religião (silêncio) mas normalmente tinha um livrinho de religião, era leitura daquilo e fazia algumas perguntas pra mexer com o pessoal, pra ver se o pessoal participava né, geralmente poucos participavam, porque nessa idade todo mundo era envergonhado sempre tem um ou outro mais falante ali que fala mais. Uma coisa interessante para desenvolver, acredito que seja toda cidade pequena. A cidade pequena tem muito assim: quem é da classe alta e quem é da classe pobre, tem muito disso sabe, é nos últimos anos eu senti mais, engraçado que quando você é menor não se fala nisso, quando vai chegando nessa idade da adolescência começa a pesar isso. Então me lembro por exemplo da expressão do colega que era de uma família mais rica com relação a outra colega que era uma pessoa muito ativa, muito inteligente, se mexia para organizar grêmio, e eu lembro do rapaz por exemplo dizendo assim: Pô logo essa menina que é a que tem menos aqui nessa escola que quer se aparecer que quer fazer as coisas. Tinha essa cabeça assim né por exemplo a pessoa dizia ah porque eu fui no campestre, tinha dois clubes: O campestre e o Harmonia, a pessoa: Ah porque eu fui no campestre, a outra virava assim também filha de político

lá, virava assim e dizia não, Como se fosse assim: Eca (desdém) uma coisa assim como se tivesse uma prevenção contra um clube como aquele. Então você sentia muito isso, isso é uma coisa interessante porque quando você é jovem e não tem orientação, você se começa a achar menos. Da impressão que você não pode abrir a boca, que você não pode participar, você começa a pensar assim: puxa vida quer dizer então que eu sou um dos pobres, então eu tenho direito de dar opinião de... porque essa história é curioso porque nos últimos dois anos, que foi 1970/71 não sei se é coincidência de uma turma específica, mas eu senti muito isso, aquele pouco caso pela pobreza. Ah necessidade, não existia Facebbok na época, existia conversa de contar o que tinha feito que tinha ido no Paraguai comprar e[...] essas coisas bobas assim de hoje em dia, mas que havia essa necessidade de afirmação do adolescente a partir do poder aquisitivo dele, do tipo carro que ia te levar na frente da escola, e é interessante que eu percebi claramente isso e como isso era uma coisa incômoda. Ela fazia você que era mediano ali, fazia você se sentir menos importante né, menos valorizado dava impressão que não era seu clube, não era o lugar que você deveria estar

(MSS) sim. A escola quando ficava sabendo disso, tomava alguma atitude, houve algum processo de trabalho, de tentar prevenir, de tentar explicar ou a escola, nem, o pessoal da direção nem ficava sabendo.

(JW) não acho que eles não tinham noção disso não. Isso é uma coisa mais do ambiente mesmo

(MSS) do dia-a-dia

(JW) eu até acho que isso não deve ter mudado muito, né eu acho que não tenha mudado muito ao longo do tempo. Mas não me lembro que algum dia tenha criado problema. O que criava problema era assim: Alguém ia escrever no banheiro, teve uma vez por exemplo, um fato curioso, alguém foi lá no acredito que no banheiro, escreveu duas palavras lá que foi um assombro. Escreveu cafetão, e já vou me lembrar da segunda palavra, Gigolo. Isso foi uma comoção, puxa como é que os caras escrevem isso, ninguém sabia o que era. O cara escreveu cafetão, o cara escreveu gigolo como é que pode, ficou aquela comoção e vai expulsar, vai suspender. Expulsar é difícil acontecer. Eu não me lembro assim muitas vezes. Poucas vezes eu vi expulsão. No caso dessas duas moças aí, é (silêncio), depois tenho que me lembrar de outra história aqui que é do senhor Angelo que também vai nessa história do preconceito aqui da social. Vou anotar aqui para não esquecer. Bom o senhor Angelo primeiro depois eu volto.

(MSS) não tem problema.

(JW) O caso do senhor Angelo por exemplo, tinha lá o filho de um deputado na época que e Giovine, Flávio Giovine (Flávio Ettore Giovine) ele tinha um filho que tinha o mesmo nome dele, e o Flávio Giovine por exemplo, um dia comprou lá uma bebida, um refrigerante e (silêncio) quebrou a garrafa, a garrafa caiu, mas ele também não foi falar com o senhor Angelo nem nada, quebrou a garrafa e ficou por isso mesmo. Senhor Angelo, no meio do recreio, essa também foi outra cena assim de parar todo mundo para ver. Senhor Angelo no meio do recreio saiu da casinha dele, lá onde ele ficava vendendo sanduiche, foi lá no pátio, grudou o menino pelo braço e veio puxando ele

(MSS) nossa

(JW) E veio falando alto para ele: Você pensa que só porque você é filho de tubarão você pode pisar nos pobres, quebra minha garrafa e não me paga, você vai ter que me pagar, e saiu furioso puxando o menino. Foi a única vez que vi o senhor Angelo bravo, né provavelmente já tinha lá alguma outra coisa.

(MSS) Sim

(JW) O senhor Angelo estourou com ele e fez assim, foi um negócio público, hoje seria uma coisa inconcebível nos dias de hoje

(MSS) Com certeza

(JW) Apesar dos motivos eventuais, não aconteceria, mas o senhor Angelo um dia estourou, mas até onde eu me lembro estava lá até o último ano que eu me lembro ele estava lá. Então não deve ter causado problema para ele, mas a referência era esse tubarão aqueles que comandam a cidade. Mas com relação a esse aspecto assim da diferenciação social, é tinha esse discurso né como te

falei de professor dizer puxa mas aqui vocês são a nata da sociedade, fazem uma coisa dessa, ou então aparecia uma revista, naquele tempo chamava o catecismo (revista pornográfica dos anos 1960), apareceu lá um dia, a minha referência que eu tenho é de ver o professor bravo lá na frente né: essa revista, revista de sarjeta, como é que vocês trazem isso pra escola e passando a descompostura em alguém que ele não citou quem era mas você via que era daquela turma, de chamar a atenção assim para o tipo de publicação que aparecia. Quer dizer, naquele tempo isso era uma coisa assim realmente de causar uma comoção, de ficar todo mundo imaginando que, como essas duas palavras que eu estava falando cafetão e gigolô, ninguém sabia o que era, mas criou uma situação de pré expulsão, acredito que não tenha acontecido a expulsão, provavelmente só a suspensão, essa sim acontecia, suspensão de 3 dias, essa era mais comum e até me lembro depois que abaixou a poeira, foi uma professora na sala conversar com a turma e foi dizer o que significava gigolô e cafetão (risos) que ninguém sabia, daí ela explicou o significado das duas palavras, mas ficou aquilo, a gente ficou imaginando que era coisa pior porque pra dar todo aquele barulho em cima de alguma coisa assim né

(MSS) Sim

(JW) tinha as lendas urbanas também naquele tempo viu. Por exemplo, eu era menininho, tinha 7 anos e tinha um cantinho lá, no cantinho da escola, tinha um cantinho que era uma espécie de, deve ter sido assim uma dispensa, uma espécie assim, eu lembro que por um tempo ficou o material da fanfarra, ficava guardado ali, depois levaram lá para fora lá perto da FAFIPA, naquele espaço grande que eles tinham, mas ali por exemplo a gente era criança e se dizia "olha o menino que fazer bagunça fica preso aí dentro. Eles trancam e você tem que ficar no escuro, preso e a gente acreditava que era verdade

(MSS) Haham

(JW) A gente acreditava que era verdade, porque aquela lenda que as próprias crianças criam

(MSS) O senhor comentou, falou duas vezes já da fanfarra, de sete de setembro. Como era esse movimento para a escola?

(JW) É interessante que fanfarra em cidade do interior, e você imaginando, se em outra época você não tem diversão nenhuma, inclusive porque Paranavaí não pegava televisão, pelo menos até onde eu sei, foi aparecer televisão de 1964 para 1965, o canal 13 entrou no ar na metade de 1963, mas só foi haver uma repetidora entre 1964/65, você só pegava TV coroados de Londrina, que era uma programação muito muito fraca assim, muito programa de Estúdio, um desenho aqui, outro ali, mas pouca coisa, então eu to falando isso pra dizer o seguinte: você não tinha lazer. Lazer de criança era brincar como qualquer criança, brincar de caminhãozinho no quintal, as casas tinham quintais, brincar de coisas assim realmente daquele tipo de infância daquela época. Andar, sair, conhecer lugares né, brincar de bandido e mocinho pela influência dos filmes, por exemplo local de brincadeira assim era onde tinha a chácara do Dr. Renê que era do lado da Santa Casa, aquelas várias quadras eram um espaço muito grande, cheio de pé de Manga. Pé de manga, Eucalipto, outras árvores frutíferas que ele plantava ali. Então tinha esses espaços, ou o buracão. O buracão foi um grande espaço de lazer. A gente que nem morava tão perto, mas ia lá para pegar areia colorida, para brincar de bandido e mocinho, coisa parecida, era o lugar para esse tipo de [...] então eu quero dizer o seguinte: cidade do interior e principalmente naquela época você tinha pouca coisa para fazer como lazer. Então a fanfarra passava a ser uma coisa que mexia com a gente porque era legal ser da fanfarra, você se achava importante sendo da fanfarra, sendo barulho, chamando atenção (risos), acho que é uma coisa que encaixa bem assim na cabeça da criança. O que tinha de lazer por exemplo era o cinema, porque tinham os dois cinemas: o Paranavaí pouco frequentado, porque geralmente o filme passava no Ouro Branco e depois passava no Paranavaí. Naquele tempo se falou em um terceiro cinema ali por perto da Rodoviária, foi uma conversa que existia na época que o terceiro cinema seria construído pelo Delgrossi, mas depois segundo o próprio filho dele me falou, naquele ano em 1971, a cidade parou de crescer. Me lembro bem dessa frase a cidade parou de crescer, o pai dele tinha desistido do cinema. Mas já começava a ter a Televisão segurando as pessoas em casa, o cinema já lotava mais. Era comum você ir no cinema se fosse um dia fora da matine, que era uma coisa que fazia mais chamariz, aí

sim quando passavam alguns filmes. Eu me lembro de duas filas fantásticas foi o Spartacus e foi o Direito de Nascer. Por que? A novela tinha passado no rádio e as pessoas queriam ver aquele filme ruim, era um filme mexicano, preto e branco, mas foi todo mundo para ver o final da novela que estava passando no rádio

(MSS) Sim

(JW) coisas assim. Quer dizer qual o lazer que existia então? Era o cinema, geralmente trocar Gibi ali na frente do cinema (silêncio) E aí se explica a fanfarra porque entre pouquíssimas opções. A própria escola não tinha opções. A escola não tinha, um local para levar os alunos, só tinha salão paroquial, muito pouco usado. Então a escola era a escola. Você não tinha outras coisas. E o que que tinha então de lazer? A fanfarra, por isso que eu acho então que as fanfarras do interior tinham essa participação muito grande. Concurso de Fanfarras né, essas coisas todas, porque eram pouquíssimas as atividades

(MSS) E a escola se mobiliava só com a fanfarra, ou no dia do desfile o pessoal saía para desfilarmos também, tudo?

(JW) ah era todo mundo né, Era todo mundo. E a gente da fanfarra ia na frente, aquela fila, todo mundo. Era obrigado todo mundo ir lá

(MSS) ah era obrigado?

(JW) Era obrigado, tinha que ir todo mundo arrumadinho

(MSS) tinha ensaio bonitinho do pessoal também?

(JW) Ensaio tinha no pátio ali um pouquinho né, mas não era muita coisa não, era só aprender bater o pé compassado (Risos) aprender bater o pé, seguir a fanfarra e aí a fanfarra na frente e aquela multidão atrás. Cada colégio o mesmo processo. O colégio que não tinha fanfarra, ia atrás de outro que tinha. Geralmente as grandes fanfarras eram: Acho que Humberto de Campos era o nome do colégio que eu estava tentando lembrar onde é que tinha escoteiro, Humberto de Campos era o nome da época e ali também tinha fanfarra. Então tinha fanfarra ali, tinha fanfarra no Estadual, tinha uma grande fanfarra e tinha a paroquial, né. Realmente grande era a do Estadual, porque eles faziam um artifício: Eles se uniram as Igrejas evangélicas. Essas Igrejas tinham instrumentos de sopro, é o caso de uma igreja ali da rua Amapá, é Assembleia de Deus. E nesta Igreja tinha um grupo grande de corneteiros, tinha que tocava Tuba, Pistão e outros instrumentos. E o cara que coordenava. Isso é uma coisa curiosa que não tem a ver com o Paroquial, mas só para entender a lógica: O cara que coordenava essa Igreja virou instrutor do Estadual. Então ele mesclou a fanfarra do Estadual com os instrumentos de sopro da Igreja, E dera um outro tamanho aí para o Estadual, durante um bom tempo. A nossa era mais simples. Só tinha uma corneta, que o Pacha, que era o instrutor que tocava em alguns momentozinhos.

(MSS) como é que foi a questão do exame de admissão? Porque na época pelo que a gente percebe parece que era meio temido para passar do primário para o ginásio

(JW) esse era um grande problema porque não tinha o quinto ano nessa época. Pelo que eu me lembro, não existia o quinto ano. O que você tinha que fazer era a admissão. E como a admissão era um exame considerado difícil, poderia reprovar e você ter que fazer de novo a quarta série, do antigo primário, então existi curso de admissão, o mais famoso deles era lá na frente do Natal Francisco antigo, uma casa de madeira, acho que era a Dona Orlanda ou Iolanda, Orlanda eu acho, essa senha que também era muito brava, mas também imagina lá com uma turma de 50/ 60 criançada, crianças ali reunidas, de vez em quando ela falava assim: “você cala a boca se não vou te colocar pra fora a chutes e pontapés” (risos), ela tinha essa frase chavão e tinha aquele livro básico, Admissão ao Ginásio que era esse o problema, ela dava todas as disciplinas, ela era uma senhora viúva e vivia disso. E todo mundo ia fazer lá. Todo mundo que queria passar para o ginásio. Então ela tinha um público grande ali.

(MSS) O senhor lembra mais ou menos que ano fez esse curso?

(JW) eu fiz esse curso em 1966, fiz em 1966, ali ainda todas as ruas ainda de areia, aquela casa. Engraçado porque (silêncio) você não vê comparativo lembrando no tempo: Você não acha que a rua era feia porque era de areia não você acha que é assim mesmo, você já nasceu ali, então você convive, não tinha esgoto, tinha muito naqueles bairros mais distantes, as pessoas jogavam lixo na

rua e depois colocavam fogo no lixo. Então era uma cidade assim muito atrasada nesse aspecto, pobreza, mas quem nasce ali e vive ali, o mundo é daquele jeito. Quando começou a asfaltar realmente Paranaíba, foi um acontecimento assim, a cidade está sendo asfaltada, foi na segunda gestão ou terceira do José Vaz de Carvalho, nos anos 60 que houve muito asfaltamento na cidade, mas a gente não via esse aspecto.

(MSS) Wille e o primário, as irmãs, como que era?

(JW) é verdade, e aí no primário eram as irmãs que davam aula, as vezes tinha uma ou outra professora contratada, mas geralmente eram as irmãs, por exemplo se era da turma da Irmã Maria. (Silêncio) aí não era assim predominante, tinham as freiras, mas você tinha lá uma proporção de uns 40% pelo menos que eram outras professoras contratadas, e elas vinham dar aula ali na paroquial, não tinha essa ideia que veio depois de separar e levar o primário na verdade era tudo ali naquele mesmo ambiente, naquele quadrado ali.

(MSS) depois que se separou e foi criado a escola São Vicente lá para cima.

(JW) é isso aí, no final dos anos 1960 é que foi criado e aí separou e levou a criançadinha para lá e ficaram os mais velhos ali.

(MSS) tem algumas fotos que eu queria te mostrar, para te ajudar a de repente a te lembrar. Pode ser que seja da tua turma, pode ser que não, mas o que essas fotos te lembram?

(JW) essa turma aqui é a turma do meu irmão acho que ele que deve ter postado, o segundo aqui ó, depois do 1 aqui, o Renê, mora aqui em Curitiba e é professor também. Essa irmã, não estou reconhecendo, lembro do rosto dela, mas não me lembro do nome dela, não me lembro do nome dela.

(MSS) Lembra de uma foto sua assim?

(JW) esses trajes não se usavam no dia a dia. Na verdade era só camisa branca. Essa gravatinha era só para a fotografia, ou alguma solenidade que tinha bordada as iniciais, Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo. As meninas sim, usavam essa roupa, não esse bonezinho aqui só em situações especiais. (silêncio) essa aqui deve ser ali na frente... ah no pátio, é no pátio e daí tinha a escadaria, é acho que foi naquele pátio ali pelo jeito. (Outra foto) aqui não estou reconhecendo também.

(MSS) te lembra de alguma situação? Você na tua formatura?

(JW) eu lembro assim que a escola tinha muito de juntar a escola e aí foi bom você ter lembrado. Tinha muito a junção da primeira comunhão e realmente, eu não sei se era com todo mundo, mas eu fiquei fortemente influenciado pela religião, tinha uma época que queria ser padre realmente essa convivência, é aula de religião, isso influenciava muito a gente. A primeira comunhão por exemplo ela era acompanhada assim, tinha um ritual, que era um ritual assim primeiro você ter as aulas de religião, o catecismo, depois aquele dia que era um acontecimento no domingo, onde você ia lá pela primeira vez, era uma coisa tipo debutante assim sabe, era uma coisa assim valorizada assim como se fosse uma coisa importante na sua vida eu acho que vinha dessa visão religiosa né, das irmãs, elas trabalhavam já naquela época com projetores de slides provavelmente produção alemã porque o jeito que se escrevia o End era diferente, era uma grafia alemã. Então elas tinham assim uma porção de pequenos filmezinhas, na verdade slides né com histórias, eram fábulas né que elas iam projetando e iam contando.

(MSS) Quem dava catequese eram as irmãs?

(JW) As irmãs e mais tarde como no nosso caso foi o frei. (Outra foto) Essa daqui, sou eu mesmo, essa aqui é a dona Ivone, eu quem postei essa daqui, que era secretária consta que foi diretora também e aqui nós estamos no (Estádio) Natal Francisco. Eu tinha levado um gravador que tinha ganhado pequenininho que eu achava que tinha que gravar a fanfarra. Eu era tão fanático pela fanfarra que eu queria gravar o áudio da fanfarra. Só que cheguei lá na hora em que estava com o repique “ Como é que eu vou colocar esse negócio, vou segurar o gravador e tocar repique ao mesmo tempo? Aí eu vi que era inviável, daí eu pedi para ela carregar para mim e ela carregou aí no final peguei de volta. Esse rapaz aqui me deram a indicação de quem era, eu queria saber, queria mandar a foto para ele. Quem é essa pessoa? Me disseram esse aqui é tal cara, hoje ele é médico em Curitiba agora, e eu mandei para ele inclusive, o cara não levou a sério aí eu desisti.

Eu queria passar porque eu acho que é importante a pessoa ter uma foto do passado. Eu achava que ele era filho da Dona Ivone.

O que mais que tem aqui? (Olhando a próxima foto) aqui é o Frei Rafael, as carteiras, sempre de duas, as mais antigas com furo para colocar o tinteiro que a gente já não usava mais. Aqui parece mais ser no seminário, não parece ser a paroquial.

(MSS) sim é do seminário de graciosa, mas é só, como o Frei Rafael foi professor da paroquial.

(JW) isso aí. (Olhando outra foto) Desfile de Sete de Setembro (silêncio). Eu vi em uma outra cidade, que eles tinham os repiques e os tambores com a marca do colégio. Eu achei legal e trouxe essa ideia para o chefe da fanfarra. Falei vamos fazer isso, a gente pega o símbolo da paroquial, faz o símbolo da paroquial numa cartolina, coloca assim em cima do repique e depois passa o spray e daí fica marcado, fica assim o logotipo do colégio e tudo mais. Mas não ficou bom porque tirava a sonoridade, fazia uma camada que tirava a sonoridade não era mais a mesma, tirava o som. Ficou mais bonito, porém, mas não ficou eficiente.

(JW) (olhando outra foto) aqui deve ser lá na frente. É sim tem a igreja lá ainda, na frente do salão do local onde moravam os padres né (silêncio) O que será que está aqui será a catedral? Não não é porque tem uma rua na frente. Deve ser a prefeitura talvez (silêncio com outra foto) Frei Eurico. As coisas eram muito de madeira em Paranavaí naquela época viu, você chegou a pegar isso, não é?

(MSS) não, não. Eu cheguei em Paranavaí em 2000. Mas assim eu era muito pequeno não me recordo, mas minha avó morava em casa de madeira ainda.

(JW) ah tá. As nossas casas também eram de madeira. As casas eram muitas de madeira, inclusive no centro, hotel, coisas assim de madeira.

(MSS) E a formatura do senhor do 4 ano, o senhor lembra de alguma coisa.

(JW) não porque aí eu repeti. Por uma coisa boba. Eu tinha que tirar 7 em matemática. Eu estudei muito para tirar 7. Eu contratei, quer dizer minha mãe contratou uma professora particular perto de casa, e eu fiquei bom em matemática, tiraria 7, mas daí tinha uma colega atrás que ela pediu minha ajuda, colega da mesma turma que ela perguntou não sei o quede fórmula, e eu fiquei preocupado com ela, falei, mas ela não ouviu, na segunda vez ela insistiu e eu virei para trás de novo, aí o professor esse professor Sérgio de inglês. Ah é a segunda vez, agora você não vai ter perdão. Veio lá e escreveu assim na minha prova: menos 3. Quer dizer, na minha cabeça de criança, eu ia perder 3 pontos. Se eu precisava de 7, estava reprovado, daí eu entrei em pânico, poxa agora estou reprovado, daí eu não tive mais condição de fazer a prova, apesar de saber. E esse menos 3 me derrubou, eu acho que foi uma coisa errada, que ele poderia ter me mudado de lugar, quer dizer com isso ele me atrasou 1 ano na vida. Ele podia ter me mudado de lugar, poderia ter me advertido, mas na verdade, não era culpa minha, a menina atrás estava pedindo minha ajuda.

(MSS) Huhum.

(JW) E eu tinha, a escola me fez ser uma pessoa que tinha pena dos outros, que queria ajudar os outros e foi a noção de solidariedade que eu tinha, claro que era cola e tudo mais, mas eu não poderia fingir que não estava vendo minha colega que estudava ali que conversava comigo, tanto tempo, então vejo que como é que são essas questões psicológicas. Ela estava pedindo minha ajuda, e a segunda vez tentei de alguma forma atende-la e aí ele veio e escreveu em vermelho grande menos 3, com isso me desestruturou e daí eu reprovei e tive que fazer mais um ano aqui em Curitiba, por esse motivo.

(JW) (Outra foto) Festa junina, tinha festas juninas no colégio

(MSS) como que eram essas festas?

(JW) eu não sei porque eu participava, tinha uma menina da minha turma, que me convidava para ser par dela, (risos) eu gostava da menina e ia lá, e eu era muito tímido mas ia, ficava lá e fazia os ensaios. Chegava no dia, dois anos seguidos, chegava um dia antes ela chegava e dizia: Ah não vou poder e tal, desculpa. Aí eu pensava: pô ela não gosta mais de mim (risos). Mais tarde é que veio cair a ficha, com mais idade eu pensei: Bom acho que ela deve ser evangélica, na realidade

ela era e vai ver que a família não aceita participar da festa junina, da festa da igreja e tudo mais, então dois anos seguidos ela cancelou um dia antes, nós ficamos ensaiando, chegava no dia ele cancelava (risos) dois anos seguidos, então eu fiquei com aquele trauma: poxa o que aconteceu, uma decepção amorosa.

(MSS) E aí o senhor nem ia na festa?

(JW) não, não ia porque (risos), estava sozinho né aí não ia mais.

(MSS) então tinha alunos evangélicos?

(JW) tinha, tinha. No caso dessa menina, era porque provavelmente ela era irmã de um professor e o professor provavelmente tinha alguma vantagem que teria trazido a irmã dele e isso é o mais provável.

(MSS) E dá aula de religião elas participavam tranquilamente?

(JW) isso eu não me lembro se permaneciam na sala, eu não me lembro de alguma coisa da pessoa ter saído, eu não me lembro não, se não teria marcado assim, se houvesse alguma coisa assim. As fanfarras, o uniforme das fanfarras sempre era cuidadoso (olhando outra foto) aqui por exemplo de marinho. Nós tempo era aquele uniforme ali que você viu, era todo branco e capa vermelha, então era uma coisa vistosa assim a fanfarras tinha uma boa presença na maior parte das vezes com esses uniformes que chamavam a atenção (silêncio olhando outra foto). Eu tenho uma foto dessa, mas não era frequente não, tanto que eu tenho uma só. Só de um ano é que eu tenho essa lembrança escolar. Acho que não era uma coisa assim, é tradicional. (Silêncio vendo outra foto) A velha igreja de Madeira (silêncio). Era uma educação, você deve ter vivido isso, muito baseada na história do pecado não é, por exemplo outro conflito psicológico também: A professora tinha o hábito na época de dizer o seguinte, para quem era mais quietinho, dizia assim para o aluno: Vou sair, mas você vai ficar aqui e vai anotar, o cara conversou você escreva o nome dele. E eu me lembro que para mim o certo era isso, eu não conseguia imaginar outra coisa, eu tinha o que, uns 10 ou 12 anos, eu achava que o certo era isso mesmo. A pessoa conversava, tinha por aí uns 10 ou 11 anos, e escrevia o nome das pessoas. E me lembro de um amigo meu, Demerval, mora lá até hoje, outro dia encontrei ele aqui em Curitiba, uns anos depois, você não lembra de mim, mas eu fui aquele cara que te (risos) anotei para você levar bronca depois. Qual era a lógica: Eu tinha que ficar olhando se alguém conversava, porque eu era o mais quietinho. Alguém conversava, eu escrevia o nome dele. Depois entregava a listinha para a professora. Isso não aconteceu sempre, aconteceu umas duas ou três vezes pelo fato de ser o mais quietinho. Era o mais quietinho porque era o mais tímido. Eu não era tímido saindo da escola, ali eu era tímido. Por algum motivo ali naquele ambiente eu ficava mais tímido. Então eu me lembro de ter arrumado inimigo, esse menino ficou meu inimigo depois, “pô você me anotou”. Mas na minha cabeça, pela lógica, o certo era fazer o que o professor mandou, não discutia, era autoridade. Professor dizia, você tinha que fazer. Era o que era certo. Então esse era o problema do conflito, quer dizer é o tipo de coisa que a escola não poderia fazer hoje, de colocar alguém para entregar os outros, imagine só que situação não é: Você está ali para entregar os colegas, aí você entrega os colegas, os colegas ficam te odiando, mas eram coisas assim que aconteciam no nosso, dia a dia.

(JW) (Olhando outra foto) esse chão aqui era parecido não tinha mais essa coiserada toda, mas alguma construção devia existir aqui no passado porque tinha uma marca no pátio, ó tá aqui até a listrinha. Tinha uma marca no pátio, devia ser alguma construção anterior ou alguma coisa da obra de construção. Quando cheguei lá isso daqui já estava fechado. Se costumava naquela época, deve ser até hoje assim, teu pai ou tio ia lá e ficava lá do lado de fora. Primeiro dia ficava alguém lá porque você tinha medo de ficar lá, tinha 7 anos, tinha que ficar alguém sentado que você visse lá de fora (risos) que a pessoa estava te esperando e que você ia embora, aquela sensação de que você ia embora. As casinhas eram justamente assim, todas as casinhas, antigas, sem pintura, cor de madeira velha mesmo (silêncio) aqui tinha outro bar também que durante um tempo foi desse lado da rua, aqui é a (rua) Espírito Santo, não é?

(MSS) Sim

(JW) aqui tinha um bar também que depois pegou fogo, também era uma referência para nós lá. (Olhando outra foto) isso daqui eu não me lembro onde ficava. Onde ficava isso?

(MSS) é o jardim de infância, onde depois as irmãs construíram a escola depois lá a escola São Vicente.

(JW) ah ali já tinha isso aqui então

(MSS) já

(JW) (olhando outra foto) ah aqui deve ser a Igreja Antiga, aqui que eles faziam o nosso encontro para a primeira comunhão e tal naquela época era aqui dentro. A outra (Atual) ainda não existia e aqui já tinha sido desativada porque estava se usando aquela ali, mas aqui ficou como uma espécie de Salão paroquial, durante um tempo aqui, nessa casinha aqui.

(JW) (Olhando outra foto) essa é a imagem que eu me lembro. Engraçado que essa escada para mim parecia muito maior, claro eu era pequenino (risos), parecia uma enorme de uma escada.

(MSS) E essas irmãs aí com esse chapelão?

(JW) não, não tinha na minha época não tinha isso daqui não, já era bem mais, Era quadradinho assim na frente, mas desse jeito aqui não tinha na minha época não. Houve alguma mudança aí nesse período

(MSS) lembra dessa peça Wille

(JW) Farmácia, que ano que é isso? 1963. !963 eu estava lá, mas não me lembro disso aqui não. Eu me lembro só da professora, professora Janete chamava ela. Chamava a gente lá na frente para cada um contar uma historinha. Ai quando subi naquela cadeira me deu um “branco”, que não conseguia falar nada, a hora que vi o pessoal me olhando.

(MSS) Wille em uma palavra ou em poucas palavras. O Colégio Paroquial para você é?

(JW) na verdade é uma ligação com a infância, ligação com a infância no sentido de responsabilidade, eu acho que muito talvez do que eu faça hoje, tenha essa raiz. Essas coisas que eu falei de passagem que essas coisas de solidariedade, como por exemplo eu tenho uma profissão, eu sou jornalista, mas na minha cabeça eu encaro assim, eu não sou jornalista só para ganhar dinheiro, eu não sou um jornalista mercantilista, eu encaro assim: em qualquer lugar que eu trabalhe sempre tive o mesmo pensamento: A profissão é um instrumento para ajudar o outro. No momento que eu trago informações para as pessoas, que eu meloro a vida das pessoas através da informação, eu acho que é um dos pecados de nosso país e a própria igreja acho que errou nisso porque poderia ter usado isso com tanto potencial, infelizmente não usou, tanto assim que os evangélicos que foram usar o rádio cresceram dessa forma. A Igreja não cresceu e não usou como poderia ter usado no sentido didático com relação a população, de melhorar, de informar, de fazer um rádio realmente útil. Então eu vejo dessa forma, eu acho que eu exerço a profissão, claro que a gente pensa na própria sobrevivência, mas eu não tenho essa visão mercantilista de venda de faturar de ganhar de fazer e de ir em qualquer caminho de distorção da profissão que é muito comum. Na minha cabeça é: Eu falo com meu ouvinte como se estivesse falando com alguém da minha família, não engano esse ouvinte, eu não minto para esse ouvinte, nunca faria por exemplo alguma coisa que tivesse no sentido comercial, oculto para enganar alguém. Eu acho que isso é a formação, primeiro a formação familiar, e em segundo é a complementação da escola porque aquilo que eu já trazia de casa, a escola ia nessa mesma. Tanto que chegou aqui fui estudar em colégio estadual. Colégio Estadual Rio Branco, escola Federal do Paraná, Universidade Federal do Paraná, á um ambiente misturado e muitas coisas diferentes, mas no fundo essa visão de mundo que você ganha até os 15 anos como foi meu caso, eu sai de lá com 15 anos, no final de 1971, essa visão ela permanece, ela entra na tua profissão, no teu comportamento, na tua forma de julgar o mundo. Não na visão do fanatismo religioso, porque isso eu não tenho. Eu acho assim: Eu respeito a Igreja, eu acho a Igreja fundamental, inclusive o papel que ela fez assim de educação no Brasil, toda a história e depois inclusive com relação a abertura democrática e tal, a igreja foi vital em tudo o que ela fez. Minha visão não é fanática, mas é uma visão religiosa no sentido de que a profissão tem que estar a serviço da sociedade. Você tem que fazer alguma coisa que seja útil para as pessoas. Você tem que manter aqueles princípios e isso as vezes como lá no colégio, causa problemas na sua vida profissional também, porque sempre que você quer ser correto e algumas vezes isso me aconteceu, por ser correto, as vezes tem que deixar emprego, tem que mudar as vezes, isso algumas vezes aconteceu. Aquilo que acontecia lá atrás muitas vezes se repete porque



quando você tenta seguir princípios, infelizmente o mundo não é exatamente assim e aí você muitas vezes (silêncio) é até culpado cai e tem que mudar de função, várias vezes você paga por isso. Mas é a questão da essência. Você faz aquilo que é a essência não é, é assim que você foi criado. Então resumo para mim é isso, a paróquia foi o aprendizado, o conhecimento, a valorização, os bons modelos, gente realmente, bons professores, a média era boa, nem todos eram brilhantes, mas a média era boa e alguns deles realmente se destacavam, eram figuras assim que nos ajudavam muito a entender melhor o mundo que a gente vivia, inclusive de uma visão de gostar de leitura. Para fechar, eu era um menino que morava em uma cidade pequena, em um bairro distante, ali em volta era tudo ainda meio chácara e mato naquela época, mas eu tinha uma fascinação pela leitura, então que tinha para ler em casa? Tinha por exemplo a revista seleções. Meu pai comprava seleções e eu lia tudo aquilo, então eu morava em Paranavaí, mas minha cabeça não era mais Paranavaí. Minha cabeça era uma visão de mundo que vinha do interesse muito grande pelo rádio, pela televisão precária, ouvia muito rádio as grandes rádios de fora, São Paulo, e aí foi uma escola muito importante vinda através do rádio, através da leitura, e a partir da escola por exemplo comprava sempre que podia conhecer, foi lançada em 1967. Minha fascinação não era mais gibi, a partir de 1967, com 10 anos minha fascinação era comprar revista que falava de ciência, adorava ciência, astronomia, geografia, o que que é isso? Isso é a escola que te cria esse interesse, nem todo mundo fazia a mesma coisa mas para mim era vital. Aparecia uma coleção nova, foi lançado os grandes clássicos da ópera, depois os grandes clássicos da música clássica, Beethoven, Tchaikovsky, sempre que eu podia eu ia lá comprava, não comprava mais gibis, daí eu comprava esses discos, eu acho que era um dos poucos em Paranavaí que comprava (risos) mas eu quero dizer o que que era isso? A influência da escola. O meio que você vivia que valorizava essas coisas e a partir daí você passava aquela visão mais universal, interesse pelo conhecimento, então acho que isso eu devo paróquia com certeza, e a educação lá dos carmelitas. (MSS) Wille, muito obrigado, foi fantástico, com certeza o teu depoimento e a tua história vai acrescentar muito e muito mesmo no meu trabalho, e aí assim que quando eu precisar eu já sei quem eu procuro.

(JW) está certo. Se eu puder ajudar.

(MSS) Com certeza, muito obrigado mesmo.

## ANEXO 9

### ENTREVISTA COM DIDIO MARCHESINI

(MSS) Boa tarde, hoje é dia 15 de outubro de 2015, a gente está aqui para conversar com o senhor Didio um pouquinho sobre a sua experiência no colégio Paroquial, que em uma pré conversa, pelo jeito foram muitas experiências. Então senhor Didio, o Senhor começou a estudar quando na escola

(DIDIO) eu fiz na paroquial o primeiro e o segundo ano do ginásio seria...

(MSS) Quinta e sexta série hoje ou sexto e sétimo ano

(DIDIO) isso e daí me desgarrei da turma porque eu reprovei no segundo ano do ginásio então aquela turminha que eu vinha acompanhando ela evoluiu (risos) e eu acabei me transferindo no segundo ano fui para o Colégio Estadual, de onde tenho muitas saudades também, aliás Paranavaí é um lugar de muitas saudades, mas a paroquial realmente foi um lugar cativante. Um colégio de dimensões relativamente pequenas, então nós tínhamos a chance de conhecer os alunos da sala e os da escola, então os professores eram sempre os mesmos, um grupo dedicado, professores realmente muito dedicados, eu me recordo com muita alegria de todos eles. Paranavaí é um lugar mágico

(MSS) Senhor Didio, como era esse dia a dia de sala? Em nossa pré conversa com o senhor disse que fez umas peraltices, eu queria que o senhor contasse um pouco desse dia a dia

(DIDIO) eu não poderia confessar assim, mas a franqueza me obriga, os colegas vão se lembrar de mim com essa característica. Não é que eu fosse peralta, é que eu não desperdiçava a oportunidade de fazer uma boa brincadeira e me considerei um bom aluno, a reprovação que tive no segundo ano se deu por falta e por quantidade de afastamento obrigatório, que chamavam na época de suspensão. Mas nenhum professor aplicava suspensão com rancor, eu merecia todas elas, mas me considero um aluno que aprendi bastante porque a minha peraltice se é que pode ser chamada assim, era acompanhada de muita atenção, a minha melhor resposta para a reprimenda era mostrar que eu sabia. Então eu fazia minhas peraltices com bastante anotação. As vezes o professor percebia que nem sempre eu tinha meu caderno organizado, mas fazia minhas anotações de uma maneira muito particular e sempre deram certo. Digo isto que os professores as vezes aplicavam uma reprimenda sem rancor, porque depois que saí da escola e vim morar em Curitiba enfrentar o vestibular, eu recebia muitas cartas de muito deles inclusive do senhor Antonio que cuidava da portaria e cuidava de carimbar as cadernetas. O senhor Antonio chegou a fazer novena, soube disso, para que eu passasse no vestibular. E o professor que mais me afastou da sala de aula é o que eu tinha um especial apressado, e depois notei que ele tinha por mim também porque era um professor, eu espero poder postar isso na página do colégio Paroquial, já em Curitiba ele escrevia cartas para mim a cada 15 dias, as vezes até em frequência menor. Percebi que por mais peralta que fosse, deixei nele uma cicatriz sadia, uma cicatriz de emoções de respeito e sempre tive muito amparo de todos os professores, então eu colocaria assim a minha peraltice era uma peraltice sadia.

(MSS) digamos assim que o senhor era aquele aluno que todo professor meio que deseja: Estuda, esforçado, que presta atenção, mas que em uma oportunidade fazia a sua traquinagem

(DIDIO) não sei se é o que o professor deseja. Eu não era um aluno que os professores mereciam. Desprezei muita chance de ser um aluno mais participativo de uma maneira menos indisciplinada. Aprendi isso mais tarde, aprendi isso muito tempo depois. Tenho muito respeito por todos os professores, até mesmo porque minha mãe era professora. Ela era uma professora dedicada, dava aula de manhã, à tarde e à noite em Paranavaí, então eu sabia o esforço que era um professor. Por isso que a minha peraltice tinha por traz a demonstração de que acabava aprendendo.

(MSS) Senhor Didio e a sala de aula, o contato com os alunos? O senhor lembra de algum professor explicando, de alguma situação que aconteceu, o que o senhor lembra disso?

(DIDIO) Bom a sala de aula era um ambiente gostoso. Primeiro não eram salas com grande número de alunos, no máximo 30, então o contato entre os alunos era muito frequente, muito

sadio. Paranavaí era uma cidade pequena, todos podiam se visitar. Nós tínhamos uma época mais romântica das amizades, porque nossas relações eram feitas pelo afeto e pelo contato. Então a amizade impunha o contato, não tinha celular, era muito mais calorosa a nossa. Então a união era muito mais intensa e como as salas eram pequenas, em 2 ou 3 dias de aula, todos se conheciam, já se tinha, já se carregava de anos anteriores os grupinhos, então era sempre muito gostoso. Me recordo muito bem de uma época em que as carteiras eram dobradas. Em cada carteira ficavam 2 alunos. Então eu dividi uma dessas, num desses anos com um colega especial, com que tenho mantido contato com uma certa frequência até hoje que é o Espartano Tadeu da Fonseca, um aluno da paróquia que teve renome internacional. É um arquiteto professor catedrático da universidade de Sourboni e reprovou comigo em Francês, por ironia do destino (risos). Mas uma pessoa de extrema inteligência e um profissional extremamente requisitado. Então me recordo de cada rosto da escola, talvez não possa recordar dos nomes, mas a minha bagagem trazida de Paranavaí é tão rica e são pessoas que muitas eu mantenho contato até hoje. Não especificamente do pessoal da paróquia, o pessoal de Paranavaí, inclusive da paróquia. Um dos meus colegas de escritório, Silvano Alves de Alcântara com quem eu fiz não me recordo se foi o primeiro ou se foi o segundo.

(MSS) acho que nós estamos falando de 1970, 1971

(DIDIO) 1971, o Silvano está até comigo até hoje, estudamos essa parte do ginásio juntos, depois ele se formou em ciências econômicas e mais tarde veio fazer direito. Nós nunca perdemos o contato, até porque fomos escoteiros em Paranavaí juntos, depois passei a advogar para o Silvano e hoje é meu companheiro de escritório, professor hoje, professor universitário, Silvano alvares de Alcântara um homem de capacidade muito grande. Não posso me esquecer do "mimi" Valdemir ou Vladimir Silva Braga que era de uma companhia de turismo Marazul

(MSS) Marazul turismo ainda existe

(DIDIO) existe né. O Mimi foi um dos meus grandes amigos, um companheiro, apaixonado por gato e pela comida do gato que ele não deixava sobrar a ração do gato dele, ele comia antes do gato (risos). Foi a pessoa que me ensinou a andar de bicicleta. Não posso me esquecer do Sergio Barbiero um amigo também extremamente querido e especial chamávamos o Sergio Barbiero, o "vermelho", ele era ruivo então ficava vermelho com bastante facilidade, um amigo extremamente leal, um companheiro também extraordinário, passamos momentos muito quentes juntos, ele teve um acidente também de motocicleta em Paranavaí tendo fraturado assim muitos lugares da perna e me lembro como se fosse hoje acidentes sim o fato de visita-lo, a diferença que aquilo fazia na recuperação dele. Um companheiro e tanto, também um profissional de mão cheia deve ter hoje uma retífica de motores em Paranavaí, a Remopar

(MSS) Sim

(DIDIO) deve ser uma empresa

(MSS) de porte médio

(DIDIO) de sucesso. Um excelente piloto de avião e já no tempo de ginásio, um grande projetista de aeronaves, ele desenhava muitas aeronaves. Uma pessoa com quem me recordo com bastante Saudades. Paranavaí é Saudades. Me lembro muito bem de Maria Petronilia, uma menina de uma pureza muito grande, a irmã dela, a Helia, meninas lindas, simpáticas, queridas, com um coração maior que o corpo, eram pessoas extraordinárias. Não posso me esquecer de tanta gente em Paranavaí e especialmente dos professores. Professor Benjamin é o que coloco em primeiro lugar que foi o meu correspondente por tanto tempo. Dona Domitila, professora de geografia, Dona Aracelis professora de ciências de uma dedicação extraordinária forma comum também, professor Matheus, professor de português e diretor também na época da escola. Professor Zézinho é o responsável por eu saber de cor e salteado a tabuada do 6 porque ele fez em uma ocasião escrever 500 vezes a tabuada do 6. E eu acabei multiplicando essas 500 vezes em não sei quantas vezes porque resolvi fazer resolvi fazer a tabuada com papel químico para ver se rendia mais e um meio de conseguir me livrar daquele castigo. Mas eu sei a tabuada do 6 de cor e salteado até hoje. Professor Fernandinho de Geografia também era um professor extremamente dedicado, um professor estudioso, atualizado, gostava de ministrar geografia a companhia do as

aulas de história, então estudiosos e fazia a geografia muito presente nas aulas de história com um caderno estudiosos extremamente ilustrados. Nos deslocava para viagens fantásticas, um professor muito querido. Dona Líria Balistieri, que era tia de um amigo nosso José Carlos Balistieri também uma figura extraordinária que hoje mora na divisa do Paraguai, Pontaporã. As irmãs Balistieri. Dona Líria uma professora também extremamente preparada, professora muito querida, daquelas que passavam o final de semana corrigindo provas, preparando aulas, não eram aulas improvisadas, eram aulas totalmente preparadas. Dona Midori, uma japonesa linda, também uma professora bonita e é extraordinariamente competente, simpática era extremamente competente. A mim deu aula de matemática, mas parece também que dava aula de Desenho Geométrico alguma coisa assim. Não posso me esquecer em Paranavaí da Dona Ivone primeira secretaria da escola e extraordinária depois diretora e da filha a Ana Maria, uma menina extremamente pura também, muito querida, uma amiga extraordinária. Me parece que a dona Ivone teve seu passamento recente.

(MSS) sim foi a notícia que eu fiquei sabendo também, porém nada confirmado, mas a princípio foi o que fiquei sabendo também.

(DIDIO) gostaria que não fosse verdade isso e se for, que a Ana Maria receba todo conforto merecido. Que a Ana Maria era também uma menina de ouro, uma pessoa extremamente dedicada. Então Paranavaí foi para mim um lugar assim que eu vivi assim um dos melhores momentos de minha vida porque tinha 13 para 14 anos, tudo era tão bonito, estava descobrindo tanta coisa, estava conquistando tanta coisa. Paranavaí era um lugar calmo, um lugar de sossego, as pessoas não fechavam suas casas, então costumávamos nos visitar sem precisar bater palma, então entrava na casa do outro e se servia na geladeira, inclusive. Pessoas que eu me lembro de Paranavaí e que passaram pelo colégio, pela escola Paroquial que não foram da minha sala, mas que para mim foram de grande importância também (silêncio) Emílio Ribeiro de Figueiredo era (silêncio) poxa não estou conseguindo me recordar

(MSS) fique tranquilo.

(DIDIO) Emílio era o pai (silêncio) Nicolau Ribeiro de Figueiredo, também um extraordinário amigo, com quem aprendi a dirigir muito precocemente porque conseguimos escondidos dos pais (silêncio) conquistar umas voltas de carro. Eram umas artes muito sadias assim. Nicolau uma pessoa extraordinária e a mãe do Nicolau, a maior pamonha e a melhor pamonha que comi na minha vida foram as feitas pela mãe do Nicolau. Então Paranavaí era um lugar mágico. Eu não me recordo de algum momento triste que era possa ter vivido lá. Mesmo nas sessões de matiné a gente encontrava todo aquele pessoal da Paroquial, aquele pessoal de outros colégios e o ponto de encontro era um lugar chamado Barbarel. Então o colégio Paroquial tinha uma extensão. Ele era pequeno na área construída, mas era do tamanho de Paranavaí porque por onde você andasse por Paranavaí, você encontrava alguém que estudava no colégio Paroquial. Tinha assim um momento do ano que todos nós dedicávamos muito que eram as fanfarras, as exposições de fanfarras em 7 de setembro, e é eu tive a oportunidade acho que de me exibir e é um quase todas elas. Era uma coisa que também movimentava a cidade assim como se fosse um evento de uma envergadura incomparável a qualquer outra coisa. E os dois clubes de grande importância em Paranavaí que reuniam os alunos do colégio Paroquial e das outras escolas também que eram o Harmonia Country Clube e o clube Campestre. Marcelo nós íamos para todos esses lugares ou a pé ou de bicicleta (risos) então tudo isso era parte do nosso dia a dia. Era ir para o clube campestre com os nossos colegas do Paroquial parando na fábrica de bebida Garoto para tomar uma sodinha.

(DIDIO) hoje onde é o estádio de futebol de Paranavaí era uma erosão e eu tive o privilégio de cair dentro do buraco de erosão de bicicleta (risos) isso é uma façanha que poucos puderam fazer em Paranavaí, fui socorrido também pelos meus colegas de paroquial. O colégio paroquial foi um lugar extremamente mágico assim na minha vida e eu acho que carrego assim na lembrança coisas que me edificaram muito, me serviram muito ao longo da vida toda. Os grandes e exemplos que eu pude perceber lá. E friso mais uma vez uma das pessoas mais notáveis que eu conheci foi o senhor Antônio da portaria que muitas vezes me ajudou a entrar. Ele sabia que eu estava sendo reprovado por falta, me dava o sinal e me deixava entrar para escola pelo mastro da bandeira

(risos) então era uma fraude, mas que ele praticava porque ele sabia muito que eu queria entrar, não era à saída. Então ele cometia esse deslize e com esse deslize me fez frequentar mais vezes a escola e foi uma pessoa extraordinária.

(MSS) O senhor falou agora dessa relação que o senhor tinha de amor pelos professores e com os professores, mas também aqueles momentos que despertavam raiva de menino peralta, mas mesmo assim era uma raiva, mas que não era raiva, vamos chamar de raiva mínima, mas sempre com uma relação de muito carinho. O senhor lembra de alguma situação que o senhor assim deu risada depois, que hoje o senhor para e pensa nossa na época foi muita peraltice. Até mesmo porque o que me chamou atenção para realizarmos nossa entrevista foi que lá no grupo uma pessoa perguntou: Quem ficou de castigo no mastro da bandeira. O senhor foi um dos únicos que disse eu fiquei, para mostrar que o colégio também tem seu lado divertido. Porque passa se assim nas entrevistas que realizei e até mesmo pela fala do senhor, o Paroquial era um colégio muito sério, muito rígido de disciplina e tal, mas também tinham aqueles que levavam o colégio a sério, mas que faziam o colégio não ser tão sério. Porque as vezes a impressão que dá é que o colégio era aquele os alunos ficavam quietinhos, sentado nos, sem se mexer, quase que robzinho e na fala do senhor vi que não

(DIDIO) O colégio realmente era, eu acho que naquela época, as coisas funcionavam dessa forma: o colégio era de uma disciplina rigorosa e essa disciplina rigorosa é que nos desafiava a ser um pouquinho mais (silêncio) acabar um pouco a regra, então era também uma questão de desafio. Então eu ria, as coisas tinham um limite sabe, não fugia do que era sadio. Quando o professor falava com severidade a gente tinha que respeitar e respeitava sabe. O colégio Paroquial era aquele que os alunos estão em sala e os alunos se levantavam quando o professor chegava. Havia assim mesmo uma disciplina nossa. Cantávamos o hino nacional, nós usávamos o uniforme, por mais que a calça escondesse a meia, a meia tinha a cor certa. Então tudo isso fazia parte da disciplina do aprendizado. Em compensação essa disciplina tão seria nos convidava muitas vezes a fazer uma certa graça. Então eu posso dizer que vou rir de todas elas. Algumas não deram tão certo quanto eu esperava, mas me fizeram rir bem mais depois porque não deram certo (risos) meus castigos pelo mastro da bandeira, eles tinham uma conotação muito estranha, porque ficava de castigo, mas por outro lado era um prazer porque você sabia que estava sendo observado. Aí na hora do intervalo você era abordado: como é que ficou? O que você fez? O que é que aconteceu? Então tudo aquilo fazia parte um tempero bem gostoso do castigo. Era uma maneira de fazer com que alguns conceitos fossem refeitos. Isso obrigado a reconhecer que antes o colégio com a disciplina rigorosa e sadia do que um colégio sem disciplina qualquer. Então era uma maneira, por mais que todo mundo tivesse lá uma vontade de quebrar um pouquinho aquela regra, era uma maneira de sermos regrados também. De conhecermos os nossos limites. No fundo, no fundo dava tudo certo (risos)

(MSS) O senhor lembra de algum castigo por que que o senhor ficou no mastro da bandeira?

(DIDIO) lembro sim. Um deles foi porque o senhor Antônio foi me ajudar, eu estava atrasado, já tinha fechado a porta principal, a única porta do acesso escola, e eu tinha uma pancada, um toque que o senhor Antônio sabia que era meu. Aí eu ia pelas costas do colégio e eu ficava e esperando ele me dar o sinal. Quando na sala da diretoria não tinha ninguém olhando, ele me dava um sinal e eu pulava o muro e descia pelo mastro da bandeira. Um dia a bandeira estava hasteada a meio mastro eu não me recordo porque razão. Alguma pessoa importante tinha falecido, não me lembro e fez com que a corda deslizesse com mais força e a bandeira então subiu. Desci meio que me enroscando no fio da haste e a bandeira subiu fazendo um som meio de violão assim e me pegaram enroscado no mastro e eu não pude sair. Daí eu não sai de lá, fiquei alguns minutos ali saboreando e não podia contar que era o senhor Antônio que me dava o sinal. Mas eu só conto essa façanha que tinha a participação do senhor Antônio porque na verdade eu acredito que a regra tão rigorosa da disciplina nesse caso poderia ser quebrada. Que o aluno que não pudesse chegar na hora poderia entrar, que perdesse uma aula e não perdesse as outras, e aquilo as vezes por 1 minuto de atraso você perderia todas as aulas do dia. Ainda que fosse a vontade de entrar na escola para fazer certas peraltices (risos). Mas fiquei por outras ocasiões também. Naquela época

iam assim o modismo assim minha geração foi induzida ao hábito do cigarro. Então fumávamos escondido no banheiro da escola, uma vez fui pego saindo com a bituca, me distrai, deixei a fumaça me acompanhar para fora e aí fica colocado no mastro da bandeira também nesse momento porque era um dos fumantes da escola

(MSS) essa foto eu queria lhe mostrar um pouco maior, porém não consegui. Lhe ajuda a lembrar de algo?

(DIDIO) me recordo sim essa foto do colégio. O mastro, do muro onde estava o mastro, mais ou menos aqui assim. Aqui seria a porta de ingresso da escola a secretaria, a diretoria. Eu estudei nessa sala do canto e nessa do meio.

(MSS) O senhor falou da fanfarra, do desfile de 7 de setembro. Como eram esses desfiles? Como é que foi quando o senhor participou no Paroquial.

(DIDIO) dois convites para a gente participar. Um deles é porque a gente era dispensado da sala era quadrilha dia de São João e a fanfarra para ensaiar e a outra era muito importante aquilo. Eu na Paroquial tinha vontade de tocar corneta, mas não consegui, tinham dois bons corneteiros lá e nunca consegui tocar corneta mas aprendi muito bem a tocar o repique, chamávamos de Mariazinha, um tambor muito grande assim, era muito importante. A Mariazinha ficava na frente, mas eu não tinha altura para ficar na frente. A Mariazinha era maior que eu, então eu não enxergava o trajeto. Eu me dei melhor mesmo no repique e é era mais charmoso também. Inclusive as evoluções, disputa entre escolas, uma disputa sadia.

(MSS) Prof. Pachat

(DIDIO) Professor Pachat. Depois teve também quem ensaiou a fanfarra o "Birigão" não sei se você conheceu. O Birigão era o Delgrossi, filho do dono do cinema. Birigão era um sujeito companheiro também. Ajudou a ensaiar a fanfarra com bastante dedicação, irmão da Roseli que casou com o Bergamine.

(MSS) E essa foto? Pode ser que não seja do seu momento, mas lhe ajude a lembrar de algum momento.

(DIDIO) não me recordo. Esses dois aqui do canto me parecem familiar.

(MSS) é uma foto se não me engano do uniforme da fanfarra. Aqui tem uma outra foto acho que essa aqui o senhor vai lembrar.

(DIDIO) Ah a Dona Ivone aqui é o Wille e esse menino não sei se não é o Cícero. Hoje é dentista em Cascavel. Mas o Wille é um pouquinho mais antigo do que eu. O Wille deve ter estudado no colégio paroquial em 1963. Quando eu estava entrando ele estava saindo. Eu conheci ele outros eventos de Paranavaí, de time de futebol no seminário em Graciosa. Fazíamos muito caminhadas a pé de Paranavaí a Graciosa, a última foi quando uns 20 foram atropelados simultaneamente aí percebemos o perigo que foi. Mas era tudo muito gostoso lá.

(MSS) E festa junina? Vou lhe mostrar uma foto para ajudar o senhor lembrar de alguma situação de festa junina.

(DIDIO) Participava de todas elas (silêncio) nosso esse menino aqui rapaz.

(MSS) me falaram que um desses rapazes pode ser o Winch. Não se sabe se é o "winquinho" ou o "winchao".

(DIDIO) (silêncio)

(MSS) o que o senhor lembra das festas juninas?

(DIDIO) (silêncio) da quadrilha, dos ensaios da quadrilha (silêncio) muito mágica porque todo mundo se dedicava. Era um compromisso legal porque você tinha seu par e vi não podia faltar, você deixava seu par desaparecido. A quadrilha era levada com muita disciplina mesmo. E era uma coisa que a gente conseguia se distrair. Era uma atividade de dentro da escola que era uma verdadeira fábrica de amigos. Na atividade no seguinte a gente queria compor a quadrilha com o mesmo par. Então era bem legal, era muito bacana.

(MSS) Senhor DIDIO, presença dos freis na escola, o senhor lembra de algum frei ali pelo pátio ou algum frei dando aula ou de alguma situação de algum frei ter ficado bravo.

(DIDIO) não. Eu me lembro mais dos freis porque eu era também ligado ao movimento escoteiro e Paranavaí tinha o frei Jerônimo que era um dos dirigentes do grupo e eu participava do

movimento de jovens que era chamado DVD (Dia da verdade) depois TLC que era muito bem coordenado e eu tinha muito a participação da igreja.

(MSS) Frei Alberto?

(DIDIO) Frei Alberto. Tinha um padre muito alto assim.

(MSS) Frei Matias?

(DIDIO) Frei Matias. Depois tinha um gordo que foi para São João do Caiuá. Era uma pessoa assim que eu aprendi a me confessar. Sempre tive distância do confessor e com ele a partir dali passou a ser um bate papo muito gostoso. Então a confissão não precisava ter pecado para contar. Mas eu não me lembro o nome dele, mas os freis eram bem atuantes assim.

(MSS) tem também uma espécie de cantina que tinha um tal de um pão com carne moída.

(DIDIO) Era o melhor pão com carne moída que tinha

(MSS) do senhor Ângelo

(DIDIO) Ângelo ele tinha uma filha e a filha ajudava ou alguém ajudava ele. Era um pão assim.

(Silêncio) A gente deixava de levar, pois era muito comum a gente levar lanche de casa, esquecia de propósito o lanche para poder comer o pão. Então ele fazia parte assim de uma certa magia. O tempero que ele fazia eu não comi em lugar nenhum, para mim tem gosto de saudade. Aqui na praça Ozônio direto tem feiras que vendem sanduíches, mas nenhum se iguala ao dele. O senhor Ângelo era um sujeito gordão, bonachão, lembrava o Tim Maia mais ou menos, acho até que eram parentes (risos)

(MSS) O senhor comentou da tabuada do 6 que o senhor aprendeu em um castigo. O senhor lembra que o professor ensinou. O senhor ressaltou vários professores em sua fala. O senhor tem na memória algum conteúdo de algum professor que lhe ficou marcado?

(DIDIO) cada professor tinha assim seu fato marcante. Eu não estou conseguindo lembrar do nome da minha professora de História, mas ela era uma pessoa muito preparada também e ela fazia da História uma coisa muito sedutora. Então ela criava mistérios nos fatos históricos que nos levava a participar da História, não era só ouvir. Era como o professor Fernando. O professor Fernando a gente percebia que ele ministrava as aulas de Geografia procurando dar tanto quanto possível o lugar que a gente estava aprendendo junto com um fato histórico. Então a gente notava isso porque ele mesmo dizia na aula de geografia olha, supostamente, aqui aula conte céu aula conte céu batalha de Waterloo. Aquilo ajudava a gente a gravar as aulas. Aprendi bastante geografia, gosto bastante de geografia eu aulas chocolate que a por inspiração do professor Fernando. Ele tinha um caderno muito ilustrado, então a gente tinha o prazer de ilustrar, como o professor Benjamim também que gostava muito de dar nota pelo caderno. Então acho que cada professor tinha um jeito assim específico de dar aula e quem mais me chamava atenção o professor que mais me colocou para fora da sala que foi o professor Benjamim. Ele vendo que eu estava tendo dificuldade em francês, eu estava praticamente de segunda época, praticamente reprovado, ele depois da aula, ele me convidava para ir. Ele morava no jardim São Jorge, em uma chácara muito bonita, ele me convidava para ir no jardim São Jorge e me dava aula de uma hora, uma hora e meia só para mim e me deixava disfarçar de outra hora das frutas que ele tinha na chácara. Depois eu ia embora de bicicleta ainda levando fruta e verduras para casa. E essas aulas, foram nessas aulas que eu pude aprender o francês e o conteúdo dignificante da profissão do magistério. Quanto é a dedicação de um professor mesmo em relação aquele aluno que ele se obriga muitas vezes a tirar de sala. A tua surpresa maior é me corrigir? Não. Eu consegui ser posto para fora de sala mais algumas vezes pelo professor Benjamim mais pelo desafio, não por falta de carinho. Porque depois eu tinha com ele uma conversa com ele muito gostosa sobre ele resgatar o meu comportamento de cidadão no futuro como um homem que iria fazer diferença depois de formado para a educação do mundo. Então tinha que ser e muitas vezes acabava sendo indisciplinado pelo prazer deter ele como um orientador. O professor Benjamim foi uma pessoa extremamente importante. Para mim foi.

(MSS) Senhor Didio uma situação que saiu em uma das entrevistas e aí eu venho perguntando para outras pessoas: A gente sabe que no paroquial tinham pessoas de condições mais abastadas.

Mas tinham pessoas mais humildes sendo bolsistas. O senhor lembra de alguma situação de preconceito ou humilhação por alguém ser mais pobre na escola.

(DIDIO) não. Pelo contrário, uma das famílias mais abastadas da região na época era a família Bergamine. Eu estudei com a Maria Cristina Bergamine, uma menina extraordinária, de uma elegância muito grande assim como pessoa humana. E na escola eu não sei se por causa do uniforme, éramos vistos como marrom e branco. Calça marrom, camisa branca e meia branca. Éramos todos iguais. O uniforme era a única imposição. Então dentro da escola não se tinha tempo de fazer essa discriminação. Não me recordo de nenhuma colocação de imponência pelo fato de serem pessoas mais ou menos abastadas.

(MSS) nem entre os amigos assim.

(DIDIO) não me recordo disso.

(MSS) Senhor Didio se fosse para a escola pressão o sentimento do senhor pelo ginásio paroquial em uma palavra qual seria e porquê.

(DIDIO) eu acho que seria respeito. Porque respeito foi uma coisa que aprendi lá dentro justamente pela minha indisciplina. Sai de lá com um conceito de respeito muito grande, muito forte. Então eu acho que em que pese todo romantismo que era estudar naquela época, da maneira que a gente estudava passando bilhetinhos e tudo mais o respeito.

(MSS) mais alguma coisa que o senhor lembra que valha aula pena ser contado? Alguma peripécia? (Risos)

(DIDIO) não. Me lembro de cada uma das pessoas que comigo estudaram. Me lembro da Roseli Gonçalves. Sei que ela hoje é uma excelente advogada em Paranavaí. Falei da Helia, da Petronilia, foram pessoas que marcaram porque tiveram muita presença na minha vida porque em que pés eu tivesse sido um aluno um pouco saliente eu conseguia cativar. Assim tive com essas pessoas uma amizade muito sadia, muito gostosa, muito intensa. Eli, Eli é uma pessoa, uma menina, me lembro que a mãe dela fazia, uma menina muito querida não me lembro se no primeiro ou no segundo ano. O próprio Silvano que hoje divide um espaço dentro do escritório com um profissional exemplar, o Espartano um profissional de nome internacional valeria a pena você entrevista-o uma pessoa reconhecida internacionalmente, o José Wille, um repórter que merece ser enaltecido pela preocupação, pelo resgate da história, um homem que não conhece sua própria história está sujeito a repetir erros. Eu diria assim de uma maneira com muita ternura, o tempo não volta, não tem como fazer o tempo voltar, mas as pessoas estão aí navegando nesse tempo. E eu tive a felicidade de encontrar muitas delas. Não especificamente todos do colégio paroquial, mas tenho tido chance de advogar para pessoas de Paranavaí, ser procurado como profissional por pessoas de lá. Então eu vejo assim mesmo que o tempo não volte nos podemos resgatar pelas nossas memórias os benefícios que o tempo passado nos pode trazer. Então tenho muita saudade de Paranavaí, tenho saudade dos meus colegas, dos meus professores muitos já foram, outros tão aí ainda é naturalmente sabendo contar história. Eu não me recordo se ela foi professora do paroquial, mas ontem recebi pelo Facebook, um comentário escrito pela professora dona Lucinda. Dona Lucinda foi professora na escola de aplicação, na escola normal, na faculdade, hoje deve estar contanto com seus 78/80 anos uma lucidez impressionante. Então estar se contato com as pessoas de Paranavaí, dona Terezinha Benassi, mãe da Marcia Benassi professora também. Então vejo assim, contei essas minhas peripécias para poder contar que sou lembrado pelos professores de Paranavaí com muito respeito, fui advogado do professor Arno hoje não está mais entre nós. Um excelente professor. Tenho dividido minhas opiniões com um professor de história de Paranavaí Cleiton Reis, desembargador. São pessoas que me reconhecem pelo meu passado e eu dou muito valor a isso. Então o valor da minha amizade pelas pessoas que eu luto amizade te hoje são amizade te minhas lembranças de Paranavaí.

(MSS) Só uma coisa que me lembrei da nossa conversa informal, o senhor falou de uma eleição que o senhor foi eleito.

(DIDIO) ah foi na aula do professor Benjamim de representante de turma e eu tinha cometido um deslize qualquer e fui convidado a me retirar da sala ou com a preocupação de não me eleger eu acabei sendo posto para fora da sala. Não desprezei a chance de ascender um barbante químico



enquanto eles estavam votando. Quando voltei para a sala, fui eleito por aclamação representante de turma. Não queria porque achava que tinha que ter uma cumplicidade com os professores que eu não iria ter, mas eu me distrai muito com isso e aprendi também muita coisa porque tinha algumas atribuições com seriedade para o representante de turma. Mas achei muito diferente. Eu fui aclamado como representante de turma por ter sido indisciplinado e tudo isso aí do cabo contribuindo para que eu aprendesse o conceito de disciplina. Marcelo dessas pessoas que eu te citei que me recordo o tanto carinho, saudade, uma em especial foi a Doseli. Doseli foi um encanto de pessoa na minha vida. Conheci a Dioseli assim o olhar com grande profundidade. A Dioseli foi uma pessoa muito importante nessa minha trajetória, foi uma das minhas paixões eu recordo de tantas pessoas Rosa Cabral. Mas a Dioseli é uma pessoa que eu não poderia deixar de mencionar.

(MSS) senhor Didio agradeço imensamente, foi uma tarde prazerosa escutar as histórias do senhor das suas memórias. Espero que tenha sido prazeroso para o senhor relembrar